

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

DOMINGOS SÁVIO CORRÊA

**FUSÕES E AQUISIÇÕES NOS SEGMENTOS *CARNE BOVINA, ÓLEO
DE SOJA E SUCROALCOOLEIRO***

VERSÃO CORRIGIDA
(Exemplar original disponível no
CAPH/FFLCH)

SÃO PAULO
2012

DOMINGOS SÁVIO CORRÊA

**FUSÕES E AQUISIÇÕES NOS SEGMENTOS CARNE BOVINA, ÓLEO DE SOJA E
SUCROALCOOLEIRO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Geografia Humana.

VERSÃO CORRIGIDA
(Exemplar original disponível no CAPH/FFLCH)

De acordo

Prof. Dr. Armen Mamigonian

Área de concentração: Geografia Humana

Orientador: Prof. Dr. Armen Mamigonian

**SÃO PAULO
2012**

CORRÊA, Domingos Sávio.

Título da Tese: “Fusões e aquisições nos segmentos *carne bovina, óleo de soja e sucroalcooleiro*”. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Geografia Humana.

Aprovado em: 01/03/2012

Banca Examinadora

Orientador: Armen Mamigonian **Instituição:** FFLCH/USP
Prof. Dr.:

Julgamento: APROVADO

Prof. Dr.: Francisco Capuano Scarlato **Instituição:** FFLCH/USP

Julgamento: APROVADO

Prof. Dr.: Miguel Gimenez Benites **Instituição:** UNESP/Presidente Prudente

Julgamento: APROVADO

Prof. Dr.: José Sidnei Gonçalves **Instituição:** IEA

Julgamento: APROVADO

Prof. Dr.: André Roberto Martin **Instituição:** FFLCH/USP

Julgamento: APROVADO

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me honraram com seu apoio nas diversas etapas da elaboração deste trabalho, mas particularmente, ao Prof. Dr. Armen Mamigonian, que desde minha formação inicial incentivou o ingresso no mestrado e doutorado e orientou as pesquisas com dedicação e enorme generosidade.

Aos Profs. Drs. Paulo de Tarso Presgrave Leite Soares e Francisco Capuano Scarlato, pela leitura crítica do trabalho e por suas sugestões no Exame de Qualificação.

A Marta da Silveira Luedemann, pela presença, apoio constante e inspiração permanente.

Aos meus familiares: Anita, Cléia, Caio, Lorenzo e Júlia, mas principalmente a Oremy Lima Correa, por toda a ausência causada por minhas mudanças Brasil afora.

Aos amigos: Carlos Henrique (Caíca), Jayme de Assis, Marcos Diamantino, Sergio, Izildo, Wagner e Elias (da Geografia/USP); Raquel, Graciana, Messias, Carlos e Marcos; ao Rafael “Broz” e Washington “Piauí”, da Geografia/Ourinhos; e também aos Profs. Drs. Ferreira e Alfredo, da UFAL – de tempos e lugares diversos, de histórias e geografias distintas.

Às funcionárias da Secretaria de Pós-Graduação: Ana, Jurema, Rosângela e Cida, pela atenção nas diversas situações da organização administrativa.

A Patrícia Nunes, presença e apoio desmedido.

Ao Frederico Neiva, que elaborou o fluxograma da soja.

Ao João Carlos Morelli que cedeu o mapa do setor sucroalcooleiro no Brasil.

A CAPES, pela concessão de bolsa de estudos na etapa final do trabalho.

E a todos aqueles que compreenderam os objetivos da pesquisa e atenderam as solicitações de entrevista nas empresas Bunge Alimentos, ADM e Grupo Garça Branca (Rondonópolis/MT); Usina Pantanal (Jaciara/MT); Tecnal e Usina São Luís (Ourinhos/SP); Caramuru Alimentos (Itumbiara/GO); Sindicato dos Trabalhadores da Alimentação e Frigorífico Minerva (Barretos/SP); Grupo Aralco (Usinas Generalco e Figueira) em General Salgado e Buritama (SP); Grupo Coringa (Arapiraca/AL) e Cooperativa Pindorama (Coruripe/AL).

Aos trabalhadores dos frigoríficos, das esmagadoras de soja e das usinas sucroalcooleiras que me honraram com sua atenção em seus locais de trabalho.

As falhas remanescentes são de responsabilidade do autor.

RESUMO

A presente pesquisa analisa o processo de acumulação, concentração e centralização de capital em três importantes setores da agroindústria, considerando a organização do espaço e sua atual inserção na economia brasileira. Para tanto, foram escolhidas algumas empresas representativas dos setores de carne bovina, óleo de soja e sucroalcooleiro, observando o movimento de fusões e aquisições no período 1992-2010. Nesse período, verificou-se um cenário econômico diferente das décadas anteriores no Brasil.

Considerando o dinamismo e a multiplicidade das transações relacionadas a fusões e aquisições, procurou-se examinar as causas e desdobramentos dos processos de concentração e centralização de capital, igualmente a crescente oligopolização e desnacionalização relativas aos setores em estudo.

Por fim, a identificação das ações das empresas envolvidas nos negócios, permitiu estabelecer analogias entre as estratégias de expansão geográfica e de diversificação nos setores, considerando a participação de capital estrangeiro e a internacionalização de empresas brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE

Fusões, aquisições, concentração, empresas, geografia.

ABSTRACT

The present research analyzes the process of accumulation, concentration and centralization of capital in three important sectors of the agriculture, considering the organization of the space and its current insertion in the Brazilian economy. For in such a way, some representative companies of the sectors of bovine meat, oil of soy and sugar cane had been chosen, observing the movement of merger and acquisitions in period 1992-2010. In this period, a different economic scene of the previous decades in Brazil was verified.

Considering the dynamism and the multiplicity of the related transactions the merger and acquisitions, were looked to examine the causes and unfoldings of the concentration processes and centralization of capital, equally the increasing relative denationalization to the sectors in study.

Finally, the identification of the actions of the involved companies in the businesses, allowed to establish analogies between the strategies of geographic expansion and diversification in the sectors, being considered the participation of foreign capital and the internationalization of Brazilian companies.

KEY WORDS

Mergers, acquisitions, concentration, companies, geography.

LISTA DE QUADROS

Quadro I. 1: Cronograma de visitas realizadas	27
Quadro I. 2: Tipologia e características das transações	47
Quadro II. 1: Empresas ligadas aos bancos, a seus sócios ou fundos de investimento	57
Quadro II. 2: Exemplos de alguns negócios realizados no Brasil em 1994	58
Quadro II. 3: Tipos de transações transfronteiriças (CB)	72
Quadro III. 1: Localização dos frigoríficos por unidades da federação	91
Quadro III. 2: Panorama do Mercado de Carne Bovina no Mundo – 2008	93
Quadro III. 3: JBS Crescimento por aquisições e ganhos	95
Quadro III. 4: Evolução da receita do JBS – 2001 – 2009	95
Quadro III. 5: Grupo JBS – Divisões de Negócios	98
Quadro III. 6: Fusões e aquisições do Grupo JBS-Friboi no período 2005-2009	99
Quadro III. 7: Caracterização do Grupo JBS-Friboi, após fusão com Grupo Bertin e aquisição da Pilgrim's Pride	103
Quadro III. 8: Localização das plantas de couro/curtumes do Grupo JBS	103
Quadro III. 9: Presença mundial do Grupo JBS	104
Quadro III. 10: Expansão e algumas aquisições do Marfrig	117
Quadro III. 11: Unidades do Grupo Marfrig no Brasil	120
Quadro III. 12: Unidades do Frigorífico Minerva no Brasil	124
Quadro IV. 1: número de usinas construídas de biodiesel por UF – 2011	142
Quadro IV. 2: Histórico da ADM	167-169
Quadro IV. 3: Síntese da ADM no Brasil	170
Quadro V. 1: Número de usinas de açúcar e álcool por UF – 2001	173
Quadro V. 2: Programas de utilização do etanol no mundo, a partir de Quioto	182
Quadro V. 3: Lei Estadual nº 11.241, de 19 de setembro de 2002	184
Quadro V. 4: Copersucar: unidades cooperadas – safra – 2008-2009	186
Quadro V. 5: Unidades do Grupo Cosan	193

LISTA DE TABELAS

Tabela II. 1: Total de transações domésticas e transfronteiriças	53
Tabela II. 2: Comparação entre os períodos 1994/2002 e 2003/2010	54
Tabela II. 3: Síntese das Transações no Setor de Alimentos: 2000 – 2003	72
Tabela II. 4: Síntese das transações no setor de alimentos: 2004-2010	73
Tabela II. 5: Total das transações no setor de alimentos (2000-2010)	74
Tabela II. 6: Transações transfronteiriças no período 2004-2010	75
Tabela II. 7: Setor de Alimentos: as 10 maiores empresas em vendas (2006)	77
Tabela II. 8: As maiores empresas por vendas, nos setores estudados em 2010	78
Tabela II. 9: As maiores empresas por nº de empregados nos setores estudados em 2010	79
Tabela II. 10: Empresas dos segmentos entre os 200 maiores grupos no Brasil	82
Tabela II. 11: Comparação setorial de F&A no Brasil: 1992-2010	83
Tabela III. 1: Abate de bovinos – Brasil e UF – 1997-2010	85
Tabela III. 2: Efetivo de bovinos – Brasil e UF	86
Tabela III. 3: Balanço do Complexo Carne Bovina	89
Tabela III. 4: Principais produtos exportados	93
Tabela III. 5: Receita do JBS – 2001 a 2009	95
Tabela III. 6: Unidades do Grupo JBS: abate de bovinos	100
Tabela III. 7: JBS em números em 2010	105
Tabela III. 8: Ranking global de empresas de proteínas	113
Tabela III. 9: Classificação dos frigoríficos de bovinos	134
Tabela IV. 1: Síntese da Caramuru	154
Tabela IV. 2: Classificação das empresas do setor soja e óleo de soja	172
Tabela V. 1: Exportação de açúcar	181
Tabela V. 2: Preço médio ao consumidor de combustíveis	183
Tabela V. 3: Açúcar e álcool – transações conforme KPMG	205
Tabela V. 4: Classificação das empresas e usinas do setor sucroalcooleiro	206

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico II. 1: Transações realizadas no Brasil: 1992-2010	54
Gráfico II. 2: Transações domésticas e transfronteiriças realizadas no Brasil: 1992-2010	55
Gráfico II. 3: Transações realizadas no Brasil: 1992-2010	70
Gráfico II. 4: Movimento das transações realizadas no Brasil: 1992-2010	70
Gráfico II. 5: Transações em cinco setores: 2001-2010	71
Gráfico II. 6: Setor de Alimentos: 2004-2010	74
Gráfico III. 1: Abate de bovinos – Grandes Regiões do Brasil: 1997-2010	84
Gráfico III. 2: Balança Comercial do Complexo Carne Bovina	89
Gráfico IV. 1: Principais estados produtores de soja – Brasil – 1979-2006	137
Gráfico IV. 2: Da produção agrícola brasileira – 1950-2006	138
Gráfico IV. 3: Quantidade de soja produzida por regiões do Brasil – 1970-2006	139
Gráfico IV. 4: Participação do óleo de soja ABC no mercado de MG	157
Gráfico V. 1: Principais culturas de São Paulo	176
Gráfico V. 2: Quantidade de cana produzida por regiões do Brasil – 1970-2006	177
Gráfico V. 3: Licenciamento de veículos leves conforme o combustível	178
Gráfico V. 4: Brasil: produção, vendas internas e exportação de etanol	178
Gráfico V. 5: Taxa de câmbio Real X Dólar	179
Gráfico V. 6: Produção, consumo e exportação de açúcar 1960-2000	181
Gráfico V. 7: Preço do álcool por regiões do Brasil e em São Paulo	181
Gráfico V. 8: Exportação de etanol, por regiões geográficas e países – 1998-2010	183
Gráfico V. 9: Fusões e aquisições no Brasil - setor sucroalcooleiro	205

LISTA DE MAPAS

Mapa III. 1: Frigoríficos da Amazônia Legal – 2005	87
Mapa III. 2: Distribuição dos abatedouros no Brasil, 2010	88
Mapa III. 3: Evolução dos efetivos bovinos por municípios do Brasil 1974-2009	92
Mapa III. 4: Expansão do JBS nos EUA pela incorporação da Pilgrim's	102
Mapa III. 5: Localização de plantas e escritórios do Grupo JBS	107
Mapa III. 6: Evolução espacial dos frigoríficos no Brasil Central pecuário	109
Mapa III. 7: Plantas do Frigorífico Bertin	113
Mapa III. 8: Unidades do Marfrig na América do Sul	121
Mapa III. 9: Unidades do Frigorífico Minerva no Brasil	123
Mapa IV. 1: Evolução da produção de soja por municípios do Brasil	136
Mapa IV. 2: Atuação da Coamo	144
Mapa IV. 3: Unidades da Cargill no Brasil	163
Mapa IV. 4: Presença mundial do Grupo LDCommodities	170
Mapa V. 1: Evolução da produção de cana-de-açúcar por municípios do Brasil	174
Mapa V. 2: Atuação da Copersucar	187
Mapa V. 3: Localização das unidades do Grupo Infinity Bio-Energy	195
Mapa V. 4: Unidades do Grupo LDCommodities no Brasil	197
Mapa V. 5: Unidades do Noble Group no Brasil	203

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto III. 1: Vista aérea da unidade de Barretos do Grupo JBS.....	110
Foto III. 2: O caminho para a Fazenda Armour e Igreja presbiteriana ao fundo	110
Foto III. 3: Funcionários reunidos diante do Grupo JBS de Barretos.....	111
Foto III. 4: Funcionários reunidos diante do Grupo JBS de Barretos.....	111
Foto III. 5: Funcionários reunidos diante do Grupo JBS de Barretos.....	111
Foto III. 6: Transminerva em Barretos	125
Foto III. 7: Transminerva em Barretos	125
Foto III. 8: Vista aérea da Dawn Farms (na parte superior) e Frigorífico Minerva (parte inferior) em Barretos (SP).....	127
Foto III. 9: Minerva Dawn Farms em Barretos	127
Foto IV. 1: Silo em Fazenda da Amaggi (Ouro Branco, Distrito de Pedra Preta/MT).	149
Foto IV. 2: Vista aérea do complexo da Caramuru Alimentos: Itumbiara (GO)	153
Fotog IV. 3: Detalhe da estrutura da Caramuru	153
Foto IV. 4: Tanques de armazenamento de óleo: Itumbiara	153
Foto IV. 5: Unidade da Bunge em Rondonópolis/MT (antiga Ceval)	159
Foto IV. 6: Unidade desativada da Bunge, em Ourinhos/SP	161
Foto IV. 7: Unidade desativada da Bunge, em Ourinhos/SP	161
Foto IV. 8: Unidade desativada da Bunge, em Ourinhos/SP	161
Foto IV. 9: Unidade Maeda Itumbiara, adquirida pela Cargill	171
Foto V. 1: Cana para moagem.....	189
Foto V. 2: Usina Generalco	189
Foto V. 3: Usina Generalco	189
Foto V. 4: Usina Figueira	189
Foto V. 5: Usina Figueira	189
Foto V. 6: Usina Figueira	189
Foto V. 7: Vista aérea da Usina Guarani	200

SUMÁRIO

Resumo
Índice de Quadros
Índice de Tabelas
Índice de Gráficos
Índice de Mapas
Índice de Fotografias

1. INTRODUÇÃO	14
1.1. O Setor Frigorífico	16
1.2. O Setor Óleo de Soja.....	18
1.3. O Setor Sucroalcooleiro.....	19
2. BREVE JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO TEMA	21
CAPÍTULO I – ASPECTOS TÉCNICOS E TEÓRICOS DO TRABALHO	26
I. 1. INTRODUÇÃO E METODOLOGIA	26
I. 2. REFERENCIAL TEÓRICO	29
I. 2.1. Centralização e concentração de capital.....	29
I. 2.2. Alfred Chandler: a importância das grandes empresas.....	36
I. 2.3. Ignácio Rangel: a dualidade da economia brasileira e os ciclos de Kondratieff	38
I. 2.4. Geografia e Formação Sócio-Espacial	41
I. 2.5. Notas sobre as fusões e aquisições do período	43
CAPÍTULO II – PANORAMA DAS FUSÕES E AQUISIÇÕES NO BRASIL: 1992-2010.....	49
II. 1. INTRODUÇÃO.....	49
II. 2. F&A NO BRASIL: PARTICIPAÇÃO ESTRANGEIRA E DESNACIONALIZAÇÃO.....	51
II. 2.1. Os dados da KPMG Corporate Finance	51
II. 2.2. O movimento dos anos 90.....	56
II. 2.3. Síntese do movimento nos anos 2000	67
II. 2.4. Comparações entre os principais setores.....	70
II. 3. CLASSIFICAÇÃO DAS EMPRESAS: MAIORES EM VENDAS E OS MAIORES GRUPOS.....	76
II. 3.1. BREVE EXPOSIÇÃO	76
II.3.2. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
CAPÍTULO III – CENTRALIZAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO NO SETOR FRIGORÍFICO	84
III. 1: INTRODUÇÃO.....	84
III. 2: O GRUPO JBS	94
III. 2. 1: Histórico do Grupo JBS	96
III. 2. 2: Barretos e a unidade do JBS (antigo Anglo).....	108
III. 3. O GRUPO BERTIN.....	112

III. 4. O GRUPO MARFRIG	114
III. 4.1. Estratégias do Marfrig e vantagens competitivas	118
III. 5. O FRIGORÍFICO MINERVA	122
III. 5.1. Histórico do Frigorífico Minerva	124
III. 5.2: Vantagens competitivas do Frigorífico Minerva	125
III. 5.3: Estratégias e objetivos do Frigorífico Minerva	126
III. 6. O FRIGORÍFICO INDEPENDÊNCIA	128
III. 7 OUTROS FRIGORÍFICOS	129
III. 7.1: O Frigorífico Mondelli.....	129
III. 7.2: Rodopa Exportação de Alimentos e Logística (ex-Frigorífico Tatuíbi)	130
III. 7.3: Frigorífico Mataboi	130
III. 7.4: Frisa.....	131
III. 7.5: Frigol.....	131
III. 7.6: Frialto.....	131
III. 7.7: BRF Brasil Foods.....	132
III. 8: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133
 CAPÍTULO IV: CENTRALIZAÇÃO E DESNACIONALIZAÇÃO NO SETOR ÓLEO DE SOJA	 135
IV.1. INTRODUÇÃO	135
IV. 1.1. A Produção de Biodiesel	141
IV. 2. A COAMO (COOPERATIVA AGROPECUÁRIA MOURÃOENSE)	143
IV. 2. 1. Breve histórico da Coamo	143
IV. 2. 2. Expansão geográfica.....	143
IV. 3. A CAROL (COOPERATIVA DOS AGRICULTORES DA REGIÃO DE ORLÂNDIA).	145
IV. 4. A COMIGO (COOPERATIVA MISTA DOS PRODUTORES RURAIS DO SUDOESTE GOIANO).	145
IV. 5. O GRUPO ANDRÉ MAGGI.....	146
IV. 5. 1. A Amaggi Exportação e Importação.....	147
IV. 5. 2. A Divisão Agro.....	148
IV. 5. 3. Hermasa.....	149
IV. 5. 4. Maggi Energia	150
IV. 6. A CARAMURU ALIMENTOS S.A.....	151
IV. 6. 1. Breve histórico.....	151
IV. 6. 2. Outras informações	152
IV. 7. A GRANOL.....	154
IV. 8. O GRUPO SPERAFICO.....	155
IV. 9. ABC-INCO INDÚSTRIA E COMÉRCIO (ALGAR-AGRO)	156
IV. 10. A BUNGE ALIMENTOS	157

IV. 10. 1. Histórico da Bunge	157
IV. 10.2: A Bunge: do setor de fertilizantes para o setor sucroalcooleiro	161
IV. 11. A CARGILL AGRÍCOLA S/A	162
IV. 12. A ARCHER DANIELS MIDLAND BRASIL (ADM)	164
IV. 12.1. Da produção de óleo de soja à produção de biodiesel	164
IV. 12. 2. Histórico da ADM	166
IV. 13. A LOUIS DREYFUS COMMODITIES	170
IV. 14. O GRUPO MAEDA.....	170
 CAPÍTULO V: CENTRALIZAÇÃO E DESNACIONALIZAÇÃO NO SETOR SUCROALCOOLEIRO	173
V.1. INTRODUÇÃO	173
V.2. SÍNTESE DA PRODUÇÃO SUCROALCOOLEIRA NO BRASIL	175
V.2.1 Etanol celulósico	184
V. 3: EMPRESAS DO SETOR SUCROALCOOLEIRO	185
V. 3. 1: A Copersucar	185
V. 3 .2: O Grupo Aralco	187
V. 3. 2: 1. Unidades do Grupo Aralco	188
V. 3. 4: A Usina São Luis.....	190
V. 3. 5: A Cosan (Grupo Ometto)	192
V. 3. 6: O Grupo Odebrecht.....	193
V. 3. 7. A Infinity Bio-Energy.....	194
V. 3. 8. A Abengoa Bioenergia	195
V. 3. 9: O Grupo LDC-Bioenergia	196
V. 3. 9. 1: A Santa Elisa/Vale do Rosário	198
V. 3. 10: Presença do Grupo Bunge no setor	198
V. 3. 11: A Renuka	199
V. 3. 12: O Grupo Tereos	200
V. 3. 12. 1: Formação do Grupo Tereos.....	200
V. 3. 13: O Noble Group	203
V. 3. 14: Das aquisições no setor açúcar e álcool (2007-2010)	204
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	207
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	214
 ANEXOS	219

Vivemos uma época de revolução técnico-científica, de características absolutamente sem precedentes. Não se trata apenas de descobrir novas leis que governam a natureza e a sociedade e, à base delas, engendrar novas técnicas, capazes de elevar a produtividade do trabalho, permitindo ao homem melhorar a maneira de produção da sua vida. Não, os problemas com que se confrontam atualmente a ciência e a técnica são de outra natureza, pois interessam à própria sobrevivência da sociedade e até da espécie humana.

(...)

Não há muito tempo, o problema dos recursos naturais podia ser equacionado como uma questão de força política e militar. Desde que uma potência tivesse força suficiente para estender o seu domínio sobre as fontes de recursos críticos, seu problema estaria resolvido, pois não se podia pôr em dúvida a capacidade do planeta de suprir os meios materiais necessários, à base da técnica já consagrada, para a produção da vida da sociedade humana, pelo menos da parte desenvolvida dessa. A maneira arrogante pela qual os Estados Unidos e seus aliados mais próximos se afirmam o direito de usar e dispor dos recursos petrolíferos e outros, pertencentes a países de Terceiro Mundo, representa uma sobrevivência da mentalidade engendrada por esse estado de coisas. Em suma, eles, precisamente os países que podem abordar os complexos problemas da descoberta de novas fontes de energia e de outros recursos críticos, pretendem reservar-se os recursos escassos, lançado sobre os ombros, científica e tecnicamente débeis, do Terceiro Mundo a responsabilidade pela solução de tais problemas.

(...)

Em resumo, seria equivocado supor que a sociedade humana se encontra em equilíbrio estável e que os progressos técnicos e científicos apenas serviriam para organizar a passagem a outro equilíbrio, também estável, mas em plano superior. A verdade é que a sociedade humana, vista em seu conjunto encontra-se num plano inclinado, do qual é absolutamente necessário retirá-la. O planejamento com vistas ao emprego sensato dos recursos e à criação de novos – dado que eles são uma função da tecnologia – emerge como imperativo absoluto.

Ignácio Rangel, 1982, pp. 138-139.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho resulta do aumento das fusões e aquisições (F&A) de empresas no Brasil e suas consequências tanto para a centralização e concentração de capital, bem como para os efeitos no aumento da participação do capital estrangeiro nas transações.

Portanto, o crescimento das F&A no Brasil será atribuído à abertura e à desregulamentação econômica, ao processo de privatizações e ao aumento da participação do capital estrangeiro nos negócios, especialmente a partir do início da década de 1990, quando intensificaram-se em número e em valores, nos mais distintos segmentos.^{1 2} Essas “mudanças institucionais” teriam incentivado os fluxos de capitais externos e favorecido os investimentos em F&A (VIEGAS, 2006, p. 1).

O Setor de Alimentos lidera o total das F&A de empresas no Brasil, no período 1992-2010, seguido pelos setores “Tecnologia da Informação”, “Telecomunicações e mídia”, “Instituições Financeiras” e “Companhias energéticas”, entre outros.³

A liderança do Setor de Alimentos refere-se ao período mencionado. Entretanto, e apenas como exemplo, o setor de Tecnologia da Informação lidera a classificação no período 2000-2010.⁴ Demonstra-se a importância do Setor de Alimentos por sua participação em aproximadamente 9% no Produto Interno Bruto, 16% na indústria de transformação e 20,1% dos empregos industriais.⁵

Pelas implicações decorrentes da centralização de capital e aumento da participação do capital estrangeiro nas transações, o interesse da pesquisa abrange

¹ Conforme Yves Moyon, então vice-presidente da consultoria AT Kearney: “As privatizações foram o elemento-chave para o início desse movimento. A partir do Real, houve uma explosão de fusões e aquisições no país.” Folha de S. Paulo, Dinheiro, 20/01/2000.

² Para Miranda e Martins (2000), “As mudanças que vêm ocorrendo nas formas de desregulamentação das economias nacionais e as alterações nos padrões tecnológicos de algumas indústrias e do setor de serviços respondem em parte por essa onda de fusões e aquisições na presente década.” (p. 67).

³ Conforme KPMG Corporate Finance (vide Tabela II. 11).

⁴ “Os setores de telecomunicações, serviços de utilidade pública, eletroeletrônico, financeiro e, mais recentemente, o de refino e distribuição de petróleo são os que registram o maior valor das transações dessa modalidade [através de consórcios] efetivadas internacionalmente.” (Miranda e Martins, 2000).

⁵ Dados retirados de CONCEIÇÃO (2007).

o período 1992-2010, em que houve o predomínio do capital estrangeiro nas transações, enquanto nos anos da década de 2000 diversas empresas brasileiras aumentaram suas aquisições e associações no exterior. Isso demonstrou a importância do processo de expansão e internacionalização com a absorção de concorrentes ou fusão entre alguns deles.

Em meio aos maiores e mais importantes negócios da primeira década do século XXI, no Brasil, muitos ocorreram entre empresas do setor frigorífico e do setor sucroalcooleiro.

A diversidade de segmentos constituintes do Setor de Alimentos, que incorpora empreendimentos de diversos tamanhos, direcionou o trabalho para os frigoríficos de abate de bovinos, processadoras de óleo de soja e usinas sucroalcooleiras.

Até 2007, ressalte-se, a indústria de alimentos era composta por aproximadamente 42,2 mil empresas: a maioria constituída por micro, pequenos e médios estabelecimentos, e apenas 0,9% do total por grandes empresas (CONCEIÇÃO, 2007, p. 7).

Ao mesmo tempo, os setores em questão destacam-se pelos índices de produtividade, importância na balança comercial e por suas conexões e afinidades, com exemplos de empresas de um setor atuando em outro. Pretende-se explicar, assim, a escolha dos três segmentos pela inter-relação existente entre eles, pelos seus índices de participação nas exportações e no PIB e pelo debate referente ao processo de desindustrialização em curso, no qual destaca-se o agronegócio brasileiro, com crescentes investimentos frente aos segmentos tradicionais.⁶

Nesse sentido, surge a seguinte questão: o Brasil estaria realmente se desindustrializando⁷ e se transformando no “celeiro do mundo”, produtor e

⁶ A respeito da “desindustrialização”, D. Neumann informa com base nos dados do IBGE, que a participação da indústria de transformação no Produto Interno Bruto do País passou de 19,2% em 2004 para 15,5% em 2009, percentual inferior ao de 1947 (16%); nesse ano, o Brasil ainda era predominantemente agrícola e não possuía nenhuma montadora de automóveis. “Peso da indústria no PIB cai para 15,5% e volta ao nível de 1947”. Valor Econômico, 27/09/2010.

⁷ “A indústria de transformação brasileira perde espaço na produção da economia brasileira e mundial, tendência que pode ameaçar a consolidação de ritmo de crescimento mais expressivo nos próximos anos, adverte, em estudo, o IEDI. Enquanto no Brasil a fatia do setor no Produto Interno Bruto (PIB) está em queda, recuando da casa de 30% nos anos 70 para um nível inferior a 24%, ela mantém trajetória de alta em países asiáticos que há décadas crescem a taxas elevadas. Na Coreia do Sul, está em 38% e na China, próximo de 53%. Os números são da Organização das Nações Unidas (ONU), a preços em dólares de 1990.” (“Para ledi, perda de espaço da indústria na economia pode ameaçar crescimento”. Valor Econômico, 14/12/2010.

exportador de produtos *agrícolas e minerais* e importador de produtos industrializados? As questões são importantes e perpassam o debate referente a um necessário projeto nacional de desenvolvimento.

1.1. O Setor Frigorífico

O setor frigorífico aqui referido consiste no segmento de abate e processamento de carne bovina.

Criado para atender ao mercado interno, cuja gênese relaciona-se a investimentos oriundos de capitais nacionais, associados inicialmente a matadouros e charqueadas, teve seu desenvolvimento e expansão relacionado à entrada de companhias estrangeiras e o setor foi desnacionalizado: em 1923, o Frigorífico Anglo, de capital inglês, adquiriu o frigorífico de Barretos (o primeiro frigorífico instalado no Brasil, fundado em 1913), e em 1931 o Anglo adquiriu o frigorífico de Santos.⁸

Conforme Mamigonian (1976, p. 9), além das aquisições do Frigorífico Anglo, as empresas norte-americanas Swift, Wilson e Armour, estabeleceram-se inicialmente no Rio Grande do Sul, na década de 1920, enquanto o Continental Products estabeleceu-se em S. Paulo e o Brazilian Meat-Anglo na Guanabara.

Em 1923, o frigorífico Armour também estabeleceu-se em São Paulo, seguido por Wilson, que adquiriu o Continental Products em 1927, enquanto o Swift adquiriu outro pequeno frigorífico nacional em 1933 (MAMIGONIAN, 1976, p. 9).

No período seguinte, conforme Mamigonian (1976, p. 10), ocorreu a nacionalização do setor frigorífico. Com apoio do Estado brasileiro, na forma de empréstimos e isenções, surgiram frigoríficos nacionais na década de 50⁹ e, finalmente, “os grupos estrangeiros, com exceção do Anglo, entraram em crise e seus frigoríficos foram vendidos: a Armour, para o grupo Bordon (1964), o Wilson, para o grupo argentino Sinossain-Comabra (1970) e o Swift, para o grupo Azevedo Antunes, ligado à mineração (1972)”.¹⁰

⁸ MAMIGONIAN, A. Notas sobre os frigoríficos do Brasil Central Pecuário. **Boletim Paulista de Geografia**, nº 51, AGB, junho de 1976, p. 9.

⁹ Conforme Benites (2000), “A implantação de frigoríficos de capital nacional significava o incremento das forças produtivas da sociedade brasileira na economia pastoril de corte, desbloqueando a acumulação do capital entre criadores e invernistas, até então concentradas nas mãos do setor de abate (grandes frigoríficos anglo-americanos.” (p. 204).

¹⁰ “A primeira reação ao domínio dos frigoríficos estrangeiros partiu dos invernistas do Estado de São Paulo que organizaram, em 1941, em Barretos, o 1º Congresso Pecuário do Brasil Central e

Anteriormente concentrado em grandes empresas estrangeiras, o setor frigorífico passa para o controle de grupos nacionais, em um processo resultante de conflitos e tensões no interior da classe produtora.¹¹

Benites (2000, p. 282), também assinala: “após 1990, algumas empresas frigoríficas encerraram ou reduziram suas atividades (abate de bovinos)” seja “pela necessidade de ajustes financeiros (Sadia, Perdigão, Ceval, Cargil) quer por dificuldades financeiras (Swift, Armour, Kaiowa)”. Como decorrência dessa reestruturação setorial, intensificou-se o processo de centralização-concentração de capital e expansão internacional dos frigoríficos brasileiros: entre os exemplos, destaca-se a incorporação do frigorífico Swift na Argentina e nos Estados Unidos pelo Grupo JBS, criando o maior exportador individual de carne bovina do mundo.

O setor frigorífico brasileiro caracteriza-se, de forma geral, por três grupos:

- 1) grandes empresas internacionalizadas;
- 2) grandes e médias empresas (algumas em dificuldades financeiras);
- 3) outras unidades artesanais.

No primeiro caso, além da diversificação e crescente atuação no cenário mundial, com aquisições em vários países ou pelas exportações, destacam-se os Grupos JBS, Marfrig e Minerva; no segundo caso, por empresas em recuperação judicial (caso do Frigorífico Independência, que também era exportador); e, no terceiro caso, por abatedouros espalhados pelo Brasil, voltados à atividade de forma artesanal ou clandestina, típica do circuito inferior em cidades locais, abastecem pequenos açougues, enquanto os maiores frigoríficos abastecem as grandes redes de supermercados, tanto com carne *in natura* como outros produtos industrializados, produtos do chamado *food-service*, enlatados, sabões, sabonetes, detergentes, etc..

conseguiram do governo federal decretos de lei, impedindo a ampliação do rebanho bovino daqueles frigoríficos. Mas, somente em 1951, durante o governo Getúlio Vargas, foram tomadas várias medidas – empréstimos bancários, isenções de taxas, etc. – apoiando a implantação de novos frigoríficos no interior do Brasil central. Este estímulo foi respondido prontamente pelos invernistas de São Paulo e Mato Grosso, que passaram a montar, na década de 1950, vários frigoríficos nas suas áreas de engorda: Andradina (Moura Andrade), Araçatuba (T. Maia), Barretos (Antenor Duarte), Campo Grande (Coelho), etc.” (Mamigonian, 1976, p. 12).

¹¹ “A reação mais importante ao domínio dos grandes frigoríficos estrangeiros acabou partindo dos pequenos açougueiros nacionais de origem imigrante, que tendo pequenos matadouros ou açougues em São Paulo, na Guanabara ou mesmo no interior, tratavam de aproveitar a conjuntura política favorável e passaram a implantar frigoríficos, principalmente nas áreas de engorda: Bordon (P. Prudente), Fialdini (S. Carlos), Zancopé (Jundiaí), Cabral (Assis), Sola (Três Rios e Uberaba), etc..” (Mamigonian, 1976, p. 12).

Nesse período, o Bertin foi incorporado pelo Grupo JBS, em 2009, enquanto outros frigoríficos, sofrendo os efeitos da crise econômica do ano anterior, foram incorporados pelo Marfrig Group (que adquiriu também a Seara, da Cargill, em 2009) ou pelo próprio Grupo JBS.

O Frigorífico Minerva, além de associar-se a uma empresa irlandesa (Dawn Farms), na formação da “Minerva Dawn Farms”, iniciou sua internacionalização em 2010, adquirindo uma planta de abate no Paraguai e outra no Uruguai em 2011.¹²

1.2. O Setor óleo de soja

O segmento óleo de soja caracteriza-se pela atuação de empresas estrangeiras na produção de óleo, farelo e farinhas, como a holandesa Bunge, as norte-americanas Archer Daniels Midland (ADM) e Cargill, e pela companhia francesa Louis Dreyfus (LDC) – as *tradings* que dominam o setor no Brasil e também passaram a atuar no setor sucroalcooleiro (Bunge, ADM e LDC, por exemplo), ou operam também no setor citrícola (caso da LDC e, anteriormente, da Cargill).

Tanto Bunge como ADM iniciaram no setor, no Brasil, com grandes aquisições nos anos 1990, respectivamente, da CEVAL (Grupo Hering) e do setor de óleo de soja da SADIA, beneficiando-se de reestruturações realizadas pelos referidos grupos. A Cargill e a LDC atuam no Brasil há mais tempo.

A expansão da soja ocorreu a partir da década de 70, em um processo correlacionado às migrações internas, iniciado com a “marcha para o oeste”¹³, resultante de políticas específicas de planejamento (PRODOESTE e POLO CENTRO, por exemplo), “que previam a ocupação racional dos cerrados e seu aproveitamento em escala empresarial”¹⁴, e a conseqüente migração de contingentes populacionais rurais do interior do Paraná, do Rio Grande do Sul e de outros estados para a região, tornando-se uma das *commodities* mais importantes do agronegócio e aumentando sua participação nas exportações.¹⁵

¹² Conforme informação da empresa, em pesquisa de campo realizada em 15/08/2011.

¹³ “Em 1940, afirmava Getúlio Vargas: *Após a reforma de 10 de novembro de 1937, incluímos essa cruzada no programa do Estado Novo, dizendo que o verdadeiro sentido de brasilidade é o rumo ao Oeste*”. (Souza, 1980, p. 62).

¹⁴ BERNARDES, 2002, pp. 327-328.

¹⁵ Esse movimento migratório pode ser exemplificado pela trajetória do atual “rei da soja” brasileiro, Eraí Maggi, que nasceu no interior do Rio Grande do Sul; e de sua família, que adquiriu 65 hectares no interior do Paraná e atualmente Eraí Maggi tornou-se proprietário de 240 mil hectares no Mato Grosso (VALOR, 9, 10 e 11/9/2011, pp. 18-22).

Das empresas brasileiras atuantes no setor soja, a maior delas é a COAMO, uma cooperativa com sede em Campo Mourão (PR), e forte atuação no Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul, e produz óleo de soja, farinha de trigo, margarina e café.

A AMAGGI, a 2ª maior empresa de capital nacional do setor, com sede em Rondonópolis (MT), não atua no varejo de óleo de soja, mas produz e comercializa sementes e soja *in natura* e óleo bruto. Também controla o escoamento de soja *in natura* de Mato Grosso pela hidrovía do Rio Madeira, de Porto Velho (RO) ao Rio Amazonas.

A Amaggi associou-se com a LDC em uma *joint venture* para atuar no setor de grãos nos estados da Bahia, Maranhão, Piauí e Tocantins.¹⁶

Outra empresa de capital nacional na produção de óleo de soja é a Caramuru Alimentos, concorrente dos diversos produtos das empresas estrangeiras e nacionais, através da marca “Sinhá”, cuja sede localiza-se no município de Itumbiara (GO). A Caramuru associou-se em 23,42% com a ADM (39,04%), Granol (31,23%) e Capri (6,31%) em empreendimento no terminal portuário de Tubarão (Vitória/ES), com capacidade de armazenamento de 60.000 toneladas.

A produção de biodiesel tem aumentado e difunde-se pelas empresas do setor, como ADM, Bunge, Caramuru Alimentos, entre outras.

Com as pesquisas da Embrapa, criando cultivares para áreas tropicais, a soja dissemina-se por diferentes áreas do território brasileiro, como a região nordeste, principalmente no oeste da Bahia, em Barreiras e Luiz Eduardo Magalhães; pelo sul do Maranhão e Piauí, e por outros estados da Federação, alcançando os estados de Rondônia, Amazonas, Pará e Amapá, por exemplo.

1.3. O Setor sucroalcooleiro

No período analisado, aumentou a produção de álcool, açúcar e geração de energia, com a expansão motivada principalmente pela busca de alternativas ao petróleo, pois a produção do setor sucroalcooleiro possibilita a produção de combustível (etanol) e a geração de energia elétrica através da combustão dos resíduos da cana-de-açúcar (bagaço).

¹⁶ Disponível em <http://www.brasileconomico.com.br/noticias/Acesso> aos 01/09/2010.

A utilização do álcool combustível resultou, inclusive, na invenção brasileira do chamado “motor flex”, cuja característica principal é a de aceitar tanto o etanol como a gasolina.

O setor também apresentou diversos tipos de investimentos, seja através de aquisições de plantas e fusões, ou pela construção de novas unidades, incentivando o surgimento e a expansão dos negócios no setor de *agroenergia*.¹⁷

A produção de açúcar no setor tem aumentado, e houve ao menos uma grande associação entre dois concorrentes, voltada exclusivamente para as exportações do produto.¹⁸ Ressalte-se a recente lucratividade dos preços do produto no mercado internacional, diminuindo a produção de etanol e o aumento dos preços: o volume de açúcar exportado congestionou portos no Brasil (entre agosto e setembro de 2010, por exemplo).^{19 20}

Assediado pelo capital estrangeiro, os grupos nacionais assistiram ao crescimento da concorrência com Bunge, ADM e LDC, e a entrada de novos competidores (Abengoa Bioenergia, Noble Group, Renuka e BP, ex-British Petroleum, etc.).

Finalmente, como incentivo ao desenvolvimento deste trabalho, mencionamos Martinelli (1999, pg. 3) que ao assinalar “certa carência de estudos recentes sobre o tema, especialmente dos que buscam reunir, de modo abrangente, os aspectos e as mudanças (...) mais significativas das estruturas de mercado da indústria de alimentos”, motivou o estudo dos setores mencionados.

Por último, deve ser ressaltada a primazia – no âmbito da Geografia, e a importância para esta tese –, sobretudo dos estudos de Mamigonian (1976; 1997; 2004) sobre a industrialização brasileira e seu texto referente à espacialização dos frigoríficos brasileiros, e o trabalho de Benites (2000) sobre os interesses e conflitos na formação do setor frigorífico, cujo dinamismo recente tem extrapolado as fronteiras do Brasil e criou a maior empresa de proteína animal do mundo, no caso, o Grupo JBS, também o maior exportador individual do setor.

¹⁷ VIAN, 2003, p. 132-143.

¹⁸ “Cosan compra 49% do Teçu, em Santos”. Valor Econômico, 14/04/2008, pg. B-15.

¹⁹ Apenas no porto de Santos o crescimento registrado em 2009 foi de 83,1 milhões de toneladas de produtos exportados, um percentual 2,6% maior que o volume de 2008. (“Acima do previsto”. Folha de S. Paulo, 29/01/2010)

²⁰ “A maior carga agrícola movimentada continua sendo o açúcar, cujo volume atingiu 13,9 milhões de toneladas exportadas, 36,3% mais do que em 2008”. (“O líder”. Folha de S. Paulo, 29/01/2010)

2. BREVE JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO TEMA

Este é um trabalho de Geografia Econômica, inserido no quadro maior da Geografia Humana.²¹

Nesse campo da Geografia, pretende-se correlacionar a atividade econômica e desenvolver seus aspectos conexos tanto com as transformações impingidas ao espaço geográfico e aos efeitos dessas transformações para o homem, através da formação sócio-espacial (Santos, 1978) e das combinações geográficas (Cholley, 1964). Dessa forma, associam-se as atividades em dado espaço, suas causas e também consequências.

Como não seria possível trabalhar com todas as atividades econômicas e os diversos setores envolvidos nas F&A, priorizou-se o estudo a partir de setores correspondentes e interligados. No caso, procurou-se efetuar um “recorte” representativo do Setor de Alimentos, buscando estabelecer as relações entre os segmentos e não apenas “listar” atividades ou alguns de seus aspectos, mas compreendê-los em sua gênese e formação, estabelecendo as possíveis analogias.²²

Pretende-se, portanto, que a contribuição do trabalho para a Geografia seja a verificação e a análise comparativa da *centralização de capital, das estratégias de expansão geográfica e diversificação das empresas*, bem como do *processo de desnacionalização, do recente movimento de internacionalização* no setor frigorífico (*carne bovina*), e nos segmentos *óleo de soja e sucroalcooleiro*, considerando a importância de cada atividade para a Geografia Econômica brasileira a partir das

²¹ “A Geografia Econômica tem por objeto o estudo das formas de produção, assim como o da localização do consumo dos diferentes produtos no âmbito mundial. É essencialmente uma ciência humana ou, mais precisamente, uma ciência social, no sentido de que os processos de produção, de transporte e trocas, de transformação e de consumo dos produtos resultam de iniciativas humanas, as quais devem seus característicos e sua eficiência às formas de organização provenientes do passado próprio a cada grupo humano.” (Pierre George, 1963, p. 09).

²² Sobre o desenvolvimento do trabalho, e a perspectiva metodológica adotada, é importante ressaltar, com Ignácio Rangel (1990): “O trabalho do investigador científico dedicado ao estudo dos fenômenos sociais, entre os quais se classificam os econômicos (...) é prejudicado pelo fato de não ser possível obter na prática a exclusão de todos os incidentes, com o resultado de que nenhum fenômeno social jamais se apresenta realmente isolado. Embora queiramos estudar apenas determinado comportamento econômico de um grupo social qualquer, teremos sempre que nos conformar com proceder ao estudo em condições tais que, simultaneamente com uma transformação econômica, assistimos também a uma transformação política, jurídica, cultural, que, por uma espécie de ação catalítica ou de presença, empresta novo sentido e perturba o fato econômico.” (pgs. 16-17).

múltiplas determinações (Cholley, 1964) e da formação sócio-espacial (Santos: 1977; 1978).

Assim, os segmentos são compreendidos como originários de processos históricos e espaciais “distintos”, “localizados”, mas também “complementares”.

Outro aspecto consiste no intercâmbio entre a Geografia e áreas afins na compreensão do objeto de estudo e verificação dos objetivos propostos. Pretende-se considerar o estudo das grandes empresas e das *F&A na Geografia*, com as contribuições teóricas da centralização e concentração de capital.

Afinal de contas, qual a importância e o sentido de tantas e tamanhas fusões e aquisições de empresas? Quais as conseqüências sociais, econômicas, históricas e geográficas? Em que as transações afetam, interferem ou contribuem para o desenvolvimento econômico brasileiro, ou seus efeitos recaem no aprofundamento de divergências e disparidades na organização espacial do País?

De certo modo, procuramos responder àquilo que, para Andrade (1994) constituiria um desafio:

a análise do papel desempenhado pelas grandes empresas que expandem seus negócios e de sua influência por vários continentes e dezenas de países, levando os defensores da ‘modernidade’ a afirmarem a necessidade de internacionalização das economias nacionais. Se se comparar o mapa da área de influência das grandes empresas com o mapa político que delimita o território dos Estados, observar-se-á que são bem diversos, como diversas são as ações e os tipos de espaços produzidos por uns e outros, embora todos convergindo para um mesmo interesse que é a concentração do poder e riqueza de grupos mais ou menos poderosos. (Andrade, 1994, pg. 65).

Empresas e grupos com poder maior sobre espaços e territórios nacionais, concentrando setores e mercados, explorando a mão-de-obra local e remetendo seus lucros para as matrizes no exterior; sendo que muitos desses grupos e empresas são maiores que muitos países e suas decisões podem afetar economias diversas.²³

O trabalho pretende contribuir para a compreensão da organização do território no atual ciclo econômico capitalista da “globalização”, termo aparentemente

²³ “Em 1995, os faturamentos de grandes empresas de alimentos, tais como a Phillip Morris (US\$ 60 bilhões), Cargill (US\$ 50 bilhões), Unilever (US\$ 45 bilhões), Nestlé (US\$ 42 bilhões) foram semelhantes ou superiores a PIBs de diversos países, como Chile (PIB de US\$ 38 bilhões), Irlanda (US\$ 43 bilhões), Filipinas (US\$ 50 bilhões), Colômbia (US\$ 45 bilhões).” (Martinelli, 1999, pg. iii).

equivocado para a análise das contradições atuais: a caracterização desse processo aproxima-se mais do conceito de imperialismo e não de “globalização”.^{24 25}

Mamigonian (2004, p. 138) afirma que para os neoliberais, “globalização” seria “a novidade que explica o mundo atual”, e assim:

Pretende negar o jogo dos interesses nacionais e quanto aos países subdesenvolvidos considera irrelevantes as relações centro-periferia intrínsecas ao sistema capitalista, relações que podem ser analisadas numa visão mais moderada (CEPAL) ou numa visão mais radical (marxista). Assim como ocorreu com *subdesenvolvimento* ou com *crises econômicas*, “globalização” não seria imperialismo disfarçado? O conceito de imperialismo, do início do século XX, foi atenuado para Economia-mundo pelos moderados (I. Wallerstein, G. Arrighi, etc.) e mais adocicado para “globalização” pelos neoliberais (MAMIGONIAN, 2004, vol. II, p. 138).

Ao mesmo tempo, “o neoliberalismo (e a ‘globalização’)” seria “artigo de exportação dos EUA, mais do que de uso interno. A conversão de sátrapas tele-evangelistas, inclusive alguns “esquerdistas” arrependidos (Blair, FHC, etc.), corresponde à perda de autonomia nacional no interior do império americano” (MAMIGONIAN, 2004, vol. II, p. 139).

A promoção do neoliberalismo com crise econômica inicialmente afetou as economias de diversos países, como Brasil e Argentina, entre muitos outros, que agora se recuperaram e apresentam índices positivos de crescimento econômico enquanto economias anteriormente consideradas “sólidas”, como algumas da União Européia e Estados Unidos, enfrentam dificuldades e passaram a adotar políticas de recuperação e investimentos divergentes daquelas “recomendadas” para os países em desenvolvimento (caso dos EUA, em 2008-09).²⁶

Enquanto Estados Unidos e União Européia parecem embrenhar-se cada vez mais em crises sucessivas, países como China, Índia, Coreia do Sul, Vietnã, Irã e o Brasil desenvolvem-se com políticas e opções alternativas àquelas impostas desde o centro do sistema (o *neoliberalismo*).

²⁴ À parte o debate semântico sobre o termo, há divergências importantes a respeito de sua conceituação, expressas principalmente por Mamigonian (1999) Batista Jr. (1997), Chesnais (1996); Dreifuss (2004); Gonçalves (1999; 2000) e Santos (2000), etc..

²⁵ “As multinacionais concluíram uma verdadeira mundialização do mundo.” (Santos, 1978, p. 191).

²⁶ Mamigonian (2004) assinalou que “A impressionante recuperação pela qual passou a economia americana na década de 80 tem relação direta com a política keynesiana (e não neoliberal) adotada pelo governo Reagan de alavancar a corrida armamentista (afinal a primeira aplicação prática das idéias de Keynes foi feita na Alemanha hitlerista nos anos 30) (vol. II, p. 149).

O presente trabalho encontra-se estruturado em cinco capítulos:

Após uma breve “introdução”, é apresentada a parte teórica no capítulo 1, onde foi desenvolvida a discussão referente à centralização e concentração de capital e o movimento de F&A no período atual.

O capítulo 2 apresenta os dados referentes às F&A no período 1992-2010, coletados principalmente em jornais e revistas, e busca confrontar valores e quantidades, em meio às transformações institucionais e seus efeitos imediatos. Neste capítulo também são explicitadas as possibilidades de interpretação dos dados da *KPMG Corporate Finance*, cujos estudos cobrem o período mencionado. Para tanto, partimos da proposição de Miranda e Martins (2000, p. 69-71), que criaram metodologia de análise para utilização dos dados de consultorias como a KPMG.

Os capítulos seguintes (3, 4 e 5) apresentam, respectivamente, as descrições e caracterizações de parte das empresas constituintes dos segmentos em estudo (*frigorífico, óleo de soja e sucroalcooleiro*), e trata dos processos específicos de cada setor, das estratégias de expansão internas e externas das empresas (da *internacionalização*, através de aquisições transfronteiriças, como ocorre no setor frigorífico). Apresenta e discute a composição do setor soja e a presença do capital estrangeiro em seu domínio – algo que se repete no caso do setor sucroalcooleiro. Neste setor, procura-se considerar suas características específicas, com a produção de álcool, açúcar e a geração de energia elétrica. Os capítulos expõem nos respectivos segmentos as principais estratégias empresariais, seja através de associações, aquisições e fusões, bem como do recente processo de internacionalização do setor frigorífico, a concentração estrangeira na soja, os financiamentos e incentivos do BNDES e a crescente participação do capital estrangeiro no setor sucroalcooleiro.

A seguir, o tópico *considerações finais* encerra o trabalho com o debate dos temas e setores apresentados, discutidos em função das caracterizações e especificidades de cada setor, sobretudo as estratégias das empresas e o papel do investimento estrangeiro na nova Geografia Econômica do País.

Considerando-se a expansão do agronegócio na economia brasileira, sua participação crescente nas exportações, a recente diminuição do superávit comercial, a reorganização espacial da produção agropecuária e agroindustrial no

território, esta pesquisa pretende contribuir para uma reflexão sobre as transformações espaciais e territoriais na confluência contraditória entre a desindustrialização e a priorização de uma pauta de exportações de produtos primários e de *commodities*, bem como as conseqüências futuras desse processo para o desenvolvimento econômico e social do País. Procura verificar os movimentos de centralização e concentração de capital nos segmentos mencionados do setor de alimentos: frigoríficos de abate de bovinos, óleo de soja e sucroalcooleiro.

CAPÍTULO I: ASPECTOS TÉCNICOS E TEÓRICOS DO TRABALHO

I. 1. INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

No período 2004-2007, foram realizadas pesquisas de campo, respectivamente, nas empresas Bunge Alimentos e ADM, ambas localizadas no município de Rondonópolis (MT). Tais empresas entraram no setor soja, se expandiram e adquiriram importância no Brasil com as aquisições, respectivamente, da Ceval (Grupo Hering)²⁷ e do setor soja da Sadia.²⁸

Em Rondonópolis também foi contatado o Grupo Garça Branca, empresa do setor de produção de sementes; em Jaciara (MT) foi possível conhecer a Usina Pantanal, do Grupo Naoum.

Pode-se perceber, a partir daquele momento, a dimensão, a importância e algumas consequências da presença da soja no Mato Grosso, e mesmo por toda a região Centro-oeste do Brasil, exemplificadas pela crise na produção de 2006, com a exposição de máquinas paradas nas margens das rodovias do Mato Grosso, corroborando a dependência das economias locais ao ciclo da soja; são desse período recordações da precária estrutura viária, evidenciando o “nó de estrangulamento” da infra-estrutura de Mato Grosso e nacional. Também foi possível assistir ao surgimento da planta de biodiesel da ADM em Rondonópolis, a aquisição do Frigorífico de Pedra Preta pelo Friboi (atual Grupo JBS) e perceber os princípios de uma reorganização espacial combinando plantio da cana e confinamento de gado no Mato Grosso e a substituição do plantio da soja pelo da cana no município de Rio Verde (GO).²⁹

Essa experiência permitiu a compreensão da importância do agronegócio no país, a despeito de seus problemas e complexidade. Os trabalhos de campo

²⁷ “A luta pela compra da Ceval envolveu os concorrentes Cargill, Santista e ADM (Archer Daniels Midland), entre outras. A Santista Alimentos, que perdeu a compra da Perdigão em 1993, tentou a Ceval, que acabou sendo levada pela empresa-mãe Bunge Internacional” e “chegou a vendas de US\$ 5 bilhões, superando as concorrentes Unilever e Nestlé no setor alimentação.” (Lodi, 1999, p. 59).

²⁸ “No final de 1997 o grupo vendeu a unidade de negócios de soja para a ADM – Archer Daniels Midland, depois de considerar propostas da Cargill e da Louis Dreyfus.” (Lodi, 1999, p. 63).

²⁹ “Cana avança, e esmagadoras encaram falta de soja em GO”. Disponível em http://www.deser.org.br/noticias_print.asp?id=890 Acessado aos 14/03/2009.

representam o momento de maturação e de escolha do tema do trabalho desenvolvido. É difícil discordar, portanto, de Bernardes (2002), quando ressalta a complexidade das interações e a heterogeneidade do complexo agroindustrial.³⁰

A seguir, no quadro I. 1, apresenta-se o cronograma dos trabalhos de campo realizados no decorrer desta pesquisa.

Quadro I. 1: Cronograma de visitas realizadas.

Data	Empresa	Setor	Local
23/10/2004	Bunge Alimentos	Produção de óleo	Rondonópolis/MT
22/05/2007	Grupo Garça Branca	Produção e melhoramento de sementes de soja	Rondonópolis/MT
29/05/2007	ADM	Produção de óleo e biodiesel	Rondonópolis/MT
18/07/2007	Usina Pantanal Açúcar e Álcool (Grupo Naoum)	Sucroalcooleiro	Jaciara/MT
20/12/2007	Bunge Alimentos	Unidade desativada de óleo	Ourinhos/SP
28/12/2007	Grupo JBS-Friboi	Frigorífico (greve dos funcionários)	Barretos/SP
21/08/2009	Usina São Luís	Sucroalcooleiro	Ourinhos/SP
15/10/2010	Frigorífico Minerva	Frigorífico	Barretos/SP
12/08/2011	Caramuru Alimentos S.A.	Produção de óleo de soja	Itumbiara/GO
12/08/2011	Grupo JBS	Unidade de couro	Itumbiara/GO
15/08/2011	Grupo JBS	Frigorífico	Barretos/SP
15/08/2011	Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação de Barretos	Sindical	Barretos/SP
15/08/2011	Frigorífico Minerva	Abatedouro bovino	Barretos/SP
16/08/2011	Generalco (Grupo Aralco)	Sucroalcooleiro (unidade produtora de álcool)	General Salgado/SP
16/08/2011	Usina Figueira (Grupo Aralco)	Sucroalcooleiro (unidade produtora de açúcar)	Buritama/SP
23/08/2011	Cooperativa Pindorama	Produção de sucos, leite de coco, açúcar e álcool	Coruripe/AL
24/08/2011	Grupo Coringa	Processadora de milho, fumo e café	Arapiraca/AL

Fonte: Elaboração do autor.

Algumas empresas do setor sucroalcooleiro não atenderam as solicitações de visita, mas principalmente o Grupo JBS, um caso importante de expansão e internacionalização, negou as diversas solicitações para visita à unidade de Barretos, e apenas uma rápida entrevista foi realizada nas dependências da divisão de couros do Grupo, em Itumbiara; outras informações sobre a empresa foram colhidas no Sindicato da Alimentação e em entrevistas por ocasião da greve de 2007 na planta de Barretos.

³⁰ Conforme Bernardes (2002) “Analisar o complexo agroindustrial da soja em Mato Grosso significa embarcar numa complicada aventura. A observação direta dessa realidade ao longo das investigações revela que se encaixa mal nos esquemas tradicionais, desconcertando aqueles que vêem os complexos agroindustriais como uma realidade homogênea. A realidade observada em Rondonópolis apresenta uma série de evoluções, devendo-se reconhecer a existência de vários tipos de atividades produtivas interagindo e captar os mecanismos da produção e do intercâmbio, assim como os processos que os animam”. (pg. 330).

Em relação ao método pretendido, as palavras de Rangel (1990) são pertinentes, ao afirmar que “a realidade não pode ser apreendida pelo espírito senão por partes, gradativamente”. Foi dessa forma que o

homem aprendeu a proceder metodicamente, primeiro pela análise no esforço de separar idealmente os diferentes aspectos da realidade estudada, muito embora na prática esses aspectos estejam sempre reunidos e sejam inseparáveis; depois, pela síntese quando, pela reunião dos aspectos idealmente separados, buscamos reconstituir o objeto estudado, o concreto, em toda a sua riqueza de detalhe (RANGEL, 2005, pp. 133-134).

Para o conhecimento e a discriminação dos segmentos e suas empresas, além das pesquisas de campo foram consultadas publicações especializadas na elaboração de classificações setoriais, tais como: VALOR GRANDES GRUPOS (2006; 2007; 2008, 2009, 2010); Anuário EXAME (2007-2008; 2008-2009); GLOBORURAL: Anuário do Agronegócio (2007; 2008; 2009) e VALOR 1000 Maiores (2007; 2008; 2009, 2010, 2011) e EXAME MAIORES E MELHORES (2011). As classificações apresentadas nestas publicações possibilitaram um detalhamento dos setores e empresas em estudo, identificando o tamanho e a importância de cada uma.

A perspectiva de análise e o referencial teórico amparam-se em autores aos quais atribui-se a fundamentação teórica, como é o caso de Mamigonian (1976; 1997; 2004), Rangel (1983; 1985; 1987; 1990; 1999; 2005), Cholley (1964), Santos (1977; 1978; 2000), Benites (2000) e Andrade (1994), entre outros.

É importante observar que o tema desenvolvido refere-se a alguns textos e autores que não são da Geografia, na busca de uma interdisciplinaridade que pretende correlacionar autores das Ciências Econômicas e outras disciplinas com a Geografia. São investigados os conceitos marxistas, principalmente através de seus expoentes máximos, Marx, Hilferding e Lênin, sobretudo na análise da centralização e concentração de capital, do imperialismo, da formação do capital financeiro, etc..

A abordagem teórica da categoria formação econômica e social advém do trabalho de Milton Santos na Geografia através de seu texto originalmente publicado na Revista Antipode, em jan./fev. de 1977.³¹ Essa categoria também é considerada por Ignácio Rangel, na análise das dualidades da economia brasileira.

³¹ SANTOS, M. “Sociedade e Espaço: a Formação Social como teoria e método”, **Boletim Paulista de Geografia**, junho/1977, nº 54, Associação dos Geógrafos Brasileiros.

As referências temáticas específicas para a coleta dos dados foram pesquisadas em periódicos, órgãos de classe e instituições como ABIA, ABIOVE, ABIEC, IBGE, IPEA, BNDES, BACEN, EMBRAPA, CEPAL, CADE, KPMG e PRICE, etc..

Realizou-se a pesquisa, portanto, pela busca de informações e dados estatísticos divulgados pela imprensa e em informações das entidades de classe e das empresas, além dos dados disponibilizados pela KPMG, na sua pesquisa trimestral de F&A.

De forma geral, pode-se afirmar que os objetivos do trabalho relacionam-se à interpretação, a partir da Geografia Econômica e com base no materialismo histórico, (1) do processo de centralização e concentração do capital; (2) das estratégias de expansão e diversificação de grandes empresas dos segmentos *carne bovina*, *óleo de soja* e *sucroalcooleiro*; (3) da participação dos investimentos estrangeiros nesses setores e (4) dos investimentos do BNDES nos segmentos estudados.³²

I. 2. REFERENCIAL TEÓRICO

I. 2. 1. Centralização e concentração de capital

Esta pesquisa relaciona-se aos conceitos de centralização e concentração de capital, desenvolvidos por Karl Marx (1980 [1860]).

Para Marx (1980, p. 726), “Todo capital individual é uma concentração maior ou menor dos meios de produção com o comando correspondente sobre um exército maior ou menor de trabalhadores”.

Importa ressaltar, com Marx, que “ao ampliar-se a massa de riqueza que funciona como capital, a acumulação aumenta a concentração dessa riqueza nas mãos de capitalistas individuais e, em consequência, a base da produção em grande escala e dos métodos de produção especificamente capitalistas”, de forma que “o crescimento do capital social realiza-se através do crescimento de muitos capitais individuais” (MARX: 1980, p. 726).

³² Ressalte-se, finalmente, que o tema das fusões e aquisições foi tratado em minha dissertação de mestrado, onde foi possível delinear setores da economia em escala nacional, continental e global, além de tratar das estratégias empresariais de expansão geográfica.

Marx (1980, p. 727) descreve a repulsão dos diversos capitais e a sua dispersão, acompanhada do processo de atração como determinante de outra consequência da acumulação – o processo de centralização, caracterizado pela “transformação de muitos capitais pequenos em poucos capitais grandes”.

Conforme Marx (1980, p. 727) “O capital se acumula aqui nas mãos de um só, porque escapou das mãos de muitos noutra parte. Esta é a centralização propriamente dita, que não se confunde com a acumulação e a concentração.”

A centralização desenvolve-se com a concorrência e o crédito, que impulsionam a ampliação da produção e da acumulação capitalista.

Para Marx (1980, p. 728), “o progresso da acumulação aumenta a matéria que pode ser centralizada, isto é, os capitais individuais, enquanto a expansão da produção capitalista cria a necessidade social e os meios técnicos dessas gigantescas empresas industriais cuja viabilidade depende de uma prévia centralização do capital. Hoje em dia, portanto, é muito mais forte do que antes a atração recíproca dos capitais individuais e a tendência para a centralização”.

A acumulação do capital gera a sua reprodução, e o capitalismo se desenvolve, portanto, através da concentração e da centralização do capital, em um movimento incessante.

Para Singer (1975, p. 70), Marx teria sido “provavelmente o primeiro a declarar que a concentração do capital é uma *tendência central e fundamental do capitalismo*” em uma abordagem inovadora frente ao pensamento econômico de então, pois “Marx dá uma definição muito interessante da concentração ao dizer que cada capital individual é, em maior ou menor grau, uma concentração de meios de produção”, enquanto “a mera existência do capital da empresa individual já implica numa concentração de meios de produção, sob o comando único de um proprietário ou de um grupo de proprietários”.

Na própria essência do capitalismo, em contraste com outros modos de produção anteriores, a existência da empresa capitalista com um pequeno exército de trabalhadores sob seu comando já implica numa concentração de recursos produtivos. (SINGER, 1975, pg. 70).

É a partir dessa premissa que Marx define e distingue os processos de *concentração* e *centralização*, que poderiam ser abarcados, conforme Singer (1975), “no conceito geral de concentração de capital” (pg. 70).

Conforme Kon (1999, p. 48-49) “A concentração de capitais é explicada pelo crescimento dos capitais individuais, à medida que os meios sociais de produção e subsistência são transformados em propriedade privada de capitalistas”, enquanto a centralização derivaria “da luta da concorrência em busca do barateamento das mercadorias que, por sua vez, depende do aumento da escala de produção e da produtividade. A partir disso, o desenvolvimento do capitalismo pressupõe o aumento do tamanho mínimo do capital individual”, com a derrota dos capitais menores pelos maiores.³³

Rudolf Hilferding (1985 [1910]), em seu livro *O capital financeiro*, retoma o pensamento de Marx sobre a acumulação, e enfatiza o capital financeiro como principal objeto de análise. Sua obra será uma das fontes para Lênin elaborar *O Imperialismo: Fase Superior do Capitalismo*.

A partir das categorias dinheiro e crédito, considera a expansão do capital através dos cartéis e das sociedades anônimas, analisa a concentração e a centralização nas grandes empresas, a evolução dos cartéis e trustes, a participação do capital financeiro e os desdobramentos desses processos na economia.

Conforme Hilferding (1985, p. 184), as F&A de empresas desenvolveriam em seu conjunto o movimento de centralização do capital: a *associação de capital* seria a forma precípua de centralizar o capital, em uma análise que se refere ao afluxo de capitais para os setores de maior lucratividade, e ao seu posterior refluxo, após a diminuição da taxa de lucros.³⁴

Hilferding (1985, p. 193) definiu a associação enquanto uma união entre empresas, e distinguiu a associação proveniente “da diversidade das taxas de lucro em distintos setores da indústria”, da associação entre “empresas do mesmo ramo industrial”. Esta surge com a finalidade “de aumentar a taxa de lucro nesse setor para além de seu nível inferior médio” através da “eliminação da concorrência”. O primeiro caso aponta para uma não alteração das taxas de lucro naqueles “ramos industriais aos quais as empresas pertenciam antes de sua associação. Sua

³³ “Parte dos capitais menores desaparece, outra parte passa às mãos das empresas mais eficientes, que dessa forma aumentam de volume. A luta da concorrência é, assim, um agente da centralização.” (SWEEZY, 1962, p. 299).

³⁴ “A tendência à compensação da taxa de lucro é importante para compreender o movimento da produção capitalista e a forma de ação da lei do valor como lei do movimento. Pois a lei do valor não domina diretamente o ato das trocas isoladas, mas apenas sua totalidade, da qual o ato da troca isolada é somente uma parte condicionada pelo conjunto. Por outro lado, a disparidade individual dos lucros é importante para a distribuição do lucro total, para a acumulação, concentração e, finalmente, para a associação, fusão, cartel e truste.” (Hilferding, 1985, p. 187).

diferença perdura e desaparece somente para a empresa global associada”. O segundo caso enseja a elevação do lucro como decorrência “da diminuição da concorrência”.

Para Hilferding (1985, p. 193-194), a *associação* pode assumir, ainda, duas formas: a *comunidade de interesses*, quando as empresas mantêm a sua independência e a união é estabelecida através de um contrato, e a fusão, quando ocorre a união de duas empresas em uma só. Uma e outra podem ser parciais, o que possibilitaria a continuidade da “livre-concorrência no ramo industrial correspondente - ou monopolista”. Neste caso, o cartel seria definido como uma “comunidade de interesses monopolista” e o truste como “uma fusão monopolista”. A comunidade de interesses e a fusão podem ser homogêneas ao abrangerem “empresas do mesmo ramo de produção - ou associadas³⁵ - empresas de ramos de produção complementares”, mas podem ocorrer, também, além destas mencionadas uniões, fusões parciais homogêneas ou associadas, cartéis e trustes homogêneos ou associados. Tanto as comunidades de interesse como as fusões podem ocorrer na indústria, no comércio e nos bancos.

Conforme Lênin (2000[1917]), o crescimento da indústria e da concentração da produção em reduzido número de grandes empresas representa uma das principais tendências do capitalismo no início do século XX, ou seja, a transformação da concorrência em monopólio.

Os bancos se transformam de “intermediários” em monopólios influentes, dispondo da quase totalidade do capital-dinheiro, dos grandes capitalistas aos pequenos empresários, como também controlam os meios de produção e as fontes de matéria-prima de um país. Para Lênin:

os bancos pequenos são afastados pelos grandes, nove dos quais concentram quase metade de todos os depósitos. E aqui ainda não se têm em conta muitos elementos, por exemplo, a transformação de numerosos bancos pequenos em simples sucursais dos grandes, etc. (LÊNIN, 2000, p. 24).

³⁵ Hilferding utiliza os termos *homogen* e *kombiniert*, para designar a mesma coisa que os atuais termos integração *horizontal* e *vertical* (Hilferding, 1985, p. 194).

O ponto alto do processo seria a transformação do capitalismo em imperialismo, e nesse ponto Lênin considera imprescindível analisar a concentração bancária.³⁶

A concentração bancária foi rápida na Alemanha: em 1895 o total de estabelecimentos bancários era de 42; em 1900, eram 80 estabelecimentos, e em 1911 chegou a 450 estabelecimentos.

Conforme Lênin, muitos analistas que observavam estes dados consideravam tratar-se do processo de descentralização, mas não verificaram o processo de centralização de empresas, antes dispersas, em uma “empresa capitalista única, nacional a princípio e mundial depois.”

Consistia “na subordinação a um centro único de um número cada vez maior de unidades econômicas que antes eram relativamente ‘independentes’, ou, para sermos mais exatos, eram localmente limitadas”. Este movimento representava a centralização, ou o reforço e o fortalecimento do poder dos gigantes monopolistas. A exemplo da disputa entre dois dos mais importantes bancos berlinenses, o Deutsche Bank e a Disconto-Gesellschaft (Sociedade de Desconto de Berlim) que possuíam, respectivamente, 15 milhões e 30 milhões de marcos em 1870; em 1908 o capital do primeiro era de 200 milhões e o do segundo de 170 milhões; em 1914 o Deutsche Bank elevou seu capital para 250 milhões, enquanto a Disconto-Gesellschaft, após efetuar uma fusão com a Aliança Bancária Schaffhausen, elevou o seu para 300 milhões. Lênin apresenta como exemplo na França a concentração em três bancos: Crédit Lyonnais, Comptoir National e Société Générale, cujas sucursais e caixas aumentaram de 64 em 1870, para 258 em 1890, e 1229 em 1909 (LÊNIN, 2000, p. 26-27).

Os dados apresentados por Lênin, relativos tanto ao capital bancário, como ao número de escritórios, das sucursais dos bancos e de suas contas correntes, demonstram uma “contabilidade geral” que envolve não apenas a classe capitalista, na medida em que os bancos recolhem os rendimentos em dinheiro dos patrões e dos empregados e também “de uma reduzida camada superior dos operários”, o que resulta, formalmente, em uma “distribuição geral dos meios de produção” entre os

³⁶ Os dados assinalados por Lênin, referentes à Alemanha do início do século XX, foram os indicadores da concentração (Lênin, 2000, p. 30).

bancos da época, em um número que variava entre 3 a 6 na França e 6 a 8 na Alemanha³⁷.

Conforme Lênin (2000, p. 31-32), “a última palavra no desenvolvimento dos bancos é o monopólio”, agora com um novo papel relacionado à indústria, pela frequência de operações bancárias e a reunião em seu poder de capitais do setor, o que propiciaria aos bancos o conhecimento detalhado da situação do capitalista e resultaria em maior dependência do industrial, além do progressivo aumento “da união pessoal dos bancos com as maiores empresas industriais e comerciais”. Também possibilitaria a fusão através da “posse das ações, (...) a participação dos diretores dos bancos nos conselhos de supervisão”, de forma que, por exemplo, os seis maiores bancos de Berlim tinham representações (através de seus diretores) em um total de 751 sociedades de diversos ramos, como nas companhias de seguros, restaurantes, teatros, indústrias de objetos artísticos, etc.. Esses mesmos bancos possuíam, em 1910, em seus conselhos de administração, a participação de 51 grandes industriais, entre eles o diretor da Krupp, da companhia de navegação Hapag. Tais participações também acolhem a de membros do governo ou do parlamento, completando, assim, a união dos bancos com a indústria e o Estado. A partir destas, aperfeiçoam-se os grandes monopólios capitalistas, inclusive através da especialização dos dirigentes dos bancos em função da complexidade das suas novas relações com os diversos e diferentes ramos da indústria, ou com relações estabelecidas em um âmbito mais geral. A exemplo disto, quando um diretor responsabiliza-se pelas indústrias da parte mais industrializada do país, outro se responsabiliza com as indústrias do setor elétrico, e assim por diante. Surge uma divisão do trabalho em função da maior complexidade oriunda do novo papel dos bancos – “acima dos negócios puramente bancários” – na busca de uma competência maior – para lidar com os “problemas gerais da indústria” ou com “os problemas especiais dos seus diversos ramos” –, a fim de preparar seus funcionários em determinada esfera de influência do banco em relação ao setor industrial em que opera.

³⁷ “Mas, pelo seu conteúdo, essa distribuição dos meios de produção não é de modo algum ‘geral’, mas privada, isto é, conforme os interesses do grande capital, e em primeiro lugar do maior, do capital monopolista, que atua em condições tais que a massa da população passa fome e em que todo o desenvolvimento da agricultura se atrasa irremediavelmente em relação à indústria, uma parte da qual, a ‘indústria pesada’, recebe um tributo de todos os restantes ramos industriais.” (Lênin, 2000, p. 28-29).

Na França, Lênin (2000, p. 33-36) observou similaridade no sistema, onde a diferença ocorre (engenheiros, estatísticos, economistas trabalhando na mesma seção) ou especialistas divididos por setores conforme as áreas de atuação das diversas companhias. O resultado desse processo é uma junção maior entre capital bancário e industrial, com uma preponderância do primeiro sobre o segundo, o que ilustraria, no século XX, a passagem “do velho capitalismo para o novo, da dominação do capital em geral para a dominação do capital financeiro”. Afirma que seria incompleta a definição de capital financeiro de Hilferding³⁸, por não indicar que “o aumento da concentração da produção e do capital” leva ao monopólio, porém considera que a análise de Hilferding “sublinha o papel dos monopólios capitalistas”. Assim é que, para Lênin “concentração da produção; monopólios que resultam da mesma; fusão ou junção dos bancos com a indústria: tal é a história do aparecimento do capital financeiro e daquilo que este conceito encerra”.

Conforme Bukharin (1988, p. 17-18) a questão da definição econômica e do futuro do imperialismo é uma questão de análise “das tendências de evolução da economia mundial e das prováveis modificações de sua estrutura interna”.

Bukharin (1988, p. 57), ao considerar a economia mundial como uma rede imensa, “tecida de um emaranhado de laços econômicos os mais diversos, baseados nas relações de produção encaradas em sua amplitude mundial”, parece antecipar e decifrar parte do processo atualmente denominado por “globalização”, sem ignorar, com tal afirmação, a complexidade crescente das relações comerciais internacionais e a elevação da composição orgânica do capital, com o incremento de novas técnicas e da ciência, surgimento da informática e desenvolvimento das telecomunicações, entre outros.

Bukharin (1988, p. 103) analisa o imperialismo enquanto “a política do capital financeiro” e ressalta o fato de que esta política reveste-se, na verdade, por um “caráter de conquista” e pelo que, nas suas palavras, seria a característica do imperialismo, enquanto “valor historicamente definido”, de constituir-se em uma “política de rapina do capital financeiro”. O autor examina a concorrência capitalista “na época do capital financeiro”, a partir da idéia da concentração e centralização do capital (p. 107-108).

³⁸ “Capital financeiro é o capital que se encontra à disposição dos bancos e que os industriais utilizam” (Hilferding, *O Capital Financeiro*, 1985).

Mamigonian (2004, v. II, p. 145) ressalta que tanto Bukharin quanto Lênin, ao escreverem sobre o imperialismo “conheciam a referência de F. Engels à chamada grande depressão do final do século XIX, mas não tinham conhecimento da existência dos ciclos longos, descobertos por Kondratieff na década de 20”, mas isso “não impediu que suas análises permanecessem mais profundas do que daqueles historiadores que entraram em contato posteriormente com tal idéia.”

I. 2. 2. Alfred Chandler: a importância das grandes empresas

Alfred Chandler é referência importante para o estudo das grandes empresas. Ele comparou o desenvolvimento de grandes empresas na Inglaterra, Alemanha e nos EUA, desde o final do século XIX, analisando a história e as causas da expansão dos empreendimentos e seu papel para o crescimento econômico. Para Chandler, “a *maior* inovação na economia norte-americana entre a década de 1880 e o início do século XX foi a criação da grande empresa na indústria norte-americana”, pois:

O advento da grande empresa verticalmente integrada não mudou apenas as práticas dos industriais norte-americanos e das suas indústrias. Já aludimos aqui aos efeitos sobre os comerciantes, sobretudo atacadistas, e sobre os financistas, especialmente banqueiros de investimentos. (...) a maior inovação na economia norte-americana entre a década de 1880 e a virada do século foi a criação da grande empresa na indústria norte americana. Essa inovação, como tentei mostrar, foi uma resposta ao crescimento do mercado nacional cada vez mais urbano que resultou da construção de uma rede ferroviária nacional – a força dinâmica da economia nas duas décadas e meia anteriores a 1880. (CHANDLER, 1998, p.64- 66).

Ao alcançar o grau de investimento necessário na produção e distribuição, e com a intenção de explorar as economias de escala e de escopo, Chandler aponta quatro maneiras para a empresa crescer: 1) por associação horizontal; 2) por integração vertical; 3) através da expansão geográfica; e, 4) pelo emprego das tecnologias ou dos mercados das empresas para criar novos produtos. As duas primeiras maneiras são estratégias geralmente defensivas, uma forma de proteger os investimentos já realizados. Nas outras duas formas de crescimento, com os investimentos e com a capacidade organizacional anteriormente existente, as empresas aproveitavam para introduzir-se em novos mercados e em novas atividades (CHANDLER, 1998, p. 330-331).

As fusões aconteceriam, em muitos casos, para permitir o controle eficaz da produção, do preço e dos mercados, pois somente ocorreria aumento da produtividade na associação horizontal quando, nas empresas adquiridas ou incorporadas, se estabelecesse o controle administrativo centralizado, e se racionalizasse o quadro de pessoal e as instalações para a obtenção de economias de escala e de escopo. No caso da expansão vertical, através da aquisição de empresas no interior da cadeia de produção as razões seriam mais complexas, pois para ampliar a produção, diminuir custos, aumentar a produtividade e aumentar os ganhos em processos adicionais as empresas deveriam estar unidas por sistemas de transporte, pois se tornaria inviável o aumento da produção quando unidades de processos afins estivessem geograficamente separadas – como ocorre na fabricação de químicos, metais e máquinas. Em tais investimentos, o motivo para a expansão vertical seria defensivo, mas não como na associação horizontal, cuja finalidade poderia ser privar os concorrentes de suprimentos ou garantir o fornecimento constante de materiais com a finalidade de “manter as vantagens de custos em função da escala e do escopo” (*idem*, p. 331).

As associações, defensivas ou estratégicas, realizavam-se em resposta a “situações históricas específicas que variavam de uma época para outra, de um país para outro, de uma indústria para outra e até mesmo de uma empresa para outra”. (CHANDLER, 1998, p. 332).

Estratégias de expansão geográfica, determinantes para o desenvolvimento contínuo da moderna empresa industrial, foram realizadas a partir da exploração de vantagens competitivas em mercados distantes³⁹, durante a primeira metade do século XX. A evolução das estratégias de expansão geográfica e de diversificação de produtos, para utilizar a “capacidade organizacional gerada pela concorrência funcional” foi o que permitiu a neutralização da “inércia burocrática inerente a toda organização hierárquica de grande porte.” Além dos incentivos que “levavam ao investimento direto no exterior”, também as tarifas e outras medidas que aumentavam os custos dos bens exportados e motivavam a construção de fábricas no exterior, até mesmo para conter a concorrência, “explorar um mercado potencial”, ou variar a produção para atender necessidades locais. Para tanto, esse

³⁹ “A diversificação de produtos decorria da possibilidade de usar de maneira mais lucrativa as instalações e o pessoal empregados na produção, na comercialização e nas atividades de pesquisa, visando igualmente explorar as vantagens competitivas.” (Chandler, 1998, p. 332).

investimento realizava-se partindo do princípio que a empresa detivesse “vantagem competitiva sobre os produtores locais”.⁴⁰

A expansão da grande empresa integrada podia se dar tanto no exterior como em casa, “por motivos defensivos” com o objetivo de assegurar fontes de matérias primas para as suas fábricas, no próprio país ou, posteriormente, no exterior, mas principalmente quando esses suprimentos não existissem no país de origem e quando os empresários locais não explorassem o recurso, “como era o caso do investimento direto em campos petrolíferos, minas ou seringais”. Contudo, a maior razão para investir no exterior, resultava da possibilidade de a empresa ampliar a sua participação nos outros países e assim poder reduzir seus custos de produção e de vendas nesses mercados (CHANDLER, 1998, p. 333-334).

Afinal, era por isso que “a maioria das empresas tornava-se multinacional, montando fábricas para produzir sua linha básica em economias adiantadas e não em desenvolvimento, pois os melhores mercados estavam nas economias de maior porte e com renda *per capita* elevada. Por isso, também, só se investia em fábrica no exterior depois de investir na comercialização.” (CHANDLER, 1998, p. 334).

I. 2. 3. Ignácio Rangel: a dualidade da economia brasileira e os ciclos de Kondratieff

É importante ressaltar a importância da contribuição teórica de Ignácio Rangel no desenvolvimento do tema em estudo, considerando sua abordagem da dualidade da economia brasileira e a teoria dos ciclos de Kondratieff, base de suas considerações.

No esquema de análise da dualidade, Rangel (1998, p. 139) mostra a ocorrência de pólos internos e externos na economia brasileira. A cada pólo correspondiam dois lados: um interno e outro externo. Ao ser descoberto o Brasil, “o modo de produção característico da Europa era uma *dualidade*”, pois no interior “de uma sociedade feudal, haviam-se desenvolvido fulcros de capitalismo”. No caso, tratava-se do capitalismo mercantil.

A mesma polarização formou e configurou o desenvolvimento brasileiro, com a diferença de que o pólo externo europeu, na época do *descobrimento*, constituía o lado mais atrasado da economia que entrava em contato com o Brasil. O pólo

⁴⁰ Chandler, 1998, p. 332-333.

interno europeu – o capitalismo então nascente – era o lado interno da dualidade, que nas palavras do autor “forcejava por romper a carapaça medieval”. Portanto, a dualidade que entrava em contato com seu lado mais atrasado, “era o feudalismo (...) pelo lado através do qual ele entraria em contato com uma humanidade, não apenas em regime pré-capitalista como, pelo menos, no caso brasileiro, ainda pré-escravista. (RANGEL, 1998, p. 139). Assim, em sua concepção:

Ao entrar em contato com o vasto universo subdesenvolvido – ou melhor, *pré-desenvolvido* –, a Europa o fez pelo seu lado externo, comunicando-lhe sua natureza feudal, tanto pelo seu aspecto econômico como pelo seu aspecto jurídico. Por outras palavras, a Europa tudo fez para enquadrar a América numa carapaça feudal e o marco mais em vista desse esforço seria o Tratado de Tordesilhas, o qual, ao mesmo tempo em que dividia o continente americano entre as coroas de Espanha e Portugal, estatuiu que todas as nossas terras pertenciam ao rei – um ou outro, pouco importava, do nosso ponto de vista. E, mesmo quando outros soberanos europeus – como Francisco I da França, que queria ver a cláusula do testamento de Adão, legando o mundo à Espanha e Portugal – puseram em dúvida a validade de Tordesilhas, foi para reclamar sua parte no espólio, não para discutir a validade do instituto que fazia de nossas terras, ainda por descobrir, propriedade de um soberano europeu qualquer e que, para nós, significava que se firmava um dos princípios sobre os quais se ergue o edifício do Direito Feudal – “all land is king’s land”, isto é, toda terra pertence ao rei (Rangel, 1998, p. 139).

Além da análise da dualidade, Rangel considera os ciclos econômicos de longo prazo, denominados ciclos de Kondratieff, a seguir discriminados:⁴¹

Primeiro ciclo longo:	Fase A: 1790-1815 Fase B: 1815-1847
Segundo ciclo longo:	Fase A: 1847-1873 Fase B: 1873-1896
Terceiro ciclo longo:	Fase A: 1896-1920 Fase B: 1920-1948
Quarto ciclo longo:	Fase A: 1948-1973 Fase B: 1973-?

N. Kondratieff, com base nos dados econômicos de sua época, traçou os dois primeiros ciclos, e os seguintes, após seu desaparecimento, foram analisados posteriormente e as datações apresentadas por Rangel (2005, p. 262). Assim, no enquadramento teórico de Rangel (2005, pp. 263-287), a relação existente “entre as vicissitudes de nossa história nacional e os ciclos” seria sugestiva, pois

⁴¹ Rangel, 2005, p. 262, Vol. 2.

na fase B do primeiro Kondratieff, tivemos a Independência; a fase B do segundo deu-nos a Abolição-República; quanto à Revolução de 1930, que enquadraria institucionalmente a industrialização, foi, segundo todas as aparências, um incidente da fase B do terceiro Kondratieff (Rangel, 2005, p. 263).

A obra de Ignácio Rangel (2005) é fundamental para a compreensão do processo de transformação social relacionado ao crescimento do País e ao movimento contraditório e desigual do desenvolvimento econômico, pois

Não é fácil e pacífica a caracterização do processo do desenvolvimento econômico. Trata-se como em todo fato histórico, de processo extremamente complexo, ao longo do qual tudo **muda** na vida social: a distribuição da população, as condições de trabalho e produção, a distribuição da riqueza social e seu modo de apropriação, a quantidade e qualidade do capital necessário ao processo produtivo, a técnica da produção. Paralelamente, **muda** também a cultura, isto é, a idéia que o homem faz de si mesmo e do mundo em que vive (Rangel, 2005, p. 133, Vol. 1).

A genuína elaboração teórica de Ignácio Rangel é descrita por Ricardo Bielschowsky (1996, p. 242-243), no quadro “As correntes básicas do pensamento econômico brasileiro – meados dos anos 50 a início dos 60”, como *pensamento independente*, distinguindo-a das outras correntes – da corrente *neoliberal*, da corrente *desenvolvimentista* (*setor público não nacionalista, setor privado e setor público nacionalista*), e mesmo da corrente *socialista*, no âmbito das “grandes correntes”.

O pensamento de Ignácio Rangel não “cabe” nas correntes de R. Bielschowsky e precisa ser posto à parte, pela independência de seu pensamento, por seu forte espírito nacionalista, postura desenvolvimentista e socialista.

Para Mamigonian (1998, p. 136), “Rangel não sofreu a ‘angústia da influência’, que inferniza hoje em dia tantos anões intelectuais preocupados antes de tudo com a autopromoção. Para construir o edifício luminoso de suas idéias, Rangel apelou para gênios como Marx e Lênin, grandes economistas como Keynes e Schumpeter, bem como dialogou com parceiros como Jesus Soares Pereira, Juvenal Osório Gomes, Jorge Ahumada, Domar Campos e outros, todos devidamente reconhecidos”.

I. 2. 4. Geografia e formação sócio-espacial

Pode ser que a trajetória do geógrafo Milton Santos seja diferente da trajetória de alguns de seus contemporâneos pela vivência de seu exílio político, estudando, lecionando e pesquisando em países europeus, africanos, latino-americanos, etc..⁴² Além da vivência no exílio e de sua produção teórica, Milton Santos também foi reconhecido internacionalmente quando recebeu o Prêmio Vautrin Ludd, na França, em 1994.⁴³

Para Mamigonian (2004, p. 1) foi após o recebimento desse prêmio, “destinado a homenagear os grandes nomes da geografia mundial”, que “Milton Santos se tornou uma unanimidade para as diversas correntes que compõem a geografia humana brasileira”.⁴⁴

Por constituir a categoria “mais adequada para auxiliar na formação de uma teoria válida do espaço”⁴⁵, Milton Santos desenvolveu a categoria de formação econômica e social, em seu texto publicado primeiramente na Revista Antipode.⁴⁶ Nas palavras de Mamigonian (2004, p. 241) este é “o mais importante texto teórico de Milton Santos”, mas que não teve a merecida acolhida, tanto em *The best of Antipode* como no *Geografias Pós-Modernas*, de E. Soja. Ao mesmo tempo, teria sido pequena a repercussão do trabalho nos maiores centros de pesquisa geográficos brasileiros (USP e UFRJ).⁴⁷

Parecendo antever o que seria debatido como “globalização”, em seu livro *Por uma geografia nova*, Milton Santos afirma:

O mundo mundializado aí está sob nossos olhos, como um fato, embora mascarado pelas próprias condições em que foi

⁴² “A partir de 1964, exilado, M. Santos além de lecionar passou a estudar intensamente nas bibliotecas de Toulouse, Bordeaux e Paris a produção geográfica francesa e internacional, passando a enxergar de maneira crítica o que se fazia então.” MAMIGONIAN, A. “Milton Santos e a geografia contemporânea”. Mimeo., s/d, p. 4.

⁴³ MAMIGONIAN, A. “Milton Santos e a geração dos geógrafos dos anos 50.” In: _____. **Estudos de geografia econômica e de pensamento geográfico**. 264 pags. Tese (Livre docência). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 2004, pp. 220-227 e MAMIGONIAN, A. “Milton Santos: sartreano e terceiro mundista”. In: SILVA, M. A. da (Org.) **10 anos sem Milton Santos**. Salvador: Alba, 2011, p. 68.

⁴⁴ MAMIGONIAN, A. “Milton Santos e a geografia contemporânea”. Mimeografado, s/d, p. 1

⁴⁵ SANTOS, M. “Sociedade e Espaço: a Formação Social como teoria e método”, **Boletim Paulista de Geografia**, junho/1977, nº 54, Associação dos Geógrafos Brasileiros.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ MAMIGONIAN, A. “A Geografia e a ‘Formação Social como teoria e como método’”. In: _____. **Estudos de geografia econômica e de pensamento geográfico**. 264 pags. Tese (Livre docência). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 2004, pp. 241-249.

gerado: quando a economia se baseia na insensatez, a ordem social apenas se mantém porque a ideologia se intromete; e a ordem política fica obrigada a se confundir, e isto ao infinito, com as demais instâncias de vida. O mundo 'mundial' se apresenta aos seus observadores, que são também seus personagens, como algo de incompletamente compreensível, ao menos para os indivíduos mais desarmados, que são a maioria (SANTOS, 1978, pp. 191-192).

O debate sobre a globalização dominou tanto a academia como os meios de comunicação, e o próprio Milton parece a ele ter sucumbido. Entretanto, em determinada oportunidade “Milton (...) reconheceu que se tratava de imperialismo e escreveu artigo em que definiu a globalização como ‘etapa suprema do imperialismo’”.⁴⁸

É no debate sobre globalização que se percebe a radical diferença entre uma geografia combativa produzida na periferia e outra colonizada produzida no centro do sistema e para servir aos seus interesses. Em Milton há um combate radical ao imperialismo, sendo a globalização a sua etapa suprema, tão diferente da visão açucarada de D. Harvey (*Condição pós-moderna*), que nega a existência das relações centro-periferia. Milton teve a coragem de apontar a China e a Índia como países inseridos de forma ativa e não passiva na chamada globalização e afirmou que “não é verdade que a China esteja se tornando capitalista, podendo se utilizar do capital sem ser capitalista” (Mamigonian, 2004, p. 240).

Conforme Mamigonian (2004, p. 239), Milton Santos realizou a maior aproximação entre geografia humana e marxismo, ao escrever o livro *Por uma geografia nova* (1978). Junto com *A natureza do espaço* (1996) seriam os dois “livros mais importantes sobre a teoria da geografia”:

É difícil dizer qual deles terá maior efeito sobre a produção das pesquisas na ciência geográfica. Tivemos oportunidade de apontar a importância excepcional do núcleo do pensamento de Milton em *Por uma geografia nova*, destacando a descoberta do paradigma de formação sócio-espacial como básica para a Geografia Humana. (MAMIGONIAN, 2004, p. 239).

⁴⁸ “M. Santos, diferentemente dos ex-terceiro-mundistas do centro do sistema (Y. Lacoste e outros), sempre foi muito firme nas suas opiniões, defendendo até o fim o papel progressista que a URSS havia desempenhado, o papel positivo que a China e a Índia começavam a desempenhar, mantendo intacta sua convicção socialista, contra a poderosa onda neoliberal então vigente”. MAMIGONIAN, A. “Milton Santos: sartreano e terceiro mundista”. In: SILVA, M. A. da (Org.) **10 anos sem Milton Santos**. Salvador: Alba, 2011, pp. 72-73.

Ao mesmo tempo, para Mamigonian (2004, p. 239), a importância do livro *A Natureza do espaço* não se caracterizaria por ser “uma simples continuação de *Por uma geografia nova*”, mas “por incorporar a idéia de revolução científica e tecnológica da sociologia soviética (P. Fedoseyev, R. Richta) (...) como também por afastar os conceitos de forças produtivas e relações de produção” pois, finalmente, “é como se Milton tivesse preferido a idéia de território à idéia de formação social, visando resolver a falta de estudos teóricos sobre o espaço.” Entretanto, conforme Mamigonian (2004, p. 240): “cabe-nos perguntar se elas não são idéias que se completam”.

I. 2. 5. Notas sobre as fusões e aquisições do período

É importante refletir sobre os efeitos da liberdade propiciada ao capital, totalmente à vontade para mover-se pelo território, sem qualquer obstáculo e muitas vezes sendo beneficiado com diversos tipos de isenções ou incentivos (guerra fiscal, por exemplo). Diante do incremento da participação do capital estrangeiro em diversos setores, através de F&A de empresas, pode ser pensado para o caso brasileiro:

A perda do controle nacional sobre as empresas e bancos desarticulou os mecanismos de governança e de coordenação estratégica da economia brasileira. O setor produtivo estatal – num país periférico e de industrialização tardia – funcionava como um provedor de externalidades positivas para o setor privado. O neoliberalismo à brasileira deixou escapar a oportunidade oferecida pelas privatizações para criar grupos nacionais – privados e públicos – dotados de poder financeiro, de capacidade competitiva nos mercados mundiais e comprometidos formalmente com as metas de desenvolvimento do país e com a geração de moeda forte. (BELLUZO, in: CARNEIRO, 2002, p. 22).

Não se trata, entretanto, da simples defesa de um “nacionalismo” tosco, tão criticado ultimamente pela maioria dos meios de comunicação: quando se fala em “nacional”, a menção direta refere-se à afirmação ou defesa dos interesses do país, sejam tais interesses da esfera econômica, política, comercial ou outros. São evidentes os sinais de defesa dos interesses de outros países capitalistas, seja através de subsídios ou de incentivos às F&A internas, em detrimento da participação de capitais estrangeiros. Não é o que normalmente ocorre e tem ocorrido no Brasil: na maior parte dos casos, os entes econômicos têm comemorado

todos os movimentos de ampliação da parcela do capital estrangeiro na geografia econômica do país.⁴⁹

De acordo com Belluzzo, a concorrência em mercados industriais contém “características que não guardam nenhuma semelhança com as superstições dos fanáticos da globalização”.⁵⁰

Carneiro (2002, p. 40), critica o processo de privatização realizado no país nos anos 90, por ter suprimido da economia “um de seus principais elementos de coordenação”, a saber:

O investimento do setor produtivo estatal em conjunto com o gasto público tradicional operava como indutor do gasto privado, vale dizer, com investimento autônomo diante das condições correntes da demanda agregada. A privatização de vários desses segmentos mudou a natureza das suas decisões de investimento, que passaram a se pautar por critérios privados, induzidos pelo comportamento da demanda. A perda de dinamismo do crescimento daí resultante foi inevitável. (CARNEIRO, 2002, p. 40).

Para esse autor, a orientação geral da política econômica anticíclica orientada pelo Estado brasileiro “não se ateve exclusivamente aos gastos em infra-estrutura e a setores produtores de insumos básicos”, pois

Após 1976, com a desaceleração dos investimentos, ela se atrela de forma mais incisiva a uma política de sustentação de setores prioritários, como energia, agricultura e exportação, por meio de linhas de crédito subsidiadas, isenções fiscais e subsídios diretos (CARNEIRO, 2002, p. 101).

Nessa explicação ampara-se o crescimento dos segmentos em estudo, apoiados pelo sistema creditício, subsídios, isenções e apoio à exportação.

Gonçalves (1999; 2000), Miranda & Martins (2000), Ferraz & Iotto (2000) e Bonelli (2000), assinalam a importância e o crescimento das transações envolvendo F&A de empresas ocorridas no Brasil e também em outras regiões, a partir da década de 1990.

⁴⁹ Assim é que, para Belluzzo, “Quem prescinde de grupos nacionais fortes – portanto de uma estratégia de integração realmente competitiva – será simplesmente tragado pelo movimento internacional de fusões e aquisições.” (Belluzzo, “Prefácio”, in: CARNEIRO, R., 2002, p. 22).

⁵⁰ Pois “Até mesmo os estudiosos mais conservadores reconhecem a existência de economias de escala e de escopo, economias externas, estratégias de ocupação e diversificação dos mercados, conglomeração e acordos de cooperação. Nesse jogo só entra quem tem cacife tecnológico, poder financeiro e amparo político dos Estados Nacionais.” (Belluzzo, “Prefácio”, in: CARNEIRO, R., 2002, p. 23)

Gonçalves (1999, p. 12; 2000, p. 79) aponta as correlações entre a “globalização”, a centralização do capital e a desnacionalização da economia brasileira, principalmente através do aumento de investimentos externos diretos e nas F&A realizadas no Brasil.

Bonelli (2000, p. 65) ocupa-se das F&A no âmbito do MERCOSUL, onde observa as estratégias das empresas transnacionais. Indica que existe relação entre os processos de abertura, integração e estabilização econômica ocorridos na América Latina com o recente movimento das F&A.

Rodrigues (1999, p. 5) compara o aumento dos ingressos de investimento direto estrangeiro (de US\$ 397 milhões em 1993, para US\$ 1,9 bilhão em 1994, US\$ 9,4 bilhões em 1996 e US\$ 17 bilhões em 1997) com estimativas da SOBEET que mostram o crescimento do Brasil, “na ponta vendedora”, em relação ao volume de transações internacionais, da seguinte ordem: de US\$ 1,3 bilhão em 1994, US\$ 2,1 bilhões em 1995 e US\$ 4 bilhões em 1996 (p. 5). Isso teria determinado o aumento da participação das empresas estrangeiras, no início dos anos 1990, nas F&A nos setores de autopeças e alimentos/bebidas.

Lodi (1999, p. 25) refere-se ao “cenário brasileiro” das F&A, apresentando as biografias de algumas empresas familiares, tanto internacionais quanto nacionais.

Gonçalves (2000, p. 79), entende que o Brasil sempre se caracterizou por possuir “uma das economias mais abertas do mundo”, assim como ocorrera sempre uma inserção passiva do país na economia internacional, idéia que nos parece polêmica, pois parece retirar do processo histórico a dialética do desenvolvimento econômico e industrial do país, conforme analisado por Rangel (1999), através de seu conceito de dualidade da economia brasileira, em relação a um ciclo de desenvolvimento externo (Kondratieff) e um ciclo de desenvolvimento interno, de curta duração (Juglar). Esta é uma idéia importante para a plena compreensão do desenvolvimento econômico brasileiro. Entretanto, Gonçalves procura caracterizar definitivamente o Brasil da década de 1990, com a imposição da abertura econômica, que causou maior dependência de fluxos financeiros internacionais, crescimento do endividamento interno e externo, diminuição das taxas do PIB, aumento dos índices de desemprego, entre outras consequências do assim chamado processo de modernização econômica. A constatação mais eloquente, conforme Gonçalves refere-se ao “mais amplo e profundo processo de

desnacionalização da história econômica do país”. O autor afirma ter aumentado a participação de estrangeiros no valor bruto da produção, de 13,5% em 1995 para 24,6% em 1999, além do aumento da “participação estrangeira no valor das vendas das 550 maiores empresas”, de 33,3% em 1995 para 43,5% em 1998. Entre as 500 maiores empresas privadas no Brasil, 144 seriam estrangeiras em 1995, número que aumentou para 170 em 1997 e saltou para 209 em 1998. O autor afirma que teria ocorrido um verdadeiro “salto quântico” na desnacionalização da economia brasileira a partir de 1995. Mas não ocorreu apenas isso, pois também houve queda da “participação das empresas de capital privado nacional”, de 44% em 1994 para 39,4% em 1998, além da queda de “participação das empresas estatais de 24% em 1994 para 17,1% em 1998”, concluindo que o processo de desnacionalização seria “inusitado na história da economia brasileira”, com o enfraquecimento do capital nacional, acompanhado por concentração de capital onde os grupos estrangeiros passaram a ter maior importância relativa.

A entrada de capital estrangeiro encontra-se associada ao ambiente de instabilidade e crise econômica do País, com “aumento da vulnerabilidade externa, desemprego, degradação das contas públicas e taxas decrescentes e medíocres de investimento”, ainda conforme Gonçalves (2000, p. 81), que aponta quatro fatores para o aumento do capital estrangeiro no Brasil:

- Crescimento dos fluxos de investimento direto;
- F&A em escala global;
- Mudanças no aspecto regulatório (liberalização e desregulamentação), além das
- privatizações.

Assim, F&A não ocorreram isoladamente ou à margem de decisões e políticas dos governos, cujos pressupostos certamente não foram os mesmos em todos os lugares.

Gonçalves (2000, p. 82) distingue os diversos tipos de F&A, assinalando as principais definições, resumidas no quadro I. 2., apresentado a seguir:

Quadro I. 2: Tipologia e características das transações.

TIPOLOGIA DAS TRANSAÇÕES	CARACTERÍSTICAS
Fusão estatutária	Combinação entre duas empresas, causando o desaparecimento de uma delas
Fusão subsidiária	Junção entre duas empresas, onde uma torna-se a matriz e a outra, conseqüentemente torna-se a subsidiária
Fusão horizontal	Fusão entre dois competidores
Fusão vertical	Ocorre com empresa fornecedora
Conglomerado	Ocorre quando as empresas não possuem relação direta entre si
Consolidação	Junção entre duas ou mais empresas para a formação de uma nova empresa
Aquisição ou takeover	Envolve ação unilateral, sem negociação
Joint venture	Caracterizada pela criação de uma nova empresa, ou trata-se da realização de um acordo entre duas empresas, cada uma delas participando com ativos de sua propriedade

Fonte: Gonçalves, 2000, p. 82. Elaboração do autor.

A tendência de crescimento de IED está associada ao grande aumento das F&A em todo o mundo. O autor indica o crescimento do IED de um montante por volta de US\$ 329 bilhões, no ano de 1995, para US\$ 644 bilhões em 1998, da mesma forma que também houve aumento das F&A transfronteiriças, de US\$ 141 bilhões em 1995 para US\$ 411 bilhões no ano de 1998. Já no Brasil, no mesmo período, o crescimento das F&A também se revelou extremamente significativo, saltando de US\$ 1 bilhão (1995), para valores superiores a US\$ 21 bilhões (1998). Neste processo, as privatizações ocorridas no Brasil foram responsáveis por aproximadamente “25% do valor total do ingresso bruto de IED no período 1995-1999.” O autor conclui pela “inserção passiva do país na economia mundial”, representada pela desnacionalização e concentração de capital.

Gonçalves (2000, p.86), assinala diferenças entre o movimento de F&A ocorrido nos anos da década de 1980 e o posterior movimento dos anos 90. Na década de 80 a característica preponderante seria a das aquisições hostis, sem qualquer tipo de negociação entre as partes, a transação resultando de uma “ação unilateral por parte de um agente econômico”; já na década de 1990 as transações teriam sido caracterizadas por “orientação de natureza estratégica e de longo prazo”, cuja diferença principal refere-se ao pagamento dos negócios, realizados à vista nos anos 1980, enquanto nos anos 1990 foram realizados principalmente através de ações. Entretanto, no período recente, surgiram tentativas de aquisições hostis.

O movimento de F&A disseminou-se pela economia mundial e fariam parte do período de globalização da economia, “caracterizado pela aceleração dos fluxos internacionais de bens, serviços, tecnologia e capital” (Ferraz & Ito, 2000, p. 39), enquanto para Lacerda (1999, p. 8) o processo de globalização ainda não teria sido

suficientemente compreendido e conforme Batista Jr. (1997, p. 7) não seria mais que uma “falsa novidade”.

Ferraz e Iooty (2000, p. 39) consideram “indiscutível a importância econômica do processo de F&A em curso nas principais economias do planeta”, de forma que o crescimento desse processo foi “exponencial ao longo da última década”, ressaltando em suas análises a “aceleração dos fluxos internacionais de bens, serviços, tecnologia e capital”, além do “intenso processo de transformações tecnológicas e mudanças nos regimes nacionais de incentivos e regulação, na direção da liberalização econômica”. Em sua análise, as F&A resultariam de estratégias empresariais “que buscam impor padrões de inovação e consumo e explorar mercados com amplitude global, antecipando ou em resposta às mudanças no ambiente competitivo onde operam”, consistindo um tipo de empresa “que cresce além das fronteiras nacionais”.

Além de pioneiro nos estudos de fusões e aquisições, o artigo de J. C. Miranda e L. Martins apresenta metodologia para analisar os dados divulgados pelas empresas de consultoria em F&A, como KPMG e Securities Data, cujos dados foram utilizados pelos autores em seu artigo.

O próximo capítulo deste trabalho apresenta uma análise dos dados da KPMG.

CAPÍTULO II: PANORAMA DAS FUSÕES E AQUISIÇÕES NO BRASIL: 1992-2010

II. 1. INTRODUÇÃO

Em determinados momentos, as fusões e aquisições são intensificadas em um processo resultante do movimento de acumulação e expansão do capital relacionado às crises econômicas e busca pela ampliação da taxa de lucros.^{51 52}

A partir dos anos 1990, especificamente no caso brasileiro, as combinações de capital foram crescentes, motivadas pelas medidas econômicas adotadas na década, através de políticas que terminaram por implementar a abertura econômica, as privatizações e a intensificação do investimento estrangeiro e de seus efeitos em detrimento do capital nacional. Neste processo, uma parcela significativa dos empresários nacionais praticamente desapareceu ou migrou para outros setores de atuação. As medidas adotadas decorreram das recomendações no contexto do Consenso de Washington, para minimizar os efeitos da crise econômica.

Chesnais (1996, p. 63) analisando o crescimento do Investimento Externo Direto demonstra como ele superou “os investimentos criadores de novas capacidades” através das F&A nos países da tríade (EUA, Alemanha e Japão):

Em meados da década de 70, diversos tipos de incentivos e de restrições impulsionaram as empresas a optar por aquisições/fusões, num momento de farta disponibilidade e contando com novos instrumentos criados no contexto da globalização financeira (CHESNAIS, 1996, p. 64).

Enquanto entre os objetivos principais de uma aquisição/fusão consistiam

Em pegar uma parcela do mercado, especialmente quando acompanhada pela aquisição de marcas comerciais, de redes de distribuição e de clientes cativos. É bem compreensível que

⁵¹ “A fase final da evolução do monopólio do capital ocorre quando se formam combinações com o objetivo consciente de acabar com a concorrência. Essa fase só é atingida numa base relativamente alta de centralização que, reduzindo o número de empresas em determinado setor de produção, torna a concorrência cada vez mais severa e perigosa para os sobreviventes. A concorrência tende a se transformar numa luta mortal que não beneficia ninguém. Quando isso ocorre, o terreno para o movimento de combinação está preparado” (SWEEZY, 1962, p. 307).

⁵² “O enorme desenvolvimento da indústria, e o processo de concentração extremamente rápido da produção, em empresas cada vez mais importantes, constituem uma das características mais marcantes do capitalismo” (LÊNIN, 2000,p. 16).

– no duplo contexto de uma conjuntura econômica mundial marcada por muita incerteza e instabilidade, mesmo nos períodos de retomada, e de intensificação da concorrência, devido à abertura dos oligopólios nacionais e, ao mesmo tempo, ao reduzido crescimento da demanda em vários setores do mercado – as aquisições/fusões tenham se beneficiado de forte preferência (CHESNAIS, 1996, p. 64).

Para Chesnais (1996, p. 64), a partir do final da década de 1970, houve uma convergência “para detonar um grande movimento de investimento internacional cruzado, dominado pelas aquisições/fusões”. Com esse movimento e com o processo de concentração/centralização, foi inevitável sua amplificação e aceleração.

No conjunto da década de 1990, conforme Santos (2000, p.66), os “últimos anos do século XX foram emblemáticos, porque neles se realizaram grandes concentrações, grandes fusões, tanto na órbita da produção como na das finanças e da informação” (p. 46). As privatizações, para Santos (2000) seriam decorrentes de um “discurso” imposto para convencer a sociedade da necessidade de “haver menos Estado”, tendo por base “o fato de que os condutores da globalização” necessitariam “de um Estado flexível a seus interesses”. Em sua análise, as privatizações seriam o exemplo da extrema voracidade do capital, com crescentes exigências. Ao mesmo tempo, “a instalação desses capitais globalizados supõe que o território se adapte às suas necessidades de fluidez, investindo pesadamente para alterar a geografia das regiões escolhidas”.⁵³

Segundo Mamigonian, (2004, vol. II, p. 145):

A tendência das gigantescas fusões de hoje em dia assinalam a possibilidade do aparecimento dos primeiros cartéis globais, como nas previsões da existência provável de cinco ou seis grandes operadoras de telecomunicações em 2005-2010, ou de cinco ou seis grandes montadoras automobilísticas, etc. A “globalização” como ideologia que se vende e se impõe aos povos oprimidos é basicamente o projeto econômico-político americano de liderar o ultra-imperialismo futuro. E isto nos interessa?

⁵³ “De tal forma, o Estado acaba por ter menos recursos para tudo o que é social, sobretudo no caso das privatizações caricatas, como no modelo brasileiro, que financia as empresas estrangeiras candidatas à compra do capital social nacional. Não é que o Estado se ausente ou se torne menor. Ele apenas se omite quanto ao interesse das populações e se torna mais forte, mais ágil, mais presente, ao serviço da economia dominante” (SANTOS, 2000, p. 66).

As F&A foram consideradas enquanto parte do processo de “globalização”; assim, se a década de 1980, para alguns, ficou conhecida como a “*década perdida*”, a década de 1990, para outros, entraria para a história como a “*década prostituída*”⁵⁴, característica de uma “inserção passiva” do Brasil no conjunto da economia mundial, conforme expressão de Gonçalves (1999, p. 35).⁵⁵

Em outra oportunidade, Osiris Lopes Fº escreveu: “A *década prostituída*, a dos anos 90, foi de padecimento (...). As funções governamentais limitaram-se à formulação de políticas entreguistas e ineficazes, transformando o país em território propício à rapina, pelos capitais estrangeiros”.⁵⁶

II. 2. F&A NO BRASIL: PARTICIPAÇÃO ESTRANGEIRA E DESNACIONALIZAÇÃO

II. 2. 1. Os dados da KPMG Corporate Finance

Este capítulo procura analisar os dados de fusões e aquisições de empresas classificados pela KPMG, instituição de cunho privado que notabilizou-se, no Brasil, por pesquisar e divulgar os totais das transações, através de publicações trimestrais desde 1992. Por considerar que tais dados indicam possibilidades importantes de análise, nos dedicamos a esse exercício interpretativo.

Ao mesmo tempo, procura-se apresentar uma síntese geral das transações e de seus valores, com a intenção de cruzar os números da KPMG e os valores dos negócios, diante da inexistência de fontes periódicas, confiáveis e regulares dos montantes dessas transações. Para tanto, os dados foram pesquisados

⁵⁴ Em análise sobre os anos 1990, Paulo N. Batista Jr. afirma: “(...) para os interesses financeiros externos e internos, a década de 90 não foi nada perdida (...) O ex-secretário da Receita Federal, Osiris Lopes Fº, alinha-se àqueles que consideram a expressão “*década perdida*” inadequada para os anos 90. Para ele, o que tivemos foi uma “*década prostituída*” A expressão é violenta (...) mas não é de todo descabida. Nesses anos, venderam o país com grande afincio e entusiasmo. A desnacionalização avançou perigosamente. E as políticas macroeconômicas adotadas deixaram o Brasil à mercê do hospício em autogestão vulgarmente conhecido como ‘sistema financeiro internacional’”. (“A *década prostituída*”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 30/12/1999).

⁵⁵ Para Luciano Coutinho “Cinco anos de câmbio sobrevalorizado, juros proibitivos, abertura comercial gratuita e privatização sem estratégia produziram um movimento sem precedentes de desnacionalização e de encolhimento dos grupos econômicos nacionais (...) O Brasil, após marcar passo nos anos 80, retrocedeu nos 90. Enquanto isso, algumas economias asiáticas (notadamente a Coreia do Sul, mas também a China e Taiwan) **construíram grandes grupos econômicos – de porte e atuação globais** (grifo nosso), com crescente capacitação técnica na fronteira das tecnologias da informação e com afirmação de marcas mundiais.” (“Por que ‘multinacionais’ brasileiras?”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 27/02/2000).

⁵⁶ “Bode expiatório”. Disponível em <http://www2.correiodacidadania.com.br/ed332/economia2.htm> Acesso aos 03/02/2011.

exaustivamente em fontes secundárias, porém eles são parciais e algumas vezes discrepantes.⁵⁷

Inicialmente a KPMG divulgava os resultados de suas pesquisas através de periódicos impressos, e até 2010 era possível consultá-los no endereço eletrônico da empresa. Suas publicações apresentavam os totais dos negócios através do *ranking* setorial de transações, distinguidos entre “transações domésticas” e transações “cross-border” (ou “transfronteiriças”)⁵⁸. Os números da KPMG mostram a divisão geográfica dos negócios no Brasil e a participação dos países nas transações, mas não apresentam seus respectivos valores. Por esse motivo, procurou-se relacionar os dados da KPMG com os valores divulgados pela imprensa.

Como exemplo, apresenta-se na Tabela II. 1 a discriminação dos totais de transações realizadas no Brasil, no período 1992-2010, sendo 3.085 *transações domésticas* (45,48% do total) e 3.697 (54,51%) transações envolvendo o capital estrangeiro. Os dados da tabela mostram as transações domésticas e transfronteiriças no período abrangido. Percebe-se sua evolução e o maior percentual apresentado pelos negócios envolvendo capital estrangeiro.

De 1992 a 2003, a KPMG divide seus dados entre “transações domésticas” e “transfronteiriças”, entretanto, a partir de 2004 a pesquisa apresenta subdivisões dos diversos negócios transfronteiriços, incluindo a aquisição de empresas estrangeiras por brasileiras no exterior, refletindo a internacionalização.⁵⁹

Os dados apresentados na Tabela II.1, meramente quantitativos, expressam a qualidade e o tipo das transações realizadas e refletem as políticas de governo nos dois períodos: no primeiro, de abertura desenfreada e desregulamentação, ocorrem as maiores privatizações, quando as parcelas mais importantes do setor estatal são vendidas. É o período da privatização de diversos setores (siderúrgico, petroquímico, mineração, telecomunicações, entre outros); de privatização de empresas como a Vale do Rio Doce e do Sistema Telebrás, dos bancos estaduais, como o Banespa, o BEMGE e o Banerj; de desnacionalização do setor soja, com as aquisições da Ceval pela Bunge e do setor soja da Sadia pela ADM em

⁵⁷ Vale ressaltar que o próprio CADE utiliza os dados da KPMG para a elaboração de seus relatórios.

⁵⁸ Neste trabalho foi adotada a terminologia “transfronteiriça”, indicando transações envolvendo capital estrangeiro, no lugar de *cross-border* (CB).

⁵⁹ O detalhamento do período será apresentado no próximo tópico. Para as especificações dos tipos de transações transfronteiriças, ver Quadro II.3, à pág. 72

Rondonópolis (MT). É o período de venda de empresas privadas que participaram do processo de desenvolvimento nacional, como Metal Leve, Cofap, Arno, Brastemp, entre outras. É o período da associação entre Friboi e Bertin, através da BF Alimentos, no controle do Frigorífico Anglo, que terminou incorporado pelo Friboi.

Tabela II. 1: Total de Transações domésticas e transfronteiriças

PERÍODOS	ANO	TRANSAÇÕES DOMÉSTICAS		TRANSFRONTEIRIÇAS		TOTAL/ ANO	TOTAL/ PERÍODO
		Nº	%	Nº	%		
Collor-Itamar	1992	37	63,79	21	36,21	58	383
	1993	82	54,67	68	45,33	150	
	1994	81	46,29	94	53,71	175	
PSDB/FHC	1995	82	38,68	130	61,62	212	1263
	1996	161	49,09	167	50,91	328	
	1997	168	45,16	204	54,84	372	
	1998	130	37,04	221	62,96	351	
	1999	101	32,69	208	67,31	309	1229
	2000	123	34,85	230	65,15	353	
	2001	146	43,23	194	56,77	340	
	2002	143	65,99	84	34,01	227	
PT/LULA	2003	116	50,44	114	49,56	230	1365
	2004	100	34,95	199	65,05	299	
	2005	150	41,32	213	58,68	363	
	2006	183	38,69	290	61,31	473	
	2007	351	50,22	348	49,78	699	2542
	2008	379	56,86	284	43,14	663	
	2009	219	48,00	235	52,00	454	
	2010	333	45,86	393	54,14	724	
Total		3085	45,48	3697	54,51	6727	6782

Fonte: KPMG Corporate Finance, *Pesquisa de Fusões & Aquisições*, 1998, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009 e 2010. Elaboração do autor.

No período seguinte, ainda ocorrem algumas privatizações, como as de alguns bancos estaduais, quando os investimentos do Banco do Brasil foram importantes, por exemplo, na aquisição da Nossa Caixa, do governo de São Paulo. Nesse período, o papel das políticas de financiamento do governo – principalmente via BNDES -, contrasta e opõe os dois períodos.

A comparação entre os períodos PSDB/FHC e PT/LULA, deve considerar o processo de privatização, pois conforme o BNDES, de 1991 a 2002, as privatizações federais totalizaram US\$ 70,8 bilhões, enquanto as privatizações estaduais atraíram US\$ 34,7 bilhões.

Uma comparação simples, apenas numérica, entre os distintos períodos mostrados (vide Tabela II. 2), evidencia um percentual de transações transfronteiriças inferior à média total da Tabela II. 1: 53,15% no período 2003/10, frente a 57,44% no período 1994/02, e 54,51% de 1992 a 2010.

Considerando, portanto, o maior número de transações (3.907) do período 2003/10, diante do resultado anterior (2.667), infere-se que, ao menos em termos percentuais, a desnacionalização do segundo período (2003/10) foi menor que a do período 1994/02.

Tabela II. 2: Comparação entre os períodos 1994/2002 e 2003/2010

PERÍODOS	TRANSAÇÕES DOMÉSTICAS		TRANSFRONTEIRIÇAS		TOTAL
	Nº	%	Nº	%	
1994/02	1135	42,55	1532	57,44	2667
2003/10	1831	46,86	2076	53,15	3907

Fonte: KPMG Corporate Finance, *Pesquisa de Fusões & Aquisições*, 1998, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009 e 2010.

Elaboração do autor.

O Gráfico II. 1, elaborado com os dados contidos na Tabela II.1, representa a evolução dos totais de transações realizadas no Brasil, no período 1992-2010, considerando os dados da KPMG.

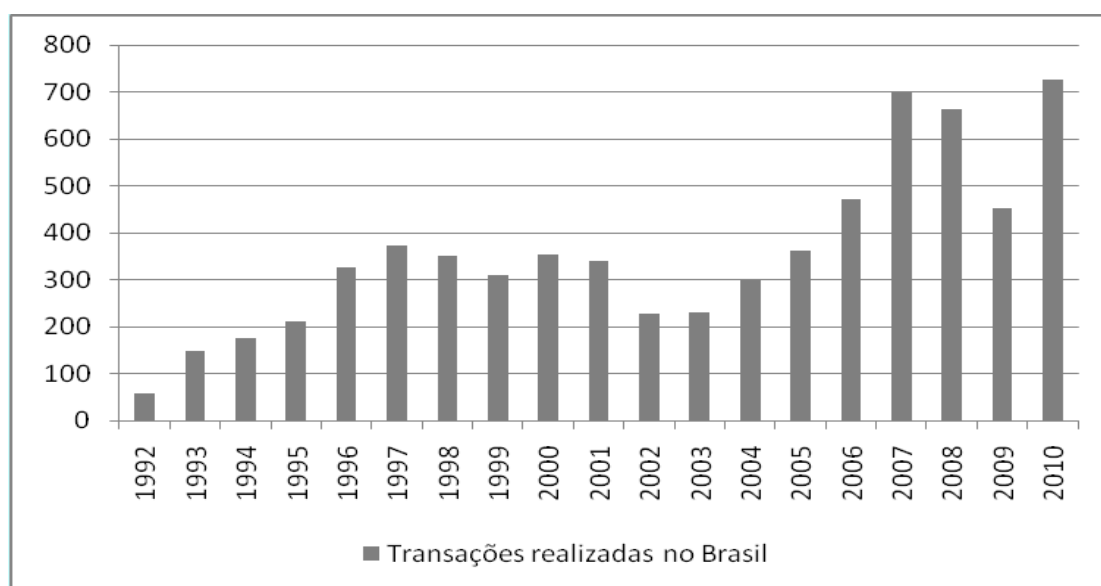


Gráfico II. 1: Transações realizadas no Brasil (1992-2010)

Fonte: KPMG Corporate Finance, publicações dos anos de 2000 a 2010.

Elaboração do autor.

Além da evolução anual de F&A, verifica-se ligeira diminuição dos negócios em 1998/99, atribuída à crise cambial. Em 2002/03, a queda ocorreu em função da expectativa pelo resultado eleitoral de 2002⁶⁰; os negócios diminuíram, no geral, e o percentual das transações domésticas foi maior. O ano de 2003 apresenta volume

⁶⁰ Ver Tabela II.1, pg. 53. Pode-se inferir que a retração representada pela coluna referente a 2002, seja no total de negócios como na diminuição da participação do capital estrangeiro deve-se ao processo eleitoral daquele ano, que levou ao poder um ex-operário e líder sindical.

semelhante de negócios, mas a partir de 2004 as transações tornam-se crescentes e ao contrário do período anterior, quando predominou o capital estrangeiro nas transações, os negócios com participação do capital doméstico são crescentes, inclusive com a internacionalização de diversas empresas e Grupos, como JBS-Friboi, Marfrig e Minerva, entre outros. A presença do capital nacional nas transações pode ser observado tanto na Tabela II. 1 como no Gráfico II. 2.

No biênio 2008/09, as consequências da crise econômica mundial atingiram as F&A no Brasil, com a posterior retomada dos negócios em 2010, quando ocorreu o maior número de F&A realizadas no País até então: 726.

Ressalte-se que, até então, o ano de 2007 havia registrado o maior número de fusões e aquisições desde 1992, o que ocorreu também no setor de alimentos e bebidas –, marcando um verdadeiro recorde de transações: o estudo da KPMG aponta a realização de 699 combinações no ano, número superado apenas em 2010.⁶¹

No Gráfico II. 2, mostrado a seguir, observa-se o movimento total de transações domésticas e transfronteiriças no referido período.

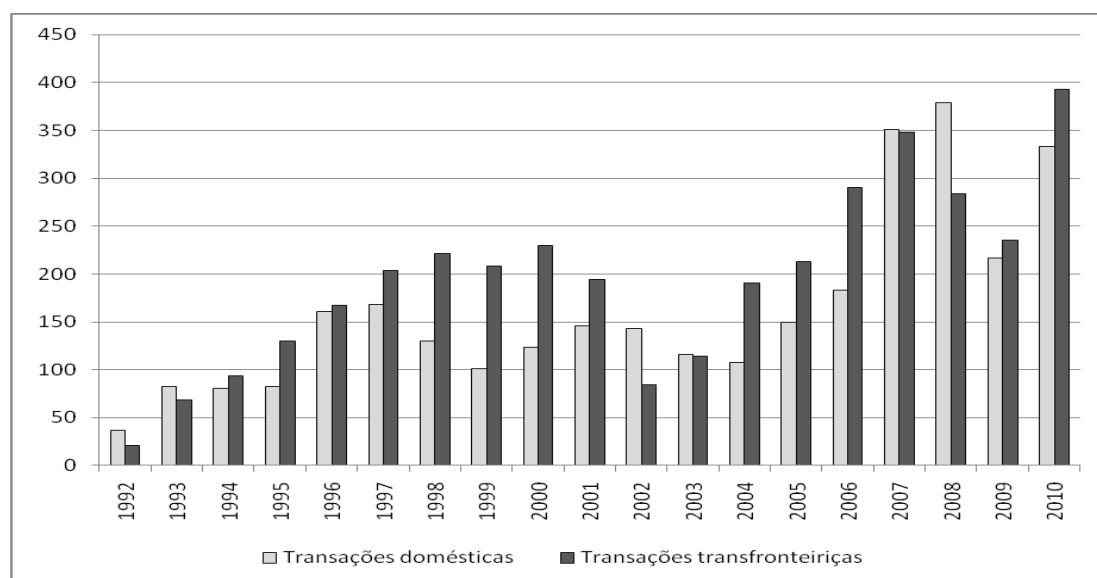


Gráfico II. 2: Transações domésticas e transfronteiriças realizadas no Brasil: 1992-2010

Fonte: KPMG Corporate Finance, publicações dos anos de 1999 a 2010.

Elaboração do autor.

⁶¹ NÚMERO de fusões bate recorde no país. Folha de S. Paulo, 05/12/2007. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi0512200710.htm> Acesso aos 05/12/2007.

II. 2. 2. O movimento dos anos 90

Para Lodi (1994, 1999) era crescente a tendência de fusões e aquisições decorrentes da estabilização econômica, e do “modismo das fusões” estimulado “pela publicidade dos intermediários interessados” como “bancos, firmas de auditoria, grandes consultorias, com os seus recentes departamentos de M&A”.⁶²

As fusões e aquisições atingiram US\$ 695 milhões em 1993, no Brasil, e totalizaram US\$ 1,1 bilhão já no primeiro semestre de 1994,⁶³ ano em que o Brasil encontrava-se na 18ª posição na classificação das aquisições internacionais.⁶⁴

O crescimento das transações internas podia ser comparado em relação à queda das transações internacionais, em valores, quando foram movimentados US\$ 102,8 bilhões em 1990, e US\$ 66,1 bilhões em 1993.⁶⁵

Essa redução nos negócios foi atribuída à recessão no centro do sistema (EUA e Europa) “que obrigou as corporações a limitar as operações ao mercado interno e redobrar atenções para estratégias de sobrevivência.” Ao mesmo tempo, em uma comparação com 1983 os totais de transações teriam quadruplicado, o que termina por evidenciar a centralização de capital então em curso.⁶⁶

Mais que simples “modismo”, o processo em andamento acirrava o movimento de acumulação de capital: em se tratando de fusões e aquisições, a partir de então os *recordes* associados a essas transações, tanto internos como externos, passariam a ser frequentemente quebrados.

As transações envolvendo capitais estrangeiros do início dos anos 90 teriam atingido US\$ 2,8 bilhões, ou 20,9% dos US\$ 13,4 bilhões de investimentos diretos recebidos pelo país no período 1990-1995⁶⁷, e passaram a US\$ 4 bilhões em 1996.

Para a Sobeet, o processo de privatização foi responsável pelo aumento do capital estrangeiro nas fusões e aquisições, e de acordo com a Unctad, as

⁶² Em inglês, *mergers e acquisitions* (fusões e aquisições). LODI, J. B. “Uma boa cisão é melhor do que a inércia”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 08/08/1994.

⁶³ É nesse sentido que a KPMG assume importância para a pesquisa, pois passa a divulgar os dados dos negócios realizados no Brasil a partir de 1992.

⁶⁴ Conforme estudo da Ernst & Young, divulgado pela imprensa. “País supera México em venda de empresas”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 03/11/1994.

⁶⁵ “País supera México em venda de empresas”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 03/11/1994.

⁶⁶ Conforme estudo da Ernst & Young. “País supera México em venda de empresas”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 03/11/1994.

⁶⁷ Os dados, fornecidos pela Sobeet, mencionam o trabalho “World Investment Report-96”, da Unctad. “Credibilidade do País cresceu, dizem empresários.” Folha de S. Paulo, Dinheiro, 03/01/1997.

aquisições estrangeiras nas privatizações atingiram US\$ 2,5 bilhões em 1996, valor superior ao total de fusões e aquisições realizadas no Brasil, em 1995, da ordem de US\$ 1,3 bilhão.⁶⁸

Como, à época, previa-se o fim da recessão que assolava o País, esperava-se o aumento das fusões e aquisições, e um volume transacionado superior ao da queda anterior.

No caso da participação estrangeira, as empresas européias lideravam as aquisições internacionais, seguidas pelas empresas norte-americanas.⁶⁹

Parece ter ocorrido, portanto, um claro processo de centralização de capital, com tendência de participação crescente do capital estrangeiro nos negócios: as porcentagens calculadas a partir dos dados da KPMG demonstram os processos de centralização e desnacionalização.

Bancos de investimento como Icatu, Garantia, Pactual e Morgan, controladores de parcela importante dos negócios, de simples “assessores” passaram a investidores minoritários e acabaram compondo fundos de investidores, determinando o ritmo das aquisições. Em 1993 eles participaram de negócios que movimentaram aproximadamente US\$ 10 bilhões.⁷⁰

Quadro II. 1: Empresas ligadas aos bancos, a seus sócios ou fundos de investimento

ICATU	Caraíba Metais, Agência DM9, Acesita (assessorou a privatização); Unimar (candidato à compra)
GARANTIA	Brahma; Lojas Americanas; Artex; Gessy Lever (assessorou a compra da Cica); Nestlé (assessorou a compra da Tostines); Natura (reestruturação)
PACTUAL	Benetton; Fiorucci; Overprint; Teba; Unimar (candidato à compra); Perdigão (candidato à compra); Varig (reestruturação); Fundação Tupi (reestruturação); Arisco (assessorou compra da Beira-Alta); Dreyfus (assessorou compra da Frutesp)
MORGAN	Latasa; Mappin; Banco de Montreal (assessorou venda para o CCF); Ipiranga (assessorou compra da Atlantic); Banco Itamaraty (associação para privatização de estatais); Perdigão (candidato à compra)

Fonte: Folha de S. Paulo, 23/05/1994. Elaboração do autor.

Dois negócios então pendentes – a venda da Perdigão e da rede de supermercados Unimar – encontravam-se relacionados aos bancos citados: Icatu e Pactual queriam o controle da Unimar; a Perdigão era disputada por Pactual e Morgan; o GPI (fundo de investimentos do Garantia) havia desistido da Unimar, mas o Banco Garantia permanecia como intermediador oficial da venda da Perdigão – de quem já recebera 3% das ações. A Artex, fabricante de tecidos de *roupa de cama*,

⁶⁸ “Fusões atraem estrangeiros”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 03/01/1997.

⁶⁹ “Em 1993, as compras das européias no exterior atingiram US\$ 33,2 bilhões, decorrência ainda da formação do bloco econômico regional.” (“Fusões atraem estrangeiros.” Folha de S. Paulo, Dinheiro, 03/01/1997).

⁷⁰ “Quatro bancos dominam compra e venda de empresas”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 23/05/1994.

mesa e banho, passou para o controle administrativo do banco Garantia – cujos sócios também controlavam a Brahma (depois fundida com a Antarctica, na AMBEV) e as Lojas Americanas, além de participar de outras negociações: em associação com as Lojas Americanas, preparavam-se para implantar a rede de lojas de departamentos Wal-Mart no Brasil, e negociavam a compra do Bob's (rede de *fast-food*) e das farmácias Drogasil.⁷¹

Foi assim que o grupo Bunge Brasil, proprietário da Sanbra, se uniu ao J.P.Morgan para disputar (sem conseguir) a compra da Perdigão. Anteriormente, o grupo realizou aquisições individualmente, sem assessoria de bancos ou consultorias, como no caso das aquisições da Petybon e da Sanbra.

No Quadro II. 2 são discriminados alguns negócios do início da década.

Quadro II. 2: Exemplos de alguns negócios realizados no Brasil em 1994

COMPRADOR	ALVO
Dresdner Bank Alemanha	Grupo Monteiro Aranha
Baxter World Trade Corp. EUA	Macchi Engenharia; Biomédica Ltda
J.P. Morgan EUA	Mappin
J.P. Morgan EUA	Casa Anglo Brasileira (Mesbla)
Cutler-Hammer (Eaton Corp.) EUA	Westinghouse
Yoplat (repr. capital estrangeiro) Vários	Cia. Pernambuco
Embotelladora Andina Chile	RJ Refrescos
Lenzing AG/Klabin Áustria/Brasil	Bacell S/A
Amberger Kaolinwerke GtnbH Alemanha	Rio Capim Caulim S/A
ITT Corporation EUA	Dynapac Comercial Ltda.
J.P. Morgan EUA	Banco Itamarati
De'Longhi Itália A.Senna Promoções	Reflex
EDS EUA	F.C. Consultoria
Ferrette Craft Itália	Spirit Yacht
Albarrie Canada Limited Canadá	Artenafex Artefatos Nacionais
Yuasa Corporation Japão	Microlite S/A
BSN - Danone França	Cia. Campineira
Brothers Industries Japão	Brother Interamericana
Wal Mart EUA	Lojas Americanas Brasil
Fellinvest Trust EUA	Vila Romana
Sandvik Suíça	Acesita Brasil

Fonte: Folha de S. Paulo, Dinheiro, 28/08/1994, sobre dados da KPMG. Elaboração do autor.

A oferta do Morgan para a aquisição da Perdigão foi vetada pelo Conselho de Administração da empresa, por entenderem “que a proposta do Morgan (...) não se constituía na melhor alternativa para as empresas Perdigão, seus funcionários e acionistas”. Terminaram aceitando oferta de uma associação de fundos de pensão

⁷¹ “Quatro bancos dominam compra e venda de empresas”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 23/05/1994.

liderado pelo Previ (Banco do Brasil) com o apoio dos representantes de acionistas minoritários, da Weg Motores e Continental Bank.⁷²

As transações aqui mencionadas exemplificam o crescimento das F&A realizadas no Brasil naquele momento, mas outras instituições financeiras também estavam se instalando no Brasil, como Merrill Lynch e Barings Securities, ou estavam se associando (caso do Salomon Brothers), pois de 1991 até junho de 1994 os investimentos estrangeiros nas bolsas brasileiras atingiram US\$ 10,4 bilhões. Tais instituições buscavam um mercado próspero para diversos tipos de negócios, mas os maiores interesses relacionavam-se às assessorias nas reestruturações empresariais, que em muitos casos terminavam em operações de fusão ou aquisição.⁷³

Estimava-se que o Merrill Lynch administrava recursos da ordem de US\$ 600 bilhões e ampliaria seus investimentos no Brasil, por conta do grande número de empresas e de seu PIB.

Salomon Brothers constituiu *joint venture* no Banco Patrimônio, em associação de US\$ 10 milhões (o capital da matriz era de US\$ 4 bilhões) para investir em F&A, além de finanças corporativas, administração de recursos, corretagem de títulos, etc.. O Morgan, cuja participação era expressiva no Brasil, principalmente em F&A, assessorou o Grupo Ipiranga na aquisição da Atlantic, por US\$ 290 milhões. Também assessorou as vendas da Kimberly Clark do Brasil para a Companhia Melhoramentos e a do Banco Montreal para o CCF.⁷⁴

Das aquisições realizadas pelo capital estrangeiro em 1996, todas creditadas à “estabilidade econômica”, são exemplos as aquisições da Dako (Campinas, SP) e da Celma (Petrópolis, RJ), pela norte-americana General Electric por US\$ 200 milhões.⁷⁵ Os investimentos estrangeiros entraram na construção de novas unidades mas principalmente na compra de empresas instaladas, como era o caso da Dako. As transações de 1996 cresceram 53% em relação a 1995, sendo que a maioria ocorreu nos setores de alimentos (38) e financeiro (31).⁷⁶ As empresas estrangeiras ficaram com metade das transações realizadas em 1996 (50,91%) enquanto essa

⁷² “Conselho de Perdigão veta comprador”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 02/08/1994.

⁷³ “Bancos estrangeiros ampliam operações”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 15/08/1994.

⁷⁴ “Bancos estrangeiros ampliam operações”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 15/08/1994.

⁷⁵ “Fusões atraem estrangeiros.” Folha de S. Paulo, Dinheiro, 03/01/1997.

⁷⁶ Conforme KPMG e “Por atacado” e “Alvos prioritários”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 02/02/1997.

participação atingiu 61,62% em 1995 e 53,71% em 1994. Ocorreu, portanto, um aumento considerável da participação do capital estrangeiro.⁷⁷

Por conta da ausência de políticas industriais e de um projeto nacional de desenvolvimento, além dos altos juros⁷⁸, dava-se como certa a *falência da empresa privada nacional*, diante do processo de globalização com participação crescente do capital estrangeiro nas transações. Não a totalidade delas, mas muitas das empresas nacionais, uma a uma, foram incorporadas, principalmente no setor de auto-peças e eletrodomésticos: Metal Leve, Arno, Cofap, Iochpe-Maxion, Lacta e tantas outras.

Conforme Batista Jr. (1997),

as elevadíssimas taxas de juro e as restrições ao crédito tiveram efeitos arrasadores sobre muitas firmas nacionais, especialmente as de menor porte, [com] menos acesso a crédito em moeda estrangeira. A forte valorização cambial, combinada com uma aceleração improvisada da abertura às importações, submeteu os produtores domésticos, de forma abrupta, a uma intensa competição externa, que acabou se revelando destrutiva para muitas empresas.⁷⁹

Para exemplificar, apenas no primeiro trimestre de 1997 foram realizadas 110 fusões, aquisições e *joint-ventures*, que alcançaram US\$ 2,7 bilhões, um aumento de 70% em relação ao mesmo período de 1996.⁸⁰

Em 1996, o Brasil posicionou-se em 5º lugar entre os principais receptores de investimentos de empresas transnacionais, saindo da 18ª posição de 1994 (14ª em 1995). Dentre os países em desenvolvimento, foi o segundo maior receptor de investimento estrangeiro, com US\$ 9,5 bilhões (a China recebeu US\$ 42,3 bilhões).⁸¹

A análise do aumento do capital estrangeiro é feita por Gonçalves (1999, p. 14), ao assinalar o aumento da desnacionalização da economia no período e dos fluxos de investimento externo e o avanço das empresas de capital estrangeiro como “inusitadas” a partir de 1995.⁸²

⁷⁷ “Cresce fatia do capital externo nas fusões.” Folha de S. Paulo, Dinheiro, 19/03/1997.

⁷⁸ “Processo pressiona empresa privada.” Folha de S. Paulo, Dinheiro, 09/04/1997.

⁷⁹ BATISTA Jr., Paulo N. “Desnacionalização da economia”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 21/08/1997.

⁸⁰ “À venda” e “Novo recorde”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 09/06/1997.

⁸¹ As informações são do “World Investment Report 1997”, da Unctad. “Brasil é o 5º no ranking de investimentos”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 20/09/1997.

⁸² “Há inúmeros outros riscos associados ao IDE (investimento direto estrangeiro). Aliás, em muitos casos é difícil estabelecer a fronteira entre o que é e o que não é investimento direto. Fluxos de IDE podem ser acompanhados de operações de “hedge” cambial, por exemplo. Nesse caso, o dinheiro de

Em um período de três anos (1996-98), o Brasil experimentou a penetração do capital estrangeiro no aparelho produtivo nacional como nunca antes em toda a sua história. Em 1995 o estoque de investimento externo no Brasil era de 43 bilhões de dólares, segundo o censo de capitais estrangeiros realizado pelo Banco Central do Brasil (Bacen, 1998), que envolveu 6.322 empresas com participação estrangeira, sendo que 4.902 empresas com participação majoritária estrangeira. Nos três anos seguintes, o fluxo líquido acumulado de IED foi da ordem de 45 bilhões de dólares, isto é, o estoque de IED dobrou em três anos. Esses números significam, na realidade, que a razão estoque de IED/PIB cresceu de 6,3% em 1993 para 11,2% em 1998, ou seja, *houve um aumento de 80% do grau de desnacionalização da economia brasileira no período 1995-98* (Reinaldo Gonçalves, 1999, pg. 14)

Dados sobre a América Latina, em 1996, indicavam o crescimento do investimento estrangeiro em comparação a 1995, quando o Brasil ficou à frente do México (em 2º), e a Argentina ficou em 3º lugar. Assim, no quadro dos países em desenvolvimento, o Brasil foi o maior receptor de investimentos diretos de transnacionais em 1996. Conforme a Unctad, o desempenho da América Latina na captação de investimentos resultou das “reformas econômicas, integração regional, liberalização das regras do investimento estrangeiro e privatização”.⁸³ O Relatório da Unctad relacionava as maiores empresas globais, entre elas a anglo-holandesa Royal Dutch Shell, líder no *ranking* das 100 maiores transnacionais do mundo, seguida, entre as dez maiores, por Ford, General Electric, Exxon e GM (todas dos EUA), Volkswagen (Alemanha), IBM (EUA), Toyota (Japão), Nestlé (Suíça) e Mitsubishi (Japão): concorrentes, no caso do setor automobilístico, todas com grande participação no mercado brasileiro. A Daewoo (Coréia do Sul) aparecia em 52º lugar, enquanto *Petroleos de Venezuela* aparecia em 88º. O Brasil surgia com quatro empresas na lista das 50 maiores: Petrobrás, em 14º lugar; Vale do Rio Doce, em 17º; Cervejaria Brahma, 24º; e a Sadia, em 41º lugar.⁸⁴

No biênio 1996-97, aproximadamente 49,17% dos fluxos de investimentos diretos no Brasil voltaram-se para F&A, com as privatizações responsabilizando-se

longo prazo cria fluxos de curto prazo que podem ser bastante voláteis (...). Finalmente, é bom lembrar que a participação das fusões e aquisições no total do IDE no mundo tem crescido (passou de 48,2% em 96 para 59% em 97, segundo a Unctad). Ou seja, contabiliza-se como investimento algo que não cria nova capacidade produtiva, só promove mudanças de donos.” Investimento direto também é perigoso.” Folha de S. Paulo, Dinheiro, 11/04/1999.

⁸³ “Brasil já é 5º no ranking de investimentos”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 20/09/1997.

⁸⁴ “Aumentam fusões e aquisições.” Folha de S. Paulo, Dinheiro, 20/09/1997.

por 35% do total, evidenciando a importância atrativa das privatizações no processo de F&A.⁸⁵

No primeiro semestre de 1997 foram realizadas 172 fusões, aquisições e *joint ventures*, um índice 25,5% superior ao mesmo período de 1996, lideradas pelo setor financeiro, com 20 operações, seguido por seguros (17 transações) e setor de alimentos (15).⁸⁶

Para o CEBRAP, os fluxos de investimento estrangeiro saltaram de 22,5% em 1980 para 26,1% em 1995; eram US\$ 115 bilhões nos anos 80 e atingiram US\$ 314 bilhões em 1995.^{87 88}

Dos diversos negócios realizados na década, a compra do Bamerindus pelo HSBC, em 1997, foi divulgada como significativa da entrada dos bancos estrangeiros no setor financeiro brasileiro. A consolidação das finanças adquiria importância com a entrada dos bancos estrangeiros e a desnacionalização setorial, principalmente com HSBC, ABN Amro e os espanhóis BBVA e Santander. No mesmo ano, o Lloyds Bank (Reino Unido) já comprara por US\$ 600 milhões as operações bancárias de varejo do Banco Multiplic, e o Santander, maior conglomerado financeiro espanhol adquirira 50% do Banco Noroeste, da família Simonsen Cochrane, por US\$ 500 milhões. O negócio foi intermediado pelo Banco Geral do Comércio, que já era controlado pelo Santander. Com a compra do Noroeste (94 agências, 321 mil clientes e lucro líquido de R\$ 60,5 milhões em 1996), o Santander se transformava no 9º maior banco privado do país, com ativos totais de US\$ 7,479 bilhões.⁸⁹ O Santander não parou nessas aquisições: posteriormente adquiriu o Banespa e as operações do ABN/Real no Brasil.

Uma das principais transações realizadas no Brasil, em 1997, foi a privatização da Companhia Vale do Rio Doce, em negócio intermediado pelo Salomon Brothers (segundo colocado no *ranking* de fusões).

⁸⁵ “De acordo com a Sobeet, fusões e aquisições responderam por 80,23% dos investimentos diretos na Europa Ocidental; 71,24%, nos EUA; 36,24%, na América Latina; e 10,36%, nos países emergentes da Ásia.” “Brasil à venda”; “Na ponta do lápis”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 29/11/1998.

⁸⁶ As informações são da KPMG. “Esquentando o mercado”; “Casando mais” e “Empate técnico”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 29/07/1997.

⁸⁷ “Globalização do Real”. Folha de S. Paulo, Opinião, 07/09/1997.

⁸⁸ Foram registradas 22 mil transações mundiais em 1995 (ou US\$ 871 bilhões) enquanto no início do século não passaram de 1.200, em uma comparação simples dos totais mundiais de negócios nos referidos períodos. “Fusões e aquisições ampliam a globalização”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 07/09/1997.

⁸⁹ “Compra do Bamerindus pelo HSBC marca entrada de bancos do exterior.” Folha de S. Paulo, Dinheiro, 28/09/1997.

Entretanto, o capital estrangeiro participou em 54,84% das transações realizadas no Brasil em 1997. Apenas no setor de partes e peças automotivas, das 16 fusões e aquisições realizadas, 87,5% tiveram a participação do capital estrangeiro.⁹⁰

Em 1998, no Brasil, foram realizadas 351 transações entre empresas, resultado 6% inferior ao de 1997, quando ocorreram 372 fusões e aquisições. Entretanto, apesar da queda, os valores das transações aumentaram, movimentando de US\$ 35 bilhões a US\$ 40 bilhões. Ainda em 1998, as fusões e aquisições lideradas por multinacionais cresceram 8%, passando de 204 para 221 negócios: os investidores estrangeiros participaram de 62,96% (221) das 351 transações de fusões e aquisições realizadas no país naquele ano.⁹¹ Por outro lado, as operações entre empresas brasileiras passaram de 168 para 130 – uma redução de 29%. Uma transação importante no setor de alimentos foi a aquisição do Café do Ponto pela empresa norte-americana Sara Lee, que compraria outras empresas do setor (Café Pilão, etc). No setor supermercadista, alguns destaques foram a compra do supermercado Sé pela rede portuguesa Jerônimo Martins e a aquisição da rede Barateiro pelo grupo Pão de Açúcar (Companhia Brasileira de Distribuição). Posteriormente, o Supermercados Sé e a Rede Barateiro seriam incorporados nas operações do Grupo Pão de Açúcar nas lojas “Compre Bem-Barateiro”.

Em 1998, o setor de telecomunicações ficou em segundo lugar com 31 transações (o dobro de 1997 por causa da privatização do sistema Telebrás), enquanto o setor financeiro, com 28 negócios entre bancos e seguradoras ficou em terceiro: esses dois setores concentraram os valores mais altos das transações, como no caso da privatização da Telebrás e da compra do banco Real pelo holandês ABN-Amro.^{92 93} De todo modo, 1998 representou a primeira queda depois de um ciclo de crescimento de F&A iniciado em 1992, cujas causas referem-se a crise (cambial) de 1998.

Conforme pesquisa da *Price*, o número de F&A em 1999, no Brasil, teria superado o número de F&A de 1998: no caso dos estrangeiros, eles teriam participado de 320 operações em 1998 (221 conforme a KPMG) e 340 em 1999 (208

⁹⁰ “Tomando conta”; “Em partes”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 30/01/1998.

⁹¹ “Fusões e aquisições caem 42% no país”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 15/03/1999.

⁹² “Crise diminuirá fusões e aquisições”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 08/02/1999.

⁹³ “Fusões e aquisições movimentaram US\$ 35 bi no Brasil em 1998”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 26/02/1999.

conforme a KPMG). O mesmo estudo previa um aumento dos negócios entre empresas em 2000, apontando para a expansão dos negócios da década que se iniciava.⁹⁴ Ressalte-se a divergência com os dados da KPMG.

Para a KPMG, no segundo trimestre de 1999 o Brasil teria recebido US\$ 158 milhões referentes a F&A, ocupando o quinto lugar no ranking dos países latino-americanos que mais receberam esses investimentos.⁹⁵

No período 1990-1995, o país recebia – em média –, de US\$ 2 bilhões a US\$ 3 bilhões de capital estrangeiro anualmente. De 1996 a 1999, essa média teria saltado para US\$ 16 bilhões e mostrava tendência de crescimento. Resulta disso que o total ingressado nesse curto período era maior que todo o estoque de capital acumulado ao longo da história (US\$ 44 bilhões). Ricúpero (1999), afirmava:⁹⁶

Mais dramática, como diz o relatório da Cepal de onde retirei esses dados, é a reviravolta no perfil do estoque do investimento estrangeiro. Até 1996, cerca de 55% dos recursos estavam investidos na indústria. Hoje, os serviços representam já 60% do conjunto.

É fácil entender a razão. Esse dinheiro foi, em boa parte, investido no maior programa de privatização realizado no mundo e se destinou à aquisição de ativos já existentes (públicos ou privados), e não à construção de unidades novas de produção. De 1995 a 1998, registraram-se 550 aquisições e fusões de empresas, a grande maioria promovida pelo capital estrangeiro.

Do mesmo modo, Ricúpero (1999) calculava que a cada US\$ 10 bilhões investidos em serviços deveriam ser gerados indefinidamente remessas de lucros da ordem de US\$ 1 bilhão por ano ao exterior.^{97 98}

⁹⁴ Conforme levantamento de dados da Price Waterhouse. “Quem dá mais”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 24/12/1999.

⁹⁵ “De acordo com a KPMG, as incertezas econômicas no Brasil afugentaram os investidores e tornaram países como Argentina e Chile, considerados tradicionalmente os mais estáveis, atraentes. No primeiro bimestre, as operações de fusões e aquisições de empresas no Brasil tiveram queda de 42%.” (“Brasil recebe US\$ 158 mi em fusões”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 20/07/1999).

⁹⁶ R. Ricúpero, Folha de S. Paulo, Dinheiro, 30/05/1999.

⁹⁷ “Cinco anos atrás, as remessas estavam, em média, por volta de US\$ 690 milhões anualmente. Passaram agora a US\$ 7,5 bilhões (1997), dez vezes mais. A partir de 2003, as privatizações começarão a escassear e, segundo estimativas, a entrada de novos capitais tende a declinar e estabilizar-se em torno de US\$ 10 bilhões por ano. Calcula-se também que cada US\$ 10 bilhões investidos em serviços devem gerar, indefinidamente, remessas de US\$ 1 bilhão por ano ao exterior.” R. Ricúpero, Folha de S. Paulo, Dinheiro, 30/05/1999.

⁹⁸ “O que chama atenção no relatório da Unctad (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento) é que 63% (US\$ 411 bilhões) do investimento direto mundial foi para operações de fusões e aquisições de empresas.” (“Nova tendência.” Folha de S. Paulo, Dinheiro, 26/09/1999).

Das 1.263 transações realizadas no primeiro mandato de Fernando Henrique (1995-1998), o capital estrangeiro participou de 722 negócios.⁹⁹

Os investimentos diretos estrangeiros de 1999 beiraram os US\$ 30 bilhões, foram considerados um “recorde” da década, entretanto, mais de 70% da quantia serviu para financiar privatizações, fusões e aquisições – investimentos que não serviriam para a ampliação da capacidade instalada da economia e do potencial exportador do país, conforme opinava, à época, Antônio Corrêa de Lacerda, da SOBEET.¹⁰⁰

Os dados de 1999 eram corroborados por levantamento da Unctad, que indicava o recebimento, pelo Brasil, de 1/3 dos investimentos estrangeiros diretos destinados à América Latina, cerca de US\$ 31 bilhões de um total de US\$ 97 bilhões investidos na região. “O investimento estrangeiro direto foi utilizado para promover fusões, aquisições ou mesmo a criação de novas empresas. Do capital externo que entrou no Brasil em 1999, 28% foi usado para a compra de estatais. Em 98, esse percentual havia sido de 25%.”^{101 102}

Na segunda metade da década de 90, o número de empresas brasileiras vendidas ao capital estrangeiro mais do que triplicou em relação ao período anterior: após o Plano Real, ocorreram 1.233 operações de fusões e aquisições no País, com a aquisição do controle ou a participação no capital nacional pelo capital estrangeiro. A alta teria sido de 229%, em relação à primeira metade da década. A tendência de alta, definida desde 1995, se acentuou em 1999, “quando a desvalorização do real em janeiro tornou as empresas brasileiras mais baratas em dólar. Depois da máxi,

⁹⁹ “Hoje, as companhias controladas por estrangeiros geram mais da metade do faturamento líquido de todas as empresas instaladas no Brasil. Em 80, eram 28%. Sem contar que empresas de fora – como a Telefônica, da Espanha – levaram 12 das 13 empresas de telecomunicações privatizadas em 98.” E. Cantanhêde. Disponível em <http://www.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz07059905.htm> Acessado aos 26/06/2000. Resta analisar com seriedade as consequências desse processo.

¹⁰⁰ “A boa notícia” e “Merece ponderação”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 16/01/2000.

¹⁰¹ “Brasil lidera atração de capital na AL”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 10/02/2000 e “Capital, rosas e espinhos”. Folha de S. Paulo, Opinião, 11/02/2000.

¹⁰² “É da própria Unctad que partem alguns alertas quanto aos riscos desses investimentos. O alerta é oportuno, pois alguns analistas tendem a superestimar os efeitos positivos do investimento estrangeiro direto, ou seja, em aquisições ou instalação de fábricas e outras empresas (...) A Unctad adverte, no entanto, para o fato de que em larga medida esses investimentos têm como foco operações de fusões e aquisições. Para a organização, há impactos de médio e longo prazo que devem ser cuidadosamente analisados”. “Capital, rosas e espinhos”. Folha de S. Paulo, Opinião, 11/02/2000.

foram realizadas 341 transações com o capital estrangeiro, uma alta de 6,2% em relação ao ano anterior.”¹⁰³

É importante considerar os dados da KPMG para contrastar as afirmações da imprensa: na verdade, a tendência de alta despontou já em 1994, quando a participação estrangeira nos negócios, de 53,71%, superou pela primeira vez, desde 1992, os negócios entre capital nacional, e alcançou 61,62% em 1995, número a ser suplantado apenas em 1998 (62,96%) e 1999 (67,31%). Entretanto, a quantidade de negócios contabilizados pela KPMG difere: teriam ocorrido 221 transações transfronteiriças em 1998 e 208 em 1999.

O debate sobre os efeitos da desnacionalização da economia brasileira causou preocupação no BNDES, que procurava associar-se grupo de capital nacional para evitar o aumento da participação estrangeira na petroquímica, setor que nos anos 90 “teria se responsabilizado por 13% de um total de 3.276 transações.”¹⁰⁴¹⁰⁵

Avaliava-se a participação do capital estrangeiro em fusões e aquisições na América Latina, em valores da ordem de US\$ 63,7 bilhões, cerca de 3,6% do PIB regional nos anos de 1997 a 1999, quando o Brasil, com 3,8% teria ficado acima da média regional.¹⁰⁶

De janeiro a maio de 2000, no Brasil, 229 transações representaram 23% de crescimento sobre o mesmo período de 1999. “A participação estrangeira nas aquisições caiu em 2000 para 56%. Em 98 e 99, 67% das transações envolveram empresas internacionais”.¹⁰⁷

Conforme a *Price Waterhouse*, as operações de F&A no Brasil, em 2000, alcançaram US\$ 47,05 bilhões. Entretanto, seus dados não coincidem com os dados da KPMG.¹⁰⁸

Nunca se venderam nem se compraram tantas empresas no mundo como agora. Duas pesquisas de consultorias internacionais (...) revelam *records* no volume de fusões no Brasil e também além de suas fronteiras. Levantamento da Price (...) mostra que em 2000 foram realizadas 619 transações

¹⁰³ “Triplicam fusões com estrangeiros”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 21/01/2000.

¹⁰⁴ “Triplicam fusões com estrangeiros”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 21/01/2000.

¹⁰⁵ “Nos últimos seis anos, houve 1.747 fusões e aquisições no país, sendo 1.024 por empresas estrangeiras, segundo a Abifina. Os investimentos nos setores petroquímico e siderúrgico foram os mais altos.” (“Capital estrangeiro”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 02/06/2000).

¹⁰⁶ “Cresce competitividade”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 24/06/2000.

¹⁰⁷ “Fusões e aquisições crescem 23% no país”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 27/06/2000.

¹⁰⁸ “Cresce número de fusões e aquisições”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 15/04/2001.

de fusões e aquisições no Brasil, número 24% superior ao do ano anterior (498). *É o maior número de negócios da década.* De cada dez operações de vendas de empresas no Brasil, seis foram conduzidas e arrematadas por estrangeiros, informa a Price.

A KPMG apresentou outra pesquisa, na qual mostra que foi batido o recorde de fusões entre diferentes países no exterior. Foram 230 negócios desse tipo. É o maior número em dez anos.¹⁰⁹

Os números eram expressivos também para a América Latina, cujas cifras indicavam um novo “recorde” de F&A de empresas: US\$ 90,25 bilhões, conforme a Thomson Financial Securities Data, um resultado 22% superior aos US\$ 73,44 bilhões de 1999 e 5,7% acima dos US\$ 85,35 bilhões totalizados em 1998. O Brasil surgia liderando o *ranking* com volume de operações de US\$ 47,05 bilhões.¹¹⁰

As transações transfronteiriças eram percebidas como “motivadas pela necessidade de buscar custos competitivos de produção ou matéria-prima, saturação dos mercados domésticos, estratégias de globalização e oportunidades no exterior”, e entre seus alvos estariam as empresas de capital nacional.¹¹¹

II. 2. 3. Síntese do movimento nos anos 2000

A comparação entre o movimento de F&A da década de 90 e dos anos 2000, no Brasil, considera diferenças administrativas, políticas e de enfoque entre governos distintos, e mesmo de influências ou causas externas. Assim, em 2001, ainda no governo FHC, segundo estudo da Ernst & Young, ocorreram 258 operações de F&A, uma queda de 34% em relação a 2000. Para essa consultoria, este era o pior resultado dos cinco anos anteriores, atribuídos principalmente “à crise energética, ao efeito Argentina e aos atentados terroristas nos EUA”. Entretanto, a tendência imaginada de F&A era de crescimento. Ainda de acordo com Ernst & Young, teriam ocorrido 392 operações em 2000.¹¹²

Os dados da KPMG, calculavam a diminuição nas F&A em 3,5% em relação a 2000. Em 2001 teriam ocorrido 340 transações no País: 146 negócios realizados entre empresas nacionais e 194 relacionados aos investimentos estrangeiros (no

¹⁰⁹ “Fusões e aquisições crescem 24% em 2000”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 21/02/2001.

¹¹⁰ “Fusões e aquisições batem recorde na AL em 2000; Brasil volta a ser líder”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 13/01/2001.

¹¹¹ “País supera México em venda de empresas”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 03/11/1994.

¹¹² “Menos fusões”; “Perspectivas”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 17/01/2002.

ano anterior teriam ocorrido 353 operações, sendo “123 de capital doméstico e 230 aquisições e fusões com participação de empresas do exterior”.¹¹³ O setor mais atraente em 2001 para F&A foi o de petróleo: 40 F&A, sendo 31 delas – a maioria –, com a participação de empresas estrangeiras, em consequência da quebra do monopólio da exploração (a rodada de licitações atraiu investimentos da ordem de R\$ 594 milhões). Em segundo lugar, apareceram companhias elétricas e de tecnologia de informação, com 36 operações em cada um dos setores. O setor de alimentos restringiu-se a 32 negócios.¹¹⁴

Com relação à origem do capital, 41,5% dos negócios foram realizados por empresas americanas, em 81 transações, enquanto empresas espanholas participaram de 17 transações (8,7% do total).

No primeiro trimestre de 2003, portanto em meio ao advento do novo governo, as transações envolvendo F&A cresceram 35%, quando apenas quatro grandes transações envolveram US\$ 3,38 bilhões: a compra do Sudameris pelo ABN Amro; a entrega da BCP para bancos credores; a compra do Banco Bilbao Viscaya pelo Bradesco e da TCO, companhia de telefonia móvel de capital nacional, vendida para a BrasilCel, holding da Telesp Celular e Telefonica Celular. De acordo com a KPMG, teriam ocorrido 58 F&A no primeiro trimestre de 2003, com o predomínio de transações domésticas nos setores financeiro, de alimentos, tecnologia da informação e telecomunicações: “instituições financeiras lideraram a movimentação com sete negócios realizados [em 2003] e seis grandes operações [em 2002]. Bancos de investimento e de varejo de capital estrangeiro foram comprados por instituições locais depois de sofrerem perdas (...) No setor de alimentos, onde ocorreram cinco fusões e aquisições (...), a tendência é de entrada de capital estrangeiro (...) Exemplo disso, foi o arrendamento com opção de compra [em abril de 2003] do frigorífico Chapecó pelo grupo francês Louis Dreyfus. Foi a saída encontrada para a crise financeira da empresa que era controlada pelo grupo argentino Macri”.¹¹⁵

¹¹³ Para Marcio Lutterbach, da KPMG, “A queda não foi tão significativa quanto se poderia prever depois de um segundo semestre em que o Brasil sentiu o reflexo da crise da Argentina e da retração da economia mundial com os atentados de setembro. Sem mencionar a crise de energia, um problema que vinha se delineando desde o primeiro semestre”. (“Cai o total de fusões e aquisições no Brasil”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 24/01/2002).

¹¹⁴ “Cai o total de fusões e aquisições no Brasil”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 24/01/2002.

¹¹⁵ “Fusões e aquisições crescem 35% no Brasil”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 20/04/2003.

Os dados do último trimestre de 2003 mostravam recuperação sobre 2002, pois enquanto os negócios diminuíram 18% no ano, no 4º trimestre teria crescido 5% (informação da *Price*), em uma retomada diante das quedas apresentadas nos três primeiros trimestres.¹¹⁶

Esse movimento do início da década reflete um redirecionamento dos investimentos, pois a China teria recebido “58% do investimento dirigido aos emergentes da Ásia e 31% do total direcionado a países em desenvolvimento” enquanto na América Latina os investimentos teriam caído de US\$ 108 bilhões em 1999 para US\$ 42 bilhões em 2003.¹¹⁷

A participação do capital estrangeiro nas transações – majoritária em 2004, 2005 e 2006 –, só não foi maior por conta do incentivo às empresas brasileiras, resultantes de políticas realizadas no período 2002-2010, principalmente através das linhas de crédito criadas pelo BNDES. Tais incentivos foram importantes tanto no setor frigorífico como no setor sucroalcooleiro.

Em 2006, as transações mundiais atingiram US\$ 3,8 trilhões, volume 38% superior na comparação com 2005. Um dos maiores negócios de 2007 foi a aquisição da Swift EUA pelo Friboi, por US\$ 1,4 bilhão.¹¹⁸

Outro fato significativo refere-se ao primeiro leilão de energia da biomassa (bagaço de cana), realizado em maio de 2008.

Refere-se, no caso, à valorização de uma alternativa energética renovável, relacionada ao segmento sucroalcooleiro, diretamente associado ao aumento dos negócios de aquisição de usinas e construção de novos projetos¹¹⁹, e ao fornecimento de energia elétrica gerada por usinas produtoras de álcool e açúcar.

A tabela II. 1 e os gráficos aqui mostrados representam o movimento de acumulação de capital, através do processo de F&A ocorrido no Brasil, no período 1992-2010, e evidenciam diferenças de enfoque, de políticas e de governança entre períodos distintos. Não são meras ilustrações desprovidas de sentido: podem corroborar tanto o dinamismo da economia bem como a força do capital estrangeiro e de seu domínio nos diversos setores (como pode ser visto nos gráficos II.3 e II.4).

¹¹⁶ “Recuperação”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 01/01/2004.

¹¹⁷ “Queda dos investimentos”. Folha de S. Paulo, Dinheiro, 13/01/2004.

¹¹⁸ “A Friboi é líder mundial”. Carta Capital, Ano XIII, nº447, 06/06/2007.

¹¹⁹ ELETRICIDADE: leilão de energia de biomassa será em maio. Folha de S. Paulo, 05/12/2007. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi0512200725.htm> Acesso aos 05/12/2007.

II. 2. 4. Comparações entre os principais setores

Os gráficos II. 3 e II. 4 mostram no período em estudo a predominância do capital estrangeiro nas transações, de 1994 a 2001, e posteriormente, de 2004 a 2006, o que se repete em 2009 e 2010, ressaltado pela linha vermelha do gráfico II.4.

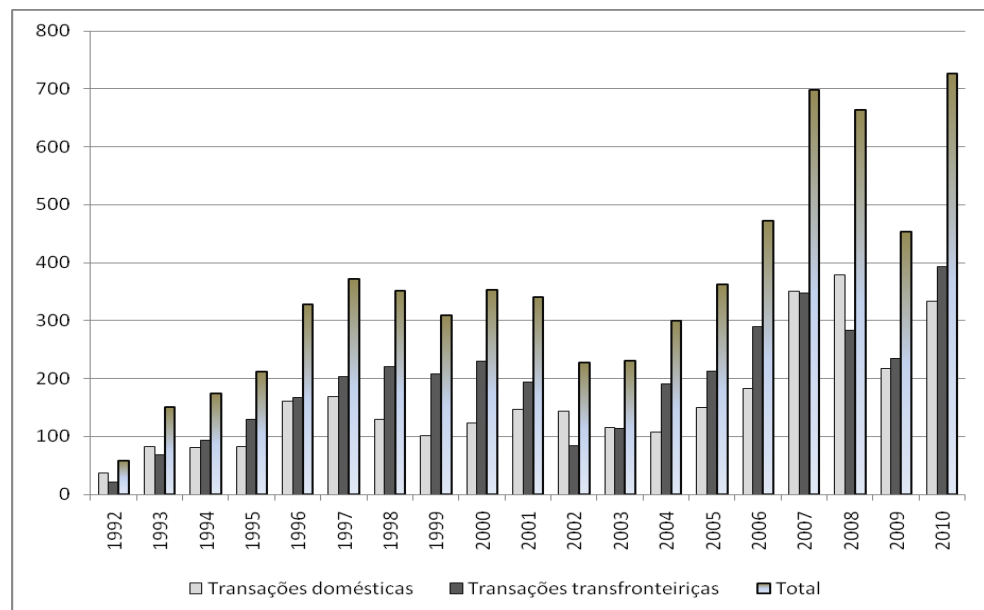


Gráfico II. 3: Transações realizadas no Brasil: 1992-2010

Fonte: KPMG Corporate Finance, publicações dos anos de 1999 a 2010.
Elaboração do autor.

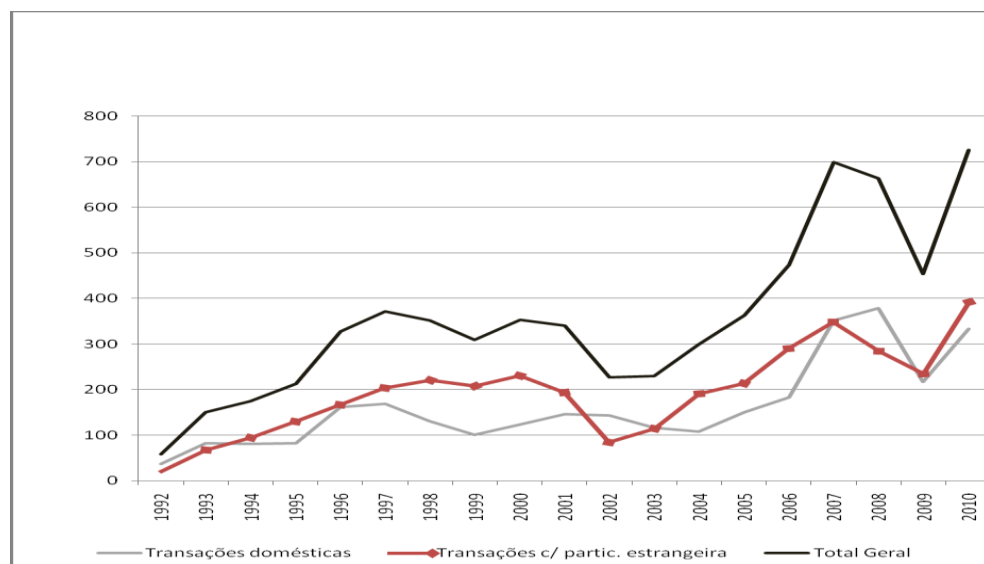


Gráfico II. 4: Movimento das transações realizadas no Brasil: 1992-2010

Fonte: KPMG Corporate Finance, publicações dos anos de 1999 a 2010.
Elaboração do autor.

O gráfico II. 5, apresentado a seguir, concentra e compara as F&A no período 2001-2010 em 5 setores: alimentos, TI, telecomunicações, instituições financeiras e companhias energéticas. Procura demonstrar a liderança do setor de TI no período mais recente pois, como anteriormente mencionado, se os dados forem agregados a partir de 1992, a liderança é do setor de alimentos, o que pode ser notado na comparação entre os gráficos II. 5 e II. 6.

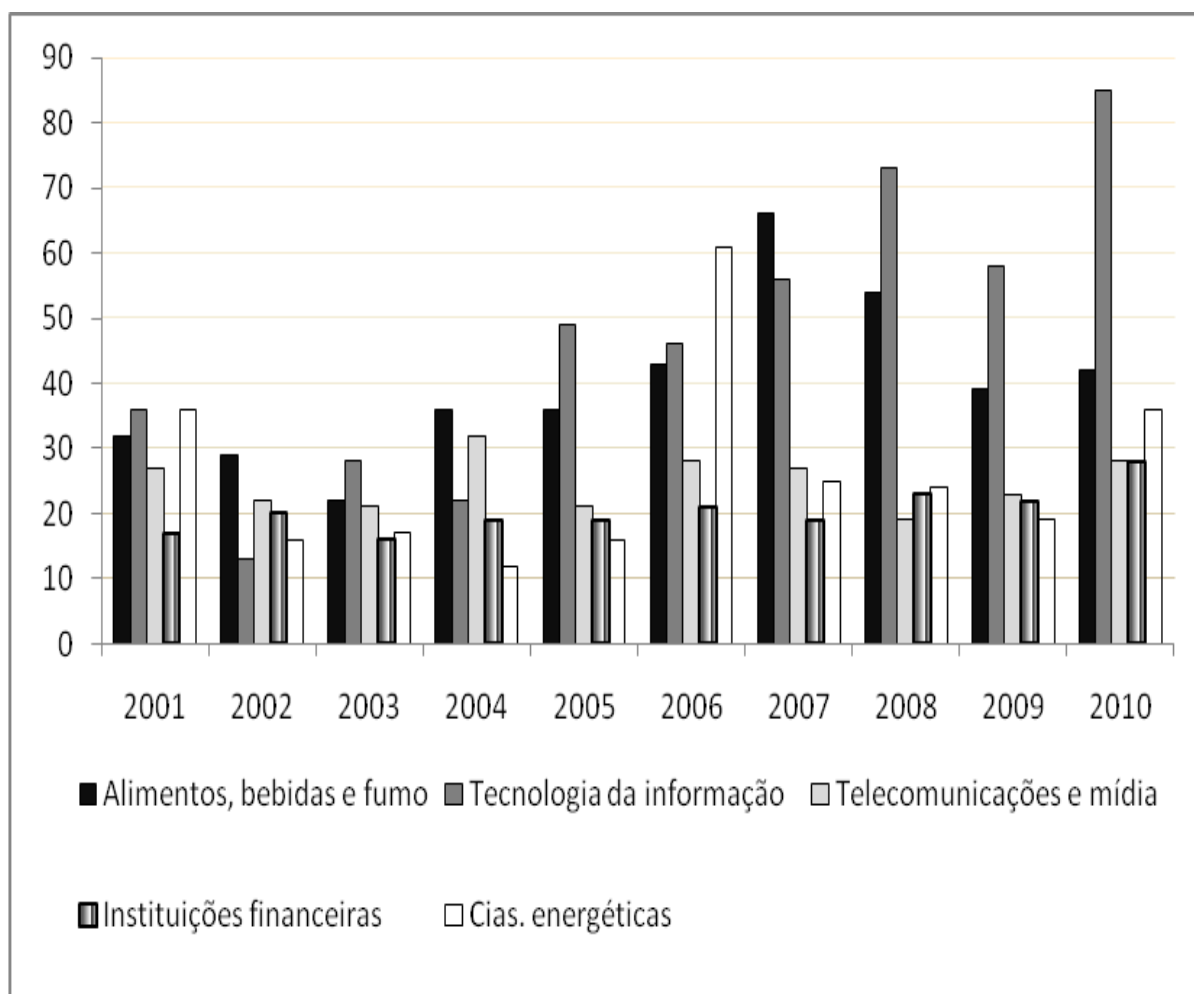


Gráfico II. 5: Transações em cinco setores: 2001-2010.

Fonte: KPMG Corporate Finance, publicações dos anos de 1999 a 2010. Elaboração do autor.

Na Tabela II. 3 são distinguidos os diferentes tipos de transações: elas surgem como domésticas (D) ou transfronteiriças (CB).

Como anteriormente mencionado, transações domésticas (D) são aquelas realizadas entre empresas brasileiras, ou de capital nacional, enquanto as transações do tipo transfronteiriças (CB) são definidas como negócios “trans-fronteiriços”, ou combinações entre empresas de países diferentes.

Para a Tabela II. 3, não estão disponíveis os dados referentes aos trimestres 3 e 4 de 2000, bem como os trimestres 1, 2 e 3 de 2001. Os totais das transações se repetem nos levantamentos da KPMG.

Os dados referem-se ao setor de alimentos, que apresentam no período 1992-2010 o maior número de negócios.

Tabela II. 3: Síntese das Transações no Setor de Alimentos: 2000 – 2003

Ano	Trimestre	Posição do setor no trim	D	CB	Total (D + CB)
2000	1º	1º	2	6	8
	2º	3º	6	3	9
	3º	n/d	n/d	n/d	n/d
	4º	n/d	n/d	n/d	n/d
Total					36
Ano	Trimestre	Posição do setor no trim	D	CB	Total (D + CB)
2001	1º	n/d	n/d	n/d	n/d
	2º	n/d	n/d	n/d	n/d
	3º	n/d	n/d	n/d	n/d
	4º	4º	3	5	8
Total			3	5	32
Ano	Trimestre	Posição do setor no trim	D	CB	Total (D + CB)
2002	1º	2º	1	4	5
	2º	2º	4	3	7
	3º	2º	11	1	12
	4º	3º	4	1	5
Total			20	9	29
Ano	Trimestre	Posição do setor no trim	D	CB	Total (D + CB)
2003	1º	3º	3	2	5
	2º	4º	2	1	3
	3º	4º	4	1	5
	4º	1º	3	6	9
Total			12	10	22

Fonte: KPMG Corporate Finance. "Pesquisa de Fusões & Aquisições: transações realizadas no Brasil." 2000 (1º e 2º trimestres); 2001 (4º trimestre); 2002 e 2003 (1º, 2º, 3º e 4º trimestres). Elaboração do autor.

n/d: não disponível

D: transações domésticas – CB: transações *cross border* (com participação de capital estrangeiro).

Quadro II. 3: Tipos de transações transfronteiriças (CB)

CB1	Empresa de capital majoritário estrangeiro adquirindo empresa de capital majoritário brasileiro estabelecida no Brasil.
CB 2	Empresa de capital majoritário brasileiro adquirindo empresa de capital majoritário estrangeiro estabelecida no exterior.
CB 3	Empresa de capital majoritário brasileiro adquirindo empresa de capital majoritário estrangeiro estabelecida no Brasil.
CB 4	Empresa de capital majoritário estrangeiro adquirindo empresa de capital majoritário estrangeiro estabelecida no Brasil.
CB 5	Empresa de capital majoritário estrangeiro adquirindo empresa de capital majoritário brasileiro, estabelecida no exterior.

Fonte: KPMG Corporate Finance, publicações dos anos de 2000 a 2008. Elaboração do autor.

Tabela II. 4: Síntese das Transações no Setor de Alimentos: 2004 – 2010

SETOR DE ALIMENTOS										
Ano	Trimestre	Posição do setor no trim	D	CB1	CB 2	CB 3	CB 4	CB 5	CB	Total (D + CB)
2004	1º	2º	2	2	1	2	0	0	5	7
	2º	7º	1	0	0	0	2	0	2	3
	3º	1º	4	4	0	3	4	0	11	15
	4º	1º	3	4	1	0	3	0	8	11
Total			10	10	2	5	9	0	26	36
2005	1º	1º	2	4	0	0	3	0	7	9
	2º	2º	5	1	0	0	3	0	4	9
	3º	2º	2	4	4	0	0	0	8	10
	4º	4º	4	1	0	1	2	0	4	8
Total			13	10	4	1	8	0	23	36
2006	1º	2º	4	2	1	2	1	0	6	10
	2º	3º	4	4	1	3	1	0	9	13
	3º	4º	5	1	1	0	1	0	3	8
	4º	3º	2	1	6	1	1	1	10	12
Total			15	8	9	6	4	1	28	43
2007	1º	1º	4	2	3	2	2	0	9	13
	2º	2º	9	2	4	3	0	0	9	18
	3º	2º	7	2	7	1	3	0	13	20
	4º	2º	9	3	2	1	0	0	6	15
Total			29	9	16	7	5	0	37	66
2008	1º	4º	3	3	5	1	0	0	9	12
	2º	2º	11	3	1	2	1	3	10	21
	3º	2º	4	5	3	0	3	0	11	15
	4º	9º	1	2	1	0	2	0	5	6
Total			19	13	10	3	6	3	35	54
2009	1º	2º	5	1	1	3	0	2	0	10
	2º	3º	3	0	0	1	0	2	3	6
	3º	2º	1	4	3	2	2	1	12	13
	4º	2º	4	2	2	2	0	0	6	10
Total			13	7	6	8	2	5	21	39
2010	1º	3º	7	1	1	0	2	0	4	11
	2º	10º	3	1	2	0	0	0	3	6
	3º	2º	5	3	5	0	2	0	10	15
	4º	6º	3	3	1	1	2	0	7	10
Total			18	8	9	1	6	0	24	42

Fonte: KPMG Corporate Finance. "Pesquisa de Fusões & Aquisições: transações realizadas no Brasil." 2004; 2005; 2006; 2007; 2008 e 2009 (1º, 2º, 3º e 4º trimestres); e 2010 (1º e 2º trimestres). Elaboração do autor.

A partir de 2004, a KPMG acrescenta a sua pesquisa o dado desagregado de transações CB, ou seja, contabilizando as informações dos negócios realizados por empresas brasileiras no exterior. Passa a acompanhar, assim, o movimento de

internacionalização das empresas brasileiras e outros tipos de participações nas transações. Os tipos de transações estão expressos no Quadro II. 5.

A partir dos dados da Tabela II. 4, percebe-se a participação estrangeira nos negócios no Brasil, no setor de alimentos, considerando transações “CB1”, “CB4” e “CB5”¹²⁰: são 19 de um total de 36 em 2004; 3 de 8 em 2005; 13 de 43 em 2006; 3 de 15 em 2007; 4 de 6 em 2008; 2 de 10 em 2009 e 2 de 17 no primeiro semestre de 2010. Os dados contidos na Tabela II. 4 foram sintetizados na Tabela II. 5, com os tipos de transações realizadas no Setor de Alimentos, para a representação contida no Gráfico II. 6, sintetizando os dados do período 2004-2009 e mostrando os resultados do primeiro semestre de 2010.

Tabela II. 5: Total das transações no setor de alimentos (2000-2010)

Ano	D	CB	Total (d+ CB)	CB 1	CB 2	CB 3	CB 4	CB 5
2000	n/d	n/d	36	--	--	--	--	--
2001	n/d	n/d	32	--	--	--	--	--
2002	20	9	29	--	--	--	--	--
2003	12	10	22	--	--	--	--	--
2004	10	26	36	10	2	5	9	0
2005	13	23	36	10	4	1	8	0
2006	15	28	43	8	9	6	4	1
2007	29	37	66	9	16	7	5	0
2008	19	35	54	13	10	3	6	3
2009	13	21	34	2	2	2	0	0
2010	18	24	42	8	9	1	6	0

Fonte: KPMG Corporate Finance. N/d: não disponível.

Elaboração do autor.

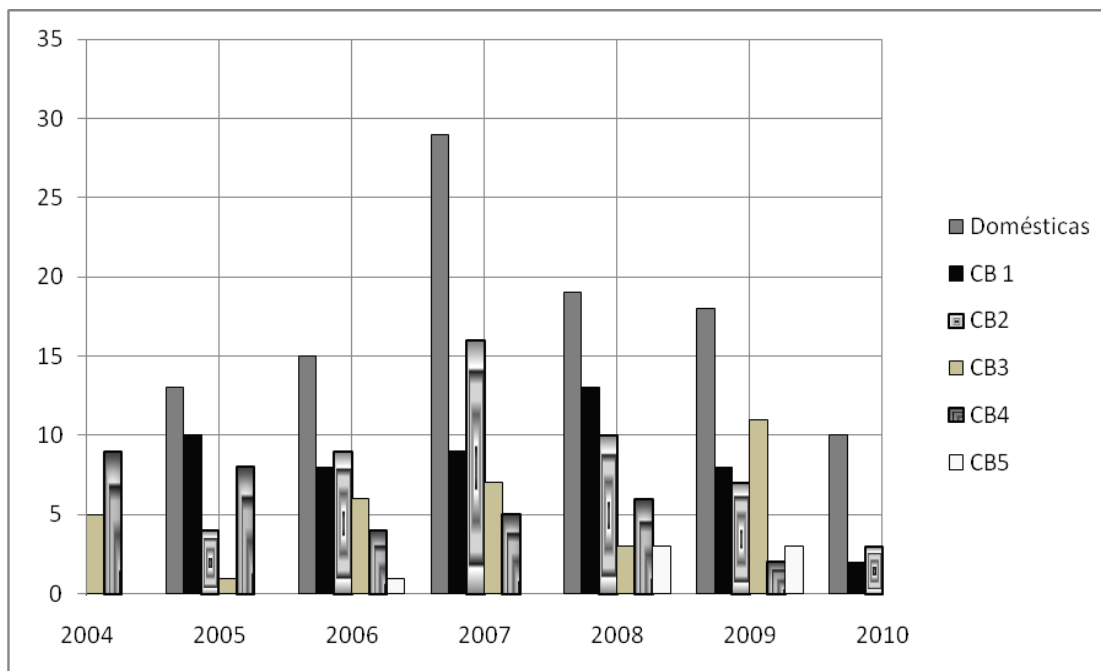


Gráfico II. 6: Setor de Alimentos: 2004-2010

Fonte: KPMG Corporate Finance. Elaboração do autor.

¹²⁰ Para as especificações dos tipos de transações, ver: Quadro II.3.

Uma análise parcial dos dados indica uma média de 36 transações no período 2000-2007, e uma comparação entre as transações domésticas e as transações transfronteiriças resulta no seguinte:

- No período 2002-2008, ocorreram ao menos 113 transações domésticas e 152 transações transfronteiriças, se desconsiderarmos os dados relativos a 2000 e 2001 (pois apenas os totais encontram-se disponíveis);
- No período 2004-2008, ocorreram 81 transações domésticas e 133 transações transfronteiriças.

No período 2000-2008, foram divulgados 333 negócios entre empresas.

Com os dados de transações transfronteiriças, mostrados na tabela II. 5, foram elaborados os dados da tabela II. 6, apresentada a seguir:

Tabela II. 6: Transações transfronteiriças no período 2004 - 2010

ANO	CB 1	CB 2	CB 3	CB 4	CB 5
2004	10	2	5	9	0
2005	10	4	1	8	0
2006	8	9	6	4	1
2007	9	16	7	5	0
2008	13	10	3	6	3
2009	2	2	2	0	0
2010	8	9	1	6	0
Total	60	52	25	38	4

Fonte: KPMG Corporate Finance. Elaboração do autor.

No período considerado, o total de empresas estrangeiras adquirindo empresas de capital majoritário brasileiro estabelecidas no Brasil foi maior (60) do que CB 2 (52 casos de empresas de capital majoritário brasileiro adquirindo empresa de capital majoritário estrangeiro estabelecida no exterior).

Se, por outro lado, somarmos CB 2 e CB 3, teremos 77 transações envolvendo a atuação de empresas de capital majoritário brasileiro, possível indicação da internacionalização das empresas brasileiras.

Mas, sobretudo, deve ser considerada a atuação das empresas estrangeiras na soma dos casos de CB 1, CB 4 e CB 5 (atuação de empresas de capital majoritário estrangeiro), resultando na ocorrência de 102 negócios no período 2004-2010.

II. 3. CLASSIFICAÇÃO DAS EMPRESAS: MAIORES EM VENDAS E OS MAIORES GRUPOS

II. 3. 1. Breve Exposição

Muitas empresas procuram diversificar seu desempenho, como a brasileira Odebrecht, tradicional no ramo de construção civil, que criou uma empresa para atuar exclusivamente com geração de energia a partir do bagaço da cana, através da ETH Bionergia; ou, ainda, a ADM, atuando no Brasil no esmagamento de soja e produção de óleo, investiu em uma planta e já iniciou a produção de Biodiesel em Rondonópolis (MT).

Outras empresas dos segmentos analisados expandiram-se para o exterior, principalmente através de aquisições, como o Grupo JBS e o Frigorífico Marfrig. É importante ressaltar que empresas de outros setores aproveitaram para expandir suas atividades nesse período, caso da Gerdau, entre outras.

Importa observar, entretanto, a expansão das empresas relacionadas aos segmentos em estudo e o aumento da participação e da atuação das empresas estrangeiras no Brasil, nesses mesmos segmentos.

O Grupo Tavares de Mello vendeu a Exitus, Tavares de Melo Açúcar e Álcool e a Agroarte, para a Louis Dreyfuss Commodities Bioenergia S.A. (LDC Commodities), em 2007.¹²¹

Algumas empresas, principalmente no setor sucroalcooleiro e no segmento de produção, esmagamento e refino de óleo de soja, são cooperativas, mas não se imagine sejam associações pequenas ou sem importância: ao contrário, algumas dessas cooperativas são maiores, em muitos aspectos, do que muitas empresas, e posicionam-se nas classificações à frente de algumas das maiores empresas com atuação no território brasileiro, como é, por exemplo, o caso da COAMO (a presença de cooperativas também ocorre em outros setores, como no setor leiteiro e no abate de frangos).

¹²¹ MINISTÉRIO DA FAZENDA, SAE, Parecer Técnico nº 06155/2007/RJ, de 23/03/2007. Disponível em http://www.cade.gov.br/plenario/Sessao_399/Pareceres/ParecerSeae-2007-08012-001754-LouisDreyfus_S_A-Exitus_S_A.pdf Acessado aos 18/01/2008.

Tabela II. 7: Setor de Alimentos: as 10 maiores empresas em vendas (2006)

CLASSIFICAÇÃO	EMPRESAS	VALORES (US\$ MILHÕES)
1º	Ambev	10.735,6
2º	Cargill	5.122,1
3º	Bunge Alimentos	5.070,7
4º	Souza Cruz	4.125,7
5º	Sadia	3.647,2
6º	Nestlé	2.558,9
7º	Perdigão Agroindustrial S.A.	2.525,6
8º	Grupo JBS	2.072,2
9º	Kraft Foods	1.642,6
10º	LDC Brasil	1.387,9

Fonte: Portal Exame. Disponível em: <http://portalexame.abril.com.br/> Acessado aos 29/10/2007. Elaboração do autor.

Conforme dados relativos a vendas, a Tabela II. 7 apresenta as 10 maiores empresas do Setor de Alimentos em 2006. Nesse ano, já aparecia na classificação o Grupo JBS, além de esmagadoras e processadoras de óleo (Cargill, Bunge e LDC Brasil). Ademais, tanto Bunge como LDC, dominantes no setor soja, também passaram a investir no segmento álcool e açúcar, e a ADM, em biodiesel.

Uma comparação com a *classificação* da mesma publicação, mostra no ano de 1997, a CEVAL em 26º (adquirida pela BUNGE); a Copersucar, em 27º; a Cargill, em 28º; a Sadia (Concórdia), em 36º; a Coinbra (atual LDC), em 75º; a Perdigão, em 84º; o Açúcar União (agora Cosan) em 119º; a Avipal (Eleva), em 223º; e entre os frigoríficos de abate de bovinos, o Swift, incorporado pelo Grupo JBS, aparece na relação em 368º, mostrando o quanto se modificou nesses anos o quadro das empresas brasileiras.¹²²

Pode ser realizada uma comparação entre as dez empresas de 2007 com as empresas relacionadas na tabela II. 8, em 2010. Entre as maiores empresas por vendas, nos setores estudados, também são mostrados número de empregados, salários e encargos (em milhões US\$) e riqueza criada por empregado (em mil US\$), de acordo com a mesma publicação (revista Exame).

¹²² Revista Exame “Melhores e maiores”: as 500 maiores empresas do Brasil. Editora Abril, julho/1998.

Tabela II. 8: as maiores empresas por vendas, nos setores estudados em 2010

CLASSIFICAÇÃO	EMPRESA	SETOR	SEDE/CONTROLE ACIONÁRIO	VALOR VENDAS (US\$ MILHÕES)	Nº DE EMPREGADOS	SALÁRIOS E ENCARGOS (US\$ MILHÕES)	RIQUEZA CRIADA POR EMPREGADO (US\$ MIL)
1º	Bunge	Soja e óleo	Gaspar (SC)/holandês	9 639,7	7 037	182,5	173,3
2º	Cargill	Soja e óleo	São Paulo (SP)/americano	9 357,7	6 178	238,5	156,6
3º	JBS Brasil	Frigorífico	São Paulo (SP)/Brasileiro	7 975,5	49 093	3 562,0	40,6
4º	BRF	Frigorífico	Itajaí (SC)/brasileiro	7 736,6	55 988	822,8	37,1
5º	ADM	Soja e óleo	São Paulo (SP)/americano	5 483,0	3 436	102,9	n/d
6º	Louis Dreyfuss	Soja e óleo	São Paulo (SP)/francês	3 518,3	3 602	80,5	n/d
7º	Coamo	Soja e óleo	Campo Mourão (PR)/brasileiro	2 829,9	5 234	117,0	64,3
8º	Marfrig	Frigorífico	São Paulo (SP)/Brasileiro	2 576,5	12 538	167,1	43,5
9º	Copersucar	Sucro-alcooleiro	São Paulo (SP)/Brasileiro	2 416,3	n/d	n/d	n/d
10º	Frigorífico Minerva	Frigorífico	Barretos (SP)/Brasileiro	2 075,0	7 855	127,0	n/d
11º	Amaggi	Soja e óleo	Rondonópolis (MT)/brasileiro	2 064,8	1 092	50,5	134,1
12º	Cosan Açúcar e Alcool	Sucro-alcooleiro	Barra Bonita (SP) brasileiro	1 439,1	16 732	253,3	n/d
13º	Cosan	Sucro-alcooleiro	São Paulo (SP)/brasileiro	1 324,7	16 890	248,8	29,7
14º	LDCBioenergia	Sucro-alcooleiro	São Paulo (SP)/francês	1 312,4	n/d	n/d	n/d
15º	Caramuru Alimentos	Soja e óleo	Itumbiara (GO)/brasileiro	1 208,3	2 048	37,3	65,2
16º	Granol	Soja e óleo	São Paulo (SP)/brasileiro	1 190,2	1 686	31,1	134,1
17º	Noble Brasil	Sucro-alcooleiro	São Paulo (SP)/HK	1 173,6	n/d	n/d	n/d
18º	Cosan Alimentos	Sucro-alcooleiro	Tarumã (SP) /brasileiro	1 144,8	2 296	46,4	63,3
19º	Usina Caeté	Sucro-alcooleiro	Maceió (AL)/brasileiro	1 069,8	16 031	214,0	n/d
20º	Cocamar	Soja e óleo	Maringá (PR)/brasileiro	883,6	2 191	39,7	30,4
21º	Usacúcar	Sucro-alcooleiro	Maringá (PR)/brasileiro	867,3	18 434	191,6	23,1
22º	Bianchini	Soja e óleo	Porto Alegre (RS)/brasileiro	843,6	802	14,9	41,0
23º	Comigo	Soja e óleo	Rio Verde (GO)/brasileiro	739,3	1 681	47,3	89,6
24º	Fiagril	Soja e óleo	Lucas do R.Verde(MT)/brasileiro	724,0	484	9,2	n/d
25º	Usina Coruripe	Sucro-alcooleiro	Maceió (AL)/brasileiro	679,2	n/d	n/d	n/d
26º	Açúcar Guarani	Sucro-alcooleiro	Olímpia (SP)/francês	649,9	6 175	n/d	42,3
27º	Usina Colombo	Sucro-alcooleiro	Ariranha (SP)/brasileiro	647,2	1 234	29,3	n/d
28º	Mataboi	Frigorífico	Araguari (MG)/brasileiro	641,4	n/d	n/d	n/d
29º	Usina da Pedra	Sucro-alcooleiro	Serrana (SP)/brasileiro	600,8	5 098	93,4	38,3
30º	Algar Agro	Soja e óleo	Uberlândia (MG)/brasileiro	593,1	342	13,3	217,1

Fonte: Revista Exame, “Melhores e Maiores”. Edição 995, Julho 2011. Elaboração do autor.

Os dados da tabela II. 8 permitem uma classificação das maiores empresas por número de empregados, no Brasil, conforme exemplificação na tabela II. 9 abaixo:

Tabela II. 9: as maiores empresas por nº de empregados nos setores estudados em 2010

CLASSIFICAÇÃO	EMPRESA	SETOR	SEDE/CONTROLE ACIONÁRIO	Nº DE EMPREGADOS
1º	BRF	Frigorífico	Itajaí (SC)/brasileiro	55 988
2º	JBS Brasil	Frigorífico	São Paulo (SP)/Brasileiro	49 093
3º	Usacúcar	Sucroalcooleiro	Maringá (PR)/brasileiro	18 434
4º	Cosan	Sucroalcooleiro	São Paulo (SP)/ brasileiro	16 890
5º	Cosan Açúcar e Alcool	Sucroalcooleiro	Barra Bonita (SP) brasileiro	16 732
6º	Usina Caeté	Sucroalcooleiro	Maceió (AL)/brasileiro	16 031
7º	Marfrig	Frigorífico	São Paulo (SP)/Brasileiro	12 538
8º	Frigorífico Minerva	Frigorífico	Barretos (SP)/Brasileiro	7 855
9º	Bunge	Soja e óleo	Gaspar (SC)/holandês	7 037
10º	Cargill	Soja e óleo	São Paulo (SP)/americano	6 178
11º	Açúcar Guarani	Sucroalcooleiro	Olímpia (SP)/francês	6 175
12º	Coamo	Soja e óleo	Campo Mourão (PR)/brasileiro	5 234
13º	Usina da Pedra	Sucroalcooleiro	Serrana (SP)/brasileiro	5 098
14º	Louis Dreyfuss	Soja e óleo	São Paulo (SP)/francês	3 602
15º	ADM	Soja e óleo	São Paulo (SP)/americano	3 436
16º	Cosan Alimentos	Sucroalcooleiro	Tarumã (SP) /brasileiro	2 296
17º	Cocamar	Soja e óleo	Maringá (PR)/brasileiro	2 191
18º	Caramuru Alimentos	Soja e óleo	Itumbiara (GO)/brasileiro	2 048
19º	Granol	Soja e óleo	São Paulo (SP)/ brasileiro	1 686
20º	Comigo	Soja e óleo	Rio Verde (GO)/brasileiro	1 681
21º	Usina Colombo	Sucroalcooleiro	Ariranha (SP)/brasileiro	1 234
22º	Amaggi	Soja e óleo	Rondonópolis (MT)/brasileiro	1 092
23º	Bianchini	Soja e óleo	Porto Alegre (RS)/brasileiro	802
24º	Fiagril	Soja e óleo	Lucas do R.Verde (MT)/brasi-leiro	484
25º	Algar Agro	Soja e óleo	Uberlândia (MG)/brasileiro	342

Fonte: Revista Exame, “Melhores e Maiores”. Edição 995, Julho 2011. Elaboração do autor.

Finalmente, a Tabela II. 10 identifica os maiores grupos do país, relacionados aos setores de carne bovina, produção de óleo de soja e sucroalcooleiro, classificados conforme os dados da revista Valor Grandes Grupos¹²³, classificação feita com base na receita bruta das empresas (em milhões de reais). Como algumas empresas não são listadas na classificação, adotou-se o *ranking* do Anuário do Agronegócio (Editora Globo) na elaboração das tabelas setoriais (frigoríficos, esmagadoras de óleo de soja e sucroalcooleiras), por apresentarem outras informações e detalhes das empresas.

Uma análise da classificação ressalta, em primeiro lugar, o salto do Grupo JBS-Friboi, que no biênio 2004-2005 não aparecia na lista das maiores empresas e passou para a 31ª colocação em 2007. Sua posição modificou-se após as transações de 2009, entre elas a fusão com o Grupo Bertin, que também não se

¹²³ Valor Grandes Grupos: exemplares de 2006 a 2010.

encontrava listado no período 2004-2006, e em 2007 aparece em 60º lugar. Em 2009, a fusão JBS-Bertin melhorou a posição do JBS, colocando-o à frente da Ambev e outras empresas.

Outra participação importante no setor frigorífico é a do Grupo Marfrig, que passou do 103º (2006) para 92º em 2007, e também não estava relacionado em 2004/2005. Mesmo o Frigorífico Minerva, entre os maiores do setor, não aparece nas classificações de 2004-2005, e surge em 2006 em 149º e passa para a 143ª posição em 2007. Também entre os maiores, o Mercosul não melhora sua posição e passa de 187º em 2006 para 194º em 2007. Esse movimento circunstancial na classificação foi alterado pela crise generalizada que afetou o setor frigorífico, já estava impondo restrições ao setor sucroalcooleiro e a economia como um todo. Como reflexo desse período de crise, o Mercosul, o Independência e outros frigoríficos foram afetados e entraram em recuperação judicial.

Essas empresas consideram que não foram beneficiadas com os financiamentos e participações do BNDES, que parece ter priorizado algumas dentre elas, principalmente JBS e Marfrig.

A tabela II. 10 foi bastante modificada em função das associações entre JBS e Bertin, mas também pela aquisição da Seara (Cargill) pelo Grupo Marfrig, grandes transações de 2009.

Encerrando este capítulo com os dados da KPMG, a Tabela II. 11 apresenta os setores com maior participação nas transações de F&A no Brasil, no período 1992-2010.

II. 3. 2. Considerações finais

As fusões e aquisições estiveram presentes no noticiário da imprensa, desde o final dos anos 80, ainda que inicialmente não aparecessem com a respectiva importância e os negócios não surgissem em sua totalidade.

Entretanto, aos poucos, tais notícias tornaram-se frequentes. No geral, pode-se afirmar, a presença das transações no noticiário e a importância das transformações em curso terminaram por ressaltar a ampliação desse processo, igualmente associado às privatizações.

No decorrer do período, empresas de consultoria como KPMG e Price, assim como diversos bancos, passaram a assessorar as empresas nos negócios,

profissionalizando o setor. Foram divulgadas informações sobre o aumento das transações, da ampliação do capital estrangeiro nos negócios, as possíveis causas desse movimento avassalador e sobre os valores envolvidos. Assim, a imprensa terminou por repercutir a importância do processo de F&A de empresas na economia do País e a divulgar as quantias envolvidas nos negócios.

Mesmo no noticiário “especializado”, como no caso do jornal Valor Econômico, nem todas as transações são divulgadas: é como se houvesse uma “hierarquia” das transações, com a divulgação pela imprensa nacional dos negócios maiores ou daqueles mais relevantes, pois há transações menores, ou de menor impacto, que por vezes são divulgadas em veículos de circulação restrita, regional ou localmente, entretanto, a inexistência de fontes oficiais sobre o assunto aumenta a importância da imprensa como fonte primária de pesquisa. Tais informações, no caso, podem ser reforçadas pelos dados da KPMG, apresentados na Tabela II. 11. Ressalte-se, ademais, que o próprio CADE utiliza em seus relatórios os dados dessa consultoria.

Tabela II. 10: Empresas dos segmentos entre os 200 maiores grupos no Brasil

Classificação no ranking							Setor	Grupos	Principais Empresas
2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003			
5	17	31	69	-	-	-	Frigorífico	JBS-Friboi	JBS, JBS (Embalagens Metálicas, Holding Inemacional, Global), Friboi Invest., Mouran, Beef Snacks, Swift Armour, SB Holding
16	14	15	19	18	12	11	Óleo de soja	Bunge	Bunge Alimentos, Bunge Fertilizantes, Fertimport, BPI Bunge Parts. e Investimentos.
32	28	34	31	27	24	28	Óleo de soja	Cargill	Cargill Agrícola, Seara Alimentos, Agrocitrus S. Vicente, Cargill (Armazéns Gerais, Prolease, Specialties, Aromas do Brasil, T & C, Carnes).
33	53	107	82	100	111	110	Sucroalcooleiro	Cosan	Cosan, Usina da Barra, Cosan Operadora Portuária
47	59	92	103	-	-	-	Frigorífico	Marfrig	MMS Part., Marfrig, Frigoclass, Argentine B&P, Marfrig Chile, Inaler, Tacuarembó, Weston Importers, Prestcott, Masplen Ltd., Quinto Cuarto, Pampeano
58	52	61	72	76	62	58	Óleo de soja	LDC	Louis Dreyfuss Commodities (Brasil, Agroindustrial), LDC Bioenergia, Coinbra Frutesp.
60	80	83	65	61	66	65	Sucroalcooleiro	Copersucar	Copersucar, Copersucar (S.A., Armazéns Gerais, Comercial, International, Trading), refinaria Piedade, Auxiliar de Armazéns Gerais, 1770 Part. Adapse Part.
90	101	128	133	119	108	113	Produção de soja	André Maggi	André Maggi Part., Amaggi Exp. E Imp., Amaggi International, Agropec. Maggi, Maggi Energia, Hermaggi Agroindustrial, Hermasa Navegação da AM.
105	117	121	127	115	112	107	Óleo de soja	Algar/ABC Inco	Algar Part. ACIM, ABC Táxi Aéreo, ABC Empreend.; Rio Quente; CTBC (Celular, Part.); ABC A&P, ABC Inco, ACS, Contec.
118	132	143	149	-	-	-	Frigorífico	Minerva	Minerva, Transportadora Minerva, Minerva Alimentos, Redi Neto, Eurominerva, Minerva Overseas, Minerva Middle East, Brascasing Comercial.
151	166	176	174	-	-	-	Sucroalcooleiro	Açúcar Guarani	Açúcar Guarani, Cruz Alta Part., energética S. José, Usina Tanabi, Usina Cardoso, Andrade Açúcar e Alcool.
154	-	-	-	-	-	-	Sucroalcooleiro	Alto Alegre	
171	180	174	160	166	168	165	Sucroalcooleiro	Carlos Lyra	Lagense, Usina Caeté, Sotan
173	-	183	-	-	-	-	Sucroalcooleiro	S. Martinho	São Martinho, Usina São Martinho, Usina Boa Vista.
174	197	198	-	-	-	-	Sucroalcooleiro	Zilor	Zilor, Barra Grande de Lençóis, Açucareira (Zillo Lorenzetti, Quatá); Cia Agrícola (Zillo Lorenzetti, Luiz Zillo e Sobrinhos, Quatá).
183	185	200	173	187	196	193	Sucroalcooleiro	Tércio Wanderley	Usina Coruripe, Cipesa Engenharia, Coruripe Energética, Usi-Fértil, Corália Wanderley, Cameirinho Agroindustrial.
-	46	60	-	-	-	-	Frigorífico	Bertin	Heber Parts., Bertin, Bracol, Gaia Energia, Cibe Parts.
-	162	162	131	138	166	190	Sucroalcooleiro	Nova América	Rezende Barbosa, Nova América (Agroenergia, Agrícola, Citrus, Industrial Citrus, Trading, Terras), Laranjay (Agroenergia, Agrícola), Beba Brasil, Intercap.
-	-	194	187	-	-	-	Frigorífico	Mercosul	Frigorífico Mercosul, Frigorífico Mato Leitão, Matopel.
-	-	-	193	186	-	-	Sucroalcooleiro	Tavares de Melo	Exitus Adm. e Part., Tavares de Melo Açúcar e Alcool, Sacoplast, Ampla Part., Agroarte, Ello Distrib., Tecab, Duna

Fonte: Valor Grandes Grupos: Dezembro de 2010, ano 9, nº 9; Dezembro de 2009, ano 8, nº 8; Dezembro de 2008, Ano 7, nº 7; Novembro de 2007, Ano 6, Nº 6; Dezembro de 2006, Ano 5, nº 5 e Dezembro de 2005, ano 4, nº 4. Elaboração do autor.

Tabela II. 11: Comparação setorial de F&A no Brasil: 1992 – 2010

Setor		1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	TOTAL
1	Alimentos, bebidas e fumo	12	28	21	24	38	49	36	25	36	32	29	22	36	36	43	66	54	39	42	668
2	Tecnologia da Informação	0	0	8	7	11	8	8	28	57	36	13	28	22	49	46	56	73	58	85	593
3	Telecomunicações e mídia	1	7	5	8	5	14	31	47	26	27	22	21	32	21	28	27	19	23	28	392
4	Instituições financeiras	4	8	15	20	31	36	28	16	18	17	20	16	19	19	21	19	23	22	28	380
5	Companhias energéticas	0	0	0	1	9	17	11	10	20	36	16	17	12	16	61	25	24	19	35	329
6	Metalurgia e siderurgia	11	13	11	9	17	18	23	9	11	15	13	14	19	25	38	31	20	6	14	317
7	Publicidade e Editoras	0	0	3	2	5	9	19	17	23	19	12	12	17	19	19	35	26	22	26	285
8	Prod. químicos e petroquímicos	4	18	14	13	18	22	25	6	12	7	4	5	7	18	21	39	17	9	19	278
9	Petrolífero (Petróleo e gás)	0	3	2	4	4	3	1	6	28	40	26	7	16	14	8	6	19	8	34	229
10	Seguros	1	1	8	9	16	24	15	9	6	7	5	10	10	16	6	4	27	24	16	214
11	Serviços p/ empresas	0	2	2	1	8	6	13	8	5	9	7	9	9	5	17	35	18	18	31	203
12	Eletroeletrônico	2	7	5	14	15	19	9	5	5	2	4	1	3	9	14	18	8	15	11	166
13	Imobiliário	Em 2007 foi determinada uma categoria para o setor Imobiliário, anteriormente classificado em "Outros"															51	41	23	41	156
14	Partes e peças automotivas	1	1	4	11	11	16	20	13	6	7	4	1	4	5	10	10	9	9	12	154
15	Produtos químicos e farmacêuticos	0	0	4	11	10	4	4	6	6	4	4	4	10	13	15	12	9	12	18	146
16	Transportes	0	1	1	4	6	7	11	1	5	8	4	4	11	9	11	17	13	8	16	137
17	Shopping Centers	0	1	1	0	2	4	2	1	2	2	4	1	1	1	5	51	17	2	20	117
18	Construção e prod. de construção	2	5	3	2	15	8	10	13	5	2	2	3	2	11	7	3	6	0	15	114
19	Lojas de varejo	0	0	1	2	7	8	6	7	5	6	2	2	1	9	15	4	8	11	15	109
20	Madeira e papel	1	1	7	7	4	14	9	5	7	9	1	4	3	2	8	7	4	6	9	108
21	Supermercados	0	3	2	0	2	9	13	24	10	8	4	5	3	6	0	6	2	5	5	107
22	Produtos de engenharia	0	0	2	5	9	9	7	6	7	4	7	4	2	0	1	12	13	2	15	105
23	Mineração	0	0	0	0	0	0	0	1	6	4	5	1	2	2	9	13	27	9	24	103
24	Educação	Em 2008 foi determinada uma categoria para o setor Educação, anteriormente classificado em "Outros"															53	12	20	85	
25	Açúcar e álcool	Em 2007 foi determinada uma categoria para o setor Açúcar e Alcool, anteriormente classificado em "Produtos químicos e petroquímicos"															25	14	13	26	78
TOTAL GERAL																					6727

Fonte: KPMG Corporate Finance. Elaboração do autor.

CAPÍTULO III: CENTRALIZAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO NO SETOR FRIGORÍFICO

III. 1. INTRODUÇÃO

Conforme o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, o Complexo Carnes (bovino, aves e suíno) está em segundo lugar na pauta de exportação do agronegócio brasileiro, sendo superado apenas pelo Complexo Soja.

A caracterização do setor frigorífico no Brasil permite demonstrar o grau de controle no mesmo por três grandes empresas que dominam a criação, o transporte e o abate de bois no país, onde há precisamente o oligopólio, e também a exportação, seja da carne *in natura*, de animais vivos ou produtos industrializados.

Entretanto, apesar de reduzido número de grandes empresas concentrarem esse mercado, o setor é formado por empresas de portes diferenciados, atuando em todas as regiões do País. No nordeste a característica é de um grande número de pequenos abatedouros e matadouros, entre os informantes pesquisados pelo IBGE. Contudo, se observa nessa região número inferior de abate em comparação com o Sudeste e o Centro-Oeste do Brasil, mas muito próximo dos dados oscilantes da região Sul, conforme o gráfico III.1.¹²⁴

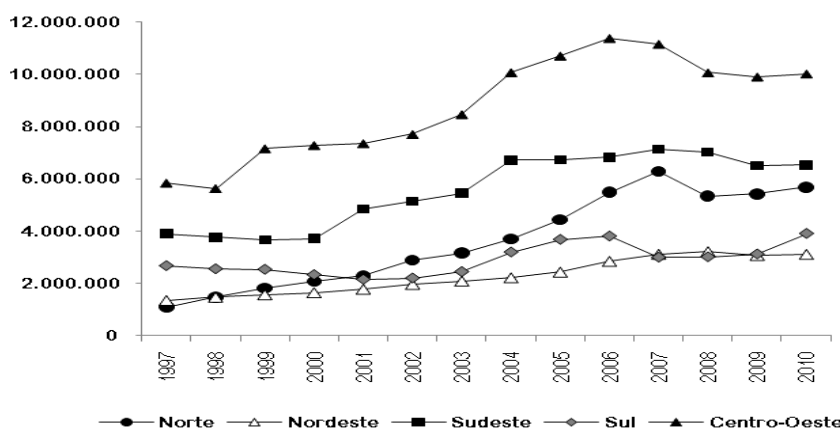


Gráfico III. 1: Abate de bovinos – Grandes Regiões do Brasil: 1997-2010
Fonte: IBGE: Pesquisa Trimestral do Abate de Animais. Elaboração do autor.

¹²⁴ Entre os diversos pequenos abatedouros da região nordeste, muitos dentre eles abatem ovinos, caprinos, etc..

O Gráfico III.1 também indica o crescimento de abates na região norte, de fronteira agropecuária, cuja presença da pecuária bovina vem se intensificando em direção norte, noroeste e oeste, apresentando localização recente de grandes frigoríficos, conforme aparece no Mapa dos Frigoríficos da Amazônia Legal (Mapa III.1). Entretanto, a maior parte das plantas localiza-se na região Centro-Oeste, onde a produção de grãos se concentra no alto das chapadas e a pecuária extensiva ocupa os vales úmidos. Em toda a região nordeste, diferentemente do Sul, há apenas um grande frigorífico do JBS, localizado na Bahia, conforme os dados da ABIEC (Tabela III.1, apresentada a seguir e Mapa III.2).

Tabela III.1: Abate de Bovinos – Brasil e UF – 1997-2010

(em milhões de cabeças)

	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	%
Brasil	14,9	14,9	16,8	17,1	18,4	19,9	21,6	25,9	28,0	30,4	30,7	28,7	28,1	29,3	100,0
MT	1,1		1,2		1,1	2,4	2,8	3,5	4,1	4,8	4,6	3,8	4,1	4,1	13,9
SP	2,8	2,6	2,5	2,4	3,3	3,5	3,6	4,6	4,5	4,1	4,1	3,6	3,6	3,5	12,1
MS	2,7	2,7	2,2	3,3	3,3	3,3	3,3	3,8	3,8	3,7	3,7	3,2	3,3	3,3	11,3
GO	2,1	1,8	1,8	2,0						2,9	2,8	3,0	2,5	2,6	8,9
MG	0,9	0,9	1,0	1,1	1,2	1,3	1,6	1,8	2,0	2,4	2,6	2,9	2,5	2,4	8,2
PA	0,5	0,7	0,9	1,0	1,1	1,2	1,4	1,6	1,9	2,2	2,4	2,1	2,1	2,1	7,2
RS	1,5	1,3	1,4	1,3	1,1	1,0	1,3	1,7	2,0	2,0	1,4	1,5	1,6	1,9	6,6
RO	0,1	0,2	0,3	0,4	0,5	0,8	0,9	1,0	1,3	1,7	2,1	1,7	1,8	1,9	6,5
PR	1,0	1,1	0,9	0,8	0,9	1,0	1,0	1,3	1,4	1,4	1,3	1,2	1,2	1,5	5,0
BA	0,3	0,3	0,4	0,3	0,4	0,4	0,5	0,6	0,8	0,9	1,0	1,1	1,1	1,2	4,0
TO	0,2	0,3	0,4	0,5	0,4	0,3	0,6	0,7	0,9	1,2	1,2	0,9	0,9	0,9	3,1
Outros*	1,3	1,5	1,8	1,9	2,0	2,2	2,4	2,3	2,4	2,9	3,3	3,4	3,3	3,8	12,8

Fonte: IBGE, Sidra, PPM, Abate de animais. Adaptado.

* Outros: soma dos dados das demais unidades da federação e Distrito Federal.

Os cinco estados com maior número de cabeças abatidas representam mais da metade do abate de animais do País. Somados, Mato Grosso, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Goiás e Minas Gerais detêm 54,4% do abate. A região Centro-Oeste fica responsável por um terço da produção nacional e a região sudeste, mais de um quarto desse total. Ambas detêm 56,6% do abate nacional.

Os cinco estados com maior número de cabeças de gado representam 52,9% da produção nacional. Contudo, não há como determinar o efetivo bovino da pecuária de corte, pois o levantamento estatístico do IBGE não distingue a produção animal com destinos econômicos diferenciados entre a bovinocultura leiteira e de corte. Entretanto, em decorrência da urbanização brasileira, desde o fim do século

XIX, o Centro-Oeste destina os vales úmidos para abastecer de carne bovina o mercado interno e, mais recentemente, as exportações. Sem ignorar, é claro, a bovinocultura leiteira da região, que tem contribuído com o abastecimento regional em franco crescimento populacional.

Tabela III.2: Efetivo de Bovinos – Brasil e UF

	(em milhões de cabeças)						
	1970	1975	1980	1985	1995	2006	Part. (%)
Brasil	78.562.250	101.673.753	118.085.872	128.041.757	153.058.275	171.613.337	100,0
MS	-	8.871.154	11.862.907	15.017.906	19.754.356	20.379.721	11,9
MG	15.140.493	20.022.834	19.560.399	19.983.506	20.044.616	19.911.193	11,6
MT	9.428.840	3.110.119	5.243.044	6.545.956	14.438.135	19.807.559	11,5
GO	7.792.839	12.728.294	16.089.510	14.476.565	16.488.390	17.259.625	10,1
PA	1.043.648	1.441.851	2.729.796	3.478.875	6.080.431	13.354.858	7,8
RS	12.305.119	12.692.127	13.985.911	13.509.324	13.221.297	11.184.248	6,5
SP	9.110.633	11.451.139	11.685.216	12.210.369	12.306.790	10.433.021	6,1
BA	5.657.275	8.139.414	8.942.727	9.315.074	8.729.953	10.229.459	6,0
PR	4.692.677	6.587.064	7.893.313	8.574.564	9.900.885	9.053.801	5,3
RO	23.125	55.392	251.419	770.531	3.937.291	8.490.822	4,9
TO	-	-	-	3.603.813	5.218.142	6.076.249	3,5
MA	1.473.788	1.784.284	2.804.070	3.247.206	3.902.609	5.592.007	3,3
Outros*	11.879.468	14.789.841	17.037.296	17.308.068	19.035.380	19.840.774	11,6

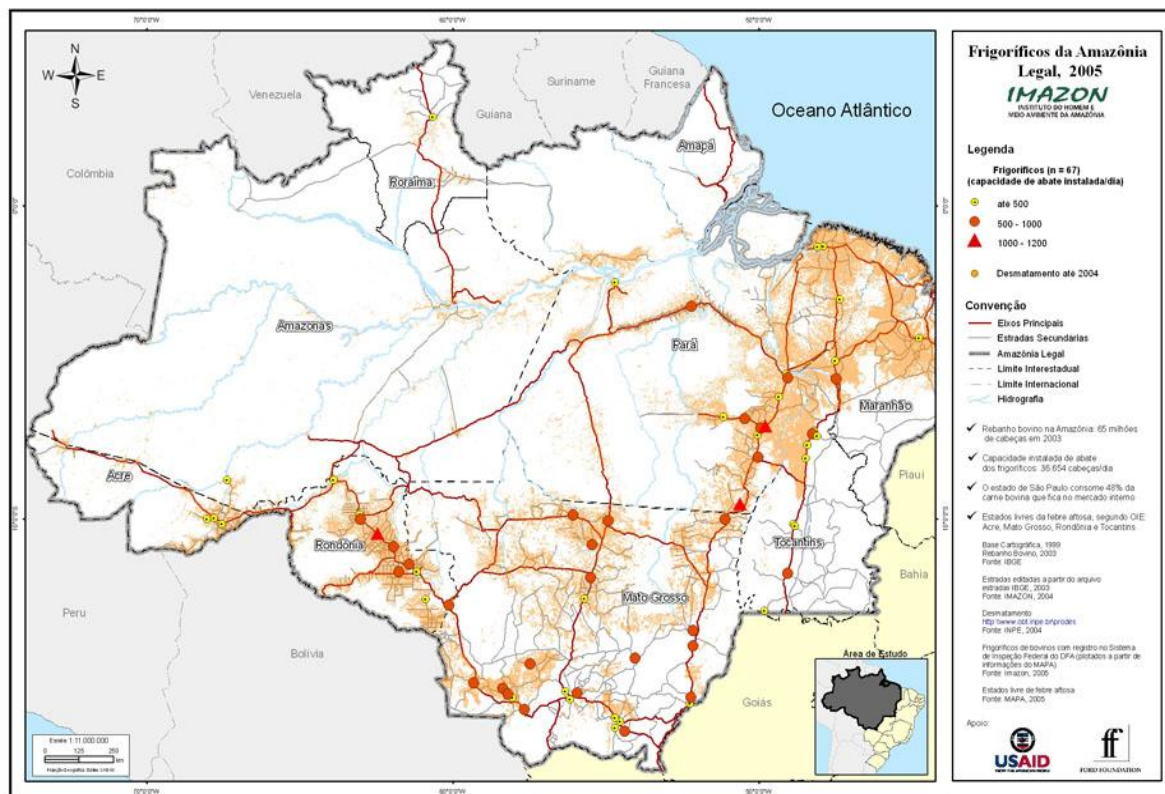
Fonte: IBGE, Série Histórica, **Censo Agropecuário**, Efetivo de bovinos.
Adaptado.

* Outros: soma dos dados das demais unidades da federação e Distrito Federal.

Dentre os principais estados pecuaristas, chama a atenção o crescimento da produção no Pará e Rondônia, sendo que o primeiro aumentou em quase 13 vezes a sua produção e o segundo multiplicou-a por aproximadamente 370 vezes entre 1970-2006. A produção de grãos em plena expansão no planalto central tem ocupado rapidamente as terras do norte de Mato Grosso, alcançando o sul do Pará e o leste de Rondônia, bem como os demais estados em contato com a floresta amazônica. Como se observa no capítulo sobre a produção de óleo do complexo soja.

Sobre o mapa dos frigoríficos da Amazônia Legal, apresentado a seguir, parece interessante observar a sua relação, enquanto documento com informações de localização e produção, realizado por uma ONG (Imazon, *Instituto do Homem, Meio Ambiente e Amazônia*), com o apoio da Fundação Ford e da USAID (essa organização de triste lembrança para os latino-americanos). Parece pertinente

observar que uma parcela do espaço representado como “Amazônia Legal” corresponde ao estado do Mato Grosso (majoritariamente região de “cerrado”), e não participa na sua totalidade da “Amazônia Legal”.



Mapa III.1: Frigoríficos da Amazônia Legal, 2005

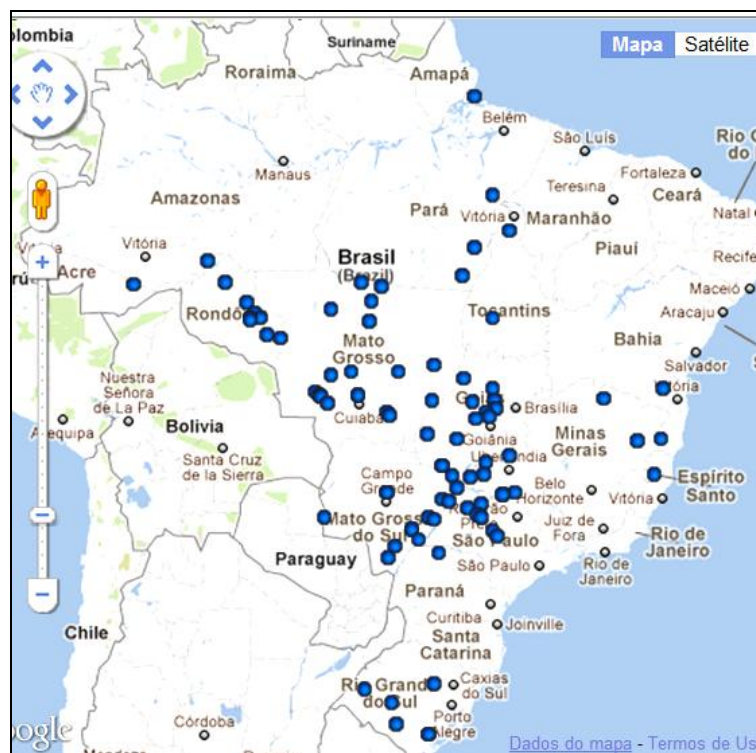
Fonte: Disponível em <http://www.reporterbrasil.org.br/documentos/bertin/bertin-frigorificosnaamazonialegal.pdf> Acesso aos 02/05/2008.

É preciso ressaltar, entretanto, que o maior contingente de bovinos localiza-se atualmente na região centro-oeste do país, e não na região amazônica, em que pese o avanço do rebanho e a localização de frigoríficos no norte do Mato Grosso e no sul do Pará, em direção a Marabá. Ademais, a pecuária não é uma atividade recente no espaço amazônico, e remonta ao início do séc XVII, conforme Deffontaines (apud VEIGA, 2004, p. 16).¹²⁵

A concentração de expressivo número de unidades frigoríficas no Centro-Oeste justifica-se pelo rebanho da região e alinha-se com o gráfico III.7 (abate de bovinos). Contudo, com o avanço recente da produção canavieira nas terras paulistas ocupando áreas tradicionais da produção de alimentos e pecuária, está

¹²⁵ Deffontaines, P. Foires et marches à bétail em Amérique latine. *Congresso Internacional de Geografia*. Rio de Janeiro.

impelindo a expansão da pecuária extensiva para o planalto central brasileiro, intensificando o uso da terra no Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Goiás e abrindo a hiléia para a criação em Rondônia e em Pará, mais intensamente (conforme Mapas III.1, III.2 e III.3).



Mapa III.2: Distribuição dos abatedouros no Brasil, 2010

Fonte: SIF, *apud* Association of Brazilian Beef Exporters, www.brazilianbeef.org.br, acesso em 25/04/2011.

Outro indicativo importante é o crescimento médio do consumo de proteína animal entre 2000 e 2010, que vem apresentando crescimento significativo nos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento e declínio nos países industrializados, conforme os dados apresentados pelo Grupo JBS (FAPRI, *apud* JBS Trimestral junho, 2009), sobre o crescimento do consumo médio de proteína nas regiões sub-continentais. As taxas de crescimento observadas entre 2000-2010 foram: América do Norte, 7,6%; América Central, 29,0%; América do Sul, 32,2%; EU, 6,0%; Antiga URSS, 47,7%; Ásia 23,7%; Ásia de Sudeste, 48,7%; Oriente Médio, 41,4%; África Subsaariana, 70,2%; Oceania, 23,3%. Ou seja, os países não desenvolvidos estão se tornando mercados mais atraentes para o segmento carne, ampliando o comércio sul-sul.

Tabela III.3: Balanço do Complexo Carne Bovina

	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008*	2009**
População (milhões de habitantes)	153,7	155,8	157,1	159,5	161,9	164,3	169,8	172,3	174,9	177,4	180,0	182,6	185,2	187,7	190,2	192,8
Crescimento populacional		1,4%	0,8%	1,5%	1,5%	1,5%	3,3%	1,5%	1,5%	1,5%	1,5%	1,4%	1,4%	1,4%	1,3%	1,3%
Rebanho Bovino (milhões)	158,2	155,9	153,1	156,1	157,8	159,2	164,3	170,6	179,2	189,1	197,8	200,3	199,1	193,2	191,2	193,1
Taxa de Abate	16,43%	17,32%	20,25%	18,64%	19,14%	19,69%	19,80%	19,83%	19,82%	19,91%	20,94%	21,50%	22,28%	23,30%	22,36%	22,58%
Abate (milhões de cabeças)	26,0	27,0	31,0	29,1	30,2	31,3	32,5	33,8	35,5	37,6	41,4	43,1	44,4	45,0	42,8	43,6
Produção/Carne (mil ton. eq. carc.) ¹	5.028,4	5.251,4	5.977,2	5.867,2	6.195,6	6.396,5	6.681,7	7.150,8	7.540,2	7.792,0	8.487,8	8.775,9	9.052,7	9.296,7	9.000,0	9.180,0
Consumo per capita (kg eq. carc.)	31,5	33,5	37,5	36,1	36,8	36,0	36,5	36,8	37,9	36,9	37,1	36,3	37,2	37,2	36,9	37,4
Consumo interno (mil ton. eq. carc.) ¹	4.845,9	5.227,8	5.894,5	5.757,1	5.953,1	5.919,8	6.189,8	6.341,8	6.635,0	6.554,9	6.686,6	6.627,5	6.881,2	6.974,7	7.025,8	7.205,0
Exportação (mil ton. equiv. carcaça) ¹	378,4	285,1	278,4	286,7	377,6	559,9	591,9	858,3	1.006,0	1.300,8	1.854,4	2.197,6	2.200,0	2.350,0	2.000,0	2.000,0
Importação (mil ton. equiv. carcaça) ¹	195,9	261,5	195,7	176,6	135,1	83,2	99,9	49,3	100,7	63,7	53,3	49,2	28,5	28,0	25,8	25,0
Exportação (US\$ milhões)	573,4	490,2	440,0	436,0	588,5	784,7	786,3	1.022,5	1.107,3	1.509,7	2.457,3	3.032,8	3.800,0	4.500,0	5.500,0	4.950,0
Importação (US\$ milhões)	230,5	311,5	237,1	272,8	220,0	98,9	128,3	64,9	84,0	60,2	72,2	80,2	63,0	94,7	120,4	104,9

Fonte: ABIEC (<http://www.abiec.com.br/download/balanco.pdf>) a partir de dados básicos: IBGE e SECEX/MDIC.

Elaboração: Fórum Nacional Permanente da Pecuária de Corte da CNA.

Rebanho: 1994 - PPM/IBGE; 1996 - Censo Agropecuário/IBGE; 1995 e 1997 a 2008 - Estimativas.

*Preliminar;

**Estimativa;

¹ Em mil toneladas em equivalente carcaça

Outro comportamento relevante é o da balança comercial do setor, como vemos no gráfico abaixo.

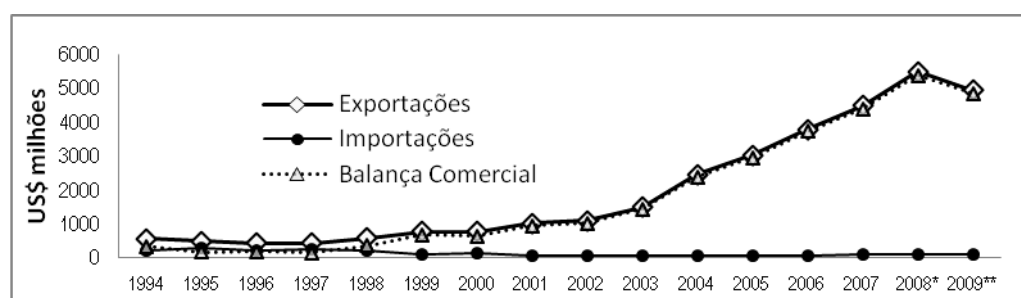


Gráfico III.2: Balança Comercial do Complexo Carne Bovina

Fonte: Elaboração própria, a partir de dados da SECEX/MDIC.

A participação das importações sobre as exportações alcançaram por dois anos mais de 60% (1995 e 1997), reduzida para menos de dois dígitos percentuais em 2000 e alcançando índice abaixo de 2% em 2006. A economia de escala e escopo adotada pelos frigoríficos nacionais ampliou a oferta interna e externa – no período 1997-2006, sem significativo aumento até a presente data –, obedecendo as

regulamentações fitossanitárias e padrões internacionais que permitiram a excelência da produção, e consequentemente inibiu importações. Traduzindo isto em números, como se observa na tabela e no gráfico do balanço do segmento carne, em 1995 as importações representavam 63% das exportações (em dólares), em 2001, esta proporção não atingia 10%, e a partir de 2006 se manteve próximo de 2%. Isto decorre da produção ter ampliado no período 1997-2006 em 35%, passando de 5,9 milhões para 9,2 milhões de toneladas. O mercado interno consumia aproximadamente 98% (1997) da produção do Complexo, e reduziu sua participação em 76% (2006), permitindo a formação de excedente exportável graças ao aumento da produção do segmento. Desta maneira, o segmento multiplicou em quase 8 vezes sua participação nas exportações, saltando de 286 mil toneladas para 2.200 mil toneladas de carne exportada.

O Grupo JBS ao incorporar o Swift e várias outras empresas do segmento, transformou-se no maior exportador de carne bovina do mundo, ocupando o 15º lugar no ranking de receita líquida das empresas agropecuárias do Brasil (Anuário do Agronegócio, out./2008), atrás de grandes companhias como AmBev (1ª colocada), Cargill (2ª) e Pão de Açúcar (3º). No segmento de frigoríficos, entretanto, sua primazia contrasta com empresas de menor porte, sendo que até 2009 concorria diretamente com o Bertin (12º colocado em 2008), até quando a adquiriu no mesmo ano, colocando o Marfrig como segundo no ranking do setor (41º, em receita líquida em 2008) e entre as 500 maiores empresas do Brasil.¹²⁶

A atividade compreendida nesse segmento de frigorífico é bastante suscetível a contaminações, assim as condições para o abate necessitam de cuidados higiênicos, ambientais, alimentares e de sanidade dos animais, o que exigiu a reformulação da antiga fazenda de gado em unidade integrada com a agroindústria químico-farmacêutica. Do contrário, são colocadas barreiras fitossanitárias e dificuldades para a exportação pelos diversos países importadores.

O quadro III.3, a seguir apresentado, localiza as unidades industriais das empresas associadas à ABIEC e mostra a concentração das plantas nas unidades da federação, considerando as regiões e estados brasileiros.

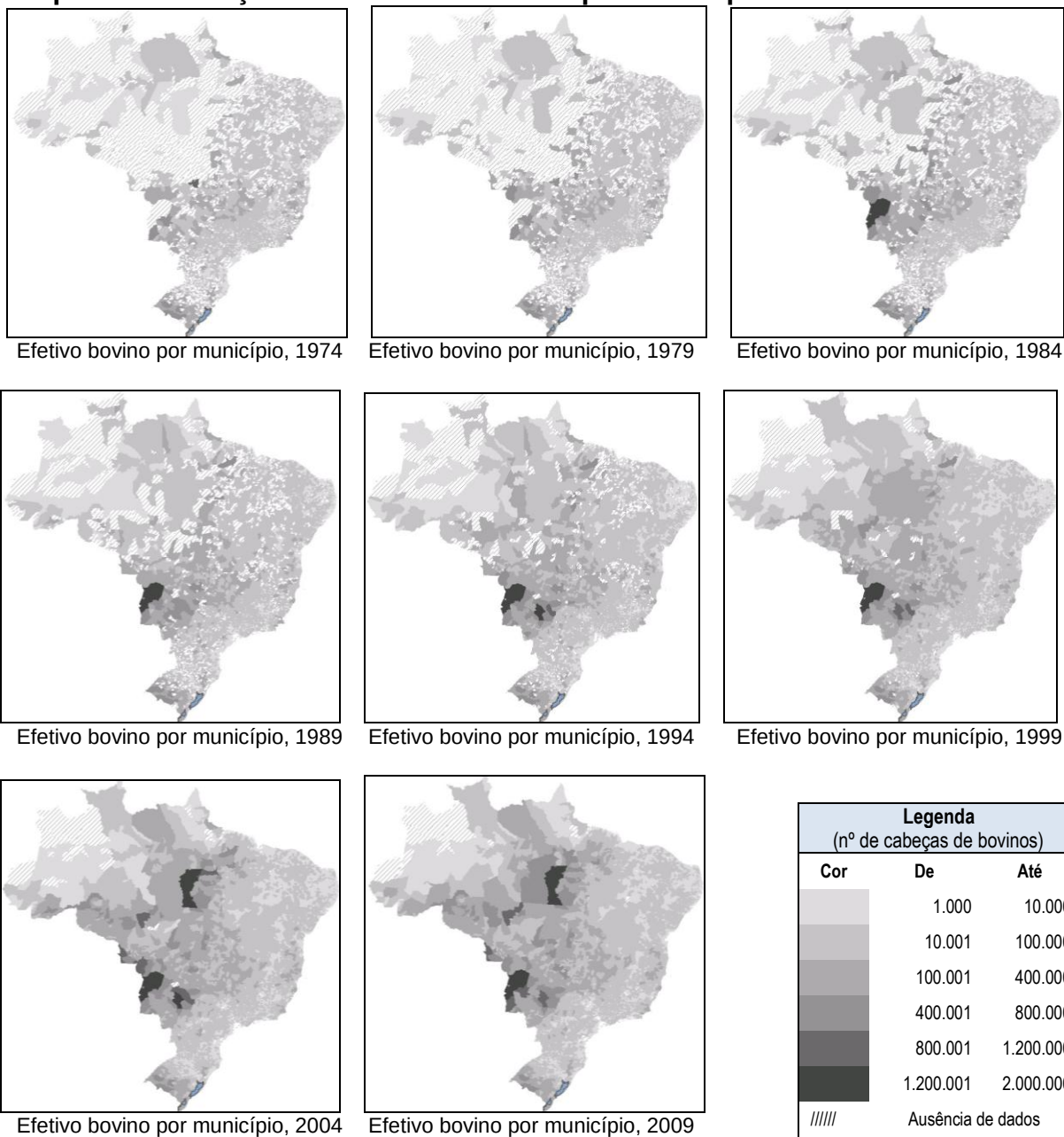
¹²⁶ “Anuário do Agronegócio”. Globorural, outubro, 2009.

Quadro III.1: Localização dos frigoríficos por unidades da federação

REGIÃO	U.F.	EMPRESAS	UNIDADES
NORTE	AC	JBS S.A.	Rio Branco
	TO	Minerva S.A.	Araguaína
		Cooperfrig	Gurupi
	RO	JBS S.A.	Porto Velho; Cacoal; Vilhena
		Marfrig	Ariquemes; Chupinguaia
		Vale Grande Ind. e Com. de Alimentos	Ji-Paraná
		Frigol	Pimenta Bueno
		Minerva	Rolim de Moura
SUDESTE	PA	JBS S.A.	Tucumã; Marabá; Redenção; Santana do Araguaia
	ES	Frisa – Frigorífico Rio Doce S.A.	Colatina
	MG	Minerva S.A.	Campina Verde
		Independência S.A.	Janaúba
		Frisa – Frigorífico Rio Doce S.A.	Nanuque
		JBS S.A.	Teófilo Otoni; Ituiutaba; Iturama
		Mataboi	Araguari
	SP	Frigorífico Vangélio Mondelli S.A.	Bauru
		Frigol S.A.	Lençóis Paulista
		Marfrig	Promissão
		Rodopa Exportação de Alim. e Logística	Santa Fé do Sul
		JBS S.A.	Presidente Epitácio; Barretos; Lins
		Frigorífico Mataboi S.A.	Araçatuba
		Minerva S.A.	José Bonifácio; Barretos
		Tatuíbi (Rodopa Alimentos)	Ipuã
SUL	PR	JBS S.A.	Maringá
		Marfrig	Nova Londrina
	RS	Marfrig	Mato Leitão; Alegrete; São Gabriel; Bagé; Capão do Leão
CENTRO-OESTE	MT	Vale Grande Ind. e Com. de Alimentos	Matupá Sinop
		JBS S.A.	Alta Floresta; Colider; Juara; Diamantino; Araputanga; Cáceres; Cuiabá; Água Boa; Barra do Garças; Pedra Preta; S. José dos Quatro Marcos
		Marfrig	Tangará da Serra; Paranatinga
		BRF Brasil Foods	Mirassol do Oeste; Várzea Grande
		Mataboi	Rondonópolis
	MS	Marfrig	Paranaíba; Porto Murtinho; Bataguassu
		Rodopa Exportação de Alim. e Logística	Cassilândia
		JBS S.A.	Campo Grande; Naviraí
		Vale Grande Ind. e Com. de Alimentos	Iguatemi
		Minerva	Bataiporã
		Independência Alimentos Ltda.	Nova Andradina
		Frigorífico Mataboi S.A.	Três Lagoas
	GO	Marfrig	Mineiros; Rio Verde; Goianira
		Frigorífico Mercosul S.A. (Marfrig)	Pirenópolis
		JBS S.A.	Mozarlândia; Anápolis; Goiânia
		Minerva S.A.	Goianésia; Palmeira de Goiás
		Rodopa Exportação de Alim. e Logística	Goiás (sic)
NORDESTE	BA	JBS S.A.	Itapetinga

Fonte: Mapa das Plantas Frigoríficas. Disponível em www.abiec.com.br Acesso aos 28/03/2011.
Elaboração do autor.

Mapa III.3: Evolução dos efetivos bovinos por municípios do Brasil 1974-2009



Quantitativo de efetivo bovino por municípios no Brasil - 1974-2009

Frequência de nº de cabeças de bovinos		Ano															
		1974		1979		1984		1989		1994		1999		2004		2009	
De	Até	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
1.000	10.000	1629	29,3	1466	26,3	1430	25,7	1440	25,9	1884	33,9	2249	40,4	2193	39,4	2106	37,8
10.001	100.000	1995	35,8	2142	38,5	2241	40,3	2552	45,9	2604	46,8	2716	48,8	2714	48,8	2818	50,6
100.001	400.000	131	2,4	179	3,2	235	4,2	258	4,6	275	4,9	298	5,4	415	7,5	406	7,3
400.001	800.000	7	0,1	11	0,2	21	0,4	23	0,4	28	0,5	26	0,5	43	0,8	47	0,8
800.001	1.200.000	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	2	0	7	0,1	6	0,1
1.200.001	2.000.000	0	0	0	0	1	0	1	0	2	0	1	0	3	0,1	2	0
Ausência de dados		1627	29,2	1607	28,9	1487	26,7	1152	20,7	611	11	90	1,6	49	0,9	44	0,8

Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal, SIDRA.

Quadro III.2: Panorama do Mercado de Carne Bovina no Mundo - 2008

MERCADO	PARTICIPAÇÃO GLOBAL DOS PRINCIPAIS PAÍSES DO MUNDO
Produção	EUA (22%); Brasil (15%); UE (14%); China (10%); Argentina (5%); Índia (4%); Outros (30%).
Consumo	EUA (22%); UE (15%); Brasil (13%); China (10%); Argentina (5%); México (4%); Outros (31%).
Exportação	Brasil (23%); Austrália (19%); EUA (11%); Índia (8%); Canadá (7%); Nova Zelândia (7%); Outros (25%).
Importação	EUA (19%); Rússia (16%); Japão (10%); UE (8%); México (5%); Coreia do Sul (4%); Outros (38%).

Fonte: JBS (2010), apud USDA, 2009.

Tabela III.4: Principais produtos exportados (em US\$ mil FOB)

Discriminação	2009	Part. (%)	2010	Part. (%)
Minérios de Ferro e Seus Concentrados	13.246.904	8,7	28.911.882	14,3
Óleos Brutos de Petróleo	9.152.292	6,0	16.151.047	8,0
Soja Mesmo Triturada	11.424.283	7,5	11.043.000	5,5
Açúcar de Cana em Bruto	5.978.586	3,9	9.306.851	4,6
Carnes de Frango Congela da Fresca ou Refrig .Incl. Miudezas	4.817.758	3,1	5.789.273	2,9
Café Cru em Grão	3.761.267	2,5	5.181.628	2,6
Pasta Química de Madeira	3.308.862	2,2	4.750.531	2,4
Farelo e Resíduos da Extração do Óleo de Soja	4.592.651	3,0	4.719.373	2,3
Automóveis de Passageiros	3.244.911	2,1	4.416.527	2,2
Aviões	3.860.322	2,5	3.972.120	2,0
Carne de Bovino Congelada Fresca ou Resfriada	3.022.566	2,0	3.861.061	1,9
Açúcar Refinado	2.399.232	1,6	3.454.832	1,7
Partes e Peças para Veículos Automóveis e Tratores	2.417.228	1,6	3.421.751	1,7
Fumo em Folhas e Desperdícios	2.991.818	2,0	2.706.732	1,3
Produtos Semimanufaturados de Ferro ou Aços	1.734.080	1,1	2.592.072	1,3
Óleos Combustíveis (OLEO DIESEL "FUEL-OIL" ETC)	2.006.565	1,3	2.577.514	1,3
Milho em Grãos	1.302.150	0,9	2.215.550	1,1
Ferro-Ligas	1.427.334	0,9	2.038.964	1,0
Produtos Laminados Planos de Ferro ou Aços	1.629.574	1,1	1.812.638	0,9
Outros Produtos	70.676.360	46,2	82.991.940	41,1
Álcool Etílico*	1.338.152	0,8	1.014.261	0,5
Total Geral	152.994.743	100,00	201.915.285	100,0

Fonte: Anuário Estatístico MDIC, 2011, p. 28

* MDIC/SECEX 2011

III. 2. O GRUPO JBS

Criado em Anápolis (GO) em 1953, o JBS hoje é a maior empresa brasileira na área de alimentos¹²⁷, exportando para 110 países. Detém atualmente 35 unidades de abate de bovinos em diversos estados brasileiros, entre eles: Acre, Rondônia, Mato Grosso, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. O Grupo é proprietário, ainda, de fazendas de confinamento de gado e administra a logística de transporte, através de 1600 caminhões de sua propriedade.^{128 129}

O JBS atua em quatro divisões de negócios: alimentos (carne *in natura*, através das marcas “Friboi” e “Maturatta”); linha de produtos alimentícios industrializados, através das marcas Swift, Bordon, Anglo e Sola; colágeno, por meio da NovaProm; higiene e limpeza (divisão criada em 1986, em Luziânia-GO) pela empresa Flora, Produtos de Higiene e Limpeza S.A. (através da produção dos sabonetes Albany e do detergente Minuano, entre outros); e no setor de transportes, com frotas próprias para atender aos mercados interno e externo.

Assim, quando adquire ou arrenda uma unidade, o Grupo controla a cadeia de produção e elimina intermediários do setor de transporte que anteriormente atendiam àquela unidade ou região. As empresas autônomas de transporte de gado geralmente fecham quando os abatedouros aos quais prestam serviço são adquiridos pela JBS – como foi observado na região de Rondonópolis, quando a Empresa adquiriu o frigorífico de Pedra Preta (MT).

Trata-se do maior frigorífico de carne bovina do Brasil, desde a compra do Bertin, e do mundo. Suas exportações atingiram US\$ 900 milhões em 2005, logo após a aquisição da Swift Armour S.A. na Argentina. Verifica-se a expansão do JBS através de estratégia agressiva de aquisições, incorporando ao menos um frigorífico por ano durante a década de 1990. E, em 2007, se internacionaliza ao adquirir a

¹²⁷ Na classificação da Revista “Valor 1000” (Valor Econômico, Agosto 2011, nº 11, p. 114), o JBS aparece em 3º lugar, atrás da Petrobras (1º) e Vale (2º).

¹²⁸ Unidades do Grupo JBS: Anápolis-GO, Andradina-SP, Araputanga-MT, Barra do Garças-MT, Barretos-SP, Cáceres-MT, Cacoal 1-RO, Cacoal 2-RO, Campo Grande-MS, Goiânia-GO, Iturama-MG, Maringá-PR, Pedra Preta-MT, Pimenta Bueno-RO, Porto Velho-RO, Presidente Epitácio-SP, Rio Branco-AC, Santo Antonio de Posse-SP, Teófilo Otoni-MG, Três Rios-RJ, Uberlândia-MG, Vilhena-RO e Votuporanga-SP, entre outras.

¹²⁹ A unidade Presidente Epitácio encontra-se em processo de encerramento das atividades

Swift nos Estados Unidos, ampliando expressivamente a sua produção e exportação de carne bovina.¹³⁰

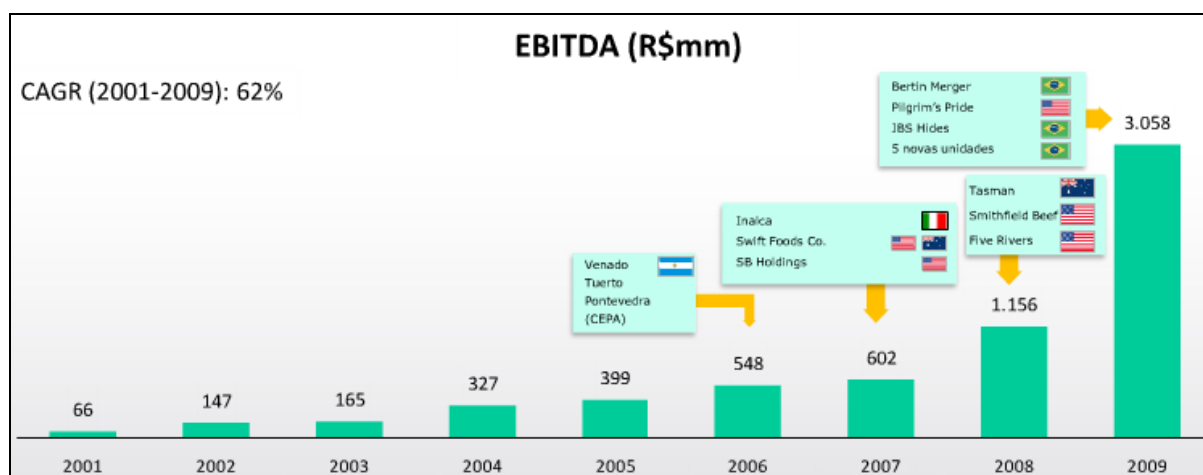
Tabela III.5: Receita do JBS – 2001 a 2009

DADOS E ÍNDICES	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2009/01 (%)	2006/01 (%)	2009/06 (%)
Receita líquida (R\$ milhões)	1.212	1.289	1.912	3.501	3.709	4.302	14.142	30.340	34.312	2731,0	255,0	697,6
EBITDA* (R\$ milhões)	66	147	165	327	399	548	602	1.156	1.285	1847,0	730,3	134,5
Margem EBITDA (%)	5,4	11,4	8,6	9,3	10,8	12,7	4,3	3,8	3,7	-31,5	135,2	-70,9
Taxa Cresc. Receita a.a. (%)	--	6,4	48,3	83,1	5,9	16,0	228,7	114,5	13,1	--	--	-18,1
Taxa Cresc. EBITDA a.a. (%)	--	122,7	12,2	98,2	22,0	37,3	9,9	92,0	11,2	--	--	-70,0

Fonte: JBS (2010)

* EBITDA (Earnings before interest, taxes, depreciation and amortization) refere-se ao lucro antes dos juros, impostos, depreciação e amortização.

Quadro III.3: JBS Crescimento por aquisições e ganhos



Fonte: JBS (2010), <http://www.slideshare.net/jbsri/apresentao-jbs-junho>. Acesso em 23/04/2011.
EBITDA (lucros antes de impostos e juros).

Quadro III.4: Evolução da receita do JBS - 2001-2009

ANO	RECEITA TOTAL	PERCENTUAL DA RECEITA TOTAL
2001	R\$ 1,2 milhões	100% bovino
2006	R\$ 4,3 bilhões	77% bovino; 23% industrializados/processados
2009	R\$ 55,2 bilhões	52% bovino; 29% industrializados/processados; 13% frango; 6% suíno.

Fonte: JBS (2010), <http://www.slideshare.net/jbsri/apresentao-jbs-junho>. Acessado em 23/04/2011.

O Grupo JBS atualmente é líder global do segmento de bovino, ovino e couro; também o segundo maior produtor mundial de frango; o terceiro maior produtor dos EUA no segmento suíno; o terceiro maior produtor do Brasil no segmento de lácteos.

¹³⁰ Na classificação da Revista "Valor: Multinacionais Brasileiras" (Setembro 2011, nº 4, p. 30), o JBS aparece como a empresa brasileira mais internacionalizada em 2010, portanto, em 1º lugar, à frente de Grupo Gerdau, Odebrecht, Metal Frio e Ibope, entre outras.

Atualmente o grupo está organizado em 16 divisões de negócios, fruto da aquisição da Bertin, grande complexo industrial sediado em Lins (SP).

III. 2. 1. Histórico do Grupo JBS

A história do Grupo JBS inicia-se na década de 50, quando José Batista Sobrinho, conhecido por Zé Mineiro, passou a abastecer as empresas construtoras de Brasília com a carne de seu açougue, a Casa de Carne Mineira, localizada em Anápolis (GO). Seus filhos conduziram a expansão do frigorífico, cuja sede atualmente localiza-se em São Paulo, na Marginal do Rio Tietê, e tornou-se o maior grupo do setor de proteína animal. Do ano de seu surgimento, como um açougue e pequeno matadouro em Anápolis, até 1968 quando fez a primeira aquisição em Planaltina (DF), a capacidade de abate do frigorífico era de 5 cabeças por dia. Em 1970, com a aquisição de mais uma planta em Luziânia (GO), a capacidade de abate se multiplicou para 500 cabeças/dia.

No período 1981-2002, ainda sob a denominação Friboi, expandiu suas operações no Brasil, através de aquisições de plantas de abate e unidades de produção de carne *in natura* e industrializada, e investiu no aumento da capacidade produtiva. Em 1986, em uma estratégia de diversificação surgiu com a criação do setor de higiene e limpeza na produção do detergente Minuano e sabonete Albany. Hoje em dia a divisão Flora é proprietária das seguintes marcas: Albany, Nutre, Cass, Minuano e Smuff, e em julho de 2011 adquiriu e assumiu o controle das marcas Ox, Francis, Karina, Neutrox, Kolene, Tano Tom, Hydrata, etc.¹³¹

A capacidade de abate atinge 5,8 mil cabeças/dia, quando houve a aquisição do Frigorífico Anglo, em Barretos (a ser tratado com mais detalhe no item seguinte), realizada em 1995, e em seguida a compra do setor de bovinos da Sadia¹³², e dos frigoríficos Mouran, Araputanga, Frigovira, Sola, Frigomarca e Swift Bordon – no qual chegou a ter parceria com o Bertin, na BF (iniciais de Bertin e Friboi). Em 2004, adquiriu a totalidade da participação na BF Alimentos¹³³, sociedade firmada nos

¹³¹ Disponível em <http://www.flora.com.br/> Acesso aos 24/09/2011, às 23:10 e também em “A aposta do JBS no papel”. Istoé Dinheiro, ano 14, nº 714, 15/06/2011.

¹³² A Sadia, durante a década de 1990 vendeu parte de seus departamentos e unidades produtivas. Recentemente a empresa investiu novamente no segmento de frigorífico de bovinos, construindo uma planta nova.

¹³³ Valor Econômico, “Friboi ajusta gestão para expansão global”, 14/06/2007.

anos 1990 com o Frigorífico Bertin para a aquisição do Frigorífico Anglo, sediado em Barretos.

A aquisição da Swif Armour S.A. da Argentina – então a maior empresa na produção e exportação de carne bovina naquele país –, numa transação de cerca de US\$ 200 milhões, ocorreu em setembro de 2005 com o apoio financeiro do BNDES, que liberou financiamento de US\$ 80 milhões. Essa aquisição garantiu ao novo grupo 50% do mercado mundial de carne processada. A contrapartida para o financiamento do BNDES era o compromisso do Friboi em gerar divisas correspondentes a uma vez e meia o valor do empréstimo, ou seja, US\$ 120 milhões.¹³⁴ Em 2004, o JBS-Friboi já faturava US\$ 1,2 bilhão. De 2004 a 2009, a empresa dobrou de tamanho, após as aquisições da Swift Argentina (2005) e da Swift EUA (2007).¹³⁵

Naquele momento, houve a reação de produtores rurais, com a liderança de Ronaldo Caiado (UDR) na bancada ruralista do Congresso Nacional. Criticavam os financiamentos do BNDES, que permitiriam aos frigoríficos o controle da cadeia produtiva e transformariam os produtores rurais em “funcionários não contratados”.¹³⁶ O Friboi manifestava seu interesse pela transferência de tecnologia da Swift argentina, mas os pecuaristas apontavam para a forte centralização da indústria de carnes com a formação de um grande oligopsônio.

Em 2005, os frigoríficos do grupo abatiam e processavam a carne de 15 mil bois/dia, e o Grupo comercializava com 250 compradores em 70 países (entre os maiores estavam Rússia, Egito e o Chile); até esta data, o Grupo foi responsável pela aquisição de ao menos um frigorífico concorrente por ano. Tais aquisições deram ao Grupo a propriedade da marca Anglo – com a qual incorporou duas fábricas; da marca Bordon – três unidades de produção e a Swift.¹³⁷ Nesse ano a reestruturação da internacionalização da empresa extinguiu a razão social Grupo Friboi e criou o Grupo JBS S.A (com as iniciais do fundador, José Batista Sobrinho). Desta maneira constituído o novo grupo, seguiu-se com mais compras de frigoríficos na Argentina: Venado Tuerto e Pontevedra (2006), Berazategui e Colonia Caroya (2007), da distribuidora de alimentos SB Holdings. Estas aquisições permitiram o

¹³⁴ “Apetite de leão”. Carta Capital, ano XII, nº 362, 05/10/2005, pgs. 70-71.

¹³⁵ “A incrível aventura global do Friboi”. Exame, nº 19, 07/10/2009, pgs. 20-30.

¹³⁶ “Idem.”

¹³⁷ “Apetite de leão”. Carta Capital, ano 12, nº 362, 05/10/2005, pgs. 70-71.

aumento na capacidade de abate, alcançando 22,6 mil cabeças/dia, já em 2006 quando a empresa contava com 21 plantas no Brasil e 5 na Argentina.

Quadro III.5: Grupo JBS – Divisões de Negócios

DIVISÕES	ORIGEM	ATIVIDADES	LOCALIZAÇÃO
Carnes	Friboi; Swift; Bertin, Smithfield, Pilgrim's	Carne <i>in natura</i> , industrializada, de origem: bovina, suína, ovina e de aves ; processos supercongelados; enlatados, beef jerky, pratos prontos; comércio no atacado e varejo; mercado interno e externo	Brasil, Argentina, EUA e México – vide quadro abate de bovinos
	Bertin	Beef Shopping Bertin (lojas/boutique)	Lojas em SP: Alphaville, Barueri; Lins; Ribeirão Preto.
Lácteos	Bertin (Vigor/Leco/Danú bio/ Faixa Azul)	Segmentos: gordura vegetal, soro de leite, alimentos funcionais, leite longa vida, embalagens, pasteurizados, iogurte, margarinas, manteigas e gordurosos, queijos especiais, requeijão, parmesão, secagem de leite e queijos frescos.	Unidades somente no Brasil: São Paulo, São Caetano e Cruzeiro (SP), Santo Inácio (PR), Lavras e São Gonçalo (MG) e Anápolis (GO).
Couros	Bertin e outras	Produção de couro wet blue, semiacabados e acabados para as indústrias de calçados, automobilístico, moveleiro e de artefatos Produção: 148 mil m ² de couro	28 unidades produtivas no Brasil e 01 na China. (Vide quadro de plantas de couro e curtume)
Fábrica de Latas	Bertin	70 milhões latas/mês	Lins (SP)
Colágeno	Bertin NovaProm	--	Lins (SP)
Biodiesel	Bertin	238 milhões de litros/ano de biodiesel vegetal e animal; Laboratório de P&D e certificação de biodiesel de outras empresas	Lins (SP) e Colider (MT) Lins (SP)
Transportadora	Friboi	Transporte de gado; caminhões frigoríficos e transportes em geral. 1.600 caminhões.	Todas as unidades.
Vegetais	Friboi (Swift, Bordon, Anglo)	3 milhões de latas por mês de milho, ervilha, cenoura	Uberlândia (MG)
Óleo Química	JBS em acordo com Dupont	Produção do catalisador Metilato de Sódio para biodiesel. Capacidade inicial 30 mil ton/ano	Pirapozinho (SP)
	Bertin	Química fina, lubrificantes, ceras, material escolar, tintas, plásticos, pneus, borrachas, têxtil, metais, mineração, fertilizantes agrícolas, química geral e alimentos	Lins (SP)
Confinamentos	Friboi Five Rivers (JBS USA, EUA e México)	Serviço terceirizado que o JBS busca meios de ampliar, oferecendo: • Boitel (pagamento de diárias.); Parceria (peso de entrada, recebível a preços futuros na praça de localização do confinamento); Pagamento de ração (pagamento do consumo do gado). • Banco JBS financia: diárias, ração e recebimento parcial adiantado.	No Brasil são 3 plantas com capacidade de terminação de 200 mil bois/ano. Nos EUA, há 13 unidades e no México 2. Na Austrália detém 5 unidades.
Envoltórios	Friboi e Bertin	Envoltórios de tripas resultantes do abate de bovinos para atender o mercado de invólucros de embutidos como linguiças, salsichas, mortadelas, salames, etc. Maior parte da produção destinada para exportação	Goiânia (GO); Ituiutaba (MG); Cáceres (MT); Maringá (PR); Lins (SP).
Biolins	Bertin	A Usina Termelétrica Biolins utiliza bagaço de cana-de-açúcar comprado das usinas da região de Lins para produção de energia elétrica, abastecendo todo o complexo industrial da JBS em Lins e vendendo energia excedente para demais empresas da região. 28 mil kW; venda: 7 mil kW.	Lins (SP)
Reciclagem	Bertin	Reciclagem de PEAD, PEBD, PEBDL e PP, papelão e sucata ferrosa. Óleo vegetal.	Lins (SP)
Beef Jerky	Bertin Joint venture JBS/Jack Link	Produção para exportação	Santo Antonio de Posse e Lins (SP)
Insumos Agropecuários	Friboi	Fornece ao produtor produtos e serviços de nutrição, manejo, sanidade e comercialização.	--
Trade	Friboi	Responsável pela compra de matéria-prima da JBS e venda de mercadorias importadas (óleos vegetais, químicos e gordura animal) para outras empresas no mercado interno.	--

Fonte: JBS e vários jornais locais. Elaboração do autor.

Quadro III.6: Fusões e Aquisições do Grupo JBS-Friboi no período 2005-2009

EMPRESA	PAÍS	VALOR	DATA	FONTE*
Swift Armour	Argentina	US\$ 200 milhões	2005	Carta Capital, 06/06/2007
Pontevedra	Argentina	US\$ 27 milhões	2006	Dinheiro Rural, 15/12/2006
Venado Tuerto	Argentina	US\$ 15,7 milhões	2006	Dinheiro Rural, 15/12/2006
Cia Elaboradora de Produtos Alimentícios-CEPA	Argentina	US\$ 16 milhões	2006	Revista Nacional da Carne, 28/12/2006
Col Car	Argentina	US\$ 20,2 milhões	2007	http://www.ruralnoticias.com.br/friboi-acerta-uma-nova-aquisicao-na-argentina/
Swift Foods Company	EUA	US\$ 1,4 bilhão	Maio (2007)	Isto é Dinheiro, 31/05/2007 Carta Capital, 06/06/2007
Frigorífico Inalca (50%)	Itália	225 milhões de euros	Dezembro (2007)	http://www.ruralnoticias.com.br/friboi-compra-grupo-frigorifico-da-italia/
National Beef Packing Company	EUA	R\$ 1,68 bilhão (Anuário do Agronegócio-2009)	Março (2008)	Portal Exame, 21/07/2008.
Smithfield Beef	EUA		Março (2008)	Portal Exame, 21/07/2008.
Tasman	Austrália		Abril (2008)	Portal Exame, 02/10/2008
Frigorífico Quatro Marcos	Brasil	(arrendamento)	2009	
Bertin	Brasil	R\$ 5,2 bilhões	Setembro (2009)	FSP, 16/10/2009
Pilgrim's Pride (abatedouro de frango)	EUA	N/d	Setembro (2009)	Anuário do Agronegócio-2009
Banco Matone	Brasil		2011	

*Fonte: Periódicos diversos. Elaboração do autor.

No Brasil, a unidade de Maringá (PR) também foi comprada em 2007.

A empresa abriu seu capital, lançou ações na Bovespa com a nova sigla JBS e tornou-se nesse ano o grupo que mais abatia e processava carne bovina, na ordem de 22,6 mil bovinos por dia em 21 unidades de produção. Também já atuava em outros segmentos do setor de alimentos, com enlatados tais como: feijoadas, milho, ervilha, almôndega, mortadela, salsicha, fiambre, carne bovina cozida ao molho. Suas principais marcas eram: Friboi e Mouran, para exportação; e Swift, Anglo, Sola e Bordon para produtos industrializados.¹³⁸

Em 2008, o Grupo apresentava 17.729 funcionários, com capacidade de abate diário de 13.540 cabeças (vide Tabela III.17). Em 2010, o JBS já contava com 44.923 funcionários no Brasil, número inferior ao de funcionários das operações nos Estados Unidos de 54.295 empregos formais.

¹³⁸ "A Friboi abre o capital". Carta Capital, ano XIII, nº 441, 25/04/2007, p. 47.

Tabela III.6: Unidades do Grupo JBS: abate de bovinos

Unidade	Área total construída (m²)	Funcionários	Capacidade de abate (cabeças/dia)	Capacidade de processamento/dia-indústria
Andradina	45314,24	1717	1250	16 ton/dia - Carne cozida/245.000 latas/dia
Andradina CCC	--	187	N/d	80 ton/dia Carne Cozida Congelada
Araputanga	24.553,51	1070	900	23 ton/dia
Barra do Garças/ MT	45.558,86	1796	--	N/d
Barretos/ SP	67.537,97	2688	1000	581.986 latas/dia
Cáceres/MT	5.763,00	568	600	N/d
Cacoal I/ RO	8.500,00	279	430	N/d
Cacoal II/ RO	5.866,81	234	420	N/d
Campo Grande/ MS	30.358,00	774	1250	2500 peças
Presidente Epitácio/SP	40.404,00	1792	1050	160ton/dia
Goiânia/ GO	31.293,15	1732	1500	3000
Iturama/MG	15.307,00	667	830	N/d
Maringá/ PR	32.000,00	676	1200	N/d
Pedra Preta/ MT	8.020,36	642	580	N/d
Porto Velho/ RO	8.246,22	226	330	330/450 sábados
Raposo Tavares/ SP	8.510,46	155	--	800 toneladas
Rio Branco/AC	5.374,65	273	500	500
Teófilo Otoni/MG	16.902,00	560	750	3000
Três Rios/RJ	123.535,61	302	--	304.000 latas
Vilhena/RO	15.668,94	941	950	N/d
TOTAL	538.714,78	17.729	13.540	--

Fonte: Grupo JBS. Acessado aos 02/11/2008. Elaboração do autor.

* A planta de Barretos tem capacidade para 1.600 abates por dia.

A segunda fase da internacionalização ocorreu a partir de 2007. A Swift mundial estava falida, em especial nos Estados Unidos, com enorme capacidade ociosa, tendo fechado algumas unidades e reduzido de um único turno de trabalho em outras plantas. Isto atraiu a atenção de grande empresas do agronegócio, tais como a Tyson Foods, a Cargill e o JBS. Contudo, a melhor oferta e proposta de reestruturação da empresa foi a do JBS.¹³⁹

A incorporação da Swift Foods Company (terceira maior processadora de carne dos EUA) gerou o JBS USA, em conjunto com outras plantas de abate e fábricas de alimentos oriundos da carne bovina e também de embalagens. Com esta aquisição, o Grupo JBS transformou-se no maior frigorífico do mundo, com 40 unidades no Brasil, EUA, Argentina e Austrália (Swift australiana, base também para novas incorporações na Oceania), com capacidade de abate diária de 47,1 mil bovinos.¹⁴⁰ A reestruturação da Swift dos Estados Unidos reativou a empresa, algumas plantas passaram a ter três turnos.

¹³⁹ "A fúria global do Friboi". Istoé Dinheiro, 31/05/2007. Disponível em http://sistema.newsnet.com.br/friboi_chamanoticia.php?codNoticia=554447 Acessado aos 09/12/2007, às 9h30.

¹⁴⁰ "A Friboi é líder mundial". Carta Capital, ano XIII, nº 447, 06/06/2007, p. 62.

A base instalada através da Swift permitiu em 2008 que o JBS incorporasse mais empresas no exterior no setor carne bovina. Comprou as empresas norte-americanas National Beef Packing (com sede em Kansas City, Missouri) e Smithfield Food (Green Bay, Wisconsin) e da australiana Tasman.¹⁴¹ Também foi adquirida a Five Rivers Ranch (Loveland, Colorado), responsável por fazendas de confinamento¹⁴², garantindo parte da matéria-prima e a verticalização da empresa no território dos Estados Unidos. Neste ano também foi fundado o Banco JBS.¹⁴³ Para o Grupo, tais aquisições finalizariam o “plano de investimentos para a construção de uma sustentável plataforma de abate, produção e comercialização de carne nos EUA e na Austrália, que se iniciou em julho de 2007 através da aquisição da Swift & Company”.¹⁴⁴

Em 2009, o JBS foi obrigado a desistir da aquisição da National Beef devido as manifestações políticas e populares contrárias ao domínio no setor. O protecionismo norte-americano e a reação dos concorrentes obrigaram o JBS a desistir da incorporação dessa empresa.¹⁴⁵ Quanto a Smithfield, não houve retaliações, pois entre as cinco maiores empresas do segmento frigorífico e de abatedouros dos EUA, estas concentravam 78,1% de participação do mercado, sendo: 1º) Tyson Foods (23,6% de participação no mercado), 2º) Cargill Meat Solutions (22,0%), 3º) JBS-USA (14,6%), National Beef Packing Co. (11,4%), Smithfield Beef Group (6,5%). Nestes termos, as aquisições do JBS colocariam a empresa em primeiro lugar com 32,5% do mercado e as três maiores iriam controlar praticamente 80% do mercado. O governo e a concorrência inviabilizaram a venda da National Beef para o JBS-USA, enquanto a incorporação da Smithfield manteve a empresa em terceiro lugar, com 21,1% do mercado. Por outro lado, a JBS Five Rivers Ranch detém 14% do setor de confinamento, o primeiro lugar, com 1,6

¹⁴¹ “A incrível aventura global do Friboi”. Exame, nº 19, 07/10/2009, pgs. 20-30.

¹⁴² Isto permitirá a ampliação da eficiência e absorção das técnicas de confinamento para o Brasil, que ainda pouco investe nesse tipo de atividade. A JBS tem uma divisão de confinamento e destina crédito do Banco JBS para os pecuaristas. Há expressivo interesse da empresa em ampliar esta atividade no Brasil absorvendo as técnicas mais modernas aplicadas nos Estados Unidos.

¹⁴³ Disponível em <http://www.bancojbs.com.br/quemsomos.html> Acessado aos 24/09/2011.

¹⁴⁴ Informação disponível no endereço eletrônico da empresa: <http://www.jbs.com.br> Acesso aos 13/05/2011.

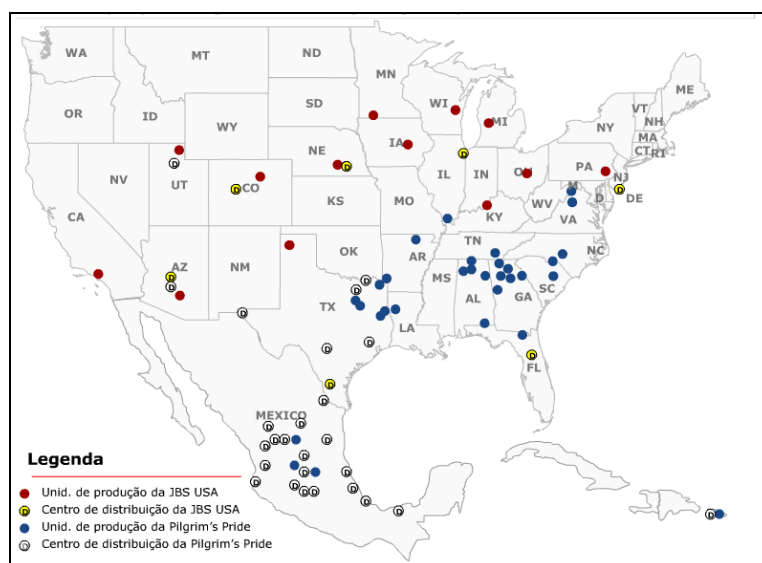
¹⁴⁵ Conforme O Globo, “O JBS desistiu da aquisição da norte-americana National Beef, após não encontrar “condições satisfatórias” diante de um processo judicial nos Estados Unidos que tentava bloquear o negócio por motivos concorrenciais.” (“JBS desiste da National Beef e tem prejuízo no 4o tri”, O Globo, 20/02/2009).

milhões de cabeças de gado. Abaixo da Five Rivers estão a Cactus (n/d), Cargill (6%) e Friona (4%) (Cattle Byers Weekly, January 2009).

Em 2009, o JBS adquire 64% do capital da Pilgrim's Pride Corporation (Texas/EUA), ingressando na cadeia da carne de frango, em empresa bem verticalizada, com plantas de criação, abate, processamento e comercialização (ver Mapa III.4 e Quadro III.5).

Também no mesmo ano foi anunciado o acordo de fusão entre Bertin S.A. e Grupo JBS, com a unificação de todas as operações das empresas. E ainda, através da Swift australiana, o JBS adquiriu a Tatiara Meat Company, uma processadora de carne de ovinos.

Com as aquisições da Pilgrim's Pride (EUA) e Bertin (Brasil), em 2009, o JBS¹⁴⁶ tornou-se a maior empresa do setor de proteína animal e ultrapassou a norte-americana Tyson Foods: com 125.000 funcionários distribuídos por 138 unidades de produção, no abate de bois, processamento de couro, produção de latas, colágeno, biodiesel, rações, produtos *pet*, leite, frango, entre outros itens.



Mapa III.4: Expansão do JBS nos EUA pela incorporação da Pilgrim's

Fonte: JBS (2009), (<http://www.slideshare.net/mrcavalcanti/jbs-bertin-pilgrims>, acesso em 23/04/2011).

¹⁴⁶ “A empresa que emerge das aquisições (..) é muito diferente do velho Friboi”, entrevista concedida à Exame, nº 19, 07/10/2009, p. 20-30.

Quadro III.7: Caracterização do Grupo JBS-Friboi, após fusão com Grupo Bertin e aquisição da Pilgrim's Pride

Empresas	JBS-Friboi	Bertin	Pilgrim's Pride
Nº de Fábricas e localização	65 unidades no Brasil, Argentina, EUA, Austrália e Itália	38 unidades no Brasil, Uruguai, Paraguai e China	35 unidades nos EUA, México e Porto Rico
Funcionários	48,9 mil	28 mil	41 mil
Segmentos de atuação	Bovinos, suínos	Bovinos, lácteos, couro e pet	Aves
Marcas	Friboi, Swift, La Herencia, Anglo, etc..	Bertin, Vigor, Leco, Danúbio, etc..	Pilgrim's Pride
Capacidade de produção	73,9 mil cabeças de gado/dia e 48,5 mil cabeças de suínos/dia	16,5 mil cabeças de gado/dia e 21,4 mil peles/dia	7,2 milhões de aves/dia
Receitas líquidas (2008)	R\$ 30,3 bilhões	R\$ 7,6 bilhões	US\$ 8,5 bilhões

Fonte: O Estado de S. Paulo, 17/09/2009, p. B-17. Elaboração do autor.

A partir de 2009, mais de 70% dos R\$ 51,7 bilhões de faturamento da empresa passam a ser gerados nos Estados Unidos, ou seja, com faturamento e número de funcionários maior do que no Brasil, o Grupo JBS corre o risco de se transformar em uma empresa norte-americana com sede no Brasil. Então, o maior problema do Grupo passa a ser a crise dos Estados Unidos: isto explica o faturamento de US\$ 55 bilhões e prejuízo de R\$ 264 milhões da JBS no mundo em 2010¹⁴⁷.

Quadro III.8: Localização das plantas de couro/curtumes do Grupo JBS

Cidade	Característica da planta	Cidade	Característica da planta
Marabá (PA)	Unidade produtora	Campo Grande (MS)	Unidade produtora
Conceição do Araguaia (PA)	Unidade produtora	São Luis de Montes Belos (GO)	Unidade produtora
Bacabal (MA)	Unidade produtora	Inhumas (GO)	Unidade produtora
Cascavel (CE)	Unidade produtora	Iporá (GO)	Unidade produtora
Gurupi (TO)	Unidade produtora	Barra do Garças (MT)	Unidade produtora
Porangatu (GO)	Unidade produtora	Cuiabá (MT)	Unidade produtora
Baixo Guandu (ES)	Unidade produtora	Cáceres (MT)	Unidade produtora
Uberlândia (MG)	Semi e acabado	Colider (MT)	Unidade produtora
Franca (SP)	Semi e acabado	Cacoal (RO)	Unidade produtora
Aguai (SP)	Semi e acabado	Porto Velho (RO)	Unidade produtora
São José do Rio Preto (SP)	Unidade produtora	Internacional	
Araçatuba (SP)	Unidade produtora		
Lins (SP)	Semi e acabado		
Estancia Velha (RS)	Unidade produtora		
Montenegro (RS)	Unidade produtora		
Naviraí (MS)	Unidade produtora		
Itumbiara (GO)	Unidade produtora		
Rio Brilhante (MS)	Unidade produtora		
		Praga (Rep. Tcheca)	Centro distribuição
		Matera (Itália)	Centro de distribuição
		Arzignano (Itália)	Centro de distribuição
		Zong Shan (China)	Centro de distribuição
		Dong Guan (China)	Unidade produtora
		Hong Kong (China)	Centro de distribuição
		Hai Feng (China)	Unidade produtora

Fonte: Empresa. Informações colhidas na unidade de Itumbiara, em 12/08/2011.

¹⁴⁷ “A incrível aventura global do Friboi”. Exame, nº 19, 07/10/2009, pgs. 20-30; “Wesley Batista, a nova cara do JBS”. Dinheiro Rural, nº 78, abril/2011 e “Os bilionários da carne.” Exame, 20 de maio 2004. Disponível em <http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0818/noticias/os-bilionarios-da-carne-m0051790>

Em 2009 o JBS realiza a incorporação de outras cinco unidades de abate no Brasil e constituiu a JBS Couros Ltda., entrando no ramo de industrialização, comercialização, importação e exportação de couros (vide quadro III.7).

Verifica-se, portanto, a estratégia de diversificação do grupo, atuando em toda a cadeia produtiva.

Finalmente, o Grupo JBS atua nos segmentos e marcas: carne bovina, através das marcas Swift, Maturatta, Apeti, Bertin, Friboi, Anglo, Tama, Bordon, Sola, Target, Hereford, Swift orgânico e Cabaña Las Lilas; em lácteos, através das marcas Vigor, Leco, Faixa Azul, Serrabella, Franciscano, Mesa, Amélia e Carmelita; no segmento couro, através da marca JBS Couros; na fabricação de latas, através da marca JBS Latas; em colágeno, através da NovaProm; em biodiesel, através da BrasBiodiesel; a JBS Transportadora e em enlatados de vegetais através das marcas Swift e Anglo.

Quadro III.9: Presença mundial do Grupo JBS

País	Característica	Quant.	País	Característica	Quant.
BRASIL	Nº de colaboradores	44.993	EUA	Nº de colaboradores	54.295
	Unidade de couros	23		Unidade de couros	1
	Unidades de abate de bovinos	35		Unidades de abate de bovinos	8
	Unidade de carne em conserva	1		Unidades de abate de suínos	3
	Unidade de vegetais	1		Unidade de abate de ovinos	1
	Unidades de confinamento	2		Unidade carne bovina e suína processada	1
	Unidades industriais de lácteos	7		Unidades de confinamento	13
	Unidade fabril de colágeno	1		Unidades de abate de frangos	29
	Unidade de biodiesel	1		Centros de distribuição	31
	Centros de distribuição	16	MÉXICO	Unidades industriais (Pilgrim's)	3
ARGENTINA	Unidades de abate	6	PORTO RICO	Unidade industrial (Pilgrim's)	1
	Unidades de latas	2	AUSTRÁLIA	Nº de colaboradores	6.995
PARAGUAI	Unidades industriais	2		Unidades de abate de bovinos	10
URUGUAI	Unidade industrial	1		Unidades de confinamento	5
CHILE	Escritório comercial	1		Centros de distribuição	5
INGLATERRA	Escritório comercial	1	CHINA	Unidade de couro	1
ITÁLIA	Fábricas de carne processada	3		Escritórios comerciais	2
	Unidades de couros	2	CORÉIA DO SUL	Escritório comercial	1
EGITO	Escritório comercial	1	JAPÃO	Escritório comercial	1

Fonte: Empresa. Disponível em <http://www.jbs.com.br/Localidade.aspx> Acesso aos 05/04/2011. Elaboração do autor.

O apoio do BNDES ao JBS reduz a insegurança dos especuladores referente ao endividamento da empresa. Conforme analistas de mercado, o BNDES está ao lado do JBS desde a aquisição da Swift Argentina, e este apoio soma cerca de R\$ 7,5 bilhões. No início de 2010, o BNDES adquiriu quase a totalidade das debêntures conversíveis em ações da *holding* JBS USA, emitidas pela companhia, com as quais

esta arrecadou cerca de US\$ 2 bilhões, e o BNDESPar possui cerca de 19% da empresa¹⁴⁸

Em 2010, o Grupo JBS apresentava os seguintes números:

Tabela III.7: JBS em números em 2010

OPERAÇÕES	UNIDADES DE PRODUÇÃO	FUNCIONÁRIOS	CAPACIDADE DE ABATE DIÁRIA			
			Bovinos	Suínos	Ovinos	Frangos
JBS Brasil	61	44.993	43.400	-	-	-
JBS Mercosul	8	6.217	8.400	-	-	-
JBS USA	16	54.295	28.600	48.500	4.500	-
Pilgrim's Pride	37	39.000	-	-	-	7.200.000
JBS Australia	10	6.995	8.690	-	20.000	-
Inalca JBS*	8	3.500	3.000	-	-	-
Total	140	125.000	92.090	48.500	-	7.200.000

Fonte: América Economia, nº 386, abril 2010, p.29.

* O grupo deixou a sociedade no início de 2011.

Em 2011, estima-se que a participação do BNDES no JBS tenha passado de 19% para 31%.¹⁴⁹

Em 2011, o JBS adquiriu o Banco Matone, que será fundido ao Banco JBS (J&F Participações), os nomes JBS e Matone desaparecerão e a operação financeira ganhará nova identidade. De acordo com o Banco Central, em setembro de 2010 os ativos do Matone somavam R\$ 998 milhões, enquanto os do Banco JBS eram de R\$ 565 milhões. A sede do Banco Matone localiza-se no Rio Grande do Sul, com mais de 80 lojas em 11 Estados brasileiros e foco na concessão de crédito consignado, mais de 90% dos negócios. Em 2007, o Matone entrou no crédito imobiliário e criou uma marca para atuar nesse setor. O Banco JBS possuía 34 funcionários em janeiro de 2009 e passou para 144 em janeiro de 2011, e sua atuação voltava-se ao financiamento da pecuária.¹⁵⁰

Com tamanha expansão a partir de estratégias agressivas de aquisição de empresas em diversos países, o JBS aprofunda a diversificação de suas atividades, formando um grande conglomerado, investindo com o apoio do BNDES em novos segmentos agroindustriais. Desde 2008 o Grupo vem financiando a atividade pecuária, através do Banco JBS. E, mais recentemente, em 2010, a holding J&F, que administra os negócios da família Batista, finaliza a construção em Três Lagoas (MS) de uma fábrica de papel e celulose de fibra curta, que pretende ser a maior do

¹⁴⁸ "Sem descanso". América Economia, nº 386, abril/2010.

¹⁴⁹ "A aposta do JBS no papel". Istoé Dinheiro, ano 14, nº 714, 15/06/2011.

¹⁵⁰ "Wesley Batista, a nova cara do JBS". Dinheiro Rural, nº 78, abril/2011 e "Controladores do JBS compram o Banco Matone". O Estado de S. Paulo, 14/03/2011.

mundo, com a produção de 1 milhão de toneladas de celulose ao ano. Este novo empreendimento, também com apoio do BNDES de R\$ 2,7 bilhões¹⁵¹, terá participação acionária dos fundos de pensão Petros (8,2%) e Funcef (8,2)¹⁵², família Batista do JBS (58,6%) e empresário Mário Celso Lopes¹⁵³ (25%).

Atualizando os números do JBS, em junho de 2011 os negócios da família Batista eram os seguintes: Banco JBS (carteira de crédito de R\$ 500 milhões; Banco Matone, carteira de crédito de R\$ 2 bilhões; Flora: receita atual de R\$ 500 milhões (projeção com aquisições de R\$ 1 bilhão); JBS USA, Swift, Maturatta, Apeti, Bertin, Anglo, Tama, Bordon, Cabaña Las Lilas, Friboi, Organic Beef, Sola, Marca Target, Hereford, Vigor, Leco, Faixa Azul, Serrabella, Mesa, Amélia, Carmelita, Danúbio, Franciscano, BioBriz, Lavarte e Minuano. Faturamento em 2010: R\$ 55 bilhões; prejuízo de R\$ 264 milhões; 53 frigoríficos, 64 abatedouros, 22 confinamentos, 59 centros de distribuição e 125 mil funcionários em diversos países¹⁵⁴.

A seguir o mapa institucional do Grupo JBS no mundo, em 2008, onde se observa o resultado da trajetória de crescimento no próprio País, na América do Sul e recentemente nos Estados Unidos e Austrália. Note-se que naquele momento, o número de colaboradores nos EUA era menor do que no Brasil, entretanto, a capacidade diária de abate era muito superior.

A estratégia de longo prazo do JBS é a da diversificação geográfica, evitando restrições de mercado por embargos à carne e procura por ganhos de escala. O potencial do mercado norte-americano e das exportações a partir do território dos Estados Unidos é significativo. Igualmente o do mercado asiático onde o JBS tem fortalecido suas operações a partir da Austrália com a incorporação da Tatiara Meat Company, em janeiro de 2010, e o acordo com a Swift Austrália (do próprio JBS) para aquisição da Rockdale Beef, cuja capacidade de abate de bovinos é de 200 mil bois por ano¹⁵⁵.

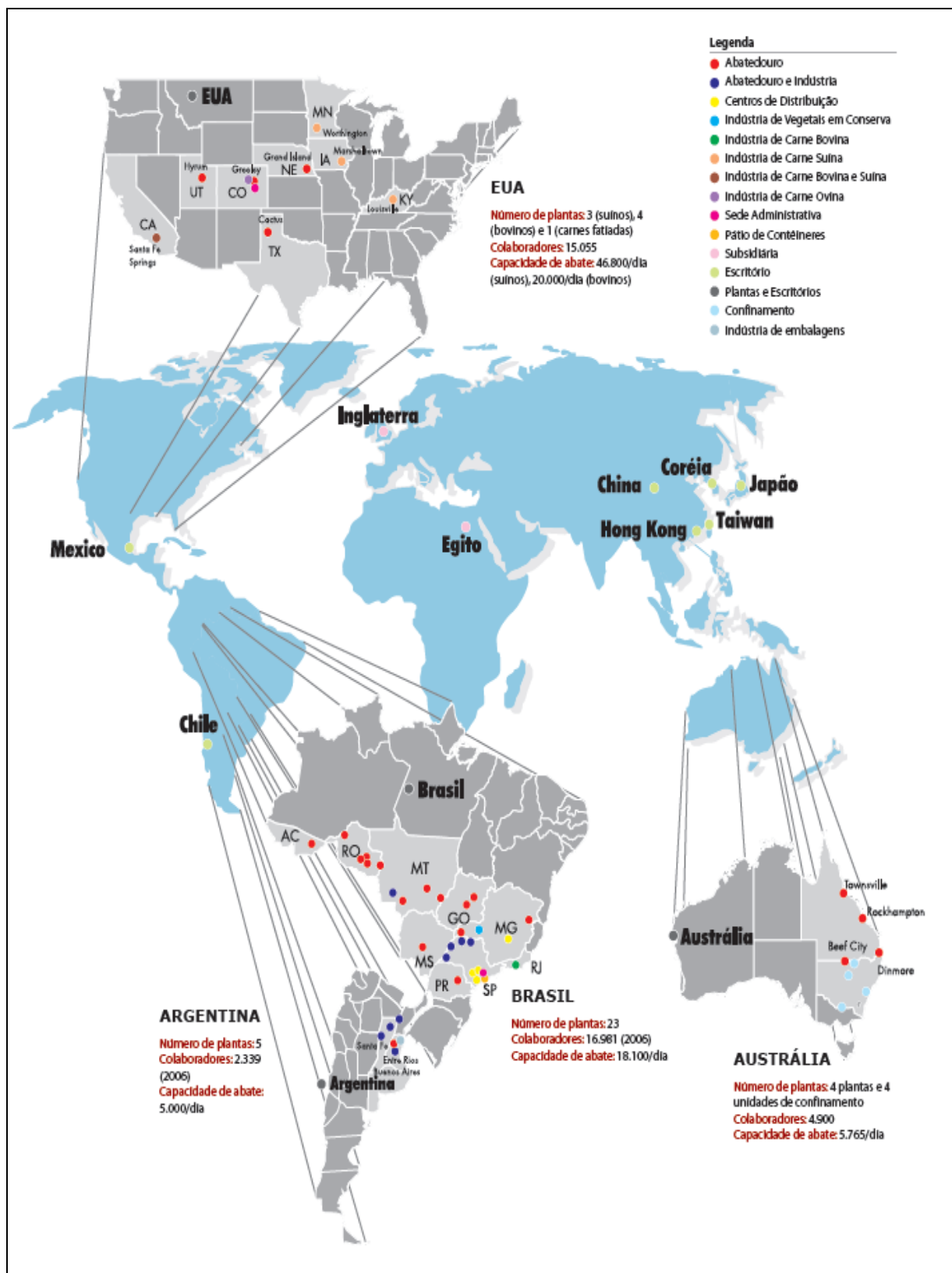
¹⁵¹ “A aposta do JBS no papel”. IstoÉ Dinheiro, ano 14, nº 714, 15/06/2011.

¹⁵² Fundo de pensão da Petros (Petrobras) e o Funcef (Caixa Econômica Federal) entraram na composição acionária a partir da fusão entre a empresa de reflorestamento Florestal, que já são sócios, com a Eldorado (IstoÉ Dinheiro, nº 714, 10/06/2011).

¹⁵³ Lopes é um ex-funcionário do Banco do Brasil, responsável pela carteira de terras, que tornou-se grande especulador e negociante de terras no Centro-Oeste cujo valor da terra era baixo, fazendo assim a sua fonte inicial de acumulação, posteriormente tornou-se pecuarista de confinamento para engorda de 50 mil cabeças, entrou no ramo de reflorestamento com a família Grandene e está associado com a família Batista para a produção de celulose (Dinheiro Rural, 74, dezembro 2010).

¹⁵⁴ “A aposta do JBS no papel”. IstoÉ Dinheiro, ano 14, nº 714, 15/06/2011.

¹⁵⁵ “Sem descanso”. América Economia, nº 386, abril/2010.



Mapa III.5: Localização de plantas e escritórios do Grupo JBS

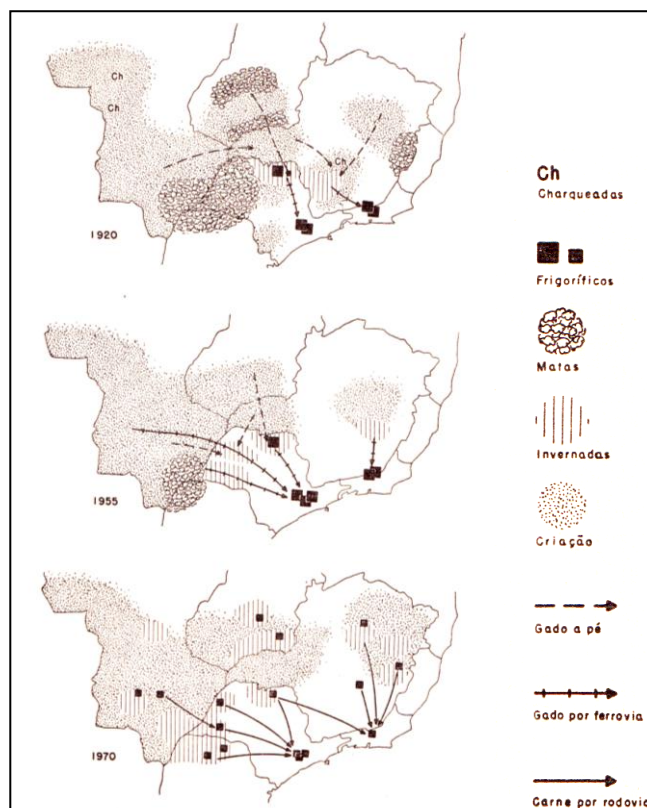
Fonte: Grupo JBS-Friboi. Acessado aos 03/11/2008

III. 2. 2. Barretos e a unidade do JBS (antigo Anglo)

O município de Barretos foi por quase um século a principal praça do gado bovino do Brasil, até o deslocamento dos frigoríficos e das invernadas em direção a Mato Grosso e Goiás, permitido pela construção de ferrovias e rodovias. Entre o final do século XIX e início do século XX, Barretos recebia comitivas que se deslocavam a pé do Centro-Oeste para a invernada e posterior comercialização do gado bovino. Em 1909 iniciou a construção do primeiro frigorífico do Brasil, o Frigorífico de Barretos, sendo inaugurado em 1913 por iniciativa de A. Silva Prado.¹⁵⁶ Um ano antes do início da produção, já havia a Estação do Frigorífico (da antiga Cia. Paulista de Estradas de Ferro) com posto telegráfico. Em 1919, a Brazilian Meat Company arrendou o frigorífico, comprando suas instalações quatro anos depois e alterando a razão social para Frigorífico Anglo S. A. Em 1921, foi construída uma estação provisória do Frigorífico, substituída por uma permanente em 1929, da qual saía um ramal construído pelo frigorífico Anglo e outro em direção à Bebedouro. Barretos, até o início da década de 1980 era um dos principais responsáveis pelo abate da produção do Brasil-central pecuário, tendo recebido comitivas a pé até meados da década de 1960. Conforme Mamigonian (1976, p. 13):

O crescimento do mercado consumidor representado pela expansão urbana do Rio de Janeiro e de São Paulo, estimulou a abertura, aos fins do século XIX, de nova zona de engorda, em áreas de mata do norte de São Paulo (Barretos), por iniciativa dos invernistas mineiros. Esta foi a primeira área exclusivamente de invernadas do Brasil central, não se dedicando à criação e recebendo todo o gado magro do Triângulo mineiro, Goiás e M. Grosso. Assim sendo, às vésperas da implantação dos primeiros frigoríficos (1910), estas duas áreas de invernadas engordavam conjuntamente 300 mil cabeças por ano, sendo que o Sul de Minas alcançou seu auge durante a primeira guerra mundial (300 a 350 mil bovinos anuais), tendo sido suplantado, em seguida, pela área de Barretos, cujo máximo foi conseguido na segunda Guerra Mundial (500 e 550 mil cabeças anuais). (MAMIGONIAN, 1976, 13).

¹⁵⁶ Conforme Mamigonian (1976), A. Silva Prado, um dos maiores cafeicultores do norte São Paulo e também acionista da Cia. Paulista de Estrada de Ferro, investiu no frigorífico para atender a crescente demanda da capital paulista.



Mapa III.6: Evolução espacial dos frigoríficos no Brasil Central pecuário

Fonte: Mamigonian, 1976, p. 11.

Em 1995, como já foi observado, a planta do Anglo foi incorporada pelo Friboi e constitui-se no maior empregador do município. Ligado diretamente à cidade, o Grupo JBS é um dos maiores patrocinadores da Festa do Peão de Boiadeiro¹⁵⁷, evento anual que movimentou cerca de R\$ 200 milhões em 2011.

Em um distrito com características distintas de outros setores da cidade, o Frigorífico localiza-se em Barretos ao lado da Vila dos Ingleses. Nesta unidade, há aproximadamente 2.000 empregos diretos e aproximadamente 430 empregos indiretos, com capacidade de abate de 2.500 cabeças de boi por dia. A produção é destinada ao mercado interno e mais de 30 países, dos quais os maiores fluxos são para EUA, Canadá, Suíça, Japão, África do Sul, Cingapura, Argélia e Rússia.

¹⁵⁷ Remanescente das atividades dos pecuaristas da cidade, esta festa reúne anualmente em agosto, aproximadamente 1 milhão de turistas para participar dos grandes shows de arena e palco.



Foto III.1: Vista aérea da unidade Barretos do Grupo JBS

Fonte: Google Earth, 27/08/2009

A Vila dos Ingleses construída pelo Anglo, formou um conjunto arquitetônico, cultural e esportivo composto por imóveis para funcionários administrativos, campo de golfe, campo de futebol, cinema e igreja presbiteriana (ao fundo, na Foto III.2). A Vila dos Ingleses, hoje “Condomínio JBS-Anglo Social Center”, é um representante da formação social dos funcionários que imigraram para Barretos, constituindo um núcleo isolado da cidade. No mesmo distrito, também se localizava a antiga Fazenda Armour, de inverno, com localização favorecida também pela ferrovia.



Foto III.2: O caminho para a Fazenda Armour e Igreja presbiteriana ao fundo.
 Autoria própria (2011)

Foram realizadas três visitas à Barretos durante o desenvolvimento desta pesquisa. Foi possível testemunhar movimento grevista na unidade da JBS, em dezembro de 2007, cujas principais reivindicações eram: o aumento na cesta básica, de R\$ 50,00 para R\$ 63,00; aumento do piso salarial de R\$ 430,00 para R\$ 517,00; construção de creche; e participação nos lucros. Conforme entrevista com sindicalista, o momento buscava igualar o piso da unidade de Barretos com os pisos salariais das demais plantas, pois os salários da unidade eram os mais baixos de todo o Grupo. Em 2007, aproximadamente 80% dos trabalhadores da unidade de Barretos seriam sindicalizados, informou assessor do Sindicato da Alimentação de Barretos.



Fotos III.3, III.4 e III.5: Funcionários reunidos diante do Grupo JBS de Barretos
Autoria própria (28/12/2007).

Em 2011, na terceira visita à Cidade, o secretário executivo do Sindicato informou que o número de sindicalizados aumentou, alcançando mais de 95% da totalidade dos funcionários, em virtude dos ganhos do movimento sindical. Além disso, é interessante ressaltar que o Sindicato responde pelo transporte dos trabalhadores dos frigoríficos JBS e Minerva (também localizado em Barretos).

Atualmente o município é o segundo maior produtor de cana-de-açúcar de São Paulo, dominada pelo cultivo da cana-de-açúcar, dos quais passou de 3 mil para 61 mil hectares plantados entre (1990-2009) para abastecer as cidades vizinhas detentoras de grandes usinas como será tratado em capítulo posterior. No mesmo período, o efetivo bovino foi reduzido pela metade, passando de 106 mil para 58 mil cabeças de gado (IBGE, PAM; e entrevista com técnico do IBGE em Barretos, 15/08/2011).

III. 3. O GRUPO BERTIN

Esta é uma pequena parte da história de um grupo incorporado pelo JBS: o Grupo Bertin, holding de capital 100% nacional, criado há cerca de 30 anos, atuava em agropecuária, alimentos, biodiesel, cosméticos, couros, produtos pet, equipamentos de proteção individual (EPIs), higiene e limpeza, sistemas de higienização, construção civil, saneamento básico, rodovias, energia elétrica e também possuía um resort. Atuava, portanto, nos seguintes setores: agroindústria, infra-estrutura e energia.¹⁵⁸

Sua sede localizava-se na cidade de Lins, Estado de São Paulo: eram 30 unidades produtivas distribuídas pelo Brasil, onde trabalhavam cerca de 30 mil pessoas. O grupo atendia ao mercado interno e mais de 80 países, nos cinco continentes.

Na agroindústria, o Grupo Bertin aproveitava toda a cadeia bovina. Organizava-se como um conglomerado industrial verticalizado, disposto em nove divisões: agropecuária, alimentos, couros, equipamentos de proteção individual, higiene e limpeza, produtos pet, sistemas de higienização, infra-estrutura e energia.

No ramo de infra-estrutura, a companhia atua em construção civil, concessões rodoviárias e saneamento básico.

No setor de energia, opera pequenas centrais hidrelétricas e usinas de biodiesel e álcool, ramo em que iniciou a construção de uma usina de Biodiesel, para utilização do sebo bovino como matéria-prima principal, e para atender 14% da demanda nacional, com a adição de 2% do produto ao diesel.

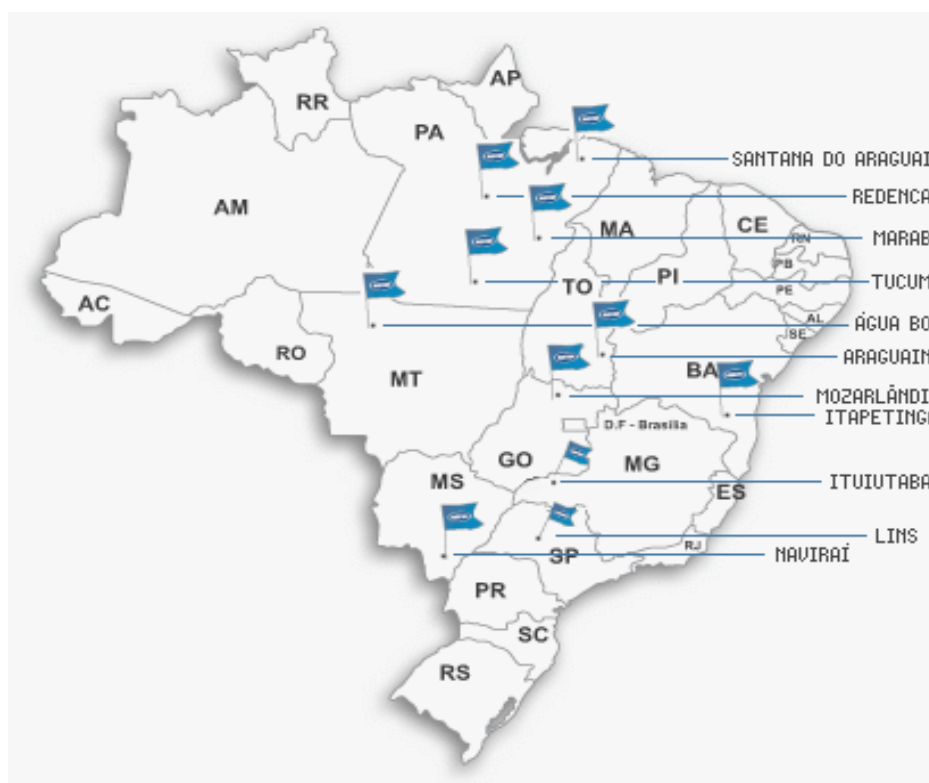
Seu objetivo era o de processar anualmente cerca de 100 mil toneladas, ou 100 milhões de litros de biodiesel, o que seria a maior capacidade instalada no País, conforme a empresa. Além de gerar empregos, reduzir a emissão de poluentes o empreendimento pretendia obter ganhos com créditos de carbono.

A divisão Alimentos do Bertin também possuía ainda uma fábrica de latas, constando serem 2 unidades, uma em Lins (SP) e outra em Barra Mansa (RJ), o

¹⁵⁸ “Os bilionários da carne.” Exame, 20/05/2004. Disponível em <http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0818/noticias/os-bilionarios-da-carne-m0051790>

grupo produzia latas para seus produtos além de vender para diversas empresas nos mercados interno e externo.

O Mapa III.7, apresentado a seguir, mostra a distribuição e localização das plantas de abate e unidades do Grupo Bertin.



Mapa III.7: plantas do Frigorífico Bertin

Fonte: <http://www.bertin.com.br/> Acessado aos 26/01/2009.

O Grupo JBS-Friboi fundiu-se com o Bertin em setembro de 2009, totalizando receita de US\$ 28,7 bilhões e, com isso, superou o norte-americano Tyson Foods, formando o maior grupo de carne bovina do planeta, tanto nas exportações como no abate (O Estado de São Paulo, 17/09/2009, p. B-17), como pode ser observado na Tabela III.8.

Tabela III.8: Ranking global das empresas de proteínas

EMPRESAS	EM BILHÕES DE DÓLARES
JBS-Friboi + Bertin	28,7
Tyson Foods	28,1
Vion	12,7
Smithfield	12,4
Brasil-Foods*	12,0
Nippon Meat	10,4
Danish Crown	9,4
Homel	6,7

Fonte: O Estado de S. Paulo, 17/09/2009, p. B-17.

*Fusão entre as empresas Perdigão e Sadia

III. 4. O GRUPO MARFRIG

A história do Marfrig é mais recente, em comparação com a história tanto do Grupo JBS como do Frigorífico Minerva.

Inicia-se a partir de 1988, quando seu fundador e proprietário, Marcos Molina partiu para o comércio, tornando-se distribuidor de carnes (bovinos, suínos, aves e pescado, além de vegetais congelados importados) para o mercado do Estado de São Paulo. Trabalhando desde os 12 anos no açougue da família, Marcos Molina emancipou-se aos 16 anos, quando deixou o trabalho no açougue da família e inicialmente passou a comercializar carnes em sua cidade natal. Desse período, até o final dos anos 2000, criou uma das maiores empresas brasileiras do setor frigorífico.¹⁵⁹

Em 2000 foi constituída a Marfrig Frigoríficos e Comércio de Alimentos S.A., ocasião em que foi arrendada a primeira planta de abate e processamento em Bataguassu (MS).

A partir de 2001 a empresa iniciou suas exportações, após arrendar sua segunda planta em Promissão (SP), e intensificou-se o crescimento da empresa, através de diversas aquisições:

- Em 2003 adquiriu a planta de Tangará da Serra (MT).
- 2004: arrendou a planta de Paranatinga (MT).
- Em abril de 2006 adquiriu a planta de Mineiros (GO); em julho constituiu a Marfrig Chile, e em setembro do mesmo ano adquiriu 50% do capital social da Quinto Cuarto.
- Em agosto (2006), a Companhia adquiriu as plantas de Chupunguaia, (RO) e a planta de São Gabriel (RS).
- Em outubro de 2006 adquiriu a planta do Tacuarembó (Uruguai), além de 100% do capital da Argentina Breeders and Packers, (planta de abate na Argentina).
- Terminou a construção da planta de Porto Murtinho (MS), e adquiriu a Inaler, a segunda planta no Uruguai, em dezembro de 2006.

¹⁵⁹ Disponível em <http://www.marfrig.com.br/ri> Acessado aos 01/11/2007 e “Os bilionários da carne.” Exame, 20 de maio 2004. Disponível em <http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0818/noticias/os-bilionarios-da-carne-m0051790>

- O Marfrig dobrou seu faturamento em 2006, alcançando 2,8 bilhões de reais, e sua meta era crescer 50% em 2007, sendo que desse total, mais da metade resulta de exportações. No mercado interno, é fornecedor de 80% da carne consumida pela rede McDonalds.¹⁶⁰
- Em janeiro de 2007 adquiriu a segunda planta em Promissão, Estado de São Paulo (Promissão II).
- Iniciou operações em mais quatro plantas: uma processadora e uma industrializadora localizadas no Estado de S. Paulo; uma industrializadora no Rio Grande do Sul; uma de abate e desossa no Uruguai e novo centro de distribuição localizado em Porto Alegre (RS).
- Em maio (2007) firmou compromisso para aquisição de área em Itú (SP) para construir um novo centro de distribuição e de armazenamento.
- O Marfrig é um dos maiores produtores de carne bovina e de seus subprodutos na América do Sul (seria o 4º maior produtor de carne bovina do mundo, de acordo com a empresa).
- Suas atividades incluem: processamento e distribuição de carne bovina in natura, processada e industrializada a clientes no País e no exterior; também distribui batata pré-cozida congelada, carne ovina, carne suína, legumes, aves, embutidos, pescados, pratos prontos e massas.
- Entre seus produtos de carne bovina, oferece cortes tradicionais e especiais, “cortes *porcionados*”, carne bovina cozida congelada, carnes enlatadas e carne bovina desidratada (“beef jerky”, um tipo de “carne seca”).
- Capacidade total de abate em 2007: 12.900 cabeças/dia.
- *“A Companhia acredita ser o segundo maior produtor de carne bovina no mercado brasileiro, com capacidade de abate de 10.300 cabeças/dia”.* A capacidade de abate da empresa na Argentina era de 700 cabeças ao dia. No Uruguai, possuía capacidade de abate de 1.900 cabeças/dia. Nas operações do Uruguai, a Companhia possui capacidade para abate de ovinos. Assinale-se que empresa é a maior exportadora de carne do Uruguai.
- Em 2006, o total das exportações de Brasil, Uruguai, Argentina e Chile faz da empresa um dos principais exportadores de carne bovina da América do Sul.

¹⁶⁰ Anuário do Agronegócio, Editora Globo, setembro/2007.

- Conforme a empresa, ela seria “a maior importadora e distribuidora brasileira de batatas pré-cozidas congeladas, carne de cordeiro e cortes especiais de carne”.
- Exporta para distribuidores e atacadistas em “todos os mercados relevantes, incluindo União Européia, EUA e Japão”.
- No Brasil, a empresa conta com “eficiente plataforma de distribuição”, através da qual “entrega produtos de carne bovina e ovina, e também outros produtos alimentícios, tais como batata pré-cozida congelada e pescados (*“food service”*), a grandes atacadistas, incluindo algumas das principais redes de supermercados e *“fast food”*; e também diretamente a clientes varejistas, tais como restaurantes e butiques de carnes, entre outros”. A empresa entende ser “o maior distribuidor de food service dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro”.
- A empresa “opera 12 plantas de abate, processadoras e/ou industrializadoras, distribuídas nas principais regiões pecuárias do Brasil, Argentina e Uruguai”. Suas plantas, no Brasil, localizam-se em SP, MT, MS, RS, RO e GO.
- Em Santo André (SP), a empresa opera um centro de distribuição.
- No Estado do Rio de Janeiro, opera uma planta de carnes enlatadas.
- No Chile, uma planta de desossa e distribuição.
- No Reino Unido, opera uma *trading*.
- Recentemente, a empresa iniciou a operação de quatro plantas: uma processadora e uma indústria em São Paulo, uma indústria no Rio Grande do Sul e uma planta de abate e desossa no Uruguai, além de novo centro de distribuição em Porto Alegre (RS).

Em assembléia realizada em 2009, o Marfrig Frigoríficos teve sua razão social modificada para “Marfrig Alimentos”. Essa alteração modifica a condição do Marfrig, que de um abatedouro de animais passa para produtor de alimentos e concorrente de empresas como a Brasil Foods (fusão entre Sadia e Perdigão). Com capacidade diária de abate de bovinos (20,9 mil cabeças), suínos (4,2 mil), ovinos (9,4 mil) e frangos e perus (1,8 milhão), o Marfrig com suas marcas “Bassi”, “Pena Branca”, “Mabella” e “Dagranja”, amplia a participação no setor através da aquisição da área de abate de perus da “Doux Frangosul”, por R\$ 65 milhões, em junho de 2009.

Com o apoio do BNDES, através de participação acionária e injeção de recursos da ordem de R\$ 472 milhões, o Marfrig também havia adquirido no ano

anterior (2008), as atividades do Grupo OSI, fornecedor de matéria-prima para os hambúrgueres do MacDonald's no Brasil.¹⁶¹ Essa nova atividade se expande no ano de 2010, através de mais uma aquisição, a do frigorífico norte-americano Keystone Foods, por US\$ 1,26 bilhão, empresa que atua no fornecimento global de carnes tanto para o MacDonald's como para a rede Subway.¹⁶²

Quadro III.10: Expansão e algumas aquisições do Marfrig

EMPRESA ADQUIRIDA/TIPO DE NEGÓCIO/PAÍS OU LOCAL	CARACTERÍSTICA/ESPECIALIDADE	VALOR/DATA	VANTAGEM
Keystone Foods	Logística de abastecimento de redes		
Doux Frangosul			
Seara			
100% das ações da Mirab, através de sua subsidiária, a Argentine Breeders & Packers (AB&P), na Argentina.	Alimentos/petiscos derivados de carne ("meat snacks")	US\$ 36 milhões (03/01/2008)	Entrada no mercado dos EUA, através da Mirab USA
Quickfood (também através da AB&P), na Argentina.	Líder na produção de alimentos derivados de carne bovina no mercado argentino	US\$ 140,9 milhões (Novembro de 2007)	
O Grupo Marfrig divulgou conclusão de auditoria para aquisição da controladora Establecimientos Colônia, Uruguai		US\$ 85 milhões (Novembro de 2007)	
Best Beef S.A. e Estâncias del Sur, na Argentina.		US\$ 39,3 milhões (Outubro de 2007)	
Frigorífico Patagônia, no Chile.		US\$ 8,5 milhões (agosto/2007)	
Encerrou aquisição da Quinto Cuarto, Chile.		US\$ 850 mil (julho/2007)	Consolidação no Chile
Aquisição da segunda planta em Promissão (SP) - Promissão II.	Planta de abate	Janeiro/2007	
Aquisição da Inaler, Uruguai.	planta de abate	Dezembro/2006	Aumento da participação
Aquisição do Tacuarembó, no Uruguai	Frigorífico	Outubro/2006	Aumento da participação
Aquisição de 100% do capital da Breeders and Packers, Argentina.	planta de abate	Outubro/2006	Entrada no mercado argentino
Élbio Perez Rodriguez ,Uruguai.	Frigorífico	2006	Aumento da participação
La Caballada, Uruguai.	Frigorífico	2006	Entrada no mercado uruguaio
Término da construção de planta em Porto Murtinho (MS)	Planta de abate	2006	
Aquisição das plantas de Chupinguaia, (RO) e de São Gabriel (RS).	Planta de abate	Agosto/2006	Expansão das operações

Continua na próx. pag.

¹⁶¹ "Os olhos do dono engordam o boi." Dinheiro Rural, edição 57, p. 38-43, julho 2009.

¹⁶² O Frigorífico Keystone atendia 28 mil restaurantes em todo o mundo, com um faturamento de US\$ 6,4 bilhões ("A jogada global do Marfrig." Istoé Dinheiro, nº 663, p. 56-61, junho 2010).

Continuação			
Aquisição de 50% do capital social da Quinto Quarto, no Chile.		Setembro/2006	Entrada no mercado chileno
Constituição da Marfrig Chile.		Julho/2006	
Aquisição de planta em Mineiros (GO).	Planta de abate	Abril/2006	
Arrendamento de planta em Paranatinga (MT).	Planta de abate	2004	
Aquisição em Tangará da Serra (MT).	Planta de abate	2003	
Início das exportações, após arrendar a segunda planta em Promissão (SP)	Planta de abate	2001	
Constituição da Marfrig Frigoríficos e Comércio de Alimentos S.A., ocasião em que foi arrendada a primeira planta, em Bataguassu (MS).	Planta de abate	2000	

Fonte: Valor Econômico, 03/01/2008, pág. B-11 e <http://www.marfrig.com.br/ri>, acessado aos 01/11/2007, às 17h10. Elaboração do autor.

III. 4. 1. Estratégias do Marfrig e Vantagens Competitivas

O Marfrig pretende “aumentar sua participação nos mercados doméstico e internacional, bem como sua lucratividade, colocando em prática as seguintes estratégias”:¹⁶³

- Crescer em carne bovina e ovina através de investimentos em novos mercados e naqueles onde já atua; aumentar as vendas através de *trading* localizada no Reino Unido; desenvolver novos produtos de alto valor agregado.
- Ao aumentar a produção, o Marfrig poderá acessar mercados para os quais o Brasil exporta, mas a empresa ainda não, por uma limitação atual; ampliar a fabricação de produtos de alto valor agregado, com oferta de produtos de carne bovina industrializada de alto valor agregado, tais como: aumento da produção de cortes porcionados, carne bovina cozida congelada, carnes enlatadas, carne bovina desidratada (*beef jerky*) e pratos prontos, além de ampliar as vendas de couro.
- Os cortes de alta qualidade e suas marcas permitem a obtenção de “margens de lucro maiores em vendas no varejo, enquanto a carne bovina industrializada tem um valor monetário médio por tonelada mais alto que a carne bovina in natura nos mercados internacionais”; expandir as atividades relacionadas ao food service, com o aumento da venda de varejo para restaurantes, supermercados, cozinhas industriais, boutiques de carne e fast

¹⁶³ Disponível em <http://www.marfrig.com.br/ri> Acessado aos 01/11/2007

food (sendo esta uma de suas principais estratégias); e ampliar “o número de produtos que oferece no seu food service, a fim de atender clientes do ramo de serviços de alimentação com uma opção de fornecimento integrada que ofereça uma gama completa de produtos alimentícios para suas operações diárias.”

- Procurar novas oportunidades de investimentos e aquisições; aumentar a capacidade produtiva: *“Os mercados de produção de carne bovina sul americanos são fragmentados. A Marfrig acredita que o movimento de consolidação da indústria de carne bovina, já vista nos países desenvolvidos, ocorrerá também na América do Sul”*; *“A Companhia pretende continuar ampliando sua produção por meio da contratação e treinamento de mais funcionários para aumentar a taxa de utilização de suas plantas já existentes, sem necessidade de fazer investimentos significativos em equipamentos”*; *“o Marfrig continuará avaliando oportunidades de adquirir novas plantas no Brasil e no exterior”*.
- O Grupo entende que sua *“perspectiva de forte crescimento, tanto no mercado interno quanto no externo”*, resulta das seguintes características: um dos maiores produtores e exportadores de carne bovina e seus subprodutos da América do Sul, com um portfólio de marcas como: *“Bass”*, *“Montana”* e *“Palatare”*, e a marca *“GJ”* (Gado Jovem), uma das principais de carne bovina para exportação; possui outras marcas de prestígio, incluindo a *“Aberdeen Angus,”* e *“AB&P”* na Argentina; *“Tacuarembó”*, *“Hamby”* e *“Bernina”* no Uruguai; possui base operacional diversificada e flexível, com 12 modernas plantas de abate, processadoras ou industrializadoras, distribuídas nas principais regiões pecuárias do Brasil, Argentina e Uruguai; com plantas e unidades espalhadas no Brasil, Argentina, Uruguai e Chile, a Marfrig consegue abater, processar e industrializar carne bovina com eficiência, aproveitar as crescentes oportunidades no comércio internacional e atenuar os potenciais impactos de surtos de doenças, tais como a febre aftosa; distribuição global: mantém uma base de clientes e canais de distribuição diversificados, o que gera oportunidades de crescimento e, ao mesmo tempo, atenua riscos. No Brasil, conta com uma plataforma de distribuição que lhe permite entregar seus produtos de carne bovina e *food service* para mais de

15.000 clientes em mais de 17.000 pontos de entrega, incluindo restaurantes, butiques de carnes e alguns dos maiores varejistas nacionais. Seus produtos são exportados para clientes em mais de 50 países.

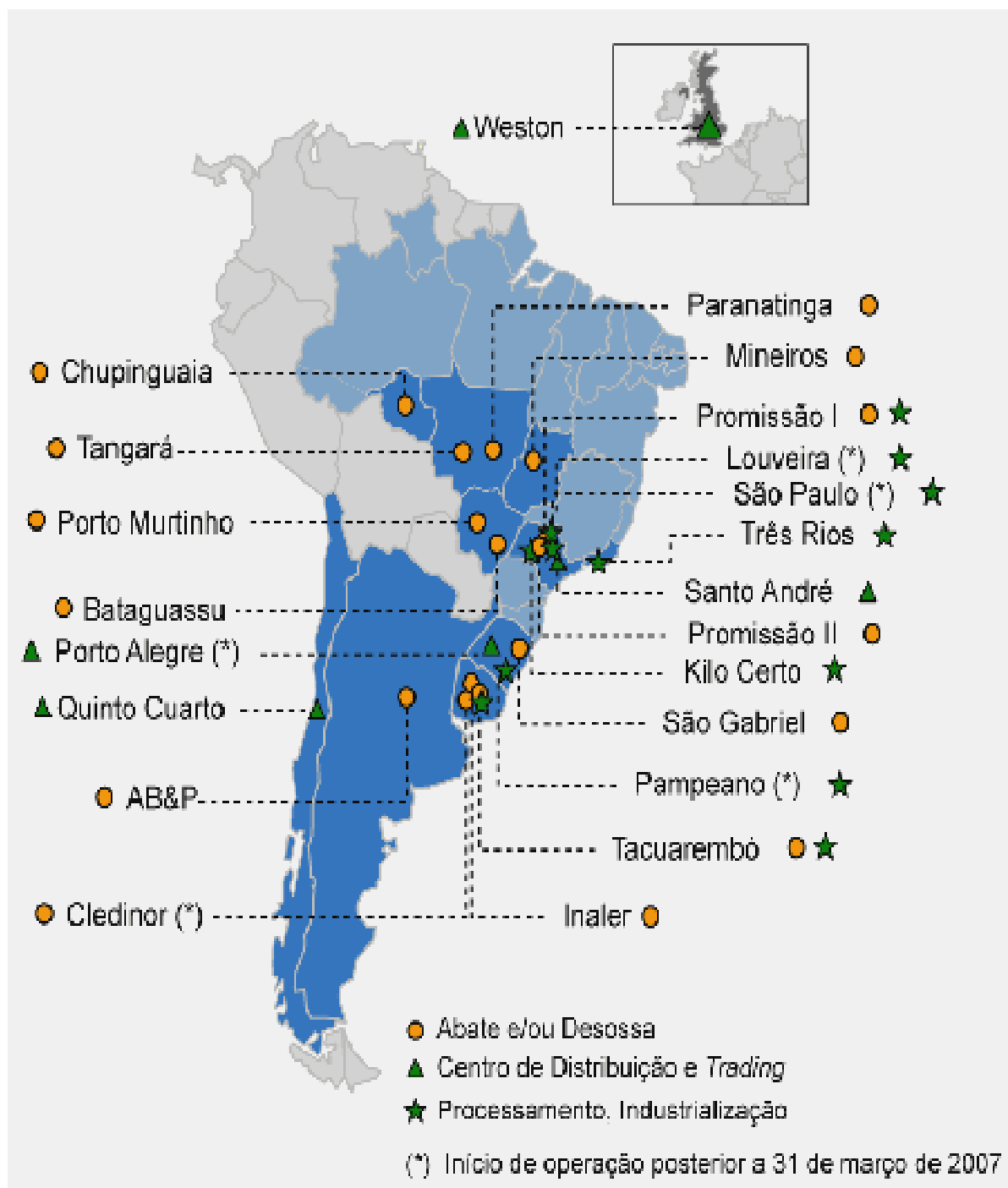
- Suas instalações são consideradas “modernas”, com capacidade de fabricar produtos de alto valor agregado: suas plantas foram todas adquiridas ou construídas nos últimos sete anos, projetadas para produzir ampla variedade de produtos, incluindo aqueles com alto valor agregado, tais como: cortes de carne bovina de alta qualidade e carne bovina cozida congelada.
- Escala operacional e baixos custos: beneficia-se de baixos custos de produção no Brasil, Argentina e Uruguai, que estão entre os mais competitivos produtores de carne bovina do mundo.
- Devido à grande disponibilidade de terras, os custos de criação de gado e produção no Brasil são os menores do setor mundial de carne bovina, o que resulta em preços competitivos e maior volume de exportações. O porte atual da Companhia gera economias de escala e, paralelamente, garante sua capacidade de atingir os padrões de qualidade mais elevados exigidos pelos mercados nos quais a Marfrig atua.

Quadro III.11: Unidades do Grupo Marfrig no Brasil

CIDADE	ESTADO
Bataguassú	MS
Chupinguaia	RO
Mineiros	GO
Paranatinga	MT
Porto Murtinho	MS
Promissão I	SP
Promissão II	SP
Santo André	SP
São Gabriel	RS
Tangará da Serra	MT

Fonte: <http://www.marfrig.com.br/ri>

Além das unidades listadas no Quadro III.11 e das localizações identificadas no Mapa III.8, o Marfrig também atua na Europa e EUA.



III. 5. O FRIGORÍFICO MINERVA

O Frigorífico Minerva não aparece posicionado na classificação do “Valor Grandes Grupos” em 2003, 2004 e 2005. Surge em 2006 na 149ª posição, em 2007 em 143º lugar e em 2008 na 132ª posição (conforme Tabela II.10).

Considerando apenas as empresas do setor frigorífico, o Minerva ocupa o 4º lugar, atrás de JBS-Friboi (+Bertin), BRF e Marfrig.¹⁶⁴

Portanto, o Frigorífico Minerva seria uma das maiores empresas do País, “na produção e comercialização de carne bovina, couro e boi vivo”, e tornou-se um dos maiores exportadores brasileiros do setor, com uma receita bruta de vendas de US\$ 762 milhões em 2008, e exportando seus produtos para cerca de 80 países.¹⁶⁵

Sua capacidade de abate diário é de aproximadamente 6.600 cabeças, processando 1.450 toneladas e produzindo 5.000 couros/dia.

Em 2008, o Minerva iniciou sua internacionalização adquirindo a planta da FRIASA, na cidade de Assunção, Paraguai.

Em 2010, adquiriu mais uma planta, agora no Uruguai.

A sede do Minerva localiza-se no município de Barretos (SP), mas possui unidades nos Estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso do Sul, além de Rondônia e Minas Gerais. O Frigorífico opera, portanto, nove plantas de abate e desossa, dois curtumes, e centros de distribuição em SP, ES e SC.¹⁶⁶

Em 2008 foi inaugurada em Barretos (SP), a empresa Minerva Dawn Farms (MDF), uma *joint venture* entre o Minerva S.A. e a Dawn Farms, empresa irlandesa com inserção no mercado europeu. A fábrica resulta de um investimento de US\$ 80 milhões (em 14,5 mil m² de área construída) e conta com 1,4 mil m² de área destinada a laboratório. No mesmo local concentram-se todas as etapas de produção, com capacidade de produção de 10 a 15 toneladas de carne cozida por hora. Aproximadamente 60% dos produtos destinam-se ao mercado externo.

A capacidade de processamento do Minerva é de mais ou menos uma vez e meia sua capacidade de abate, o que também permite processar o gado e “quartos

¹⁶⁴ Vide também a Tabela III.9 (à pg. 134) com os dados do Anuário do Agronegócio, da revista Globo Rural.

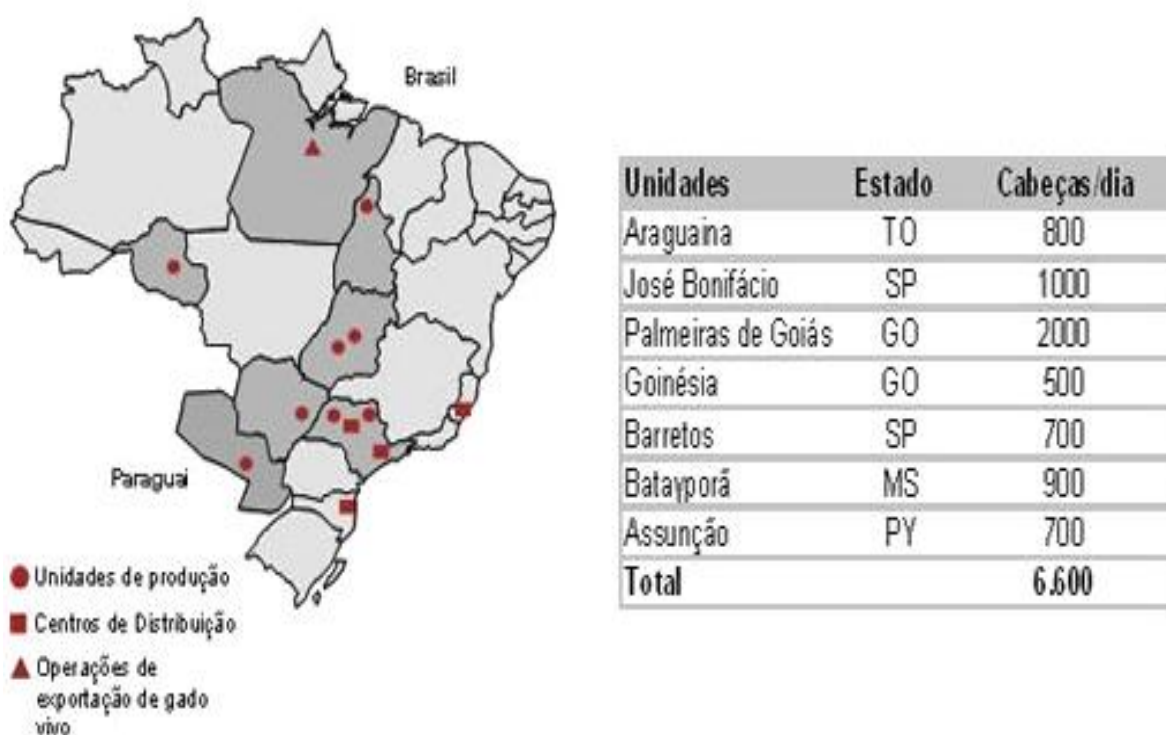
¹⁶⁵ Informações disponíveis em <http://www.minerva.ind.br/ri/index.htm> Acesso aos 10/11/2009.

¹⁶⁶ Idem.

com osso”, fornecidos por terceiros, maximizando a rentabilidade, pois a empresa considera o processamento a atividade que mais agrega valor à carne bovina.¹⁶⁷

As unidades de produção da Companhia, além da unidade de Barretos e outras duas unidades de produção em construção (Rolim de Moura e Campina Verde), localizam-se estrategicamente em relação aos principais portos exportadores e mercados internos, e perto dos seus fornecedores de gado e carne.

O mapa apresentado a seguir indica a localização geográfica das unidades industriais e centros de distribuição do Minerva, bem como de seu escritório para exportação de gado vivo em Belém.¹⁶⁸



Mapa III.9: Unidades do Frigorífico Minerva no Brasil

Fonte: disponível em <http://www.minerva.ind.br/ri/index.htm> Acesso aos 10/11/2009.

As novas unidades apresentarão como inovação a desossa planejada, com espaço adequado para o funcionário, e isso propiciará aumento da produção e do rendimento médio. A planta de Barretos conta atualmente com 1513 funcionários, constituída por aproximadamente 70% de homens e 30% de mulheres. Produz cortes porcionados e carne enlatada direcionada principalmente para o mercado dos EUA, a partir do abate médio de 700 animais por dia, conforme Quadro III.12 apresentado a seguir.

¹⁶⁷ Informações disponíveis em <http://www.minerva.ind.br/ri/index.htm> Acesso aos 10/11/2009.

¹⁶⁸ Idem.

Quadro III.12: Unidades do Frigorífico Minerva no Brasil

UNIDADES	ABATE DIÁRIO
Araguaína (TO)	800
José Bonifácio (SP)	1000
Palmeira de Goiás (GO)	2000
Goianésia (GO)	500
Barretos (SP)	700
Batayporã (MS)	900
Assunção (Paraguay)	700
Rolim de Moura (RO)	Projeto em instalação
Campina Verde (MG)	Projeto em instalação

Fonte: Empresa, em visita realizada aos 15/10/2010.

III. 5. 1. Histórico do Frigorífico Minerva

A história do Minerva mostra um rápido crescimento a partir de 1992, em um processo distinto ao da constituição tanto do JBS-Friboi como do Marfrig, e resulta de longa experiência empresarial na criação e transporte de gado de fazendas para abatedouros.¹⁶⁹

1957: a família Vilela de Queiroz inicia na criação de gado e prestação de serviços de transporte de gado de fazendas para abatedouros.

1992: aquisição do Frigorífico Minerva do Brasil S.A., localizada em Barretos, primeira unidade de abate e processamento. Em 1992 constitui a Indústria e Comércio de Carnes Minerva Ltda.

1999: o Minerva arrenda e depois adquire uma unidade de abate e processamento em José Bonifácio (SP) e em 2001 arrenda unidade de processamento em Cajamar (SP).

2004: construção e abertura de nova unidade de abate e processamento em Palmeiras de Goiás (GO) (conforme a empresa uma das mais modernas instalações de processamento de carne bovina da América Latina). 2006: o Minerva aluga uma unidade de abate e processamento em Batayporã (MS).

Em janeiro de 2007, começou a construir a unidade industrial para a produção de carne cozida e congelada (*cooked frozen*), em Barretos (SP), em uma *joint-venture* firmada com a empresa irlandesa Dawn Farms Group. Inicia a construção de unidade em Rolim de Moura (RO) e aquisição de unidades industriais nos Estados do Tocantins (em Araguaína) e Pará (no município de Redenção, em fase de construção).

¹⁶⁹ Disponível em <http://www.minerva.ind.br/ri/index.htm> Acesso aos 10/11/2009 e com informações da empresa em visitas realizadas em 15/10/2010 e 15/08/2011.

2008: aquisição do frigorífico Lord Meat, em Goiás, com capacidade de abate de 500 bois/dia.

2009: inauguração da planta de *cooked frozen* em Barretos, constituindo-se na primeira unidade produtiva da Minerva Dawn Farms, *joint venture* entre o Minerva S.A. e a Dawn Farms Foods. A unidade produtiva é uma das maiores do país no processamento de carne para produtos industrializados com perspectiva de faturamento de US\$ 200 milhões/ano. O total investido para o início das operações foi de R\$ 80 milhões.

2009: Início de sua internacionalização, com a aquisição da FRIASA, em Assunção (Paraguai), e aquisição do frigorífico Pul no Uruguai em 2010, em investimento da ordem de US\$ 65 milhões, voltado às exportações.¹⁷⁰

III. 5. 2. Vantagens Competitivas do Frigorífico Minerva

Uma estratégia da empresa é exportar, pois a rentabilidade no mercado externo é mais alta que no mercado interno. A atuação no mercado externo possibilitou um crescimento superior à média dos seus concorrentes, conforme demonstram os dados do SECEX de 2006.¹⁷¹

As unidades industriais contam com tecnologia de ponta em processamento de carne, e são certificadas para exportação. O Minerva possui um *portfolio* de produtos com aproximadamente 4.000 itens.

Nas fotos apresentadas abaixo, aspectos da logística do frigorífico em Barretos



Foto III.6 e III.7: Transminerva em Barretos
Autoria própria (2010).

¹⁷⁰ “Crise abre o apetite da expansão externa.” Valor Multinacionais Brasileiras, setembro 2011, nº 4, pp. 44-47.

¹⁷¹ Conforme <http://www.minerva.ind.br/ri/index.htm> Acessado aos 10/11/2009.

Sua logística de distribuição permite direcionar suas vendas para mercados que propiciem maior rentabilidade. A localização de suas operações permite baratear o custo da compra do gado, exportar e distribuir seus produtos no Brasil.

De acordo com a empresa, seus administradores possuem “*experiência e credibilidade no setor de carne bovina*”, que remontam a 1957, e acreditam que seu crescimento é sustentável e estejam preparados para “*consolidar o mercado brasileiro de frigoríficos em função (i) da implementação do plano estratégico; (ii) da integração de unidades industriais adquiridas; (iii) da condução de parcerias com empresas estrangeiras; e (iv) da sua experiente equipe de administradores.*”¹⁷²

III. 5. 3. Estratégias e objetivos do Frigorífico Minerva

O Minerva pretende crescer nos mercados mais atrativos e rentáveis, “de forma a gerar valor aos seus acionistas” com criação de produtos “customizados” para atender “novos mercados”.

A empresa procura “expandir sua capacidade produtiva atuando como consolidador de mercado (...) pretende utilizar sua experiência (...) de aquisições (...) para ser um dos consolidadores do mercado brasileiro de frigoríficos. A Companhia aumentará sua capacidade de processamento e abate, adquirindo ou arrendando outras unidades e também por meio de crescimento orgânico. *Continuará a diversificar geograficamente suas operações, por meio da expansão a outras localidades do Brasil.*”¹⁷³

Aumento da eficiência operacional e redução de custos: “manutenção de sua posição como produtor de baixo custo de produtos e subprodutos de carne bovina, e manterá o seu foco no aumento de suas margens por meio da melhoria das eficiências operacionais, da modernização de suas instalações, da redução de custos operacionais, do aumento das economias de escala e maior integração de sua cadeia logística” e aumento da “comercialização de produtos com maior valor agregado”, seja através da customização de produtos e também “pela aquisição de companhias ou arrendamento de unidades de processamento de proteínas, observando as seguintes estratégias: (i) mercado externo – (...) continuará a investir na segmentação e customização de seus produtos, aumentando a comercialização de carne in natura resfriada e congelada, bem como carne processada como *cubed beef*, *roast-beef* e *cooked frozen*; e (ii) mercado interno: com foco no aumento das vendas de produtos de margem mais alta”, através da expansão e “comercialização de cortes de carne bovina in natura, como itens porcionados e diferentes tipos de subprodutos

¹⁷² Disponível em <http://www.minerva.ind.br/ri/index.htm> Acessado aos 10/11/2009.

¹⁷³ Idem.

de carne bovina processados para utilização em refeições prontas, por cadeias de *fast-food*, restaurantes e serviços de *catering*.¹⁷⁴



Foto III.8: Vista aérea da Dawn Farms (na parte superior) e Frigorífico Minerva (parte inferior) em Barretos (SP)

Imagem: Google earth, 27/08/2009



Foto III.9: Minerva Dawn Farms em Barretos

Autoria própria (2011).

¹⁷⁴ Disponível em <http://www.minerva.ind.br/ri/index.htm> Acessado aos 10/11/2009 e em “Crise abre o apetite da expansão externa.” Valor Multinacionais Brasileiras, setembro 2011, nº 4, pp. 44-47.

III. 6. O FRIGORÍFICO INDEPENDÊNCIA

Fundado em 1977, pela família Russo, em Santana do Parnaíba, inicialmente era uma fábrica de charque. Adquire e começa a desossa e armazenamento em unidade de Cajamar (SP), em 1984. Constrói unidade em Nova Andradina (MS), em 1991. Adquire armazém refrigerado no porto de Santos (SP) em 1997. Inicia a produção no curtume em Nova Andradina em 1999, ano em que começa a exportar através das unidades de Presidente Venceslau (SP) e Anastácio (MS).

Em 2002 inicia a produção de fertilizante orgânico em Nova Andradina. Adquire, moderniza e começa a produzir em Campo Grande (MS); consegue habilitação para exportar. No biênio 2003-04 inicia o abate de suínos em Itararé (SP), quando chegou a exportar 80% de tudo o que produzia.

Arrenda as unidades de Janaúba (MG) e Pires do Rio (GO), em 2005.

Em 2006 abandona o abate de suínos em Itararé. Inicia o abate nas unidades de Janaúba e Rolim de Moura (RO). Implementa produção do curtume localizado em Colorado do Oeste (RO). Adquire novos armazéns em Santos. Adquire planta em Paraíso do Tocantins (TO).

Em 2007 adquire o frigorífico Goiás Carne, em Goiás. Arrenda curtume localizado em Senador Canedo (GO). Arrenda mais três plantas no Mato Grosso, em Juína, Pontes e Lacerda e Confresa. Inicia o abate na planta de Juína e a produção de charque na unidade de Pires do Rio. Encomenda 5 módulos de produção de biodiesel.

Em 2008 inicia a produção de biodiesel em Nova Andradina. Arrenda a unidade de abate e desossa do IFC Foods¹⁷⁵ em Nova Xavantina (MT). Também arrenda o centro de distribuição, armazém refrigerado e logística do IFC Foods em Itupeva (SP), com capacidade de armazenamento de 8.000 toneladas. Compra o Frigorífico Guarani S.A., no Paraguai, por US\$ 14 milhões, a primeira aquisição fora do Brasil.

Resumindo, o frigorífico Independência possui capacidade diária de abate de 9.500 cabeças, produção de 10 mil peles de bovinos por dia e opera rede logística refrigerada. Possui unidades em sete Estados brasileiros, sendo 11 plantas de abate

¹⁷⁵ Disponível em <http://www.pecuaria.com.br/info.php?ver=2980> Acesso aos 27/09/2011.

e desossa, duas de desossa isoladamente, três curtumes, duas fábricas de charque, cinco módulos de produção de biodiesel, e centros de distribuição nas cidades de Cajamar, Itupeva e no Porto de Santos.¹⁷⁶

Encontra-se em recuperação judicial desde o final de 2008.

III. 7. OUTROS FRIGORÍFICOS

Relacionamos a seguir outras empresas do setor, com atuação regional e que também exportam seus produtos, mas não aparecem como as maiores do setor.

III. 7. 1. O Frigorífico Mondelli

Localizado em Bauru, SP, o Mondelli tem capacidade de abate diário de 900 animais. Em 2005, situava-se em 261º na classificação das maiores empresas do setor. Em 2006 aparecia em 292º, e em 2007 já não figurava na referida classificação, surgindo em último lugar na Tabela III.20. Possui fazendas na região de Bauru.¹⁷⁷

Vangélio Mondelli, natural da Itália, migrou para o Brasil em 1924, em 1935 passou a residir em Bauru (SP), onde, com o apoio da família, adquiriu uma firma de miúdos bovinos e posteriormente uma fábrica de lingüiça.

Em 1951 deu início ao comércio de carne “verde” no varejo. Nessa época ainda existia o matadouro municipal da cidade, responsável pelo abate dos animais. Em pouco tempo já abastecia uma parte do mercado de Bauru. A partir de 1968, os filhos do fundador assumiram a empresa e a expandiram com a denominação Frigorífico Vangélio Mondelli Ltda. Em 1978 foi instalado o matadouro-frigorífico sob a aprovação do Serviço de Inspeção Federal-SIF. Com instalações consideradas modernas e a consolidação de sua posição no mercado interno do país, a produção desenvolveu-se até a criação de uma linha de produtos para o mercado internacional em 1986.

¹⁷⁶ “Os bilionários da carne.” Exame, 20 de maio 2004. Disponível em <http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0818/noticias/os-bilionarios-da-carne-m0051790>http://ri.independencia.com.br/independencia/web/conteudo_pt.asp?idioma=0&conta=28&tipo=16757 Acessado aos 25/08/2011.

¹⁷⁷ Disponível em http://www.mondelli.com.br/pt-br/4,Processo_Produtivo Acessado aos 30/05/2010.

Em 1993, o frigorífico criou a linha de produtos Embutidos e Industrializados (linha Prima Línea), com a estratégia de adicionar valor à produção e aumentar a participação nos mercados consumidores¹⁷⁸.

III. 7. 2. Rodopa Exportação de Alimentos e Logística (ex-Frigorífico Tatuibi)

Criada em 1958 em Limeira (SP), pela família Bindilatti, sob a denominação “Tatuibi”. Com quatro unidades em operação, a Rodopa arrendou recentemente um frigorífico em Goiás, com capacidade de abate de 500 bovinos por dia. Essa unidade, anteriormente arrendada pelo Frigoestrela (hoje em recuperação judicial), iniciaria as atividades em agosto de 2011.

Além da marca Tatuibi, de cortes de carne, a Rodopa é proprietária da marca Arpe, de sabão em barra e amaciantes.

Conforme o diretor geral da empresa, ex-diretor-financeiro do Grupo JBS, pretende-se ampliar a capacidade de Goiás e habilita-la para exportar para a Europa. As outras unidades da Rodopa localizam-se em Santa Fé do Sul e Ipuã, no estado de São Paulo, em Cassilândia (MS), e em Sinop (MT), com capacidade de abate de 2.500 cabeças/dia. A maior parte de sua receita, cerca de 90%, procede de vendas no mercado interno, no pequeno e médio varejo do interior do país. A Rodopa também busca reforçar sua atuação no setor de food service, e à semelhança do Marfrig, sua origem relaciona-se ao setor de distribuição, pois antes de possuir unidades de abate de bovinos, a empresa terceirizava o abate e distribuía a carne através da marca Tatuibi.¹⁷⁹

III. 7. 3. Frigorífico Mataboi

Empresa familiar fundada em 1949, o Frigorífico Mataboi atualmente é administrado pela terceira geração da família Dorazio, em Araguari (MG).

Contava no início com 36 funcionários abatia 100 animais/dia. A partir de 1963 constrói câmaras frigoríficas e passa a comercializar carne refrigerada, abandonando a produção de charque. Em 1991 consegue habilitação para exportar para os países da lista geral e Suíça. Em 2001, resultante de seus investimento em

¹⁷⁸ Disponível em <http://www.mondelli.com.br/pt/base.asp?pag=historia.asp> Acesso aos 15/01/2009.

¹⁷⁹ Disponível em <http://www.meatworld.com.br/noticias/post/rodopa-investe-para-ampliar-capacidade-e-crescer-em-carne> acesso aos 03/09/2011 e em <http://exame.abril.com.br/mercados/noticias/frigorifico-rodopa-planeja-emissao-de-bonus-e-oferta-de-acoes> Acesso aos 05/03/2011.

modernização, o frigorífico é habilitado para o Mercado Comum Europeu. Em 2006 consegue a certificação AusMeat, de abate, cortes e carcaças de acordo com padrões internacionais, além da Norma BRC (British Retail Consortium), de segurança alimentar.

Incorpora em 2007 uma planta em Rondonópolis (MT); em 2008 incorpora planta em Araçatuba (SP), e a planta de Rondonópolis consegue certificação para o Mercado Comum Europeu; em 2009 incorpora uma planta em Santa Fé de Goiás (GO) e em 2010 inicia o abate em Três Lagoas (MS). Com essa unidade, a capacidade de abate alcança 4.100 cabeças/dia. Trabalha com marca própria desde 2008: “Di Prima” e atualmente exporta para 60 países.¹⁸⁰

III. 7. 4. Frisa

Primeiro frigorífico criado na região de Colatina (ES), em 1968. Além do mercado interno, exporta para Europa e países orientais. Estocagem é realizada nos locais de abate e o transporte é feito com frota própria. Suas unidades produtivas localizam-se nos municípios de Nanuque, Teixeira de Freitas e Colatina. O Frisa também possui um entreposto de distribuição em Niterói e um escritório de exportação no Rio de Janeiro.¹⁸¹

III. 7. 5. Frigol

Possui plantas de abate em Lençóis Paulista (SP) e Água Azul do Norte (PA). Produzia 200 mil toneladas de carne por ano, empregava diretamente 1.500 pessoas e exportava para diversos países. Atualmente encontra-se em recuperação judicial.¹⁸²

III. 7. 6. Frialto

Fundado em 1996, com sede em Sinop (MT), o Grupo Frialto abatia 300 cabeças/dia. Ampliou seu abate para 500 cabeça/dia em 1999 e iniciou o processo de desossa com capacidade de 1.000 peças/dia. Atualmente a unidade desossa 3.300 peças/dia e abate 730 animais/dia.

¹⁸⁰ Disponível em <http://www.mataboi.com.br/mataboi/pt/> Acesso aos 03/06/2011.

¹⁸¹ Disponível em <http://www.frisa.com.br/empresa.php> Acesso aos 06/07/2011.

¹⁸² Disponível em <http://www.frigol.com.br/frigol.php> Acesso aos 14/08/2011.

A 2ª unidade do Grupo foi construída em Matupá (MT), em 2000 com capacidade de abate de 300 animais/dia. Em 2001 começou a exportar. Com a demanda alta passou a abater 850 animais/dia em 2003 e ampliou a desossa para 4.000 peças/dia.

Em 2004 o Frialto adquiriu 50% de unidade em Nova Canaã (MT), com capacidade de abate de 750 animais/dia e as atividades dessa unidade foram iniciadas em 2005.

2007 marca o início da construção da unidade de Ji-Paraná (RO), com capacidade projetada de abate de 2.500 animais/dia, desossa integral e equipada com salga Kosher. A primeira etapa entrou em operação em 2008, com capacidade de abate de 1.110 animais/dia, incluindo desossa para 4.000 peças por dia.

Em 2007 o Frialto adquiriu a unidade de Sorriso (MT), capacidade de abate de 500 animais/dia. Em 2007 iniciou a construção da unidade de Tabaporã (MT), capacidade projetada de abate de 1.000 animais/dia. Em 2007 iniciou a construção da unidade de Itaberaí (GO), com capacidade de abate projetada de 1.250 animais/dia e sua primeira etapa incluindo desossa integral.

Em 2008 o Grupo continuou ampliando com a aquisição da 9ª unidade, em Iguatemi (MS), com capacidade de abate de 600 animais/dia e desossa de 3.000 peças. No mesmo ano implantou o Centro Distribuidor em Jundiaí-SP, voltado para o mercado de varejo (Food-Service).

Possui unidades de confinamento em Sinop, com capacidade de 40.000 animais/ano e Matupá (20.000 animais/ano), e Transportadora com frota de mais de 100 veículos. Também possui uma Usina de Biodiesel em Sinop.¹⁸³

III. 7. 7. BRF Brasil Foods

A empresa resulta da associação entre Perdigão e Sadia, ocorrida em 2009, e surge como uma das maiores empresas do setor de alimentos no Brasil.¹⁸⁴ Em 2010, aparece listada em 12º lugar.¹⁸⁵ Participa do abate de bovinos através da Perdigão (2007), que adquiriu a unidade de Mirassol D'Oeste (MT), unidade em obras de ampliação, que aumentarão a capacidade de abate para duas mil cabeças/dia, e totalmente voltada para as exportações. O frigorífico já exporta para a

¹⁸³ Disponível em <http://www.frialto.com.br/portuguese/index.php> Acesso aos 03/09/2011

¹⁸⁴ "Perdigão e Sadia confirmam megafusão que cria a Brasil Foods." Folha de S. Paulo, 19/05/2009.

¹⁸⁵ Valor Econômico: "Valor 1000". Agosto 2011, nº 11, p. 114.

Rússia e Emirados Árabes, além de Angola e Caribe, entre outros. Com a aquisição, a Perdigão aumentou sua presença no Mato Grosso, onde já mantém unidade de abate e processamento de frangos no município de Nova Mutum.¹⁸⁶

A unidade atende a normas internacionais de sanidade e segurança. Encontra-se localizada a 300 quilômetros de Cuiabá, no vale do Rio Jauru, região de alta produção de gado nelore e onde localiza-se parte da pecuária extensiva do país. O controle de qualidade é rigoroso, os animais são alimentados no pasto e obedecem as exigências de rastreabilidade animal.

III.8. Considerações finais

A estratégia das principais empresas do setor para garantir ou ampliar sua participação nos mercados nacional e mundial ocorre através do processo de centralização de capital e da expansão e diversificação de seus produtos, além da internacionalização. São os casos dos maiores frigoríficos brasileiros, a saber: Grupo JBS (ex-Friboi), Marfrig e Frigorífico Minerva. Estes grupos, hoje fortemente centralizados, incorporaram empresas de vários portes e são responsáveis pela ampliação da participação do setor no comércio internacional. Um salto expressivo da expansão e do crescimento da atividade frigorífica, com reflexos na divisão do mercado e nas transações envolvendo F&A nacionais e internacionais. Isto se verifica ao comparar o período 1997-2006: em 1997, as exportações de carne bovina alcançaram 287 mil toneladas e receitas da ordem de US\$ 436 milhões; três anos depois, as exportações atingiram 592 mil toneladas, com receitas de US\$ 783 milhões; e, por fim, o salto se observou em 2006, quando a carne bovina exportada chegou a 2.200 mil toneladas, com receitas da ordem de US\$ 3.800 milhões.

¹⁸⁶ Disponível em <http://www.brasilfoods.com/divisaoDeNegocios.cfm?codigo=34> Acesso aos 25/08/2011.

Tabela III.9: Classificação dos frigoríficos de bovinos*

2010**	2009**	2008	2007	2006	2005	EMPRESA	SEDE/ORIGEM DO CAPITAL	MARCAS/PRODUTOS***
-	-	12	-	19	17	Bertin	Lins, SP/ BR	<i>Bertin, Ecocarne, Tama, Tutty Bon Apetí, etc.</i>
3	4	15	16	15	14	JBS-Friboi	São Paulo, SP/ BR	Friboi carnes <i>in natura</i> , carnes para churrasco <i>Maturatta, Organic Beef, Sola, Anglo, Swift</i> , produtos de limpeza, detergente <i>Minuano</i> , etc.
12	18	-	-	-	-	BRF – Brasil Foods	São Paulo, SP/ BR	
22	32	41	31	28	-	Marfrig	Santo André, SP/ BR	<i>GJ (Gado Jovem), Gourmet Bassi, Montana Premium Beef, Palatate, Kilo Certo.</i>
96	110	39	48	50	62	Frigorífico Minerva	Barretos, SP/BR	Cortes diversos (traseiro, dianteiro, etc.), linhas <i>Grill e Prática</i> , miúdos, porcionados e cortes de ovinos.
615	583	131	189	187	122	Pamplona (Frigorífico Riosulense)	Rio do Sul, SC/BR	Cortes de bovinos e suínos; produtos industrializados diversos; triparia, produtos defumados, etc..
673	712	181	211	204	230	Frisa	Colatina, ES/BR	Cortes de bovino, produtos embutidos, <i>Frisa e Grã Filé..</i>
-	-	76	82	88	82	Frigoestrela	SP/BR	Carne bovina, suínos, produtos embutidos, couro, tripas, etc.
-	-	81	100	119	-	Coopavel	PR/ BR	Indústria de carnes
-	-	-	103	81	116	Frigorífico Mercosul	Porto Alegre, RS/BR	Cortes de bovinos, <i>Mercobeeef</i>
-	-	114	152	149	178	Mataboi	Araguari, MG/BR	Cortes de bovinos.
-	-	187	201	235	290	Frigol	Lençóis Paulista, SP/BR	Abate de bovino, cortes especiais e carne maturada.
-	-	233	-	-	-	Frigorífico Eldorado	MA	Indústria de carnes
-	-	-	51	71	78	Independência	Cajamar, SP/BR	Carne bovina, couro, charque e fertilizante.
-	-	-	52	54	43	Frigorífico Margem	São Paulo, SP/BR	Charque tradicional e <i>Jerkeed Beef</i> , carne de cordeiro.
-	-	-	112	124	118	Frigorífico Redenção	Redenção, PA/BR	Cortes de bovinos, marca <i>Speciale</i> . Fabricação de embutidos em Castanhal (PA).
-	-	-	123	135	-	Vale Grande Ind. e Com. de Alimentos	MT/BR	Cortes de bovinos.
-	-	-	484	495	-	Frigotil	Timon, MA/BR	Abate de bovinos e comércio de cortes especiais.
-	-	-	-	83	68	Frigorífico Quatro Marcos	Jandira, SP/BR	Carne bovina, miúdos, produtos industrializados, tripas, etc.
-	-	-	-	292	261	Frimondelli	Bauru, SP/BR	Abatedouro de bovinos e suínos; produtos embutidos; carnes secas e curadas (charque e <i>jerked beef</i>).

Fonte: Anuário do Agronegócio, Editora Globo, Outubro de 2009; Outubro de 2008 e setembro de 2007. Elaboração do autor.

* A classificação refere-se a receita líquida das empresas.

** Apenas para o biênio 2009-10, a classificação utilizada é da Revista “Valor 1000”, Valor Econômico, Agosto 2011, pp. 114-183.

** Informações retiradas dos *sites* das empresas, relacionados na bibliografia.

CAPÍTULO IV: CENTRALIZAÇÃO E DESNACIONALIZAÇÃO NO SETOR ÓLEO DE SOJA

IV. 1. INTRODUÇÃO

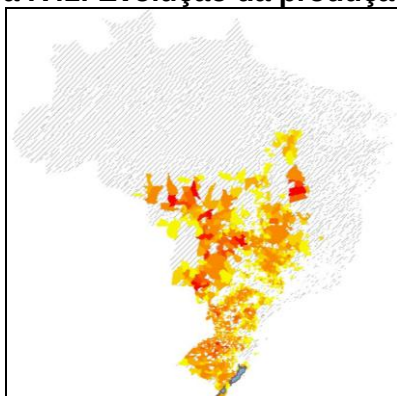
No domínio da produção, transporte, esmagamento da soja e produção de óleo, o setor encontra-se formado por empresas estrangeiras e brasileiras, além de parcela significativa de cooperativas, entretanto, as empresas estrangeiras Bunge Alimentos (Holanda), Cargill (EUA), Archer Daniels Midland-ADM (EUA) e LDCommodities (França) controlam parcela significativa da produção, exportação e esmagamento da semente de soja e são, respectivamente, as primeiras a aparecer nas diversas classificações de empresas.¹⁸⁷

Em uma caracterização do setor soja brasileiro, portanto, além das empresas estrangeiras, ele pode ser dividido entre empresas e cooperativas. Dentre as maiores empresas no setor, destacam-se: *holding* Amaggi (Rondonópolis, MT); Caramuru S.A. (Itumbiara, GO), Sperafico (Toledo, PR), Granol (São Paulo, SP), e Algar-Agro [antiga ABC-Inco (Uberlândia, MG)], instituições de capital nacional. Entre as cooperativas: Coamo (Campo Mourão, PR); Carol (Orlândia, SP), Comigo (Rio Verde, Go), entre outras.

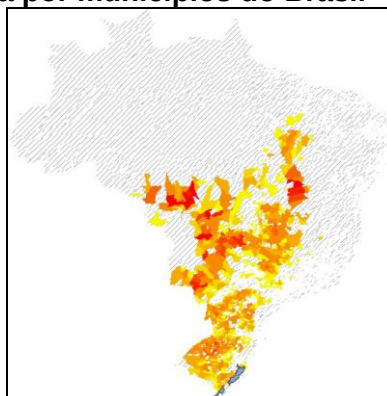
Mato Grosso fechou a safra 2010/11 com o recorde de produção de 20,5 milhões de toneladas e também de produtividade de 55,6 sacas por hectare, na mesorregião Médio Norte do estado. Isto é resultado da combinação de fatores geográficos, humanos e físicos que potencializaram a produção há mais de meio século, transformando áreas de alto custo de produção em áreas de intensa acumulação. O mapa a seguir, representa a evolução do plantio de soja no território nacional.

¹⁸⁷ Anuário do Agronegócio (2009), Valor Grandes Grupos (2010), Valor 1000 (2011) e Exame Maiores & Melhores (2011).

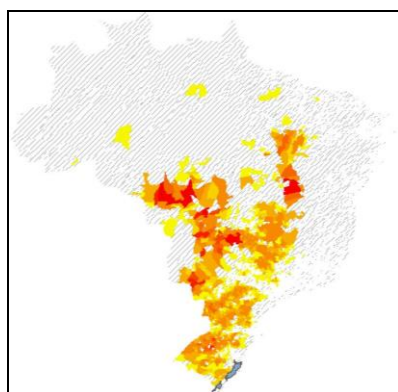
Mapa IV.1: Evolução da produção de soja por municípios do Brasil



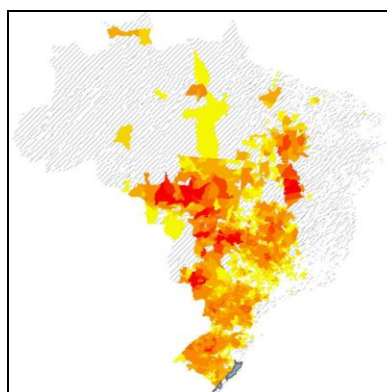
Produção de soja por ha, 1990



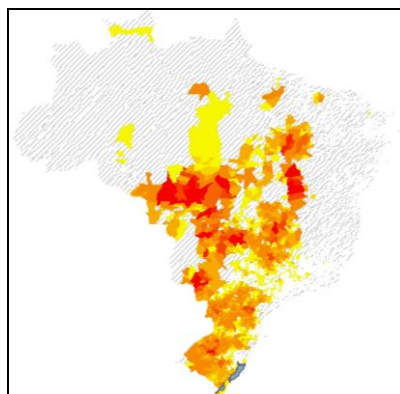
Produção de soja por ha, 1994



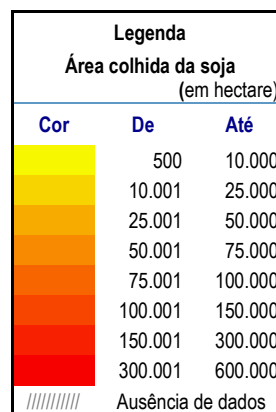
Produção de soja por ha, 1999



Produção de soja por ha, 2004



Produção de soja por ha, 2009



Total da área colhida de soja nos municípios brasileiros - 1990-2009

Frequência por dimensão (ha)		Ano									
		1990		1994		1999		2004		2009	
De	Até	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
500	10.000	351	6,3	387	7	458	8,3	559	10,1	505	9,1
10.001	25.000	147	2,6	162	2,9	177	3,2	249	4,5	198	3,6
25.001	50.000	316	5,7	311	5,6	347	6,3	439	7,9	464	8,4
50.001	75.000	247	4,5	263	4,7	279	5	408	7,4	381	6,9
75.001	100.000	23	0,4	17	0,3	22	0,4	38	0,7	29	0,5
100.001	150.000	10	0,2	9	0,2	5	0,1	20	0,4	25	0,5
150.001	300.000	5	0,1	7	0,1	7	0,1	8	0,1	7	0,1
300.001	600.000	6	0,1	7	0,1	11	0,2	20	0,4	25	0,5
Ausência de dados		4313	77,7	4235	76,3	4085	73,6	3616	65,2	3785	68,2

Fonte: IBGE - Pesquisa Agrícola Municipal; SIDRA. Elaboração própria.

A produção de soja iniciou no Rio Grande do Sul, há quase um século, devido às condições climáticas em área de campos. Somente na década de 1940 e 1950 se observa uma política de incentivo à produção, em especial ao trigo – segundo maior item de importação, abaixo apenas do petróleo. Mas será nas décadas seguintes, 1960 e 1970 que a soja receberá incentivos de caráter federal. O planejamento estatal, que gestou desde o governo Getúlio Vargas, a criação de infraestruturas de transporte e portuárias, elaboração de estratégias de desenvolvimento econômico e integração nacional, inaugurou também a EMBRAPA e políticas de mecanização do campo – mais especificamente nos I e II PND (Rangel, 1986).

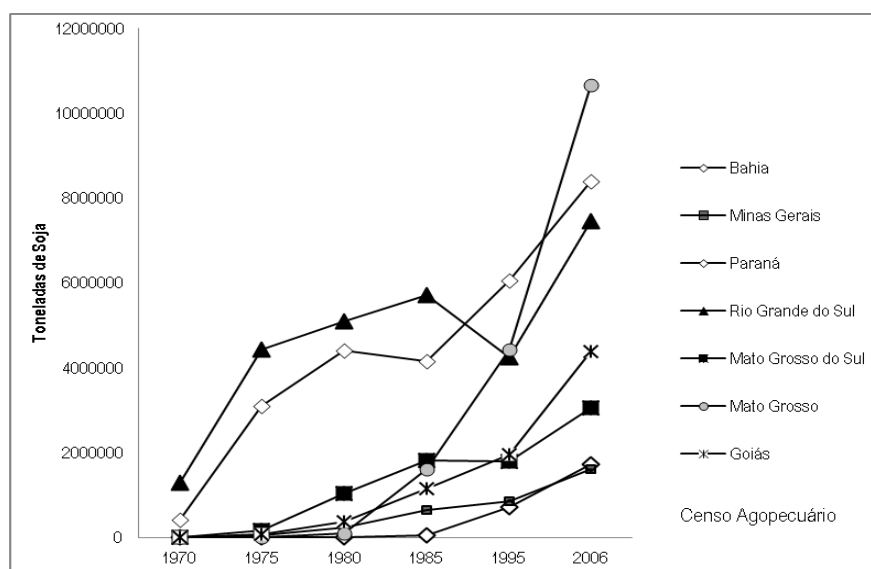


Gráfico IV.1: Principais estados produtores de soja – Brasil – 1970-2006
 Fonte: IBGE. Censo Agropecuário, série histórica.

Outros quatro fatores de ordem internacional foram decisivos na política de incentivo à produção sojifera no País: novos padrões de mecanização no campo; o preço da soja no mercado internacional, aumento da produção de ração animal e; alteração no padrão alimentar substituindo manteiga e banha por margarina e óleo vegetal respectivamente. A soja já rivalizava terras no Rio Grande do Sul com a pecuária, o arroz e o trigo transformaram-se em fator de desbravamento do oeste paranaense. Os solos ácidos dos cerrados no alto das chapadas do Brasil Central tornaram-se objeto de políticas agrícolas que atraíram a partir da década de 1970 contingentes de sitiantes e grandes fazendeiros, sobretudo do sudeste e sul do País,

apoiados com acesso a terra de baixo custo, financiamentos do Banco do Brasil e auxílio técnico. Inicialmente a EMATER treinou os produtores no manejo do solo e posteriormente a Embrapa contribuiu decisivamente com a criação de um cultivar de soja inédito em terras tropicais.

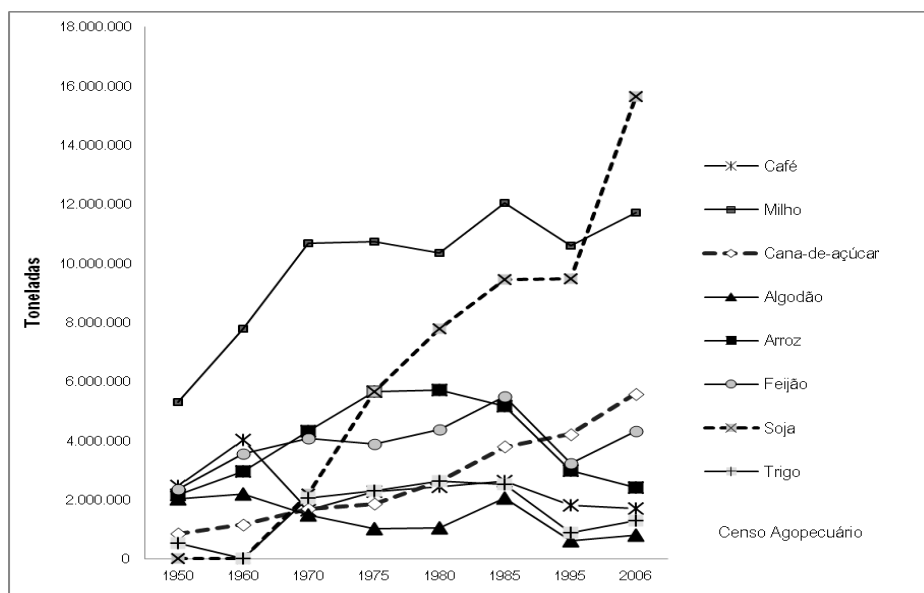


Gráfico IV.2: da produção agrícola brasileira – 1950-2006
Fonte: IBGE. Censo Agropecuário. SIDRA, série histórica.

A produção de soja se amplia no Paraná configurando a região Sul durante as décadas de 1970, 80 e 90, a mais expressiva produção dessa oleagionosa. Desta região, principalmente do Paraná, migraram os principais produtores de soja do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Rondônia, Pará, Tocantins, Bahia, Maranhão, Piauí e, inclusive, na Bolívia. A formação social sulista teve papel fundamental na configuração da produção de soja de caráter empresarial, em consonância com os interesses do governo em ampliar a carteira de exportações como forma de enfrentar a crise instaurada em 1973. Nesse mesmo ano foi fundada a CEVAL, em Gaspar (SC) empresa que em menos de vinte anos se transformou na principal agroindústria do complexo soja da América Latina, adquirida em 1999 pela Bunge, em uma estratégia de centralização da produção da empresa comprando várias outras pequenas fábricas de óleo no sul e sudeste do País.

Neste contexto, pode-se observar o crescimento da produção sojifera no Brasil, iniciada no Rio Grande do Sul e direcionando para o norte, ocupando as terras catarinenses, paranaenses e daí se difundindo em direção às regiões

Sudeste, Centro-Oeste, Norte e Nordeste do Brasil, inclusive com projetos de colonização.

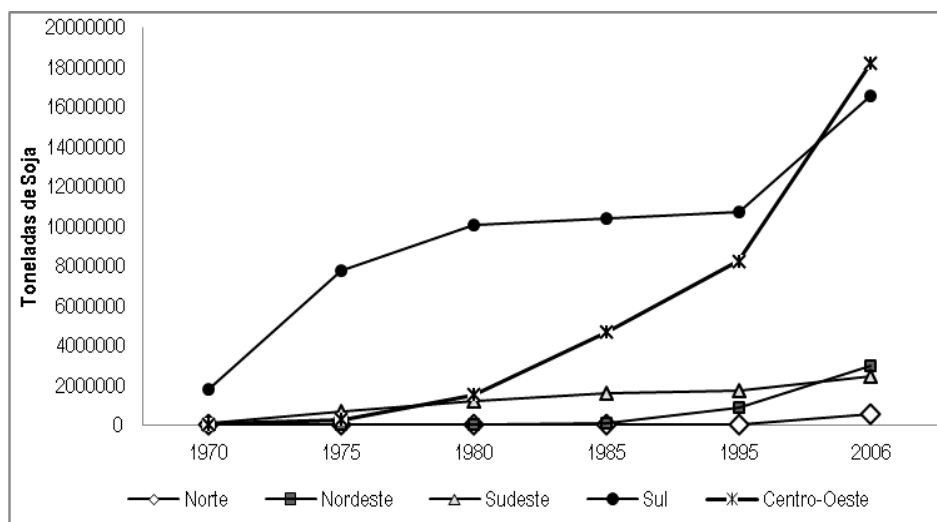


Gráfico IV.3: Quantidade de soja produzida por regiões do Brasil – 1970-2006
 Fonte: IBGE. Censo Agropecuário. SIDRA, série histórica.

Com o acentuado crescimento da soja em solos ácidos, além de mecanizada e irrigada nas chapadas de Mato Grosso, na década de 1990 verifica-se a migração de empresas nacionais do segmento de frigoríficos (bovinos e aves) e esmagadoras de soja para o estado. A divisão de óleos da Sadia e a Ceval eram as maiores esmagadoras do estado, contudo, ali também gestou a Agropecuária Maggi. Inicialmente produtora e comerciante de grãos e sementes e posteriormente, esmagadora de soja. A abertura comercial dos anos 1990 estimulou a transferência da propriedade da Ceval para a Bunge e a divisão de óleos da Sadia para a ADM. O grande *boom* de produção da soja nos anos 2000, estimulado pela queda dos estoques norte-americanos permitiram que o estado alcançasse altos índices de produtividade compensando os custos de produção e transporte.

Conforme Silva (2003),

Para que haja a acumulação ampliada de capital é necessário que diferentes processos de trabalho concreto estejam dispersos em vários lugares e integrados ao mercado, ao sistema de crédito e à mobilidade da força de trabalho. Daí a importância de dotar o espaço de uma funcionalidade e de operacionalidade através dos investimentos em transportes e comunicações e energia nos distintos lugares escolhidos pelo capital (SILVA, 2003, p. 13)

O Brasil tem atualmente (2010) capacidade para processar 177 mil toneladas de soja ao dia, dos quais Mato Grosso e Paraná são responsáveis por mais de 72 mil toneladas. Entre 2002 e 2010, os investimentos em esmagamento de soja no Mato Grosso cresceram em 150%, e em Goiás 131%, saltando de 9 para 20 mil toneladas. Também Rio Grande do Sul, quem expressiva capacidade de produção abaixo apenas de Mato Grosso e Paraná, ampliou em 50%, ou seja de 20 mil para 30 mil toneladas. Quanto à capacidade de refino e de envase do óleo de soja, se concentra em São Paulo mais de um quarto da produção nacional. Das 23 mil toneladas de óleo para refino ao dia do País, Paraná, Goiás, Mato Grosso e Rio Grande do Sul juntos representam mais de 50%. A distribuição da capacidade de envase se repete no território, sendo que a capacidade total é 16 mil toneladas ao dia. Nesses oito anos verifica-se que Paraná e Rio Grande do Sul e São Paulo já detinham a maior parte da capacidade instalada, tendo ampliação em média de 20% a 30%. Os estados que mais receberam investimentos foram Mato Grosso e Goiás, cujo processamento, refino e envase apresentavam índices abaixo dos estados do Sul, tendo no final do período se igualado ou aproximado a eles.

Ainda conforme dados da ABIOVE, dos quase 70 milhões toneladas de soja produzida nesta última safra (2010/11), 29 milhões foram exportados e 36 milhões processados no País. Destes foram fabricados 27 milhões de toneladas de farelo, sendo mais de 50% destinado à exportação e o restante para o mercado nacional. A produção de óleo de soja alcançou os 7 milhões de toneladas sendo que 5 milhões foram destinados ao consumo interno e o restante à exportação. Houve crescimento expressivo da produção e do consumo interno do farelo e do óleo no período 2002/03 e 2010/11, com aumentos entre 70 a 80%. No caso do farelo, é importante ressaltar que ampliação da produção de carnes (bovina, suína e aves) permitiu a ampliação do mercado interno de ração animal.

Deste a década de 1990, o Centro-Oeste é foco de produção de várias empresas, sobretudo estrangeiras reorganizando o espaço da sojicultura e da produção de óleo com o fechamento de parte das esmagadoras do sul e sudeste e ampliação da capacidade de produção do Mato Grosso e estados vizinhos.

IV. 1.1. A Produção de Biodiesel

Desde 2005 o governo assegura a compra de biodiesel através de leilões organizados pela Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustível (ANP), adquirindo o combustível das empresas com o Selo “Combustível Social”. O Selo Social, constitui uma ação de promoção social do governo Lula, implantada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário, que determina a produção de biocombustível com aquisição de matéria-prima (B100) oriunda da produção familiar nos seguintes percentuais: na região Nordeste, Sudeste e Sul, as empresas deverão adquirir o equivalente a 30% da produção da pequena unidade agrícola; nas regiões Norte e Centro-Oeste, o percentual cai pela metade, 15%.

Das sete usinas de biodiesel de origem animal, cinco são de grandes frigoríficos de carne bovina (JBS, Bertin, Marfrig, Minerva) e uma é de compradora exclusiva do frigorífico de aves da Perdigão no Centro-Oeste. A dependência dos frigoríficos com o custo dos transportes, principalmente o segmento bovino, impôs ao setor a incorporação da frota de caminhões, de maneira que a redução de parte dos custos da movimentação de carga pode ser realizada na própria unidade com a utilização do excedente de gordura animal na produção de biocombustível tanto para consumo interno quanto para o mercado.

A maioria das usinas de biodiesel é capacitada para trabalhar com diversas fontes de matéria-prima. As usinas de biodiesel com uso predominante de gordura animal, agregadas aos frigoríficos, dependem do mercado de sebo e do mercado de diesel para avaliar se é mais vantajoso empregar a sua matéria-prima na produção de biocombustível. O principal setor do mercado de sebo consiste no abastecimento da indústria de higiene e limpeza, assim quando o preço da matéria-prima está valorizado ocorre sua transferência para a indústria de transformação em detrimento da produção de biodiesel. Nesta situação, as usinas mistas utilizam também como insumo os grãos oleaginosos, geralmente de soja.

A soja transgênica tem destino certo no biodiesel.¹⁸⁸ A produção deste novo biocombustível apresenta-se também como alternativa ao crescimento dos estoques de soja no mercado internacional, garantindo a demanda interna sem

¹⁸⁸ Conforme entrevista com representante da Caramuru, a empresa utiliza soja transgênica na produção de biodiesel. Entrevista realizada na unidade de esmagamento de soja da Caramuru, em Itumbiara, no dia 12/08/11.

necessariamente promover grandes oscilações no preço. O farelo e a casca da soja, subprodutos do processo de extração do óleo de soja do B100 (biodiesel 100% puro), serão normalmente comercializados para a ração animal. Assim, a produção de biodiesel associado à sojicultura possibilita o consumo interno de parte da produção de soja, atualmente exportada em grãos, ampliando a oferta insumos-base para a produção de alimento animal e, conseqüentemente, contribui para a cadeia agroindustrial de carnes.

Quadro IV.1: número de usinas construídas de biodiesel por UF – 2011

UF	Nº	UF	Nº	UF	Nº	UF	Nº
BA	04	PA	02	AC	0	PI	0
CE	01	PR	04	AL	0	RN	0
GO	06	RJ	02	AM	0	RR	0
MA	01	RO	02	AP	0	SC	0
MG	07	RS	06	ES	0	SE	0
MS	03	SP	07	PB	0	DF	0
MT	23	TO	02	PE	0	Total	70

Fonte: BiodieselBR, Mapa das Usinas de Biodiesel, 2011 (conforme Anexo 1).

O governo de Mato Grosso, com o intuito de ampliar a participação da indústria na economia, desde o início dos anos 2000 busca atrair empresas associadas as cadeias da soja, algodão, cana, carne e de biodiesel. Com os maiores índices de produtividade e produção de soja e com o maior rebanho do País, o estado apóia a verticalização da produção e ampliação do valor agregado das mercadorias. O estado de Mato Grosso detém o maior número de unidades de biodiesel, um terço de todo o Brasil – conforme o último levantamento da ANP há 66 unidades certificadas, das quais quase a metade está localizada no Centro-Oeste, sendo 22 em Mato Grosso. Para o Ministério do Desenvolvimento Agrário, apenas 35 usinas detém o Selo Combustível Social. Dentre elas, 16 são do Centro-Oeste, das quais 11 localizam-se em Mato Grosso. A região foi privilegiada para a produção de biodiesel em larga escala – seja pelo baixo percentual de produção familiar ou, mais correto, pela existência de grandes empresas sojíferas e pecuaristas. Dentre as grandes empresas cabe mencionar a Petrobras, ADM, Caramuru, JBS, Comanche e Granol (conforme Anexos 1, 2 e 3, na seção Anexos).

IV. 2. A COAMO (COOPERATIVA AGROPECUÁRIA MOURÃOENSE)

IV. 2. 1. Breve histórico da Coamo

A Coamo foi idealizada e fundada em 1970 por José Aroldo Galassini, engenheiro agrônomo e produtor de grãos, em uma área do Paraná (Campo Mourão) considerada imprópria para a exploração por causa da acidez do solo, da agricultura tradicional e de baixa mecanização (só existiam cinco tratores na região).¹⁸⁹

A cooperativa foi criada com a associação de 79 agricultores e capital social de Cr\$ 37.540,00, em um escritório com 50 m² de área. Com o aumento da produção de trigo na região, a cooperativa foi obrigada a alugar armazéns para receber a produção, porém com as sobras do exercício a partir de 1971 construiu um armazém próprio. Em 1974, foi aprovada a construção dos primeiros entrepostos, em Engenheiro Beltrão e Mamborê. Em 1975, a Coamo instalou a sua Fazenda Experimental, uma loja de peças, implantou o seu moinho de trigo e passou a industrializar parte de seus produtos a partir de 1976. Nos anos 80, com o crescimento do setor agroindustrial investiu na indústria de óleo de soja e fiação de algodão. Em 2000 foi inaugurada a fábrica de margarina.¹⁹⁰

IV. 2. 2. Expansão geográfica

A cooperativa também expandiu-se com a incorporação de outras cooperativas: Copalma (1978) e Coopercentro (1979), localizadas no Paraná, e com a aquisição da Cooperal (1984) em Santa Catarina.¹⁹¹

Também adquiriu estruturas de outras cinco cooperativas no Paraná: Coagel, Copiva, Coocap, Coopagro e Cocap, sendo que desta última incorporou a estrutura de Paranaguá, composta por fábrica de óleo de soja e terminal marítimo. “As fusões permitiram que o número de associados e a capacidade industrial crescessem rápido.”¹⁹²

A Coamo é classificada como a maior empresa do setor soja de capital nacional. Trata-se da maior cooperativa da América Latina, com atuação

¹⁸⁹ “Ele fez a Coamo decolar”. Dinheiro Rural, fevereiro 2011, nº 76, pp. 36-40.

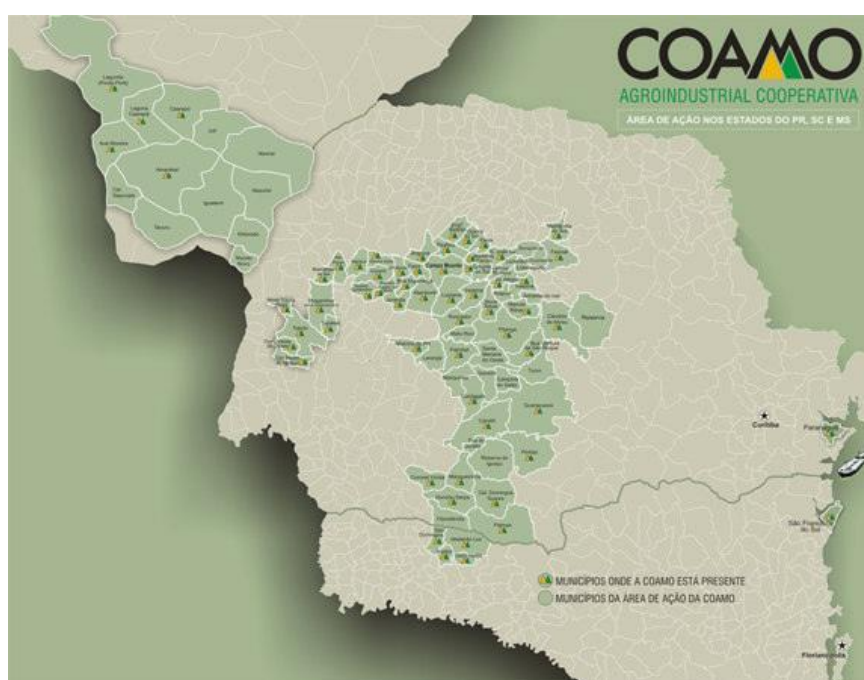
¹⁹⁰ Valor Econômico, Valor 1000, Agosto 2010, p. 260 e Dinheiro Rural, Fevereiro 2011, pp.36-40.

¹⁹¹ Valor Econômico, Valor 1000, Agosto 2010, p. 260.

¹⁹² “Ele fez a Coamo decolar”. Dinheiro Rural, fevereiro 2011, nº 76, pp. 36-40.

concentrada nos estados do Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul, com uma área equivalente a 4 milhões de hectares, onde são plantados a soja (seu principal produto, responsável por 40% das receitas), além de milho, trigo, café e algodão.¹⁹³

Apesar de concentrar-se geograficamente no Paraná e Santa Catarina, a Coamo passou a atuar no Mato Grosso do Sul a partir de 2003, quando iniciou a construção de entrepostos em Amambai, Caarapó, Laguna Carapã e Aral Moreira, a 280 km de Campo Mourão (vide Mapa de atuação da Coamo).



Mapa IV.2: Atuação da Coamo.

Fonte: disponível em http://www.coamo.com.br/area_de_atuacao.html Acesso aos 30/09/2010.

Com 22.689 cooperados e receitas globais de \$ 4,78 bilhões, um ativo total de R\$ 3,80 bilhões, patrimônio líquido de R\$ 1,88 bilhão, mais de 100 mil pessoas recebem benefícios diretos do cooperativismo (cooperados, funcionários e familiares).

Possui capacidade de armazenagem de 4,77 milhões de toneladas.

Sua participação na produção nacional de grãos e fibras é de 3,3% e 17% da safra paranaense; exportou montante equivalente a US\$ 761,61 milhões em 2010.

¹⁹³ Valor Econômico, Valor 1000, Agosto 2006, p.150.

Emprega 5.234 funcionários diretos, e utiliza uma média de 1.599 colaboradores, temporários e terceirizados por mês. Realiza treinamentos e cursos de capacitação para seus funcionários e cooperados.

A área alimentícia da Coamo registrou o montante de R\$ 370,40 milhões, representando 8,8% do faturamento total da Coamo, em 2010, ano em que a Coamo foi listada como a 39ª maior empresa exportadora brasileira.¹⁹⁴

Além disso, a Coamo também opera a logística de transporte de seus produtos com 650 caminhões e 112 unidades de recebimento localizadas em 62 municípios, e conta desde 1989 com uma Cooperativa de Crédito, com patrimônio líquido (em 2010) de R\$ 140 milhões e ativos de R\$ 700 milhões. Em 1994 foi criada a Coamo Internacional, localizada em Aruba (Caribe), para auxiliar na operação com clientes externos.

IV. 3. A CAROL (COOPERATIVA DOS AGRICULTORES DA REGIÃO DE ORLÂNDIA)

Fundada em 1963, a Carol expandiu-se através da fundação de diversos centros de serviços agrícolas em Orlândia, São Joaquim da Barra, Guairá e Ituverava, este último em 1987. A expansão para os estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul ocorreu nos anos 90, e já no início da década de 2000, a expansão alcançou Mato Grosso e Tocantins.

A Carol atua na produção de farelo de soja, forrageiras, nutrição animal e sementes de soja nos estados mencionados. Ela aparece listada em 59º lugar, no Anuário do Agronegócio, entre as 500 maiores empresas por receita líquida.¹⁹⁵

IV. 4. A COMIGO (COOPERATIVA MISTA DOS PRODUTORES RURAIS DO SUDOESTE GOIANO)

Em decorrência das dificuldades enfrentadas por um grupo de agricultores no interior do estado de Goiás, principalmente na venda de seus produtos a comerciantes e cerealistas, foi fundada a COMIGO.

¹⁹⁴ Informações disponíveis em <http://www.coamo.com.br/> Acesso ao 30/09/2010 e em Valor Econômico, Valor 1000, agosto 2011, p. 290.

¹⁹⁵ Revista Globorural, Anuário do Agronegócio, 2009, p. 38.

A empresa produz óleo de soja desde o início dos anos 80 (atualmente suas marcas são “Comigo” e “Brasileiro”). Inicia a produção de sabão “Comigo” em 1985, mesmo ano em que entrou em operação a Transportadora Comigo. Em 1988 surge a Cooperativa de Crédito Rural do Sudoeste Goiano Ltda. - CREDI-RURAL COMIGO. Em 1993, entra no setor de laticínios, no Parque Industrial de Rio Verde, com capacidade para processar 100 mil litros diários de leite, e produzir leite pasteurizado, requeijão cremoso, manteiga, creme de leite pasteurizado, iogurte, doce de leite, e vários tipos de queijo. Em 1995, para desenvolver a suinocultura na região, a COMIGO assinou um contrato com a empresa Dalland (Holanda), para a instalação de núcleo genético de suínos em Rio Verde. A *joint venture* passou a se chamar Dalland COMIGO.

Desde então, a cooperativa vem se desenvolvendo e se expandindo por Goiás, realizando dias de campo, feiras, inaugurando lojas, adquirindo terrenos para a construção de armazéns e silos, com atuação na produção de óleo e farelo de soja, fertilizantes, rações, produtos lácteos, suplemento mineral, sementes e sabão.

A Comigo aparece listada em 63º lugar entre as 500 maiores empresas por receita líquida,¹⁹⁶ e em 68º lugar entre as 400 maiores empresas do agronegócio brasileiro.¹⁹⁷

IV. 5. O GRUPO ANDRÉ MAGGI

Constituído pela Amaggi Exportação e Importação, fundada em 1977, e que atualmente é a empresa líder do Grupo André Maggi, inclui também a Divisão Agro, Hermasa e Maggi Energia. Sua sede localiza-se no município de Rondonópolis (MT).¹⁹⁸

Na classificação das maiores empresas da América Latina, a Amaggi aparece em 283º, e entre as 50 maiores das regiões norte e centro-oeste aparece em 5º lugar em 2010.¹⁹⁹

¹⁹⁶ Revista Globorural, Anuário do Agronegócio, 2009, p. 38.

¹⁹⁷ Revista Exame, “Melhores e Maiores”, 2011, p. 558.

¹⁹⁸ Os dados sobre a estrutura da empresa foram colhidos em seu endereço eletrônico. Solicitações de visita à empresa, em 2007, não foram atendidas. Entretanto, SILVA (2003), realizou trabalho sobre a trajetória do fundador da empresa, incorporado recentemente à bibliografia.

¹⁹⁹ “500 Maiores Empresas da América Latina”, América Economia, julho 2011, p. 124 e “1000 Maiores Empresas”. Valor Econômico, Agosto 2011, p. 390.

IV. 5. 1. A Amaggi Exportação e Importação

A empresa atua nos Estados de Mato Grosso, Rondônia, Amazonas, São Paulo e Paraná. Possui estrutura para atuar na comercialização, armazenamento, processamento, transporte e também no financiamento, através de empréstimos a diversos produtores, para a produção de sementes de soja no Mato Grosso através de recursos ou insumos.

A Amaggi também importa, comercializa fertilizantes e produz sementes de soja. O Departamento Comercial na matriz do Grupo em Rondonópolis, faz a ligação com os principais centros de comercialização de soja no mundo todo. Tanto a soja, o farelo e o óleo produzidos são exportados para a Austrália e países da Europa e Ásia.

A Amaggi utiliza 40 unidades armazenadoras, com capacidade de estocagem de mais de dois milhões e meio de toneladas, em vinte e cinco armazéns próprios e quinze sob arrendamento.

As três indústrias de esmagamento de soja da Amaggi (Cuiabá e Lucas do Rio Verde, ambas no Estado do Mato Grosso, e Itacoatiara, no Amazonas) possuem 6,6 mil toneladas/dia de capacidade de processamento

Para incrementar ainda mais as exportações, a Amaggi (em parceria com outras empresas), construiu o Terminal de Granéis do Guarujá –TGG – localizado em São Paulo, para embarque de *commodities* agrícolas e capacidade para movimentar 5 milhões de toneladas/ano de soja e derivados. O terminal possui acesso ferroviário e rodoviário e atualmente tem capacidade de armazenamento de 200 mil toneladas e de carregamento de 3 mil toneladas/hora.

A Amaggi também utiliza outros portos de saída dos seus produtos, com embarques de *commodities* por São Francisco do Sul e Paranaguá. Da mesma forma, também utiliza o sistema hidroviário do Rio Madeira e Amazonas, beneficiando os produtores do norte e noroeste de Mato Grosso e sul de Rondônia. A soja, recebida no terminal de Porto Velho, escoar em barcaças por essas duas grandes vias fluviais, com destino para o terminal da Hermosa no porto de Itacoatiara (AM), que possui capacidade de armazenagem de 302 mil toneladas.²⁰⁰

²⁰⁰ Disponível em <http://www.grupomaggi.com.br/pt-br/materia.jsp?areald=36&id=63> Acesso aos 10/11/2009.

IV. 5. 2. A Divisão Agro

A Divisão Agro responsabiliza-se pela administração das dez fazendas do grupo localizadas no Mato Grosso, sendo Sapezal a sede das Fazendas *Tucunaré* e *Agro Sam*, e o município de Campo Novo do Parecis da Fazenda *Itamarati*. No sul do Estado, nos municípios de Itiquira e Rondonópolis, localizam-se as primeiras unidades do Grupo (as fazendas *SM*) e no nordeste do Estado, situa-se a fazenda *Tanguro*.

A área plantada dessas fazendas são as seguintes (dados da safra 2008/2009):

- SOJA: 139 mil hectares, com produção na safra 2008/2009 de 460 mil toneladas
- MILHO: 55 mil hectares (safrinha)
- ALGODÃO: 10 mil hectares

As fazendas do Grupo totalizam as seguintes áreas:

- Fazendas da região sul de Mato Grosso (16.989 ha)
- Fazenda Tucunaré (75.833 ha)
- Fazenda Agro-Sam (20.371 ha)
- Fazenda Itamarati Norte (51.200 ha)
- Fazenda Tanguro (80.862 ha)

Ressalte-se a propaganda da empresa sobre as suas atuais práticas ambientais (o Grupo, de propriedade da família do ex-governador do Estado de Mato Grosso, eleito senador em 2010, Blairo Maggi, foi acusado de práticas ambientais irresponsáveis e degradantes, como queimadas, desmatamento e trabalho escravo; por um bom tempo a empresa foi combatida pelo Greenpeace).



Foto IV.1: Silo em fazenda da Amaggi (Ouro Branco, distrito de Pedra Preta/MT)
Autora: Marta da Silveira Luedemann (2006)

O Grupo propaga um marketing *verde* e a defesa do meio ambiente, entre elas:²⁰¹ “respeito ao meio, segurança do trabalho e valorização das pessoas”; “Os resultados positivos alcançados pela Divisão Agro, resultariam de planejamento estratégico com investimento em tecnologia, gerenciamento de custos e procedimentos ambientais”; “As *Boas Práticas Agrícolas* envolvem: plantio direto; rotação de cultura, tríplice lavagem e destinação correta das embalagens de agrotóxicos”.

IV. 5. 3. Hermasa

- A Hermasa Navegação da Amazônia surgiu da necessidade de viabilizar o desenvolvimento socioeconômico de parte de Mato Grosso e do estado de Rondônia. Em atividade desde 1997, a Hermasa criou o Corredor Noroeste de Exportação onde é escoada a produção das regiões noroeste de Mato Grosso e sul de Rondônia. A soja segue por rodovia até Porto Velho, onde a Hermasa possui um porto de transbordo. Em seguida, a produção segue viagem em comboio formado por barcaças pelo Rio Madeira até o porto graneleiro para navios às margens do Rio Amazonas (Itacoatiara-AM), de onde a soja, óleo e farelo são exportados.
- Em 2008, a Hermasa exportou cerca de 2,5 milhões de toneladas. Toda esta movimentação além de gerar divisas *municipais, estaduais e federais* incrementa a geração de emprego e renda para a população das cidades

²⁰¹ Textos destacados do endereço eletrônico da empresa, com acesso aos 11/11/2009.

onde a Hermasa tem atividades, em operação que envolve centenas de pessoas e também uma das maiores frotas fluviais da América Latina.

- Além dos dois terminais portuários, a Hermasa atua na geração de vapor com biomassa (resíduos).

Além dessas informações sobre a Hermasa, o Grupo destaca, entre outras, os seguintes elementos:

- O Terminal de Porto Velho possui a certificação do PDV-GMP/BPF, de *boas práticas de fabricação*. O PDV é um órgão holandês, reconhecido internacionalmente, que foi criado pelas empresas da cadeia do setor industrial de alimentação animal, com o objetivo de garantir a qualidade dos produtos.
- O terminal de Itacoatiara, além da certificação de Boas Práticas de Fabricação, possui o Sistema de Gestão Ambiental do Grupo André Maggi implantado, a certificação ISO 14001 e apresenta a certificação portuária internacional ISPS Code.
- O terminal em Itacoatiara também obteve um atestado do governo australiano que credencia o porto a exportar sua produção para a Austrália. A Hermasa é a segunda empresa brasileira a ter esse certificado (PERMIT).

A Hermasa também possui estrutura para realizar o transporte fluvial de minério de ferro. Para isso, conta com frota de 21 barcas de 6 mil toneladas/cada, e quatro rebocadores e empurradores para apoio de navios e formação de comboios.

A nova rota para transporte de minério de ferro se inicia em Santana (Amapá), com o local para descarga próximo à cidade de Belém (PA), utilizando o Canal de Breves.

IV. 5. 4. Maggi Energia

A Maggi Energia, além de assessorar as unidades do Grupo André Maggi sobre contratação e uso eficiente de energia, executa projetos de geração.

Com duas Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs), localizadas na região de Sapezal (MT), a Maggi garante a energia necessária para o desenvolvimento não só das atividades do Grupo André Maggi, mas também das comunidades vizinhas.

Até dezembro de 2005 as duas PCHs da Maggi Energia em Sapezal eram responsáveis pelo suporte energético para o desenvolvimento da região, uma vez que só a partir de 2006 esta área começou a fazer parte do Sistema Interligado Nacional (SIN).

A Maggi Energia realizou estudo para aproveitar o potencial hidráulico dos rios Juruena (Sapezal/MT), Formiga (Campos de Júlio/MT) e Saia Branca (Jaciara/MT).

Desse estudo resultou a construção de PCHs que vão gerar mais de 80 Mega Watt de energia, e conforme a empresa “atendeu a todas as questões ambientais legais como os Estudos de Impactos Ambientais (EIA/RIMAS).”

IV. 6. A CARAMURU ALIMENTOS S.A.

A Caramuru é uma das maiores empresas de capital nacional do setor soja no Brasil, e sua sede localiza-se em Itumbiara, no estado de Goiás. Classifica-se em 11º lugar entre as cinquenta maiores empresas das regiões norte e centro-oeste.²⁰²

IV. 6. 1. Breve histórico

O início de suas atividades remonta a 1964, quando foi fundada em Maringá (PR), por Múcio de Souza Rezende (era conhecida então por “Máquina Caramuru”). Em 1971 inaugurou sua primeira filial em Apucarana, e em 1973 tornou-se a matriz; em 1975 inaugurou uma planta industrial de milho em Itumbiara (GO). Em 1983 ocorre o lançamento de sua marca “Sinhá”.

Em 1986, inaugurou em Itumbiara as fábricas de óleo degomado, farelo de soja e pré-cozidos de milho. Contava com 52 armazéns gerais distribuídos pelos estados de Goiás, Mato Grosso e Paraná, no período 1980/1990.

Implantou unidade de óleo de soja em São Simão (GO), voltada para a produção de farelo e lecitina de soja em 1995; em 2001 abriu mais uma fábrica em Itumbiara, para extração e refino de óleos especiais, de milho e girassol; neste ano também ocorreu a modernização da marca “Sinhá”; em 2002, investiu em S. Simão, na produção, armazenamento e expedição de lecitina; inaugurou o Terminal XXXIX no Porto de Santos, construído em parceria com a Ferronorte; em 2003, adquiriu 5

²⁰² “1000 Maiores Empresas”. Valor Econômico, Agosto 2011, p. 390.

locomotivas e 102 vagões graneleiros, para operar no trecho ferroviário entre o terminal da Caramuru de Pederneiras e o Porto de Santos; em 2006, investiu na produção, armazenamento e expedição de lecitina e de soja em Itumbiara.

Em 2007, implantou a unidade de produção de biodiesel em São Simão, a partir de óleos vegetais, e em 2010 inaugurou nova fábrica de biodiesel, localizada em Ipameri (GO), com capacidade de produção total de 450 milhões de litros de biodiesel por ano.

Em 2011 iniciou o processamento de soja em Sorriso (MT), aproximando-se territorialmente da produção de soja, pois tem predominado outras culturas em Itumbiara, principalmente a cana-de-açúcar.

IV. 6. 2. Outras informações

A marca Sinhá existe há aproximadamente 30 anos. A Caramuru desenvolveu-se no período processando a soja e produzindo óleos (soja, milho, canola), e diversificando sua linha de produtos (óleos saborizados, azeites, maionese, farofa, fubá, pipoca de microondas e bebida de soja). Além disso, a empresa exporta soja em grãos, farelo, óleo e lecitina de soja, e produz biodiesel a partir de óleo.²⁰³

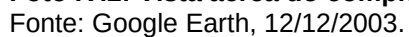
Nas imagens do Google earth, a seguir apresentadas, detalhe da planta produtora de óleo de Itumbiara.

Portanto, a Caramuru possui quatro unidades industriais em Itumbiara, duas em Apucarana e duas em São Simão; dois terminais portuários, sendo um em Santos (Armazém XXXIX) e outro no Porto de Tubarão (Vitória, ES), onde possui 23,42%, em associação com ADM (39,04%), Granol (31,23%) e Capri (6,31%); além disso, também possui e opera terminais hidroviário, hidro-ferroviário e hidro-rodoviário; possui 61 armazéns, distribuídos pelos estados de Goiás, Mato Grosso e Paraná, com capacidade total de 2.015.000 toneladas.²⁰⁴

²⁰³ Disponível em

<http://www.sinhaalimentos.com.br/categorias/detalhes/3/Óleos%20Acesso%20aos%2023/10/2009>
Acesso aos 16/11/2010.

²⁰⁴ Histórico disponível em <http://www.caramuru.com/> e também em visita na unidade de Itumbiara (GO), em 12/08/2011.



A unidade da Caramuru em Itumbiara (GO) é responsável por 15% do processamento de soja da empresa. Na tabela a seguir, são apresentados outros dados da Caramuru.

Tabela IV.1: Síntese da Caramuru

	2008	2010
Nº de funcionários	2.350	2.404
Faturamento	R\$ 2,2 bilhões	R\$ 2 bilhões
Exportações do complexo soja	US\$ 458 milhões	US\$ 458 milhões
Processamento de soja	32.200.000	35.200.000
Participação da Caramuru	3,5%	3,5%
Processamento de óleo de soja refinado	--	1.800.000 ton/ano
Participação da Caramuru – óleo Sinhá	--	8%

Fonte: disponível em <http://caramuru.com.br> Acesso aos 22/12/2009 e em 25/08/2011.
Elaboração do autor.

IV. 7. A GRANOL

A Granol (Comércio, Indústria e Exportação S/A), teve seu início com a comercialização e a exportação de *commodities* em São Paulo, com capital inicial de dez mil dólares.

Seus fundadores (José Gomes Cadette, Germano Guido Baldi e João Serdan D'Alarico) eram ex-funcionários da Cia. Continental de Cereais (ContiBrasil), empresa americana de exportação e importação de produtos agrícolas e também era proprietária de fábricas de óleos vegetais em vários países.

A empresa foi criada para prestar serviços de comércio internacional, assessoria fiscal e contratação de fretes internos e marítimos para exportação dos produtos brasileiros. Assim, a Granol terminou por se expandir, com diversas aquisições, entre elas: a da Fudo Óleos Vegetais (Junqueirópolis) em 1967; a aquisição da Indústria de Óleos Tupã em Tupã/SP; e na sequência a fábrica da Compol, em Lucélia (SP), a da Santa Maria, em Pacaembu (SP) e as fábricas da família Romanini, situadas em Adamantina e Osvaldo Cruz (ambas no estado de São Paulo). Em 1986 ocorreu outra aquisição, a da Wosgrau, em Anápolis (GO). Em 2003, a empresa incorporou a unidade de Bebedouro/SP, e em 2006, a de Cachoeira do Sul/RS. Neste mesmo ano a Granol iniciou a produção de biodiesel.

A Granol atualmente conta com *cinco* complexos industriais, *vinte e três* regionais de compra e armazenagem de grãos, *duas* usinas de biodiesel (Anápolis/GO e Cachoeira do Sul/RS), *uma* fábrica de lecitina em Anápolis, *um* terminal marítimo e *outro* fluvial, além do escritório matriz em São Paulo. Com mais de 2.000 colaboradores, possui capacidade de armazenamento de 500.000 toneladas de grãos e farelos, 39.000 de tancagem para óleos, esmagamento de

2.010.000 toneladas/ano, refino de 2.805.000 toneladas/ano de óleo bruto e envase em 250 milhões de unidades/ano (latas/fibra-pack/garrafas PET) e 7 mil clientes ativos.

IV. 8. O GRUPO SPERAFICO

O Sperafico dedicava-se ao comércio de secos e molhados em um distrito de Toledo (PR), onde acabou por instalar-se. A partir dos anos 60, começou a plantar soja, trigo e milho, e teve início sua expansão para o Mato Grosso do Sul e outros estados. Construiu silos e passou a comercializar grãos e insumos agrícolas.

É proprietária da Clean Farm do Brasil e controla a Sperafico da Amazônia S.A., atua em mais quatro estados brasileiros: Paraná, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e São Paulo, através de 9 filiais, distribuídas pelas regiões produtoras de grãos.

Processa a soja em cinco fábricas localizadas em Marechal Cândido Rondon (PR), Ponta Porã (MS), Bataguassu (MS), Cuiabá (MT) e Orlândia (SP). Além de participar do mercado interno, a Sperafico também realiza exportações, e possui uma frota de 200 caminhões para operar sua logística.

Produz lecitina de soja, óleo vegetal bruto, óleo refinado e enlatado, gordura vegetal hidrogenada, farelo a granel e ensacado, rações para animais, sabão em barra e farinha de trigo. Tanto o óleo refinado, o sabão em barra e a farinha de trigo são comercializados no mercado interno sob a marca “Acácia”.²⁰⁵ Consta que em 2008²⁰⁶, o grupo tenha se associado em 50% com o grupo suíço Glencore, que atua nos setores de mineração e agroindustrial. Assim, o Grupo Glencore retorna ao Brasil e a um setor que havia abandonado, após a venda de seus negócios para a ADM, em 1997. Além do Brasil, o grupo mantém unidades no Uruguai (beneficiadoras de arroz) e na Argentina, onde atua em sociedade com o grupo Vicentín, na produção de biodiesel, entre outras atividades.²⁰⁷

²⁰⁵ Disponível em <http://www.sperafico.com.br/empresa.html> Acesso aos 06/03/2011.

²⁰⁶ Nesse ano o grupo aparecia classificado em 69º no Anuário do Agronegócio (2009).

²⁰⁷ “Glencore compra Sperafico.” Gazeta Mercantil, 17/07/2008.

IV. 9. ABC-INCO INDÚSTRIA E COMÉRCIO (ALGAR-AGRO)²⁰⁸

Criada em 1978, possui unidades em Uberlândia, Minas Gerais, e em Porto Franco, Maranhão. O óleo de soja produzido pela empresa foi líder em vendas em 2006 em Minas Gerais. e por esse motivo a empresa encontra-se relacionada aqui; posiciona-se em 99º lugar no Anuário do Agronegócio e conquistou no mesmo ano participação de 29,6% em Minas Gerais, conforme informações da empresa, o que pode ser verificado no gráfico 8.²⁰⁹

A empresa faz parte da holding Algar, um grande conglomerado corporativo, e localiza-se no Triângulo Mineiro, região central do Brasil, considerada estratégica.

Pioneira na região do cerrado brasileiro, a Algar Agro atua no processamento de soja, fabricando o óleo de Soja ABC e o farelo de soja RaçaFort, comercializado no mercado interno e externo. Em 2008, passou a produzir novos itens, tais como: azeite de oliva, óleo composto, extrato e molho de tomate da marca ABC de Minas.

A Unidade Uberlândia é considerada pela empresa como uma das mais avançadas indústrias de esmagamento de soja do País, instalada em uma área de 406.000 m², onde produz o Óleo de Soja ABC, líder de vendas em Minas Gerais e o Farelo de Soja RaçaFort, comercializado no mercado interno e externo.

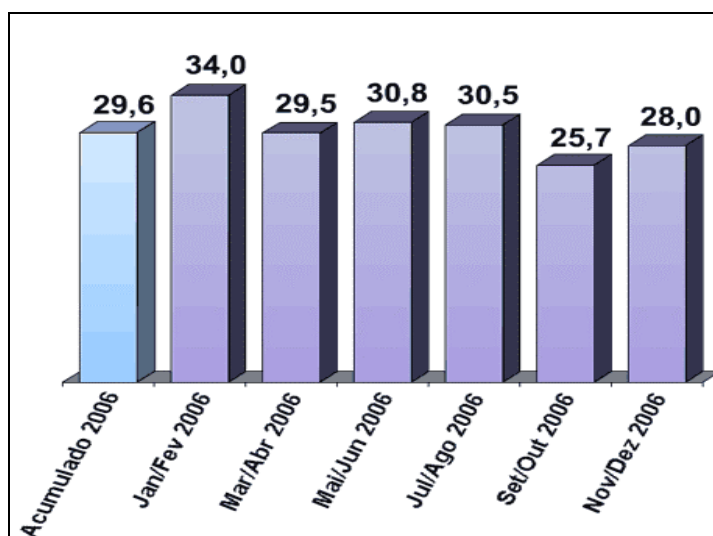
A Unidade Porto Franco (MA), tem capacidade de armazenamento de 60 mil toneladas de soja e de esmagamento de 500 mil toneladas por ano. Inaugurada em 2007, com investimentos de 200 milhões de reais, a unidade conta com equipamentos modernos em área de 200.000 m², e possuía capacidade de armazenamento inicial de 60 mil toneladas, que dobrou em 2009.

Prevvia-se a ampliação do potencial de esmagamento de 500 mil toneladas por ano para 650 mil toneladas em 2010.

²⁰⁸ A ABC INCO foi denominada Algar Agro, a nova divisão agroalimentar da holding Algar. Disponível em <http://www.inco.com.br/abc9.qps> Acesso aos 22/12/2009.

²⁰⁹ “A pesquisa, feita a cada bimestre, mostra que em todo o ano de 2006 o óleo de Soja ABC teve a preferência do consumidor mineiro. O resultado é também a resposta do mercado à qualidade inquestionável do produto, que está entre os melhores do mundo (...) Um dos pontos importantes para a consolidação da liderança em Minas é a política de relacionamento com os parceiros comerciais”. Disponível em <http://www.inco.com.br>. Acesso aos 08/10/2007.

Gráfico IV.4: Participação do óleo de soja ABC no mercado de MG



Fonte: www.inco.com.br Acessado em 08/10/2008.

A Empresa tem exportado 406.000 toneladas de soja, 215.000 toneladas de farelo e vendeu 6.588.000 caixas de óleo de soja. O farelo de soja é o item mais exportado pela empresa (cerca de 70% das exportações). Os grãos ficam com uma parcela de 30%. Os principais destinos são Europa e Ásia, sobretudo China.²¹⁰

IV. 10. A BUNGE ALIMENTOS

IV. 10. 1. Histórico da Bunge

Por anos a Bunge aparece nas diversas classificações no Brasil como a maior do setor desde 2005 (vide Tabela IV.2). Além de ser uma das maiores empresas do mundo é também a maior processadora mundial de óleo de soja, e também atua no processamento de girassol. A Bunge possui participação antiga no Brasil, brevemente relatada a seguir.

O conglomerado Bunge foi fundado em 1818, em Amsterdã, por Johannpeter G. Bunge, voltada para o comércio de produtos importados das colônias holandesas e também grãos. Em 1859, sob o comando de Ernest Bunge, descendente do fundador, a empresa começa a atuar na Ásia e África; no mesmo ano, a sede da empresa foi transferida para a Antuérpia.

Em 1884, Ernest Bunge transfere-se para a Argentina e cria a Bunge y Born, para exportar grãos a partir daquele país.

²¹⁰ “Os novos sabores da ABC Inco”. Dinheiro Rural, Agosto 2008.

O grupo Bunge atua no Brasil desde o início do século XX, quando adquiriu a Moinho Santista (que produzia as farinhas Sol, Santista e Paulista). Após adquirir a Cavalcanti & Cia, em 1923, alterou a sua razão social para Sanbra (Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro), e lançou no mercado o primeiro óleo vegetal (marca: Salada), ao qual reputa-se a substituição na cozinha dos produtos banha de porco e azeite importado.

A partir de 1938 inicia a exploração da rocha fosfática; passa a produzir e comercializar fertilizantes, matérias-primas e nutrientes e assim surge a Serrana S.A. para a exploração da reserva de calcário da Serra do Mar (SP).

Em 1956, lançou misturas preparadas para bolos e salgados e a Pré-Mescla, de produtos voltados para panificadoras.

A Bunge cresce muito no Brasil, e em 1990 torna-se um conglomerado com 136 empresas, entre elas a Santista Têxtil e uma empresa de informática (Monydata). Ela se reestrutura e passa a atuar em produtos alimentícios, bioenergia e fertilizantes.²¹¹

A reestruturação da Bunge – cujo objetivo era priorizar os negócios na área de grãos (soja) e fertilizantes, desfazendo-se do setor alimentos (no Brasil, a Ceval - setor de carnes; na Argentina a Molinos Rio de La Plata, e na Venezuela, a Gramoven) – iniciou-se pela Austrália, em 1998, quando vendeu os seus ativos correlacionados a área de farinhas e de massas, entre outros, por US\$ 276 milhões, para a Goodman Fielder.²¹² Com a venda da Molinos Rio de La Plata, o Grupo deixa a marca Bunge y Born, e passa a denominar-se Grupo Bunge.

O Grupo Bunge, organizando seus negócios de fertilizantes, após adquirir a Fertilisul, em 1996, e a IAP, em 1997, incorporou ambas na Serrana, em julho de 1998. A empresa, detentora de ações da AST-Alpargatas Santista Têxtil, vendeu as ações para a Bunge International, em uma estratégia do grupo de se desfazer de negócios dissociados do setor de fertilizantes.²¹³

No mesmo setor, a Bunge comprou a Manah, por R\$ 143,8 milhões, e passou a controlar 25% do mercado de fertilizantes, distante da Cargill, 2ª colocada no ranking, com cerca de 10% de participação, em um setor onde cresce a participação

²¹¹ “Empresas que duram séculos”. Exame, 18/07/2011.

²¹² Gazeta Mercantil, 23/11/1998.

²¹³ Gazeta Mercantil, 21/12/1998.

estrangeira: a Norsk Hydro (Noruega), a maior indústria de fertilizantes mundial, assumiu a Adubos Trevo (RS).²¹⁴

Em 1998 adquiriu a Ouro Verde, e em 2000 adquiriu a Manah, empresas do setor de fertilizantes, fortalecendo sua posição no setor com a criação da Bunge Fertilizantes, que incorporou a Serrana, Manah, IAP e Ouro Verde. Com a união da Ceval e da Santista, surge em setembro de 2000 a Bunge Alimentos, que em 2001 abre seu capital na bolsa de Nova York.

Nesse ano, adquire uma das maiores empresas do agronegócio da Argentina, a La Plata Cereal, também processadora de soja.

Em 2002 inicia procedimentos para adquirir o controle acionário da Cereol e aumentar sua participação na Europa e EUA, em ingredientes e óleos comestíveis. Em 2003 anuncia aliança com a Dupont, para ampliar negócios em alimentos e nutrição, o que resulta na criação da marca Solae, no setor de ingredientes funcionais de soja,²¹⁵ para produção e distribuição de proteínas de soja e lecitina, e posteriormente de outros ingredientes extraídos do milho e da soja para fornecer à indústria de alimentos. A participação da DuPont na nova empresa é de 72%, cabendo à Bunge, 28%.²¹⁶



Foto IV.5: Unidade da Bunge em Rondonópolis/MT (antiga Ceval)
Autoria própria (2006).

²¹⁴ Gazeta Mercantil, 14/04/2000.

²¹⁵ "Por dentro da Bunge." Dinheiro Rural, julho/2005 e também <http://www.bunge.com.br/> Acessado aos 05/05/2009. Elaborado pelo autor.

²¹⁶ Gazeta Mercantil, 07/01/2003.

Em 2004, o grupo controla as empresas: Seara²¹⁷, Ceval (ramo de alimentação, soja e carnes), Santista Alimentos (que absorveu Moinho Santista e a Sanbra), a Covebrás e o Moinho Ideal; em massas e pães, a Pullman Alimentos, e é proprietário de marcas importantes como margarina Delícia, Primor e Mila, entre outras; em fertilizantes, controla a Manah, Serrana, Fertimport e IAP.²¹⁸

A partir da década de 1990, após a reestruturação, a empresa passa a concentrar sua atuação mundial em três áreas complementares: fertilizantes, grãos, oleaginosas e produtos alimentares (farinhas, margarinas Delícia, Primor e Cyclus); óleos (Soya e Salada); cremes, gorduras, margarinas especiais, condimentos, etc., e fertilizantes das marcas IAP, Manah, Serrana e Ouroverde, etc.. A empresa passou a atuar fortemente no setor soja após a aquisição da Ceval, em 1997, da família Hering, em disputa acirrada com Cargill e ADM (Lodi, 1999, pg.59).

A Ceval faturava R\$ 2,5 bilhões no ano de sua venda, era a maior empresa do Grupo Hering e também uma das maiores empresas da América Latina. Assim, as aquisições da Ceval Alimentos e IAP visavam a liderança do segmento soja e fertilizantes,²¹⁹ pois à época a Ceval era a maior esmagadora de soja na América Latina e a aquisição da Bunge revelava-se estratégica para atingir a liderança do setor.

Em 2006, a Bunge fechou “temporariamente” as unidades de Campo Grande (MS) e de Ourinhos (SP),²²⁰ uma antiga unidade da SANBRA. Continua a atuar em Ourinhos, apenas como um escritório de comercialização.

Em 2008, a Bunge exportou, individualmente, 15 milhões de toneladas de soja, trigo, milho e outras *commodities*.²²¹

A Bunge possui centros de distribuição e escritórios no Brasil, estrutura portuária para soja e trigo; processa soja e trigo, produz lecitinas, margarinas e maioneses; refina de óleo e produz gorduras, além de processar cana-de-açúcar, produzir açúcar e gerar energia nos seguintes Estados: Bahia, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso,

²¹⁷ A Seara foi vendida para a Cargill que a revendeu para o Grupo Marfrig.

²¹⁸ Informações colhidas em visita à unidade de Rondonópolis (MT), em 23/10/2004, e Forbes Brasil, 16/07/2004.

²¹⁹ Na classificação da revista Exame, em 1997 a Ceval posicionava-se em 26º lugar, à frente de empresas como Copersucar, Cargill, Gerdau e Sadia, entre outras. “Melhores e Maiores”. Exame, junho, 1998, p. 64.

²²⁰ LIMA, s/d, mimeo.

²²¹ Anuário do Agronegócio, Editora Globo: Outubro de 2009, p. 137.

Pará, Pernambuco, Piauí, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Tocantins.



Fotos IV.6, IV.7 e IV.8: unidade desativada da Bunge, em Ourinhos/SP
Autoria própria (2007).

IV. 10. 2. A Bunge: do setor de fertilizantes para o setor sucroalcooleiro

Após vender parte de seu setor de fertilizantes (minas de potássio) para a Vale, em janeiro de 2010, a Bunge demonstra a intenção de reorganizar-se e capitalizar-se para aumentar seus investimentos no setor sucroalcooleiro.²²²

Ao visar o setor sucroalcooleiro, a Bunge pretende produzir 30 milhões de toneladas de cana-de-açúcar até 2012, com investimentos anuais de cerca de US\$ 300 milhões. Tende, portanto, a crescer e ampliar sua participação no setor de forma agressiva e a rivalizar diretamente com as maiores empresas de capital nacional do setor.²²³

²²² No primeiro semestre de 2011, a Bunge conta com as seguintes unidades sucroalcooleiras no Brasil: 1. Frutal (MG); 2. Itapagipe (MG); 3. Santa Juliana (MG); 4. Monteverde (Ponta Porã, MS); 5. Ouroeste (SP); 6. Moema (Orindiúva, SP); 7. Guariroba (Pontes Gestal, SP) e 8. Pedro Afonso (TO). Disponível em <http://www.bunge.com.br/empresa/unidades.asp?categoria=Usinas&estado=%25> Acesso aos 02/07/2011.

²²³ Valor Econômico, “Bunge investirá US\$ 400 mi no país em cinco anos”, 01/02/2010, pg. A-11.

É importante destacar que a aquisição das usinas do Grupo Moema, reflete estratégia da Bunge na construção de negócio de larga escala e integrado nos segmentos açúcar e bioenergia, e a localização do grupo revela-se estratégica, pois fica próximo dos mercados consumidores e possui logística para exportação.²²⁴

Localizada em São Paulo, na cidade de Orindiúva, a Usina Moema iniciou suas atividades industriais em 1982, inicialmente processando cana de açúcar para depois iniciar a produção de álcool anidro e álcool hidratado. Ao longo da década de 1980, a empresa construiu uma fábrica de açúcar.²²⁵

Ao mesmo tempo, a Bunge acertou com a Vale o transporte de etanol de sua usina no Tocantins até o porto de Itaquí (MA), e pretende continuar modernizando suas fábricas, portos e moinhos no Brasil, onde os “investimentos (...) para manutenção e expansão das instalações existentes chegam a R\$ 100 milhões, aproximadamente, por ano”.²²⁶

IV. 11. A CARGILL AGRÍCOLA S/A

Trata-se da 2ª maior empresa do setor soja no Brasil, onde produz óleos com as marcas Liza, Mazola, Purilev, Maria, Veleiro e Olívia; maioneses Liza, Maria, Gourmet e Mariana; molhos para salada; azeites Gallo e La Espanhola; também exporta álcool, açúcar e soja; etc..

No Brasil desde 1965, a Cargill tem sua origem no campo, a partir das atividades agrícolas, inicialmente no setor de produção de suco de laranja e produção de óleo, constitui-se atualmente em uma das maiores indústrias de alimentos do País. Sediada em São Paulo (SP), de capital norte-americano, a operação brasileira possui unidades industriais e escritórios em cerca de 120 municípios, onde trabalham aproximadamente 6 mil funcionários.²²⁷

Nos últimos anos, a Cargill tem ampliado os seus segmentos de atuação e aumentado sua presença no país.

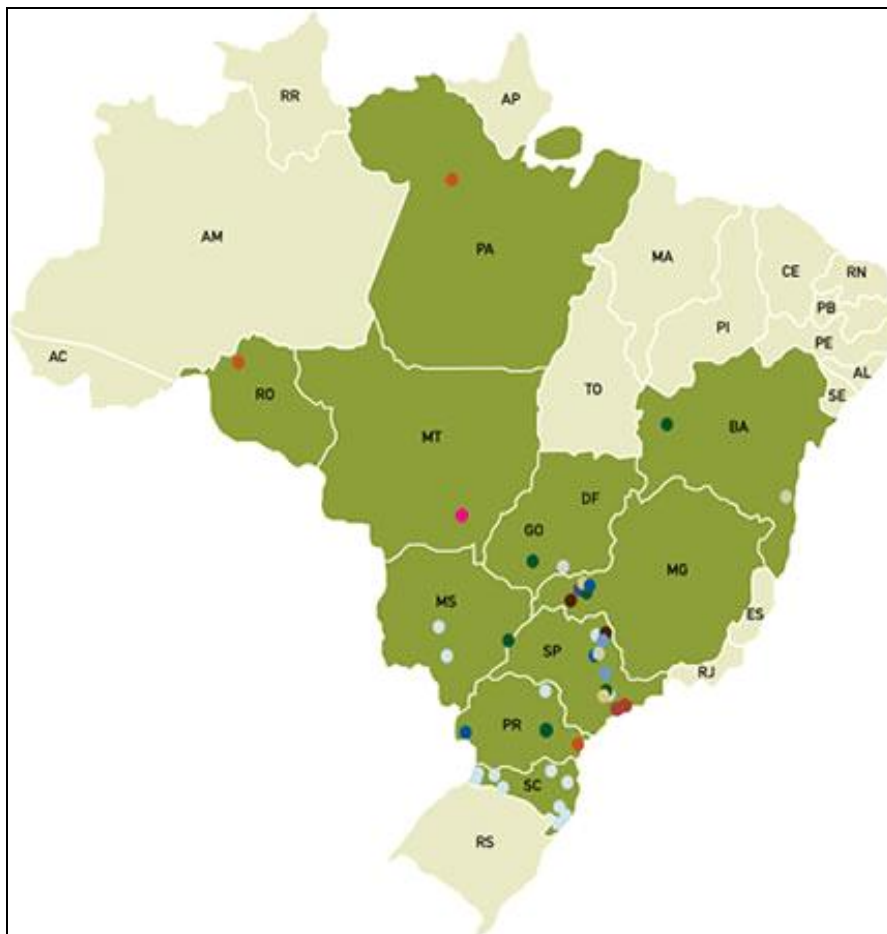
²²⁴ Disponível em <http://www.valoronline.com.br/?online/empresas/11/6020268/bunge-compra-usinas-do-grupo-moema&utm> Acesso aos

²²⁵ Disponível em <http://www.unica.com.br/> e em <http://www.usmoema.com.br/> Acesso aos 26/05/2010.

²²⁶ “Construímos um moinho no porto de Suape, estamos renovando o Moinho Fluminense, no Rio: queremos sempre estado da arte, não queremos ficar para trás” Entrevista de Alberto Weisser, CEO da Bunge. Idem.

²²⁷ Disponível em <http://www.cargill.com.br/brazil/pt/sobre-cargill-brasil/index.jsp> Acesso aos 11/06/2010.

A Cargill adquiriu recentemente um frigorífico na Argentina. No Brasil, em 2004, fez uma importante aquisição: a Seara Alimentos²²⁸, que era administrada pela Bunge Alimentos, e em setembro (2009) foi vendida para o Grupo Marfrig.



Fonte: <http://www.cargill.com.br/C15/Unidades%20no%20Brasil/default.aspx> Acessado aos 06/09/2009.

Observa-se que a localização dos pontos no mapa, representando a disposição das unidades no território não é aleatória ou imprecisa, pois a empresa

²²⁹ Disponível em <http://www.cargill.com.br/C15/Unidades%20no%20Brasil/default.aspx>

escoa seus produtos através dos maiores portos brasileiros. Assim, considera-se como estratégica a localização de seus empreendimentos e a centralidade das unidades principalmente nos Estados de São Paulo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Paraná e Santa Catarina.

A Cargill possui unidades de soja em Mairinque (SP), Uberlândia (MG), Ponta Grossa (PR), Três Lagoas (MS), Barreiras (BA), Rio Verde (GO) e Primavera do Leste (MT). Opera terminais portuários de exportação de soja em Paranaguá, Santos-Guarujá e Santarém, em instalações próprias através de concessão e também em Porto Velho.

Açúcar: exportação através do terminal açucareiro do Guarujá (TEAG-Guarujá) e T-33 Santos (SP), que são terminais operados pela Cargill através de *joint venture* com a Sociedade Operadora Portuária de S. Paulo e seu acionista majoritário, o Grupo Crystalsev. Produz etanol na CEVASA, em Patrocínio Paulista (SP) e em Itapagipe (MG). No setor óleos Industriais e Lubrificantes, atua nas cidades de Mairinque (SP) e Uberlândia (MG). Também produz cacau em Ilhéus e Porto Ferreira (SP); no setor Foods, atua em Mairinque (SP), Itumbiara (GO) e São José do Rio Pardo (SP); produz amidos e adoçantes em Uberlândia (MG), São Miguel do Iguaçu (PR), Porto Ferreira (SP) e Cosmópolis (SP) e atua em algodão no município de Rondonópolis, estado de Mato Grosso, onde é preciso assinalar sua atuação também na aquisição da soja, no armazenamento e estocagem de grãos em diversos silos espalhados pelo Estado.

IV. 12. A ARCHER DANIELS MIDLAND BRASIL (ADM)

IV. 12.1. Da produção de óleo de soja à produção de biodiesel

A norte-americana Archer Daniels Midland (ADM) anunciou a construção de sua segunda planta de biodiesel no Brasil, no município de Joaçaba (SC), à partir de março de 2011, e a previsão de sua conclusão para o primeiro semestre de 2012. A planta será construída em complexo onde já é feito o processamento de soja e o refino de óleos vegetais. Presume-se que a unidade produzirá cerca de 164 mil toneladas anuais de biodiesel, aumentando em 50% a capacidade total da empresa no país (a unidade em funcionamento localiza-se no município de

Rondonópolis/MT).²³⁰ Avalia-se que o investimento contribuirá para a ampliação da oferta de biodiesel no Brasil.

A ADM é uma das maiores empresas mundiais em processamento agrícola e tecnologia de fermentação, uma das maiores processadoras de soja, milho, trigo e cacau. Produz óleo e farelo de soja, etanol, adoçantes e farinha de milho; ingredientes para alimentos e nutrição animal. Com sede em Decatur, Illinois, a ADM tem mais de 26 mil funcionários, 240 fábricas de processamento e fechou o ano fiscal de 2006 (em 30 de junho) com vendas líquidas de US\$ 37 bilhões.²³¹ No Brasil, onde iniciou suas atividades em setembro de 1997, a ADM é a terceira maior processadora de soja e a segunda maior processadora de cacau do País, além de ser uma das maiores exportadoras da soja brasileira. A ADM opera quatro fábricas de processamento de soja com refinarias, uma processadora de cacau e duas misturadoras de fertilizantes, além de contar com misturadoras terceirizadas. À época de nossa visita à empresa, ela estava construindo uma fábrica de biodiesel também em Rondonópolis, cujas operações estavam previstas para iniciar no segundo semestre de 2007.

No Brasil, a ADM utiliza óleo de soja na fabricação de biocombustível, para poder atender a demanda de biodiesel de produtores rurais e setores ligados ao transporte rodoviário e ferroviário. Em notícia divulgada no site “Notícias em Foco”, a assessoria de imprensa da empresa não divulgou se já foi realizado algum tipo de relação comercial, como vendas de contratos e outras negociações. Também não declarou o valor do investimento, mas estima-se que o custo de implantação tenha atingido US\$ 35 milhões.²³²

Outra informação ressalta a autorização da Agência Nacional de Petróleo para o início das operações de quatro usinas de biodiesel no Estado do Mato Grosso. Entre elas está a unidade da ADM, a maior do Brasil, com capacidade diária de 565 mil litros, ou 169,5 milhões de litros por ano. A capacidade da ADM é equivalente à produção somada das três usinas que estão sendo construídas pela Petrobras e 50% maior do que a líder até então, a Caramuru.

²³⁰ Valor Econômico, “ADM investe em Santa Catarina”, 03/11/2010, pg. B-14.

²³¹ Informações disponíveis em <http://www.admworld.com.br>. Acesso aos 31/10/2009.

²³² Disponível em <http://www.biodieselbr.com/noticias/em-foco/adm-adia-inicio-operacoes-maior-fabrica-biodiesel-mundo-mt-08-01-07.htm>

A unidade da ADM está localizada em Rondonópolis. As demais usinas autorizadas a funcionar são:

- Araguassú, Sorriso (MT): 100 mil litros por dia, 30 milhões de litros/ano;
- CLV, Colíder (MT): 75 mil litros por dia, 22,5 milhões de litros/ano;
- Cooami, Sorriso (MT): 10 mil litros por dia, 3 milhões de litros/ano;
- Cooperbio, Lucas do Rio Verde (MT): 10 mil litros por dia, 3 milhões de litros/ano.

A autorização da ANP para a operação dessas cinco usinas de biodiesel eleva o número de unidades produtoras legais para 45 e a capacidade produtiva teórica (considerando 300 dias de operação) para 1,826 bilhão de litros por ano.

Com essas unidades, o Mato Grosso passa a ter onze usinas de biodiesel com capacidade de produção conjunta de 1,2 milhão de litros por dia ou 361,7 milhões de litros por ano (300 dias de operação). Com isso, o estado passa à liderança nacional do ranking de capacidade produtiva, superando o Rio Grande do Sul, com volume diário de 1,032 milhão de litros.

A ADM pretende investir na produção de etanol no Brasil, em uma parceria com o ex-ministro Antonio Cabrera. Com recursos da ordem de US\$ 3 bilhões para investir no País, foi definida a cidade onde será implantada a primeira usina do grupo: Jataí, no estado de Goiás, em uma área de 35 mil hectares.²³³

IV. 12. 2. Histórico da ADM

Em 1902, George A. Archer e John W. Daniels iniciaram o esmagamento de linhaça. Em 1923, a *Archer-Daniels Linseed Company* adquiriu a *Midland Linseed Products Company*, e formou a Archer-Daniels-Midland – ADM. A partir de então, a empresa, surgida de uma aquisição, passou a inovar constantemente, seja na trituração, no processamento, em ingredientes especiais de alimentação como cacau, etc.²³⁴ e também investiu em uma série de aquisições. Seu crescimento resulta, portanto, da estratégia de aquisições e inovações constantes.

²³³ Dinheiro Rural. “A dona do etanol quer conquistar o Brasil”. Edição 47, ano 5, setembro de 2008.

²³⁴ Disponível em <http://www.adm.com/en-US/company/history/Pages/default.aspx> Tradução livre do autor.

Quadro IV.2: Histórico da ADM

1923	A companhia emprega seu primeiro químico. Ocorre a compra da Companhia Midland de Produtos Linhaça e a mudança de nome para Archer Daniels Midland.
1924	John W. Daniels deixa a posição de presidente e transforma-se em <i>chairman</i> . Shreve M. Archer é nomeado presidente.
1925	A companhia constrói seu primeiro elevador de grãos em Minneapolis
1927	Aquisição da Armour Grain Company, formando a divisão de grãos da ADM.
1929	A ADM adquire companhia de Cleveland (de Werner G. Smith) o maior fabricante de óleos do país na época e começa esmagar soja em suas plantas de Toledo e Chicago, tornando-se líder no esmagamento de soja nos Estados Unidos.
1929	ADM adquire a <i>Commander Larabee Corporation</i> , uma das maiores operadoras de esmagamento de soja da época.
1931	John W. Daniels é afastado e George A. Archer é nomeado chairman.
1933	Início da fabricação de alimentos.
1934	Instala a primeira unidade de extração contínua nos Estados Unidos na planta de Chicago e começa a extrair óleo de soja
1939	Início da construção da maior planta de extração de óleo do mundo, à época, em Decatur, Illinois.
1952	O número de empregados da ADM é superior a 5000.
1954	Aquisição da divisão de resina e produtos químicos de plantas em Newark, New Jersey e Pensacola (Florida).
1955	Samuel Mairs é afastado. Nenhum presidente será nomeado até 1958.
1957	Incorpora o negócio da soja.
1958	É eleito presidente John H. Daniels.
1963	Término da construção de terminal em Destrehan, Louisiana, de exportação de grãos.
1966	Início da produção de proteína vegetal texturizada na planta de Decatur.
1967	As vendas líquidas e de funcionamento aumentam a \$ 371.625.700 e criam o salário líquido de \$ 4.370.293. A equidade de acionista levanta-se a \$ 91.297.180. A ADM vende seu grupo químico ao do óleo de Ashland; Companhia de refinação para reposicionamento em produtos agrícolas. Adquire uma frota de trinta barcas, inicia sua frota do transporte. ADM termina sua planta em Decatur, Illinois, de refinação e hidrogenação de óleo de soja.
1969	A ADM transfere seus escritórios e laboratório de pesquisa para Decatur, Illinois.
1969	Forma uma divisão para introduzir no mercado uma variedade de produtos alimentares e nas áreas industriais, incluindo TVP
1970	As operações de alimentos da Vanier são compradas.
1971	A ADM adquire 83% da Milho Edulcorantes, Inc., uma planta de trituração localizada em Cedar Rapids, Iowa
1972	A ADM forma a American River Transportation Company.
1973	A ADM adquire 53% da British Arkady.
1974	ADM adquire plantas de soja na Holanda e no Brasil, as primeiras plantas de processamento na Europa e América do Sul
1978	Durante o embargo de óleo árabe, o presidente Carter pede a Dwayne Andreas para converter uma planta nova de óleo para álcool.
1980	Criação da ADM Industrial Oils. A planta de etanol de Peoria, Illinois, é comprada.
1981	Início da produção de álcool etílico em uma planta em Cedar Rapids, Iowa.
1982	A ADM adquire uma planta de produção de álcool denominada <i>Clinton</i> , em Iowa.
1983	ADM adquire participação na A. C. Toepfer, e estabelece a ADM Ásia Pacific Ltd., em Hong Kong.
1984	O president Ronald Reagan visita a ADM.

Continua na próx. pg.

1985	ADM adquire elevadores de uma empresa chamada Growmark e estabelece os sistemas de transporte ADM/GROWMARK, Inc
1986	Expansão na Europa: ADM adquire plantas da Unilever em Hamburgo, na Alemanha Ocidental e Países Baixos.
1988	ADM compra o negócio de processamento de soja, girassol e canola da planta de Velve, North Dakota da companhia de processamento de Midwest, Inc.
1989	ADM constrói uma planta de proteína de soja em Decatur
1991	ADM entra no negócio do ácido cítrico. Adquire planta de álcool etílico em Walhalla, North Dakota.
1992	ADM constrói planta piloto para operações de canola e biodiesel em Leer, Alemanha. O ex-presidente soviético, Mikhail Gorbachev, visita a ADM.
1994	Expansão na Ásia: investimentos na Wilmar holdings, Singapore, são feitos com JV partner; primeiro investimento é iniciado na China, na East Ocean Oils & Grains (EOGI) in Zhangjigang.
1997	ADM entra no negócio do cacau. Expansão no Brasil com a aquisição brasileira das operações de grãos da Glencore's Brazilian, incluindo uma matriz em São Paulo, aproximadamente trinta e três elevadores de grãos e uma fábrica de tratamento de fertilizante. Adquire também a Companhia Moorman de Fabricação e subsidiárias.
1998	Primeiro Ministro de Israel Shimon Peres visita a ADM.
2000	Início da construção de cinco plantas de esmagamento na China.
2001	ADM adquire a Doysan Yag Sanayii, um produtor turco de óleo vegetal com esmagamento da planta, refinaria e empacotamento de operações.
	ADM adquire a Sociedad Aceitera del Oriente S.A. (SAO), um produtor boliviano de óleo vegetal com esmagamento da planta, refinaria, operações de empacotamento, e elevadores de grão.
	ADM anuncia um novo logotipo e uma campanha de publicidade incorporando novos projetados e o compromisso da companhia com a natureza e a agricultura global.
	ADM faz a história ao se transformar na primeira companhia norte-americana a assinar um contrato com Cuba desde o início do embargo econômico imposto há quarenta anos atrás.
2002	ADM conclui a aquisição de processadores do milho de Minnesota, LLC (MCP). Com a aquisição, a ADM acumula plantas do milho situadas em Marshall, em Minnesota, e em Columbo, Nebraska.
	O número de empregados da ADM é superior a 24.000.
2003	ADM aumenta a presença na América do Sul adicionando cinco silos de armazenamento de grão no Brasil.
2005	A Agência de Proteção Ambiental cede a ADM uma licença verde para um processo químico conhecido como a interestificação enzymatic, que conduziu ao NovaLipid™ 0 gramas de transporte por óleos e shortenings do serviço.
	ADM anuncia planos para expandir sua capacidade de produção do álcool etílico com a adição de dois moinhos secos de milho situados junto aos moinhos "molhados" existentes em Columbo, Nebraska, e em Cedar Rapids, Iowa.
	ADM lança programa social e ambiental para práticas de agricultura responsável (SERAP), que oferece incentivos financeiros para cooperativas da África Ocidental às práticas sustentáveis do cultivo seguro do cacau, a gerência e trabalho responsável e para proteção da floresta. Mais de 6.000 fazendeiros participam no programa em seu ano inaugural.

Continua na próx. pg.

2006	ADM e Cambridge, Massachusetts anuncia planos para construir, em Clinton, Iowa, a primeira planta dedicada à produção de uma geração nova de plásticos de alta capacidade, renováveis e sustentáveis.
	ADM adquire os recursos de propriedade técnica e intelectual do Groupe Lysac, Inc., em um movimento para criar produtos biodegradáveis de recursos naturais e renováveis. Polímeros absorventes de Groupe Lysac -- feito primeiramente do amido, um pouco de produtos petrolíferos -- e que pode ser usado em gerações novas de aplicações e produtos de consumo industriais, incluindo tecidos descartáveis.
	Patricia A. Woertz é nomeada CEO e Presidente da ADM
2007	Patricia A. Woertz é nomeada Chairman do Conselho Diretor da ADM. Permanece como presidente de companhia e CEO.
	A ADM e a Universidade de Purdue são selecionadas para receber financiamento do Ministério da Energia dos EUA para desenvolver pesquisa e comercializar um processo de fermentação que se use fermento altamente eficiente para converter materiais celulósicos em álcool etílico.
	ADM anuncia planos para construir uma planta de processamento avançada de cacau em Kumasi, Ghana.
	ADM anuncia parceria com ConocoPhillips para propor desafios técnicos envolvidos em processar biomassa -- como gramas, resíduos da madeira e da colheita - no <i>biocrude</i> , um óleo cru renovável que possa ser processado da gasolina em refinarias existentes.
	ADM inaugura sua primeira instalação de produção completamente voltada para o biodiesel em Velva.
	ADM recebe o Prêmio GE Ecomagination pela economia de 1.5 bilhão galões da água por ano através da instalação dos sistemas de tratamento de água da companhia em Decatur, Illinois.
2008	ADM participa com o Consórcio Geológico do Midwest em um projeto de seqüestro de carbono, para armazenar 1 milhão de toneladas de dióxido de carbono na terra.
	ADM junta-se com Monsanto e Deere & Company em pesquisa sobre a forragem do milho -- hastes, espigas e folhas de plantas de milho - como mantimento celulósico para a produção de combustível biológico, ou biomassa, para gerar vapor e eletricidade, e como ingrediente na alimentação animal.
	Nova planta de cacau da ADM, localizada em Hazleton, Pa., começa operações de armazenagem. Previsão de iniciar operações no terceiro trimestre de 2009.
	ADM forma joint venture com Stratas Foods para manufaturar, introduzir no mercado e distribuir produtos petrolíferos empacotados nos EUA e Canadá.
	ADM e Grupo Cabrera anunciam uma <i>joint venture</i> para produzir etanol de cana-de-açúcar no Brasil.

Fonte: Disponível em <http://www.adm.com/en-US/company/history/Pages/default.aspx> Tradução livre do autor.

Observação: as informações, retiradas do endereço em inglês da empresa, foram traduzidas pelo autor, e não consta a aquisição no Brasil do setor soja da Sadia (negócio realizado em 1997, por US\$ 165 milhões)²³⁵.

²³⁵ LODI, 1999, pg. 63.

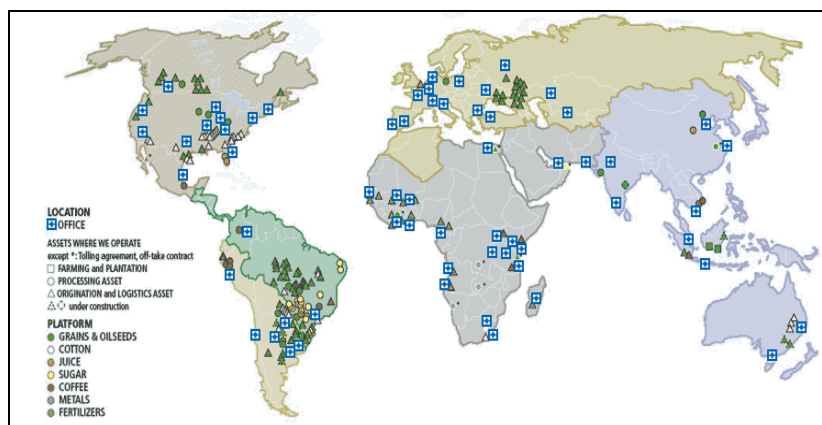
Quadro IV.3: Síntese da ADM no Brasil

Receita anual da companhia	US\$ 44 bilhões
Lucro de 2007 (metade veio do etanol)	US\$ 2,1 bilhões
Capacidade de produção de etanol nos EUA	16 bilhões de litros
Previsão de investimentos em novas usinas no Brasil	US\$ 3 bilhões
Capacidade de moagem de cana do Grupo	45 milhões de toneladas

Fonte: Dinheiro Rural. “A dona do etanol quer conquistar o Brasil”. Edição 47, ano 5, setembro de 2008. Elaboração do autor.

IV. 13. A LOUIS DREYFUS COMMODITIES (LDC)

A LDC atua no Brasil desde 1905, quando iniciou no comércio de algodão e trigo. Em 1942, adquiriu a Comércio e Indústrias Brasileiras - Coinbra S.A., e expandiu suas atividades para o comércio de açúcar, produtos cítricos e café.



Mapa IV.4: Presença mundial do Grupo LDCommodities)

Fonte: Disponível em <http://www.ldcommodities.com/-Our-world-presence-.html>
Acesso aos 15/09/2010.

A partir dos anos 90, a empresa ampliou a produção agrícola da área de cítricos e de oleaginosas. No início de 2000, a Louis Dreyfus Commodities, que já possuía atividades de processamento de cana-de-açúcar no Brasil, adquiriu oito usinas de açúcar e etanol, formando a LDC Bioenergia. Em outubro de 2009, a partir da associação com a Santelisa Vale, a companhia deu origem à LDC-SEV, assumindo então a segunda posição no ranking das maiores empresas mundiais no segmento.²³⁶

IV. 14. O GRUPO MAEDA

Criado por família de imigrantes japoneses, o Grupo Maeda cresceu a partir do plantio e comercialização de milho, arroz e algodão, inicialmente no município de

²³⁶ Disponível em <http://www ldcsev.com/> Acessado aos 14/02/2010.

Ituverava (SP). Posteriormente, na década de 70, foi pioneiro na expansão para a região Centro-Oeste, onde passaram a produzir soja e depois a industrializá-la. Responsável pela produção de 26 mil hectares de algodão em 1994, o Grupo Maeda também adquiria a safra de outros produtores (mais 60 mil ha). No mesmo ano, o Grupo detinha a posse de 80 colheitadeiras, então a maior frota em operação na América Latina²³⁷. O Grupo colheu 36 mil toneladas de algodão em pluma em 1998.²³⁸ Em 2004, a Cargill adquiriu a unidade de produção de gordura vegetal do Grupo Maeda, localizada em Itumbiara (fotos abaixo). Interessante notar que as unidades localizam-se nas imediações do município, em terrenos vizinhos.

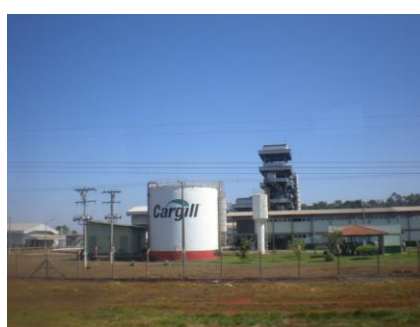


Foto IV.9: unidade Maeda Itumbiara, adquirida pela Cargill (foto IV.10)

Autoria própria (2011).

Com a aquisição, a Cargill passa a produzir 12 mil toneladas por mês de gordura vegetal, e assume o segundo lugar no segmento (posição ocupada então pelo Maeda), sendo que a liderança era da Bunge Alimentos.²³⁹ No mesmo período, o Maeda associa-se com a British Petroleum – BP e com a EBC Treiffus na criação da Tropical Bioenergia. A BP detinha 50% do grupo, e a outra metade era do Grupo Maeda (25%) e os 25% restantes eram da EBC. Em 2008, o Grupo Maeda aparece classificado em 970º pelo Valor Econômico²⁴⁰. Em 2010, o Grupo vendeu 86% para o fundo Arion Capital, representando os interesses de Enrique Bañuelos, investidor espanhol do setor imobiliário (adquiriu no Brasil a Abyara e a Klabin Segall).

A aquisição realizada pelo Arion reflete estratégia de diversificação do investidor interessado no setor de alimentos e agronegócios²⁴¹, e a totalidade da Tropical Bioenergia foi adquirida pela BP em 2011.²⁴²

²³⁷ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/11/21/dinheiro/14.html> Acessado aos 20/03/2010.

²³⁸ Informações disponíveis em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/11/21/dinheiro/13.html> e em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/agrofolh/fa30069809.htm> Acessado aos 19/03/2010.

²³⁹ “Aposta em gordura vegetal”. Valor Econômico, 05/07/2004.

²⁴⁰ Valor Econômico: “Valor 1000”. Agosto 2009, nº 9, p. 112.

²⁴¹ Disponível em <http://www.agrolink.com.br/noticias/NoticiaDetalhe.aspx?codNoticia=1110> Acessado aos 28/08/2010.

Tabela IV.2: Classificação das empresas do setor soja e óleo de soja

2009	2008	2007	2006	2005	EMPRESA	SEDE/ORIGEM DO CAPITAL	MARCAS/PRODUTOS
9	1	2	4	2	Bunge Alimentos	Gaspar, SC/Holanda	Óleos das marcas <i>Soya e Salada</i> ; margarinas <i>Delícia</i> , <i>Primor</i> e <i>Cyclus</i> ; cremes, gorduras, margarinas especiais, condimentos, e fertilizantes das marcas IAP, Manah, Serrana e Ouroverde, etc..
17	2	6	2	1	Cargill	SP/Mineápolis, EUA.	Óleos <i>Liza</i> , <i>Mazola</i> , <i>Purilev</i> , <i>Maria</i> , <i>Veleiro</i> e <i>Olivia</i> ; maioneses <i>Liza</i> , <i>Maria</i> , <i>Gourmet</i> e <i>Mariana</i> ; molhos para salada; azeites <i>Gallo</i> e <i>La Espanhola</i> ; exporta álcool, açúcar e soja; etc..
n/d	9	13	13	12	ADM	ES, BR/Ilinois, EUA	Produção de óleo efarelo de soja (é o 3º maior produtor no Brasil), além de milho, trigo e cacau.
54	13	17	21	23	LDCommodities	SP/França	Atua nos setores: agronegócios [soja (produção de óleo), algodão, café, citrus e açúcar e álcool], geração de energia e financeiro.
61	18	22	26	20	Coamo	Campo Mourão, PR/BR	Produção de óleo de soja, farinha de trigo, margarina e café com a marca <i>Coamo</i> , e margarina marca <i>Primê</i> .
63	23	39	37	32	Amaggi	Rondonópolis, MT/BR	Produção (plântio) e comércio de grãos (soja, algodão e milho); produção de sementes de soja; processamento de soja para exportação (pequena parcela para mercado interno), produz energia através de duas PCHs; importa e comercializa fertilizantes;etc.
152	42	57	62	50	Caramuru	Itumbiara, GO/BR	Produtos diversos de milho e óleo de soja com a marca <i>Sinhá</i> , maionese, azeite, linha de produtos para consumo industrial e animal, etc..
186	52	98	120	98	Granol	São Paulo, SP/BR	Produção de Biodiesel (<i>Grandiesel</i>); óleo a granel, óleo para cozinha industrial marcas <i>Granol</i> e <i>Adamantina</i> , óleo para consumidor marcas <i>Tupã</i> , <i>Celina</i> , <i>Adamantina</i> , além da linha <i>Monte Real</i> .
n/d	59	73	73	63	Carol	Orlândia, SP/BR	Produção e comercialização de sementes de soja, insumos e produtos de nutrição animal, entre outros.
219	61	66	77	131	Bianchini	RS/BR	Agropecuária e alimentos.
226	63	95	102	80	Comigo	Rio Verde, GO/BR	Produção de óleo de soja com as marcas <i>Comigo</i> e <i>Brasileiro</i> ;além de farelo de soja, fertilizantes, produtos lácteos, rações, sabões e sementes.
234	68	74	80	70	Cocamar	PR/BR	Óleos <i>Suavit</i> e <i>Cocamar</i> , maionese, bebida à base de soja <i>Purity</i> , cremes, leite condensado, etc..
n/d	69	89	97	n/d	Sperafico	Toledo, PR/BR	Óleo de soja refinado <i>Acácia</i> , rações, gordura vegetal, lecitina, farelo de soja e sabões.
254	74	105	171	143	Algar Abro (ex ABC Inco)	MG/BR	Óleo de soja marca <i>ABC</i> , farelo de soja, etc..
360	104	121	147	126	Cooperativa Batavo	PR/BR	Produção de sementes: soja (não OGM), milho, trigo, feijão, bovinos de leite, fertilizantes, defensivos agrícolas, etc..
481	118	147	159	169	Clarion	MT/BR	Óleo de soja marca <i>Clarion</i> .
432	129	297	393	-	Oleoplan	RS/BR	Produtos derivados de soja, óleo degomado, biodiesel, etc..
519	140	216	210	180	Brejeiro	SP/BR	Óleo de soja marca <i>Brejeiro</i> . Arroz, lecitina, farelo de soja, etc..
633	159	223	255	253	CRA (grupo Agropalma)	PA/BR	O grupo Agropalma produz uma linha convencional de óleo e oleína de Palma, e outros produtos, e linha orgânica de óleo de palma, oleína, estearina e óleo de palmiste, realiza pesquisas e produz biodiesel, etc..
n/d	162	n/d	n/d	n/d	Olfar	RS/BR	Ind. de soja e óleos
n/d	n/d	107	75	90	Coagri	Dourados, MS/BR	
n/d	n/d	n/d	61	55	Imcopa	Ponta Grossa, PR/BR	Produção de óleo de soja.

Fonte: Anuário do Agronegócio, Editora Globo: Outubro de 2009; Outubro de 2008; setembro de 2007, e Anuário Exame, Editora Abril, junho/2008. Elaboração do autor.

CAPÍTULO V: CENTRALIZAÇÃO E DESNACIONALIZAÇÃO NO SETOR SUCROALCOOLEIRO

V. 1. INTRODUÇÃO

Nesta parte do trabalho, realiza-se uma apresentação sintética da cana-de-açúcar e o seu desenvolvimento, e também apresenta-se a classificação e a participação das empresas no setor sucroalcooleiro, e procura ressaltar o aumento da participação estrangeira no setor de usinas.

Entre os segmentos abordados, o sucroalcooleiro é o que apresenta maior número de empresas, em um total de 544 usinas em todo o Brasil. No Estado de São Paulo localizam-se 210 unidades (conforme GRUPO IDEA, 2011).

Quadro V.1: número de usinas de açúcar e álcool por UF – 2011

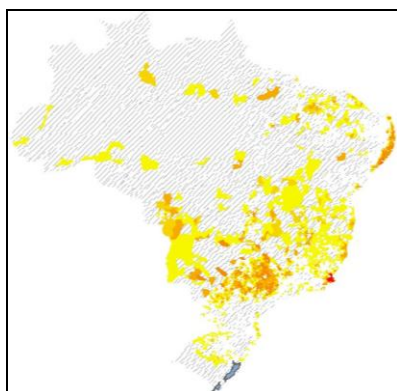
UF	Nº	UF	Nº	UF	Nº	UF	Nº
AC	01	MA	05	PI	01	SP	210
AL	26	MG	65	PR	39	TO	02
AM	01	MS	45	RJ	06	AP	00
BA	06	MT	13	RN	04	RR	00
CE	04	PA	01	RO	01	SC	00
ES	06	PB	09	RS	03	DF	00
GO	59	PE	32	SE	06	Total	544

Fonte: Grupo Idea. Usinas de açúcar e álcool no Brasil, 2011.

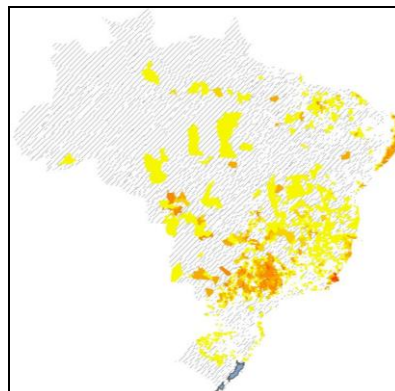
Conforme o mapa apresentado a seguir, a produção canavieira localiza-se principalmente nos estados da região Sudeste e parte da região Sul (principalmente Paraná); na região Nordeste e ainda nos estados do Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Goiás. O mapa mostra, em vermelho as áreas onde se concentram as plantações e usinas produtoras de açúcar, etanol e bioeletricidade, segundo dados oficiais do IBGE, UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas – SP) e do CTC (Centro de Tecnologia Canavieira).²⁴³

²⁴³ Disponível em <http://www.unica.com.br/content/show.asp?cntCode={D6C39D36-69BA-458D-A95C-815C87E4404D}> Acesso aos 20/09/2009.

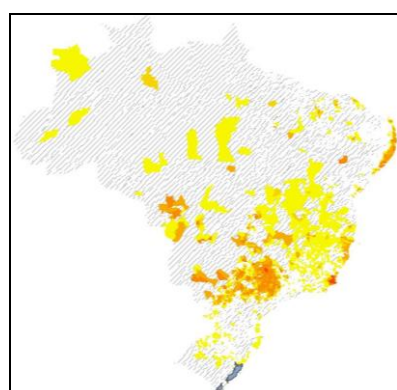
Mapa V.1: Evolução da produção de cana-de-açúcar por municípios do Brasil



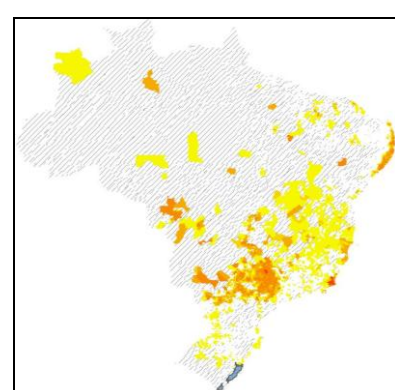
Produção de cana por ha, 1990



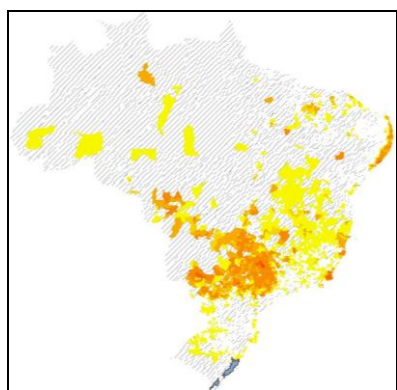
Produção de cana por ha, 1994



Produção de cana por ha, 1999



Produção de cana por ha, 2004



Produção de cana por ha, 2009

Legenda		
Área colhida de cana (em hectares)		
Cor	De	Até
	100	1.000
	1.001	2.500
	2.501	10.000
	10.001	50.000
	50.001	75.000
	75.001	100.000
	100.001	125.000
////	Ausência de dados	

Total da área colhida de cana-de-açúcar nos municípios brasileiros - 1990-2009

Frequência por dimensão (ha)		Ano									
		1990		1994		1999		2004		2009	
De	Até	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
100	1.000	816	14,7	818	14,7	864	15,6	863	15,5	878	15,8
1.001	2.500	203	3,7	177	3,2	206	3,7	196	3,5	190	3,4
2.501	10.000	276	5	289	5,2	305	5,5	316	5,7	441	7,9
10.001	50.000	107	1,9	115	2,1	137	2,5	172	3,1	250	4,5
50.001	75.000	2	0	1	0	1	0	0	0	6	0,1
75.001	100.000	0	0	1	0	2	0	2	0	1	0
100.001	125.000	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Ausência de dados		2657	47,9	2518	45,4	2054	37	1959	35,3	1844	33,2

Fonte: IBGE - Pesquisa Agrícola Municipal; SIDRA. Elaboração própria.

V. 2. SÍNTESE DA PRODUÇÃO SUCROALCOOLEIRA NO BRASIL

Atualmente, São Paulo apresenta os maiores índices nacionais de produtividade da cana-de-açúcar. Na última safra 2010/11 a colheita paulista totalizou 84 toneladas de cana por hectare. Para cada tonelada, é possível produzir 135 quilogramas de açúcar, 85 litros de etanol, 35kWh de energia elétrica, 250 quilogramas de bagaço e desta última parcela se produz 50 litros de etanol celulósico. O alcance dessa produção e dos índices de produtividade são frutos da história da intervenção estatal e dos agentes sociais que reorganizaram o espaço da monocultura da cana-de-açúcar nos últimos 60 anos.

Até 1950, a Zona da Mata nordestina detinha as maiores lavouras canavieiras do país, em sistema de *plantation* para exportação. A herança da produção colonial, cuja localização combinada com os fatores naturais e humanos transformou Pernambuco no maior produtor do País, abastecendo o maior conjunto de usinas de açúcar. Contudo, a ampliação das lavouras e de sua produtividade estava limitada ao próprio fator natural, visto que somente na segunda metade da década de 1960, com a introdução de insumos agrícolas foi possível ocupar os tabuleiros nordestinos com a monocultura. Assim, na crise dos anos 1930, o governo Vargas criou o Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA), autoridade nas diretrizes da política agrícola da produção de açúcar e álcool, controlando principalmente a superprodução no setor com a instituição de cotas. Até a década de 1970, Pernambuco, Alagoas e Sergipe detinham mais de 70% das usinas de cana do Nordeste, sendo esta economia a que mais concentrava trabalho assalariado.

A cultura da cana-de-açúcar paulista superou a pernambucana na década de 1950 e vinte anos depois já representava em 1970 um terço de toda cultura canavieira do Brasil, com quase 600 mil hectares de terras. Entre 1970-2006 foram incorporados cerca de 2,4 milhões de hectares, tornando São Paulo o estado com mais de 50% das lavouras canavieiras do País, para o abastecimento das usinas de açúcar e álcool. A produção neste período cresceu em virtude também do aumento da produtividade em 50%. São Paulo que já retirava 10 toneladas por hectare de cana a mais do que a média brasileira, saltou de 52,3 para 77,6 ton/ha. O latifúndio canavieiro incorporou terras de outras culturas e tornou o estado de São Paulo o principal produtor, com mais de 60% da quantidade de cana produzida no País.

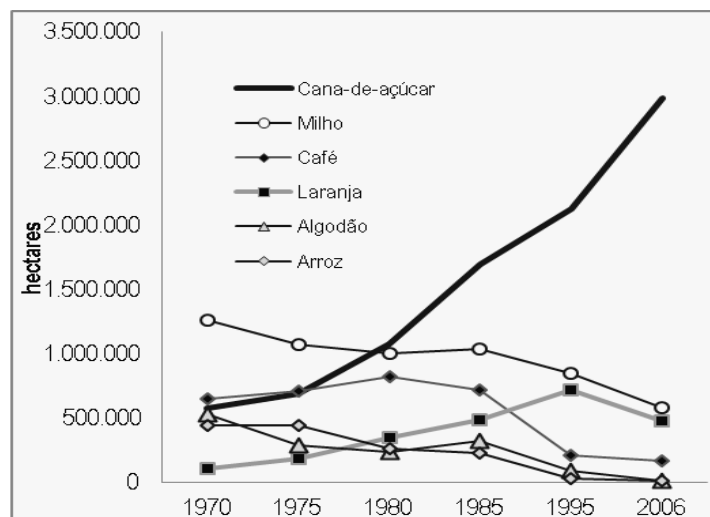


Gráfico V. 1: Principais culturas de São Paulo

Fonte: IBGE. Censo Agropecuário, SIDRA.

Isto ocorreu devido à combinações de fatores determinantes. Os fatores endógenos têm conteúdo fortemente geográfico, quanto à localização do estado em região tropical e subtropical, predominantemente úmida, com grande potencial hídrico e manchas de terra roxa, que permitiram a redução dos custos de produção. Todavia, o forte investimento privado e, principalmente, público para expandir lavouras ligadas aos complexos agroindustriais para substituição de importações e elevação das pautas de exportações foi decisivo no *boom* de produção da cana. Além disso, o intenso processo de urbanização atrelado à reestruturação da estrutura agrária paulista, com a decadência da oligarquia cafeicultora e ascensão da pequena produção capitalista oriunda dos imigrantes e seus descendentes, promoveu a difusão das relações capitalistas de produção, com altos investimentos na modernização da produção agrícola e industrial. Desta maneira, a produção do sudeste superou a produção nordestina incorporando em 100% o mercado consumidor do eixo Rio-São Paulo, e demais centros urbanos do País. Contudo, o maior salto da produção canavieira será instituído pelo estoque de novas tecnologias oriundas da segunda revolução industrial e da crise do centro do sistema a partir de 1973. A Embrapa, criada no mesmo ano, o IAA, o IEA²⁴⁴, entre outros, ampliaram os

²⁴⁴ O IAA (Instituto do Açúcar e do Alcool) foi criado logo após a crise da Bolsa de Nova Iorque, em 1933; a EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), principal referência em tecnologia, biotecnologia e P&D em agropecuária do Brasil e do mundo, surgiu em 1973, no I PND; o IEA (Instituto de Economia Agrícola do Estado de São Paulo), referência nacional na pesquisa agrícola, com data de fundação em 1968, mas oriundo de departamentos de estudos econômicos de mais de cem anos; o CEPEA/ESALQ/USP (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Faculdade de Agronomia da USP), atualmente principal fonte de preços e PIB do agronegócio brasileiro, surgiu em 1982.

investimentos públicos em pesquisas ligadas à biotecnologia, maquinaria, irrigação e insumos, principalmente fertilizantes, que garantiram a ocupação da lavoura de cana em novas áreas de produção. Cabe lembrar que a atuação do IAA teve caráter regional, determinando cotas até a década de 1970, tendo seu fim decretado no governo Collor, em 1990, período em que a política econômica desabasteceu o mercado interno de álcool e ampliou a dependência do combustível fóssil.

A região sudeste, com a maior densidade populacional urbana do país, incorporou mais de 2,5 milhões de hectares de terras entre 1970-2006 (IBGE, Censo Agropecuário), saltando de quase 1 milhão de hectares para quase 3,5 milhões, e três anos mais tarde, passando para 5,7 milhões (IBGE, PAM, 2009).

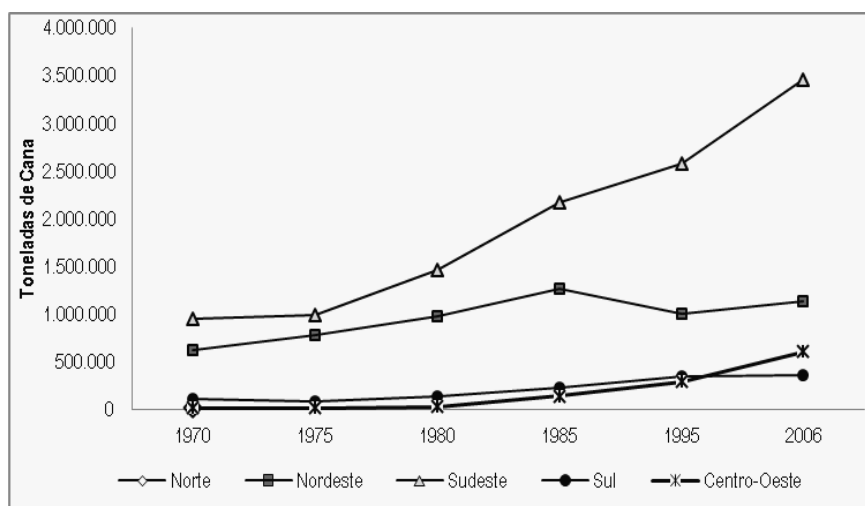


Gráfico V. 2: Quantidade de cana produzida por regiões do Brasil – 1970-2006

Fonte: IBGE, Censo (Sidra, série histórica). Elaboração Própria

O planejamento estatal desenvolveu em conjunto com universidades públicas e instituições de pesquisa agrícola o Programa Nacional do Álcool (Pró-Álcool), criado em 1975, dando novo vigor a produção sucroalcooleira do país. Foi então determinada à indústria automobilística a conversão de automóveis movidos a álcool, com vendas de quase seis milhões de veículos movidos exclusivamente por etanol, no período 1979-2006. Nos anos 80 os carros a álcool chegaram a representar quase a totalidade dos carros vendidos no mercado interno brasileiro.

Nos anos 1990, com a instauração das políticas liberalizantes dos governos Fernando Collor (1990-92) e Fernando Henrique (1995-2002), o fim do planejamento nacional e regional em conjunto com a eliminação de políticas protecionistas e de abertura comercial promoveu forte retração do setor sucroalcooleiro, o fim dos subsídios e do controle dos preços.

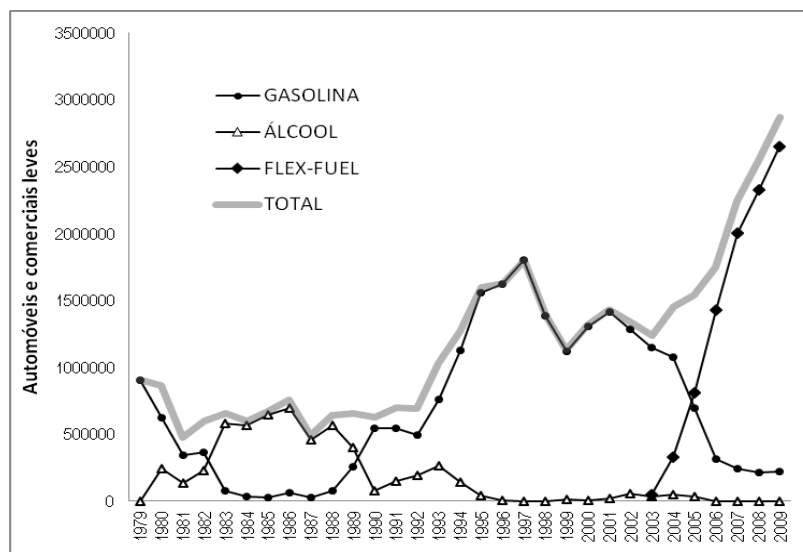


Gráfico V.3: Licenciamento de veículos leves conforme o combustível.
Fonte: Anfavea, UNICA. Adaptado.

A desregulamentação do setor com o fim da determinação dos preços iniciou em 1996 e em 1999 o livre mercado estava instituído em todo o complexo sucroalcooleiro, inclusive nos fretes. Isto ocasionou forte queda no consumo interno e consequentemente na produção, principalmente de etanol combustível e veículos movidos a álcool.

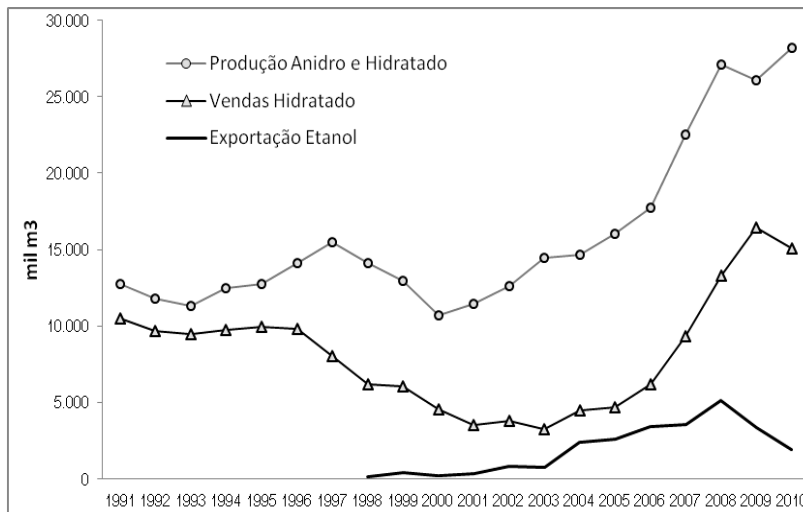


Gráfico V. 4: Brasil: produção, vendas internas e exportação de etanol
Fonte: ANP. Anuário Estatístico, 2001; 2011.

Os anos 1990 foram marcados pelo retrocesso na balança comercial, superavitária desde 1970. O Brasil passou a importar veículos de fonte combustível fóssil, incentivando o consumo de gasolina e ampliando ainda mais o déficit comercial.

O fim do tabelamento dos preços pelo governo e do subsídio alterou o modelo de remuneração no interior da cadeia produtiva, do pagamento da matéria-prima por peso passou para teor de sacarose, garantindo sobrevivência aos usineiros e impelindo os produtores a investir em novas plantas mais produtivas. Por outro lado, a Embrapa, que quase foi liquidada no curto período do governo Collor, em conjunto com os cortes de investimentos públicos em pesquisa e assistência técnica e infraestrutura, expôs o latifúndio monocultor da cana em situação crítica. Os salários também foram achatados.

A queda nos empregos formais na lavoura da cana apontada pelo PNAD, entre 1992-2001 foi da ordem de mais de 50%, com a redução de 104 mil postos de trabalho no País, enquanto o emprego temporário retraiu em mais de 30%, retirando 74 mil postos de trabalho. A remuneração do corte da cana apresentou dados quase incompreensíveis, visto que no período 1970 a 2002 a produtividade do cortador de cana saltou de 3 para 8 toneladas ao dia, em virtude do pagamento por tonelada ter caído de R\$ 2,73 (valores corrigidos de 1970 para reais em 2007) para R\$ 0,88 no fim do período (idem). E a remuneração diária por trabalhador passou apenas de R\$ 6,16 para R\$ 7,04, resultando no aumento das doenças do trabalho e mortes por exaustão na lavoura canavieira paulista, que ainda é a que apresenta melhores índices de remuneração do Brasil (BALSADI, 2007).



Gráfico V. 5: taxa de câmbio Real X Dólar

Fonte: BACEN, Série Indicadores Econômicos, *on line*, 06/10/2011.

Outro fator que provocou estrangulamento do setor, refere-se à valorização do real nos anos 1990, pois ao favorecer as importações inviabilizou as exportações

dos vários setores da economia, principalmente a agroindústria e agroexportação. O açúcar foi comprometido com a valorização da moeda, porém com o álcool, produto voltado apenas para o mercado interno, estava estrangulado com as importações de automóveis movidos a gasolina. As usinas converteram grande parte da produção para o açúcar e buscaram ampliar as exportações, mesmo com a desregulamentação do setor. Assim, somente com o fim da paridade da moeda em 1999, houve a retomada das exportações ampliando os ganhos.

A partir de então, as pequenas e médias usinas entraram em processo de falência e o setor iniciou nos anos 1990 a intensificação do processo de fusão e aquisição. Com maior concentração em São Paulo, o que reflete hoje no principal parque sucroalcooleiro do país com 40% das usinas de açúcar e álcool e com a maior capacidade de moagem. A produção de etanol de São Paulo passou de 9,3 bilhões de litros para 18,9 bilhões, mais do que o dobro da produção nacional.

Entretanto, vários estados estão ampliando a sua produção, como Goiás, Minas Gerais e Paraná, que além de ampliarem a produção de cana, atualmente produzem mais de 2 bilhões de litros de álcool.

No período a partir do final dos anos 1990, observa-se no Brasil o início do processo de desnacionalização do setor sucroalcooleiro. Em número de usinas, o setor, aparentemente, demonstra presença de capital nacional, contudo, a intensificação das fusões e aquisições, bem como a concentração de capital estrangeiro nas usinas de maior capacidade de moagem ressaltaram a forte desnacionalização do setor.

A maioria dos grupos e empresas estrangeiras explora ao máximo o potencial natural do país, para garantir maior participação no mercado mundial do comércio de açúcar e álcool.

O principal destino das exportações são Rússia (4,4 milhões de toneladas), países islâmicos da África e do Oriente Médio (6,5 milhões sendo metade da Arabia Saudita e do Egito), Nigéria (1,3), Canadá (0,8), entre outros. Cabe lembrar que os maiores produtores de açúcar de beterraba do mundo são os Estados Unidos e a União Européia.

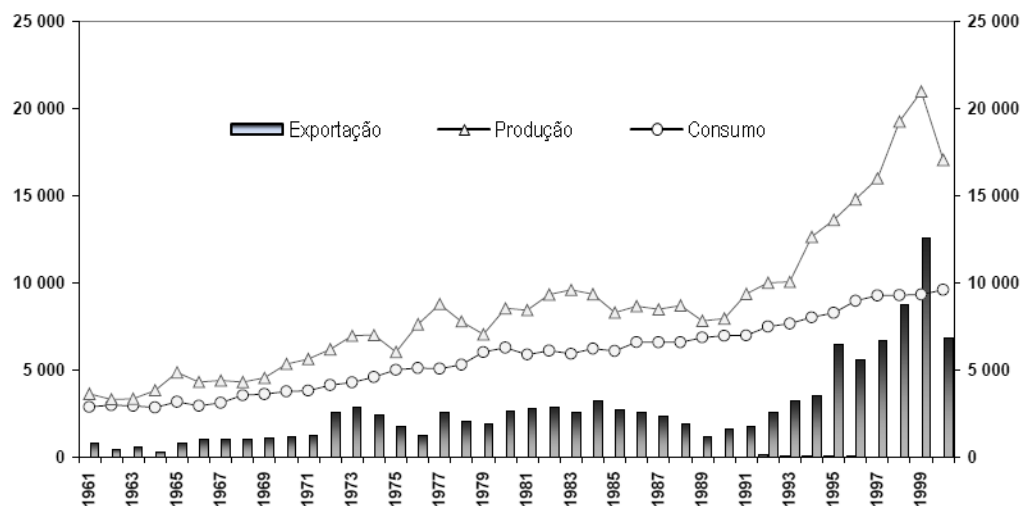


Gráfico V.6: Produção, consumo e exportação de açúcar 1960-2000

Tabela V.1: Exportação de açúcar

ANO CIVIL	QUANTIDADE (mil ton.)			US\$ FOB (milhões de dólares)			PREÇO MÉDIO (US\$/t)		
	Brasil	Centro-Sul	Norte-Nordeste	Brasil	Centro-Sul	Norte-Nordeste	Brasil	Centro-Sul	Norte-Nordeste
2000	6.506,4	5.274,5	1.231,9	1.199,1	934,8	264,3	184,30	177,23	214,58
2001	11.169,8	9.065,1	2.104,7	2.277,5	1.847,5	430,0	203,90	203,80	204,32
2002	15.245,9	13.162,1	2.083,9	2.093,6	1.736,5	357,1	137,32	131,93	171,37
2003	12.914,5	10.689,8	2.224,7	2.140,0	1.742,1	397,9	165,71	162,97	178,85
2004	15.764,1	13.025,1	2.739,0	2.640,2	2.151,3	488,9	167,48	165,17	178,51
2005	18.160,3	15.419,3	2.740,9	3.918,8	3.271,6	647,2	215,79	212,18	236,13
2006	18.870,3	16.311,5	2.558,7	6.167,0	5.382,5	784,4	326,81	329,98	306,56
2007	19.364,5	17.149,9	2.214,6	5.100,4	4.431,9	668,5	263,39	258,42	301,88
2008	19.472,5	16.197,8	3.274,7	5.483,0	4.534,6	948,4	281,58	279,95	289,60

Fonte: ÚNICA, 2008.

O preço do álcool no País também sofreu grandes disparidades. Sendo o sudeste, maior produtor e maior mercado consumidor, que apresenta os menores custos e preços. Assim, há variações de cerca 30% entre São Paulo e as regiões Norte e Nordeste.

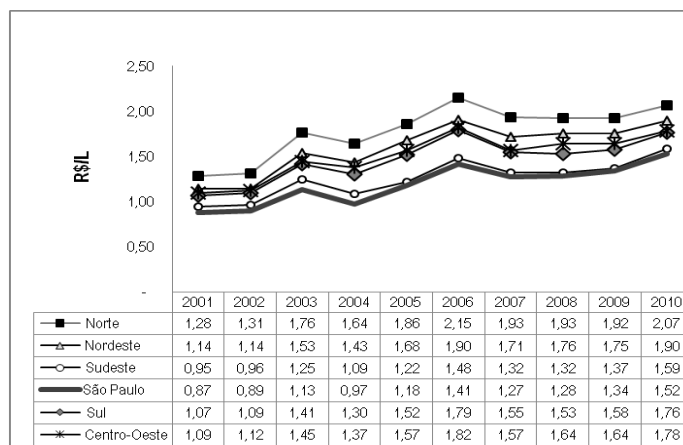


Gráfico V. 7: Preço do álcool por regiões do Brasil e em São Paulo.

Fonte: ANP, Anuário Estatístico, 2011.

O maior estímulo às exportações de etanol (álcool hidratado) foi a crise internacional e o aumento do preço do petróleo, em 30% entre 1960 a 2010, tendo vários picos críticos na década de 70 e 80. Neste aspecto o Protocolo de Quioto, em 2005, colocou em pauta a ampliação do consumo de biocombustíveis, sendo o álcool o principal produto para a substituição de parte da gasolina. Em vários países de centro do sistema capitalista e em desenvolvimento, as pautas de exigências para inclusão do etanol na gasolina variam de 2% a 10%, sendo o Brasil e a Índia os países que apontam para o maior índice de substituição, em até 25%, como se observa no quadro abaixo.

Quadro V.2: Programas de utilização do etanol no mundo, a partir de Quioto

País	Exigências e Estágios
Brasil	Exige 25% de mistura à gasolina atualmente (legislação permite percentual entre 20% e 25%).
Estados Unidos	Percentual de até 10% em alguns estados, como é o caso da Califórnia, Nova York e Minnesota
União Européia	Desde 2005, exige 2% de mistura. Percentual aumentará para 5,75% em 2010.
Canadá	Exige 5% de adição, devendo aumentar para 7,5% desde 2005, e para 10% em alguns estados.
Japão	Já instituiu 3% de mistura voluntária. Mistura será de 10% e será compulsória.
Índia	Exige 5% de mistura na gasolina. Objetivo é ter um modelo parecido com o do Brasil (entre 20% e 25%).
Colômbia	Exige 10% de mistura em grandes cidades desde setembro/05.
Tailândia	Exige mistura de 10% em todos os postos de gasolina de Bangkok.
China	Exige vários percentuais de mistura em várias províncias, chegando a 10%.
Venezuela	Criou programa que exige 5% de mistura de etanol na gasolina.
Argentina	Pretende implementar 5% de mistura..

Fonte: Paulillo *et al.* (2007), adaptado

A mudança no câmbio, a partir de 1999, estimulou também a exportações de biocombustível. O principal destino das exportações do etanol brasileiro são os Estados Unidos, seguido da Holanda, Japão, Jamaica e Nigéria. Contudo, devido à valorização do real frente ao dólar e somado a isto a crise norte-americana, houve forte redução nas exportações. Desde junho de 2010 o câmbio brasileiro sofreu forte valorização.

Ainda em 2005, o governo Lula instituiu a Lei do Biodiesel que determina a inclusão do biodiesel na matriz energética brasileira (Lei nº 11.097, de 13 de janeiro de 2005), estabelecendo posteriormente as formas de estímulo, como foi tratado no capítulo sobre a produção de óleo no Brasil.

Os valores entre biodiesel e diesel ainda não se mostram atrativos para uma substituição de fontes renováveis por não-renováveis. Porém a determinação da instituição do B5, onde o diesel contém 5% de biodiesel, continuará a determinar a produção, mas não necessariamente seja o estímulo para a sua ampliação. Cabe

ainda verificar a produção em escala familiar, que irá determinar entre 15% a 30% da produção no país.

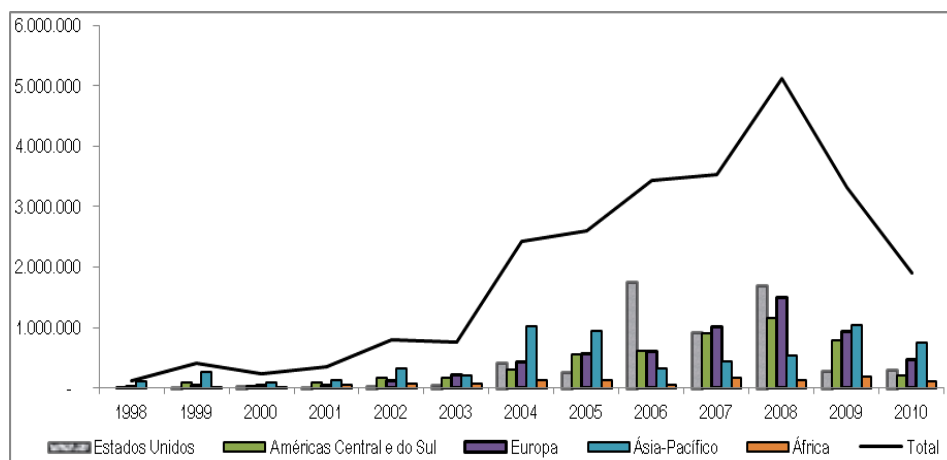


Gráfico V.8: Exportação de etanol, por regiões geográficas e países - 1998-2010

Fonte: ANP, Anuário Estatístico, 2008; 2011; on line, acesso em 09/09/2011.

Por outro lado, o custo de produção em pequenas unidades é muito maior, de maneira que o percentual estabelecido pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário incide sobre o preço total desse novo combustível que pretende-se produzir em larga escala.

Tabela V. 2: preço médio ao consumidor de combustíveis

Combustível	(R\$/litro)									
	2001 ¹	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Gasolina C	1,74	1,73	2,07	2,08	2,31	2,54	2,50	2,50	2,50	2,57
Álcool	1,03	1,04	1,35	1,21	1,38	1,68	1,49	1,48	1,52	1,66
Diesel	0,88	1,04	1,45	1,47	1,73	1,86	1,86	2,02	2,04	2,00
Biodiesel**					1,90	1,79	1,86	2,60	2,26	2,09

Fonte: ANP, Anuário Estatístico, 2011.

* Preço médio do Brasil, desconsiderando as variações regionais que incidem em até 70% preço.

** Preço médio do Biodiesel determinado nos leilões da ANP.

No aspecto ambiental, o principal avanço constituiu-se na legislação paulista no controle das queimadas da lavoura de cana. A Lei Estadual Nº 11.241, de 19 de setembro de 2002, dispõe em vinte anos (até 2021) que sejam erradicadas as áreas de queimada da cana. Afora isso, o próprio processo de mecanização dos canaviais e a possibilidade de utilização da palha para o etanol celulósico, poderá gradativamente incorporar o material hoje queimado a céu aberto em matéria prima para mais produção de álcool.

Quadro V.3: Lei Estadual N° 11.241, de 19 de setembro de 2002

ANO	ÁREA MECANIZÁVEL ONDE NÃO SE PODE EFETUAR A QUEIMA	PERCENTAGEM DE ELIMINAÇÃO DA QUEIMA
1º ano	20% da área cortada	20% da queima eliminada (2002)
5º ano	30% da área cortada	30% da queima eliminada (2006)
10º ano	50% da área cortada	50% da queima eliminada (2011)
15º ano	80% da área cortada	80% da queima eliminada (2016)
20º ano	100% da área cortada	Eliminação total da queima (2021)
ANO	ÁREA NÃO MECANIZÁVEL, COM PERCENTAGEM DE DECLIVIDADE SUPERIOR A 12% E/OU MENOR DE 150ha, ONDE NÃO SE PODE EFETUAR A QUEIMA	ELIMINAÇÃO DA QUEIMA
10º ano	10% da área cortada	10% da queima eliminada (2011)
15º ano	20% da área cortada	20% da queima eliminada (2016)
20º ano	30% da área cortada	30% da queima eliminada (2021)
25º ano	50% da área cortada	50% da queima eliminada (2026)
30º ano	100% da área cortada	100% da queima eliminada (2031)

Fonte: Elaboração própria.

V. 2. 1. Etanol celulósico

O BNDES, em parceria com a FINEP, criou o PAISS (Plano de Apoio à Inovação Tecnológica Industrial dos Setores Sucroenergético e Sucroquímico) linha de crédito de um bilhão de reais para apoiar pesquisa e implantação de inovações no setor. Para concorrer ao Plano, 55 instituições públicas e privadas se inscreveram.

Ainda está em fase de estruturação e construção de usinas de etanol celulósico, agregado a cadeia de produção sucroalcooleira. A capacidade energética utilizada da cana-de-açúcar representa hoje cerca de um terço. Uma ação conjunta entre vários institutos de pesquisa buscam tornar mais eficiente o uso da cana, desde a palha abandonada no campo e o bagaço produzido pela fabricação de açúcar e álcool. A questão atual está no custo da produção de enzimas para o processamento bioquímico que causará a hidrólise da celulose da cana que permitirá o seqüenciamento da produção com o processo de fermentação e elaboração do etanol. Há nessa linha de pesquisa um conjunto de órgãos públicos, institutos de pesquisas, empresas, associações e universidades no Brasil, a saber: Petrobras, Embrapa, Ministério da Ciência e Tecnologia, BNDES, FINEP, IPT, USP, FAPESP, Coppe/UFRJ, UNICA.

Dentre os institutos, o CTC (Centro de Tecnologia Canavieira) associado com Petrobras, Dedini e Novazymes estão buscando em conjunto a organização do processo de produção: CTC e Petrobras responsáveis pelo P&D e criação de unidade modelo; a Novazymes, empresa dinamarquesa, está no projeto para desenvolver enzima de custo mercadológico para cana; a Dedini irá viabilizar bens de produção e adaptação das atuais usinas para acoplarem o novo processo; e, em

outro acordo entre CTC e New Holland (fabricante de máquinas agrícolas), esta fornecerá maquinaria para recolher, compactar e enfardar a palha deixada no campo após a colheita mecanizada. O custo da produção do etanol celulósico em laboratório está próximo de R\$1,30 por litro. A previsão do CTC é de reduzir em 30% o custo, alcançando o custo de R\$ 0,90 por litro.

Em outro acordo, a Petrobras está investindo 2,8 bilhões de reais em energia renovável, sendo 85% em etanol e biodiesel. Em parceria com a empresa norte-americana KL Energy Corporation (KLE), irá aplicar 11 milhões para implantar a primeira usina de etanol celulósico, originário do bagaço de cana-de-açúcar, associada a cadeia de produção de usina da própria Petrobras. A empresa estrangeira tem tecnologia para extração de etanol celulósico de madeira e está desenvolvendo processos associados à cana.

V. 3. EMPRESAS DO SETOR SUCROALCOOLEIRO

V. 3. 1. A COPERSUCAR

A maior organização nacional do setor atuava como cooperativa, mas transformou-se em 2008 em S.A. Produz açúcar cristal, utilizado como adoçante na indústria de alimentos; álcool etílico (como combustível), solvente, desinfetante, etc.

O quadro social da Copersucar é composto por 90 associados, sendo 48 unidades de produção de açúcar e álcool, a maioria delas localizadas no estado de São Paulo, mas com unidades também em Minas Gerais, Goiás e Paraná, conforme apresentado a seguir (Quadro V. 4).

A atual Copersucar transformou-se na maior empresa brasileira no comércio de açúcar e etanol. Totalmente integrada à produção, detém participação de 18% do mercado brasileiro, e é também uma das maiores do mundo no setor.

A Copersucar acompanha a safra no campo até os mercados finais, incluindo as etapas de armazenamento, transporte e comercialização. Tem a exclusividade na comercialização dos volumes de açúcar e etanol produzidos por seus 48 produtores associados e também comercializa de maneira não-exclusiva a produção de açúcar e etanol de cerca de 50 unidades produtoras não sócias.

Quadro V.4: Copersucar: unidades cooperadas –safra – 2008/2009

NOME	RAZÃO SOCIAL	CIDADE
ARALCO	Aralco S.A.	Santo Antonio do Aracanguá, SP
ARALCO ALCOAZUL	Alcoazul S.A.	Araçatuba, SP
ARALCO FIGUEIRA	Figueira S.A.	Buritama, SP
ARALCO GENERALCO	Generalco S.A.	General Salgado, SP
BATATAIS	Usina Batatais S.A.	Batatais, SP
BURITI	Pedra Agroindustrial S.A.	Buritizal, SP
CAÇU	Caçu Com. e Ind. Açúcar e Alcool	Vicentinópolis, GO
CATANDUVA	Virgolino de Oliveira S.A.	Ariranha, SP
CERRADÃO	Usina Cerradão Ltda.	Frutal, MG
CLEALCO – Unidade Clementina	Clealco Açúcar e Alcool S.A.	Clementina, SP
CLEALCO – Unidade Queiroz	Clealco Açúcar e Alcool S.A.	Queiroz, SP
COCAL I	Comércio Ind. Canaã Açúcar e Alc.	Paraguaçu Paulista, SP
COCAL II	Com. Indúst. Canaã Aç. e Alcool Ltda.	Narandiba, SP
DA PEDRA	Pedra Agroindustrial S.A.	Serrana, SP
DECAL RIO VERDE	Usina Rio Verde Ltda.	Rio Verde, GO
FERRARI	Ferrari Agroindústria S.A.	Pirassununga, SP
FURLAN	Usina Açucareira Furlan S.A.	Santa Bárbara D' Oeste, SP
FURLAN - AVARÉ	Usina Açucareira Furlan S.A.	Avaré, SP
IACANGA	Usina Iacanga de Aç. e Alcool Ltda.	Iacanga, SP
IBIRÁ	Irmãos Biagi S.A. - Açúcar e Alcool	Sta. Rosa do Viterbo, SP
IPÊ	Pedra Agroindustrial S.A.	Nova Independência, SP
IPIRANGA	Usina Ipiranga de Açúcar e Alcool	Descalvado, SP
IPIRANGA MOCOCA	Usina Ipiranga de Açúcar e Alcool	Mococa, SP
JACAREZINHO	Cia. Agrícola Usina Jacarezinho	Jacarezinho, PR
JOSÉ BONIFÁCIO	Açucareira Virgolino de Oliveira S.A.	José Bonifácio, SP
LINS	Usina Batatais S.A. - Filial	Lins, SP
MELHORAMENTOS	Destilaria Melhoramentos S.A.	Jussara, PR
MONÇÕES	Açucareira Virgolino de Oliveira S.A.	Monções, SP
Nª SRª APARECIDA	Virgolino de Oliveira S.A.	Itapira, SP
PIONEIROS	Pioneiros Bioenergia S.A.	Sud Mennucci, SP
PITANGUEIRA	Pitangueiras Açúcar e Alcool S.A.	Pitangueiras, SP
SANTA ADÉLIA	Usina Santa Adélia S.A.	Jaboticabal, SP
SANTA ADÉLIA	Usina Santa Adélia S.A.	Pereira Barreto, SP
SANTA LÚCIA	Usina Santa Lúcia S.A.	Araras, SP
SANTA MARIA	J. Pilon S.A. - Açúcar e Alcool	Cerquilha, SP
SANTO ANTÔNIO	Usina Santo Antônio S.A.	Sertãozinho, SP
SÃO FRANCISCO	Usina São Francisco S.A.	Sertãozinho, SP
SÃO JOSÉ DA ESTIVA	Usina São José da Estiva S.A.	Novo Horizonte, SP
SÃO LUIZ S.A	Usina São Luiz S.A.	Ourinhos, SP
SÃO MANOEL	Usina Açucareira São Manoel S.A.	São Manuel, SP
UBERABA	Usina Uberaba S.A.	Uberaba, MG
UMOE BIOENERGY II	Umo Bioenergy	Sandovalina, SP
VIRALCOOL – CASTILHO	Viralcool Açúcar e Alcool	Castilho, SP
VIRALCOOL – PITANGUEIRAS	Viralcool Açúcar e Alcool	Pitangueiras, SP
VIRALCOOL - SERTÃOZINHO	Destilaria Santa Inês	Sertãozinho, SP
ZILOR - BARRA GRANDE	Usina Barra Grande de Lençóis S.A.	Lençóis Paulista, SP
ZILOR - QUATÁ	Açucareira Quatá S.A.	Quatá, SP
ZILOR - SÃO JOSÉ	Açucareira Zillo Lorenzetti S.A.	Macatuba, SP

Fonte: Disponível em http://www.copersucar.com.br/cooperados/por/empresas_participantes.asp
Acessado aos 06/09/2009 e 30/08/2011.

Seus investimentos em logística permitiram alcançar a liderança no mercado nacional e acesso ao mercado global, com atuação no mundo todo, conforme Mapa. V. 2.

Assim, “a Copersucar oferece às unidades produtoras sócias garantia de comercialização integral e de longo prazo de toda a produção, menor risco de performance e inadimplência e, principalmente, capacidade para aumentar os investimentos em parcerias e projetos com vistas ao crescimento da empresa.”²⁴⁵



Mapa V.2: Atuação da Copersucar

Disponível em <http://www.copersucar.com.br/atuacao.html> em Acessado aos 20/08/2011.

V . 3. 2. O GRUPO ARALCO

O Grupo Aralco é um dos associados da Copersucar. Foram realizadas visitas a duas unidades do grupo em agosto de 2011: Usina Generalco (em General Salgado) e Usina Figueira (em Buritama).

A história desse Grupo inicia-se em 1978, na cidade de Araçatuba, em uma área do município que foi desmembrada e originou a cidade de Santo Antônio do Aracanguá, sua atual matriz. É uma empresa familiar, de capital nacional.^{246 247}

²⁴⁵ Disponível em <http://www.copersucar.com.br/perfil.html>

²⁴⁶ Disponível em <http://www.unica.com.br/noticias/show.asp?nwsCode=%7B62D3A2C5-C388-49BD-9024-94F84735C919%7D> Acessado aos 30/11/2010.

²⁴⁷ Disponível em <http://www.aralco.com.br/historia.php> Acessado aos 05/08/2010 e informações colhidas na empresa, em visita realizada no dia 16/08/2011.

Em 1999, O Grupo Aralco, tinha 12 acionistas e 380 funcionários; a empresa produzia, à época, 80 milhões de litros de álcool por ano e 65 mil toneladas de açúcar.²⁴⁸

As unidades do Grupo utilizam a mão-de-obra de aproximadamente 5.000 colaboradores durante a safra de cana, cuja parcela mecanizada é de 70%. Parte dessa mão-de-obra é contratada em Minas Gerais e em estados nordestinos (Piauí e Maranhão): de 1300 cortadores necessários para o corte de cana, cerca de 400 vem de fora: são três unidades e uma coligada, produzindo etanol na região noroeste de São Paulo, principalmente nos municípios de Santo Antônio do Aracanguá, Araçatuba, Auriflama, Birigui, Brejo Alegre, Buritama, Coroados, Estrela D'Oeste, Floreal, Gastão Vidigal, General Salgado e Glicério, entre outros.²⁴⁹

O Grupo é pioneiro na produção regional de álcool e tem capacidade instalada de 120.000 litros/dia. No início de suas atividades, processou 320.000 toneladas de cana em 1981.

A partir de 1983, o Grupo Aralco investiu na área agrícola e passou a cultivar cana. Modernizou a estrutura, ampliou a frota, investiu em equipamentos, comprou terras e fez parcerias com outros proprietários rurais.

Desde 1995 o Aralco produz açúcar cristal, cuja produção inicial era de 2.500 sacas/dia. Com as ampliações realizadas desde então, alcançou a marca de 11.000 sacas/dia. Atualmente sua capacidade de moagem apenas na Unidade Aralco é de 10.800 toneladas de cana/dia.

Em 2006 a administração da Usina Alcoazul passou a ser feita conjuntamente pelo Grupo Aralco, quando a capacidade de moagem era de 6.000 toneladas de cana/dia. Atualmente a unidade tem capacidade de moagem de 10.500 toneladas de cana/dia.

Em 2007 iniciou a construção da Usina Figueira, em Buritama, inaugurada no ano seguinte.

V. 3. 2. 1. Unidades do Grupo Aralco

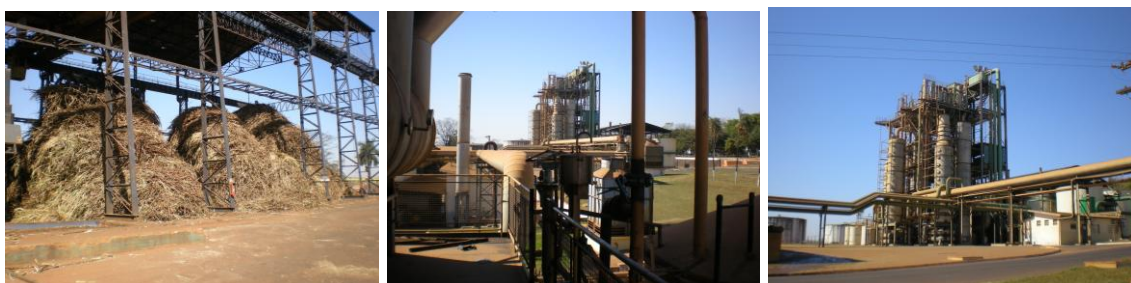
- Usina Aralco: a primeira unidade, localizada em Santo Antônio do Aracanguá-SP, fundada em 1978 e produção iniciada em 1981. Capacidade de moagem:

²⁴⁸ Disponível em <http://www.folhadaregiao.com.br/jornal/1999/11/16/economia.php> Acessado aos 28/08/2011, e informações colhidas na empresa, em visita realizada no dia 16/08/2011.

²⁴⁹ Disponível em <http://www.aralco.com.br/unidades.php#aralco> Acessado aos 06/08/2010.

2,6 milhões de toneladas de cana/ano, capacidade de produção diária de 500.000 litros de etanol e 550 toneladas de açúcar.

- Destilaria Generalco: A Destilaria Generalco, uma empresa fundada pelo agropecuarista Orlindo Tedeschi, em General Salgado, em 1983, com quarenta acionistas, foi adquirida em 1999 pelo Grupo Aralco, quando sua capacidade de moagem era de 4.000 toneladas de cana/dia; atualmente sua capacidade é de 7.600 toneladas/dia. A unidade produz apenas álcool, entretanto, quando de sua aquisição, a intenção era que passasse a produzir açúcar também.²⁵⁰ Com capacidade de moagem de 1,9 milhões de toneladas de cana/ano. Produz diariamente 680.000 litros de etanol.



Fotos V.1, V.2 e V.3: Cana para moagem e aspectos do interior da Usina Generalco.
Autoria própria.

- Usina Figueira: localizada em Buritama-SP, sua construção foi iniciada em 2007 e a primeira safra ocorreu em 2008. A Figueira produz apenas açúcar (VHP), para exportação, colocado no mercado pela Copersucar. A capacidade de produção diária é de 550 toneladas. Em 2008 foram moídas 800.000 toneladas de cana, e sua capacidade de moagem atual é de 1,2 milhões toneladas de cana/ano.



Fotos V.4, V.5 e V.6: Usina Figueira: aspectos externos e internos da unidade
Autoria própria.

²⁵⁰ Disponível em <http://www.folhadaregiao.com.br/jornal/1999/11/16/economia.php> Acessado aos 28/08/2011, e informações colhidas na empresa, em visita realizada no dia 16/08/2011.

A Figueira vende o bagaço da cana para a produção de energia elétrica para a Cargill, Citrosuco e Equipav (Renuka). Conforme o supervisor que nos atendeu, a Figueira pode ser considerada uma unidade “perfeita”, seja em relação ao produto, ao número de funcionários (dispunham de 150 “colaboradores” na planta) e terras disponíveis, sem necessidade de ampliação. Sua operação é toda automatizada, com duas pessoas no controle em três turnos. Em sua região de atuação, também foram instaladas outras unidades recentemente: Renuka e Virgolino de Oliveira.

- Usina Alcoazul: a unidade é uma coligada que está localizada em Araçatuba (SP) e passou a ser administrada conjuntamente pela ARALCO em 2007. Capacidade de moagem atual de 2,5 milhões de toneladas de cana/ano, produção diária de 800.000 litros de etanol e 250 toneladas de açúcar.

Em 2010 o Grupo Aralco associou-se à Copersucar e a sua produção passou a ser comercializada por meio desta empresa a partir de 2011.

O Grupo tem capacidade de produção anual de 8.200.000 toneladas de cana-de-açúcar, transformando-a em etanol anidro, etanol hidratado e açúcar VHP. Com cerca de 70% da colheita mecanizada.²⁵¹

V. 3. 4. A USINA SÃO LUÍS

Localizada no município de Ourinhos (SP), foi fundada em 1951 por Orlando Quagliato e família. Atualmente, é administrada pelos quatro filhos da segunda geração do fundador. Também participam da empresa seus filhos e genros, constituindo a Diretoria Executiva. A empresa define-se enquanto *“uma das organizações mais tradicionais da região, gerando em torno de 3.200 empregos diretos”*.

Em seu período inicial, no biênio 1951-52, a São Luís produziu 13.375 sacas de 60 kg de açúcar, enquanto em 2008-09 produziu 3.028.875 sacos de 50 kg de açúcar, 94.150.000 litros de álcool e 1.941,3 toneladas de levedura.²⁵²

²⁵¹ Disponível em <http://www.aralco.com.br/produtos.php> A ARALCO produz açúcar cristal, etanol anidro e etanol hidratado, para os mercados interno e externo. Atualmente toda produção é comercializada por intermédio da Copersucar, à qual é associada desde 2010. Fabrica açúcar VHP e açúcar cristal para empacotamento, comercializado sob a marca DOCYTO. Produz aproximadamente 40% de açúcar e 60% de etanol. Produz aproximadamente 40% de açúcar e 60% de etanol.

²⁵² Informação disponível em <http://www.usinasaoluiz.com.br/> Acesso aos 07/09/2009 e em visita realizada em 21/08/2009.

A Usina São Luiz participa do Centro de Tecnologia Canavieira (CTC), “uma associação civil de direito privado, criada em agosto de 2004, com o objetivo de realizar pesquisa e desenvolvimento em novas tecnologias para aplicação nas atividades agrícolas, logísticas e industriais dos setores canavieiros e, também, da UNICA - União da Agroindústria Canavieira de São Paulo, UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos e UDOP - Usinas e Destilarias do Oeste Paulista”²⁵³.

A comercialização de sua produção (açúcar e álcool) é feita exclusivamente, desde 1959, pela Copersucar.²⁵⁴

A produção de levedura é comercializada diretamente na empresa.

Processos de produção:²⁵⁵

- Açúcar cristal: “fabricado na forma cristalizada, sem refino, a partir da cana-de-açúcar, após a clarificação do caldo da cana por tratamento físico-químico, seguindo os padrões da Copersucar. Usado principalmente como adoçante na indústria alimentícia em geral”, utilizado em: “bebidas, balas, biscoitos, chocolates, e também como matéria-prima para produção de açúcar refinado”.
- Etanol: “produzido a partir de um processo de fermentação do caldo da cana-de-açúcar. A Usina São Luiz, produz etanol hidratado carburante de acordo com as especificações ANP - Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis, para a utilização direta nos veículos a álcool/*flexfuel*. Os processos de fermentação e de tratamento do fermento são realizados de forma contínua, e geram um excedente de células para a produção de leveduras secas”.
- Bagaço: “Dentre os resíduos do processo de industrialização da cana, temos o bagaço como fonte de produção de energia elétrica limpa, capaz de abastecer toda a unidade industrial e todas as fazendas de cana ao redor. Além disso, possui excedente que será utilizado na produção de energia elétrica para exportação a uma concessionária”²⁵⁶.

²⁵³ Informação disponível em <http://www.usinasaoluiz.com.br/> Acesso aos 07/09/2009

²⁵⁴ Informação colhida em visita à empresa, no dia 21/08/2009 e também disponível em <http://www.usinasaoluiz.com.br/> Acesso aos 07/09/2009.

²⁵⁵ Informações colhidas em visita à empresa, em 21/08/2009 e disponível em <http://www.usinasaoluiz.com.br/> Acesso aos 07/09/2009.

²⁵⁶ Prevê-se o início do processo de coogeração para a safra de 2009, e seu aumento gradativo até o aproveitamento total do combustível. Disponível em <http://www.usinasaoluiz.com.br/> Acesso aos 07/09/2009.

- Bagaço hidrolisado: produzido “através do processo de hidrólise térmica, com a finalidade de servir de *volumoso* em rações para animais, principalmente os ruminantes”.
- Levedura seca (inativa e autolisada): “obtida da fermentação do caldo da cana-de-açúcar, produzida pelo processo *spray-dryer*. Possui elevado conteúdo protéico e atende o mercado produtor de rações para animais”.
- Óleo fúsel: “subproduto do processo de destilação, (...) constituído principalmente de álcool isoamílico, é fornecido para a indústria química que o utiliza para a produção de solventes, vernizes, fixador em perfumaria, dentre outros”.

V. 3. 5. A COSAN (GRUPO OMETTO)

Era o maior grupo privado do setor, mas a partir da transformação da Copersucar em S.A., a Cosan passou para a segunda colocação. Produz açúcar cristal, açúcar refinado marca *Da Barra* e *União*; açúcar demerara e orgânico, etc., além de achocolatados, misturas para bolos, refresco, gelatina e pudim; e também álcool (para exportação).

O quadro V. 5 exibe a localização e a produção das unidades do grupo.

De acordo com a empresa, “As operações com açúcar e etanol são realizadas por meio de 23 usinas, quatro refinarias e dois terminais portuários, sendo um para o açúcar e outro para o etanol (...)”²⁵⁷.

O Grupo Cosan anunciou a incorporação de sete empresas que, somadas, possuíam valor de R\$ 182 milhões, entre elas: Jump, Mundial, Alcomira, ABC 125, ABC 126, Aguapar e Bom Retiro. A Jump é a que possui maior valor, R\$ 57,8 milhões.²⁵⁸

Em junho 2009, a Cosan finalizou a incorporação da Usina Nova América. Com essa importante aquisição, incorporou o açúcar “União”, líder do mercado, e ainda as marcas “Dolce”, “Neve” e “Duçula”.

Além dessa aquisição, a empresa também realizou outros negócios: em 2008 adquiriu a Esso Brasileira de Petróleo S.A., e passou a atuar na distribuição de

²⁵⁷ Informação disponível em <http://www.cosan.com.br/> Acesso aos 16/08/2009.

²⁵⁸ Disponível em <http://www.portaldoagronegocio.com.br/conteudo.php?id=15698> Acessado aos 20/10/2008.

combustível com as marcas “Esso” e “Mobil”; foi responsável, ainda, por outras associações, como a criação da Raízen, em associação com a Shell, em 2010.

Quadro V.5: Unidades do Grupo Cosan

UNIDADES	FUNDAÇÃO E LOCALIZAÇÃO	MOAGEM	AÇÚCAR	ETANOL	POTÊNCIA
Costa Pinto	1936 – Piracicaba (SP)	24.000 ton./dia	41.500 scs/dia	1.250m³/dia	9,4 MW
Santa Helena	1951 – Rio das Pedras	11.000 ton./dia	24.000 scs/dia	350 m³/dia	4,4 MW
São Francisco	1948 – Elias Fausto	8.400 ton./dia	22.000 scs/dia	---	4,2 MW
Ipaussu	1982 – Ipaussu (SP)	11.000 ton./dia	25.000 scs/dia	360 m³/dia	6,0 MW
Diamante	1945 – Jaú (SP)	11.000 ton./dia	24.000 scs/dia	430 m³/dia	---
Serra	1953 – Ibaté (SP)	10.000 ton./dia	24.000 scs/dia	340 m³/dia	15,0 MW
Rafard	1883 – Rafard (SP)	13.500 ton./dia	27.000 scs/dia	550 m³/dia	12,2 MW
Univalem	1976 – Valparaíso (SP)	12.000 ton./dia	19.000 scs/dia	650 m³/dia	8,0 MW
Gasa	1996 – Andradina (SP)	6.800 ton./dia	8.000 scs/dia	420 m³/dia	4,0 MW
Junqueira	1910 – Igarapava (SP)	16.000 ton./dia	24.000 scs/dia	900 m³/dia	18,0 MW
Barra	1945 – Barra Bonita	37.000 ton./dia	60.000 scs/dia	1.800 m³/dia	19,0 MW
Dois Córregos	1947 – Dois Córregos	7.500 ton./dia	18.500 scs/dia	220 m³/dia	4,5 MW
Destivale	1980 – Araçatuba (SP)	7.500 ton./dia	7.600 scs/dia	520 m³/dia	3,2 MW
Mundial	1979 – Mirandópolis	7.500 ton./dia	10.500 scs/dia	330 m³/dia	2,8 MW
Bonfim	1948 – Guariba (SP)	24.000 ton./dia	45.000 scs/dia	1.100 m³/dia	18,0 MW
Tamoio	1907 – Araraquara	7.300 ton./dia	18.000 scs/dia	---	3,6 MW
Bom Retiro	1913 – Capivari	7.200 ton./dia	12.000 scs/dia	350 m³/dia	5,6 MW
Tarumã	1944 – Tarumã	22.000 ton./dia	35.000 scs/dia	850 m³/dia	22,5 MW
Maracaí	1957 – Maracaí	16.500 ton./dia	32.000 scs/dia	600 m³/dia	46 MW
Paraguaçu Paulista	1982 – Paraguaçu Paulista	6.000 ton./dia	8.000 scs/dia	300 m³/dia	6,4 MW
Benálcool	1980 – Bento de Abreu	6.300 ton./dia	10.500 scs/dia	235 m³/dia	4,2 MW
Jataí	(Previsão de término: outubro 2009) Jataí (GO)	4.000.000 de toneladas	N/D	370.000 m³	105 MW (excedente: 77 MW)
Caarapó	2006 Caarapó (MS)	9.200 ton./dia	20.000 scs/dia	450 m³/dia	51 MW

Fonte: Informações disponíveis em <http://www.cosan.com.br/> Acessado 06/09/2009. Elaboração do autor.

V. 3. 6. O GRUPO ODEBRECHT

O Grupo Odebrecht atua no setor através da ETH Bioenergia, braço da empresa criado com o objetivo de investir cerca de US\$ 1,05 bilhão na construção de três usinas de açúcar e álcool, empresa criada em 2007.

Possui duas unidades no estado de São Paulo (Alcídia, em Teodoro Sampaio, adquirida em 2007²⁵⁹; e Conquista do Pontal, em Mirante do Paranapanema,

²⁵⁹ Esta unidade moeu 1,3 milhão de toneladas e produziu 85 milhões de litros de etanol e 57 mil toneladas de açúcar na safra 2008/09 (Disponível em www.eth.com/index.cfm/16/pt/sao_paulo. Acessado aos 06/09/2009).

construída em 2009²⁶⁰); duas no Mato Grosso do Sul (Deodapolis e Nova Alvorada do Sul).

Duas outras unidades serão localizadas no município de Caçú (ao que consta, uma já estaria em operação) e outra unidade prevista para Itarumã, Goiás. Cada unidade processará 5 milhões de toneladas de cana.

As unidades produzirão açúcar e álcool e vão cogerar energia a partir do bagaço de cana. Com o objetivo de integrar comercialização e logística à produção, a ETH pretende estar entre os líderes do setor, e para isso, investe R\$ 5 bilhões na criação de três pólos produtivos, localizados nos estados de São Paulo, Goiás e Mato Grosso do Sul. Ao todo, são mais 520 mil hectares de área destinada ao cultivo de cana-de-açúcar²⁶¹

V. 3. 7. A INFINITY BIO-ENERGY

A Infinity Bio-Energy foi criada em 2005 em uma associação entre uma empresa americana de investimentos chamada Kidd & Company e a consultoria brasileira Worldinvest.²⁶² A empresa iniciou suas operações com a aquisição das usinas Ibirálcool, localizada em Ibirá (sul da Bahia), Cepar (São Sebastião do Paraíso/MG), e Agromar (Rio Grande do Norte). A Ibirálcool encontra-se a 80 quilômetros da Alcana, unidade localizada em Nanuque (norte de Minas), a primeira usina adquirida no país.²⁶³

A Infinity Bio-Energy contabilizava, em 2008, *8 aquisições realizadas*, com “14,5 milhões de capacidade de moagem” em “6 usinas: Usinavi, Alcana e Cridasa, adquiridas em 2006, Disa em 2008 e Paraiso e Ibiralcool (Brownfields adquiridos em 2007 e prontos para operação em 2008)”, além de “2 projetos (operacionais em 2009/10): Montasa e Laranjaí (instalação dos ativos Agromar)”.²⁶⁴ Entretanto, em 2009 a empresa entrou em recuperação judicial, pois investiu cerca de US\$ 500

²⁶⁰ Possui capacidade de moagem de 3 milhões de toneladas de cana-de-açúcar. (Disponível em www.eth.com/index.cfm/16/pt/sao_paulo. Acessado aos 06/09/2009).

²⁶¹ A empresa “já controla duas usinas na região do Pontal do Paranapanema”, no estado de São Paulo, com investimentos da ordem de US\$ 300 milhões: a usina Alcídia (Teodoro Sampaio, SP), adquirida em maio de 2007, e uma outra em construção também na área do Pontal. Valor Econômico. “Odebrecht investirá US\$ 1,05 bilhão em três usinas em Goiás”. Agronegócios, 26/09/2007, pg. B14.

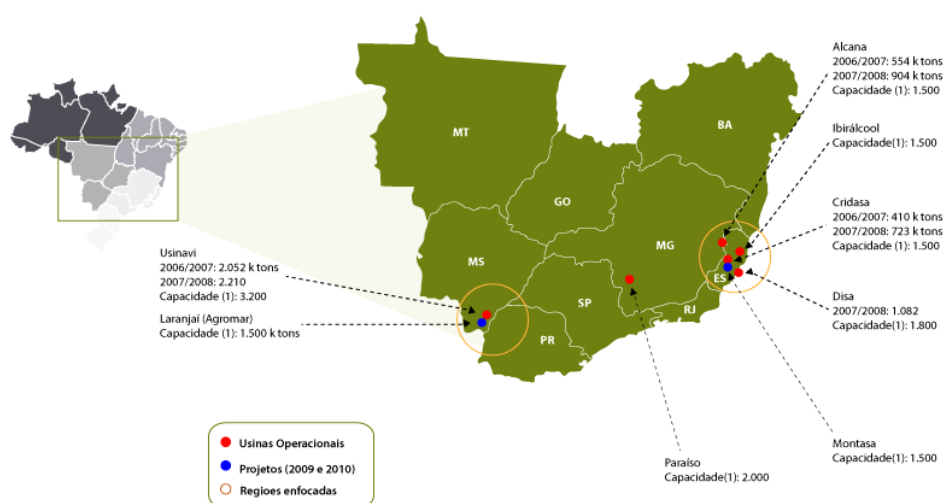
²⁶² “Infinity Bio-Energy pede recuperação judicial”. Valor Econômico, 20/05/2009.

²⁶³ Valor Econômico. “Infinity compra outras três unidades de álcool”. Agronegócios, 25/09/2007, pg. B13

²⁶⁴ Disponível em <http://www.infinitybio.com.br/>. Acesso aos 13/11/2009.

milhões mas acumulou dívidas de cerca de R\$ 1 bilhão e com a crise econômica estava em dificuldade para se recuperar.²⁶⁵

Em 2010, o Grupo Bertin assumiu as usinas da empresa. Apesar de fundir-se com o Grupo JBS, o Bertin manteve algumas operações separadas, como por exemplo, o setor de biodiesel, construção e infraestrutura. Com a Infinity, o setor de álcool ganha mais força no grupo, que já é sócio da Usina São Fernando, em Mato Grosso do Sul.²⁶⁶



Mapa V.3: Localização das unidades do Grupo Infinity Bio-Energy

Disponível em: http://www.infinitybio.com.br/infinity/web/index_pti.htm Acesso aos 13/11/2008.

V. 3. 8. A ABENGOA BIOENERGIA

A Abengoa, empresa de capital espanhol, considerada a maior produtora europeia de biodiesel, tornou-se a “única empresa do mundo a atuar nos três grandes mercados de bioetanol: Estados Unidos, Brasil e Europa” ao adquirir duas usinas de açúcar e álcool da Dedini Agro em setembro de 2007.²⁶⁷

O montante do negócio atingiu US\$ 297 milhões (a empresa também assumiu dívida de US\$ 387 milhões das usinas), e marca a entrada da Abengoa no mercado brasileiro de etanol.²⁶⁸

²⁶⁵ “Infinity Bio-Energy pede recuperação judicial”. Valor Econômico, 20/05/2009.

²⁶⁶ “Bertin vai assumir o controle da Infinity Bio-Energy”. Disponível em <http://www.biodieselbr.com/noticias/energia/bertin-assumir-controle-infinity-bioenergy-100310.htm> Acessado aos 04/04/2010.

²⁶⁷ “Abengoa entra no mercado brasileiro de etanol com compra da Dedini Agro”. Exame, 06/08/2007.

²⁶⁸ Valor Econômico. “Abengoa confirma”. Agronegócios, 27/09/2007, pg. B13.

“A Dedini Agro era uma das maiores empresas de produção de bioetanol e de plantação e processamento de açúcar do mercado brasileiro”, e a cada ano produzia “mais de seis milhões de toneladas de cana-de-açúcar”.²⁶⁹ Além de constituir-se em grande produtor de açúcar e álcool, a Dedini Agro era controlada pela família Ometto (proprietária da Cosan), possuía capacidade para moer 6,2 milhões de toneladas de cana por safra em duas plantas: Dedini Açúcar e Álcool (1,5 milhão de toneladas) e Dedini Indústria e Comércio (2,6 milhões de toneladas), e cogeram energia a partir do bagaço da cana, mercado de atuação da Abengoa.^{270 271}

V. 3. 9. O GRUPO LDC-BIOENERGIA

O grupo LDCCommodities, de capital majoritário francês, criou a divisão LDC-Bioenergia, e atua no Brasil ao menos desde a década de 40, através da Coinbra/Dreyfuss.

No ano 2000, o grupo Louis Dreyfuss adquiriu a Usina Cresciumal, em Leme (SP). Em 2001, adquiriu a Usina Luciânia, em Lagoa da Prata (MG), expandindo sua participação na região Centro-Sul do país. Em 2003, iniciou a cogeração na Usina Cresciumal. Em 2004, adquiriu a Usina São Carlos, de Jaboticabal (SP), e em 2006 iniciou a expansão na Usina Luciânia e a construção da unidade Rio Brilhante (projeto) no estado de Mato Grosso do Sul.

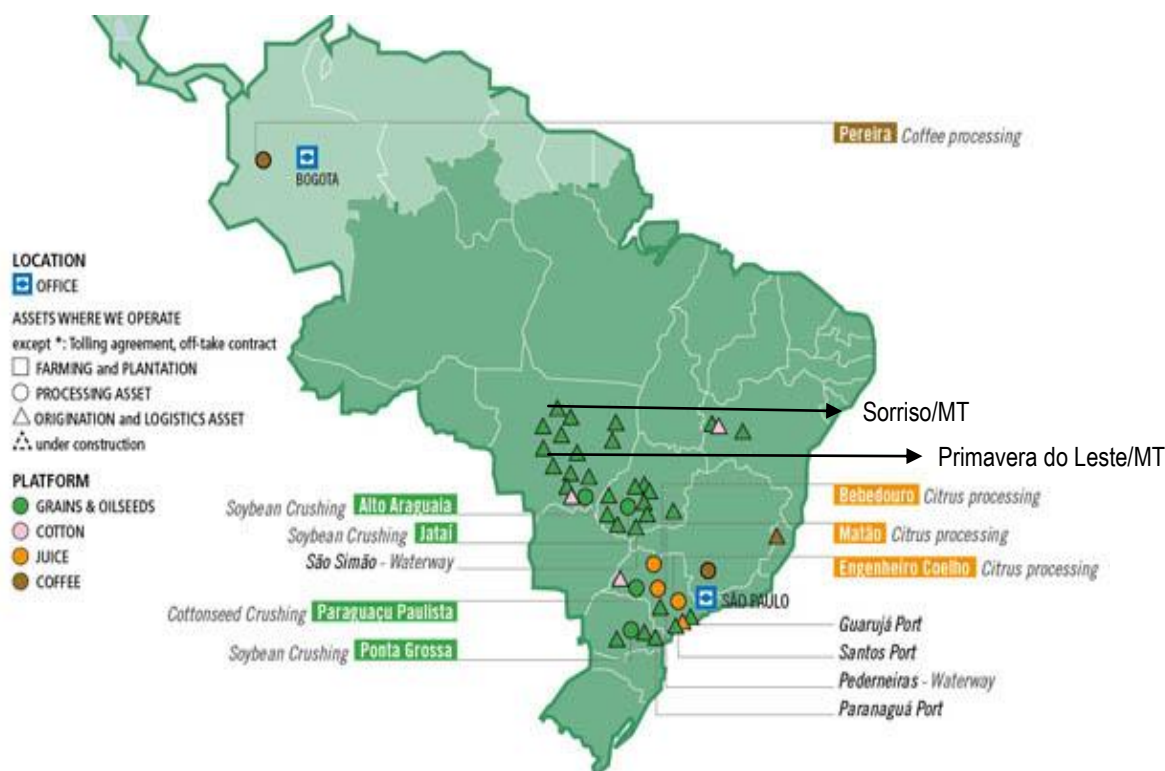
Entretanto, em 2007, o LDC tornou-se o maior grupo estrangeiro no setor sucroalcooleiro, no Brasil, ao adquirir quatro usinas do Grupo Tavares de Melo Açúcar e Álcool, uma destilaria e o projeto de uma quinta usina a ser construída em Mato Grosso do Sul. Com essa aquisição, o Grupo expandiu suas operações para os estados do Rio Grande do Norte, Mato Grosso do Sul e Paraíba. A capacidade de processamento alcançou 11 milhões de toneladas de cana e o grupo tornou-se proprietário de oito unidades produtoras: Passa Tempo, Maracaju, Rio Brilhante e Esmeralda (em construção), localizadas no Mato Grosso do Sul; usina Estivas (RN),

²⁶⁹ “Abengoa Bioenergía fecha a compra do grupo Dedini Agro”. Disponível em <http://noticias.uol.com.br/ultnot/2007/09/26/ult1767u103684.jhtm>

²⁷⁰ “Abengoa entra no mercado brasileiro de etanol com compra da Dedini Agro”. Exame, 06/08/2007.

²⁷¹ Disponível em <http://ethanolbrasil.blogspot.com/2007/08/grupo-espanhol-abengoa-compra-dedini.html> Acessado aos 14/11/2009.

e destilaria de álcool Giasa (PB). O valor da operação não foi divulgado, mas estima-se que tenha chegado R\$ 1 bilhão.²⁷²



Mapa V.4: unidades do Grupo LDCommodities no Brasil.

Fonte: Disponível em <http://www.ldcommodities.com/-Our-world-presence-.html> Acesso aos 15/09/2010.

Mas os negócios continuaram: ao adquirir 40% da Santelisa-Vale em 2009, a empresa tornou-se proprietária de 13 usinas e expandiu sua capacidade de processamento para 40 milhões de toneladas de cana-de-açúcar.²⁷³

A LDC SEV resultou dessa união, da qual 60% são do grupo francês.²⁷⁴

A empresa possui sete esmagadoras de sementes no Brasil, “duas usinas de açúcar, duas fábricas de suco de laranja, postos de compras e filiais, 40 armazéns, 12 mil hectares de pomares cítricos, 30 mil hectares de cana-de-açúcar”, além de “unidades em quatro portos brasileiros e um escritório [em] São Paulo, o que [a torna] uma das maiores empresas de exportação do país”^{275 276}.

²⁷² Dinheiro Rural. “Tem francês na cana”. Março de 2007, pgs 60-62.

²⁷³ Disponível em <http://www.ldcsev.com/> Acessado aos 05/08/2009.

²⁷⁴ “Estrangeiros avançam no álcool brasileiro”. Folha de S. Paulo, 28/10/2009.

²⁷⁵ Informação disponível em http://www.coinbra.com.br/web_english/quem_somos.asp Acessado aos 16/06/2009.

²⁷⁶ “Dirigidos, sobretudo ao fortalecimento dos negócios sucroalcooleiros, a cargo da subsidiária LDC Bioenergia, e ao segmento citrícola, os investimentos da LD no país somaram US\$ 149 milhões no biênio 2004-2005 e US\$ 975 milhões entre 2006 e 2007. E, de acordo com Kenneth C. Geld,

V. 3. 9. 1. A Santa Elisa/Vale do Rosário

Formada pela união da Santa Elisa com a Vale do Rosário, e relacionada a outros negócios no setor, a Santa Elisa também associou-se ao Global Foods para a construção de quatro usinas em Goiás e Minas Gerais.

Com cinco unidades localizadas no estado de São Paulo: *Santa Elisa*, em Sertãozinho, *Vale do Rosário* e “MB”, em Morro Agudo, “Jardest”, em Jardinópolis e Continental no município de Colômbia (SP), na divisa com Minas Gerais, conta com escritórios em São Paulo e Ribeirão Preto.

A empresa rechaçou tentativa de aquisição da Bunge e investidas hostis da Cosan (Grupo Ometto), mas terminou por fundir-se com LDC-Bionergia em 2009, ampliando a participação estrangeira no setor²⁷⁷ resultando na LDC SEV, naquele ano a segunda maior empresa no setor de energia renovável.²⁷⁸

V. 3. 10. PRESENÇA DO GRUPO BUNGE NO SETOR

O Grupo Bunge entrou no setor em setembro de 2007, com a aquisição da usina Santa Juliana, localizada em Minas Gerais, e também com a aquisição de um projeto *greenfield* denominado “Nova Ponte” (nome do município onde se localiza), ambos pertencentes à região do Triângulo Mineiro. “Com a aquisição, a Bunge marca sua estréia na produção de álcool no país. Em fevereiro [de 2006] o grupo montou uma *trading* de açúcar”.²⁷⁹ O valor do negócio não foi divulgado, mas estima-se que a aquisição não saiu por menos de R\$ 150 milhões.

Possui projetos de construção de três usinas no estado do Tocantins, e adquiriu usinas em Minas Gerais e no Mato Grosso do Sul.

No início de 2007 o Grupo Bunge tentou adquirir a Santa Elisa-Vale do Rosário, mas o negócio não prosperou. No final de 2009, a Bunge anunciou a aquisição do consórcio sucroalcooleiro brasileiro formado pela Usina Moema Participações S.A (Moema Par) sediado em Orindiúva, São Paulo, por US\$ 1,5 bilhão. A Moemapar possui dois terços de participação total no grupo de usinas e

presidente da Louis Dreyfus Commodities Brasil, eles vão superar US\$ 1,1 bilhão entre 2008 e 2010”. “Brasil, o motor da LD Commodities”. Valor Econômico, 30 de abril de 2009.

²⁷⁷ Dinheiro Rural. “Tem francês na cana”. Março de 2007, pgs 60-62.

²⁷⁸ Estrangeiros avançam no álcool brasileiro. Folha de S. Paulo, 28/10/2009.

²⁷⁹ Valor Econômico. “Bunge compra usina de álcool em Minas Gerais”. Brasil, 18/09/2007, pg. A6, e Valor Econômico. “Aquisição da Bunge em MG envolve projeto ‘greenfield’”. Agronegócios, 19/09/2007, pg. B14.

controla 100% da unidade Moema; 56% da usina Frutal; 50% da Ouroeste, 40% da Guariroba, em Pontes Gestal (SP), e 43,75% da Itapagipe, em Minas Gerais.²⁸⁰

V. 3. 11. A RENUKA

A Shree Renuka Sugars, considerada a maior refinaria de açúcar da Índia, entrou no Brasil em 2009, com a aquisição da usina brasileira de açúcar e etanol Vale do Ivaí, por US\$ 82 milhões. Foram adquiridas duas usinas de produção de açúcar e etanol com capacidade de moagem de cana de 3,1 milhões de toneladas por ano, com um valor de US\$ 240 milhões. Localizada no norte do estado do Paraná, a Vale do Ivaí obtém 70% de sua cana-de-açúcar de plantações próprias.²⁸¹

Em 2010, a Renuka do Brasil adquiriu participação acionária majoritária na Equipav S. A. Açúcar e Álcool (Promissão/SP), e na Biopav S.A. Açúcar e Álcool (Brejo Alegre/SP), em negócio avaliado em R\$ 600 milhões; rebatizou a Biopav como Revati e manteve o nome fantasia Equipav para a unidade de Promissão. A Equipav atuava desde 1981, ano de sua fundação, produzia açúcar desde 1993 e cograva cerca de 80 MW de energia.

A Renuka é uma das maiores produtoras de açúcar da Índia, com produção estimada em 1 milhão de toneladas por ano.

A Equipav era uma das usinas mais cobiçadas pelas maiores multinacionais, pois suas unidades decorrem da nova safra de projetos sucroalcooleiros. As usinas da Equipav possuem instalações integradas de cogeração de energia (203 MW) e capacidade de moagem de 10,5 milhões de toneladas de cana por ano. As unidades deverão receber novos investimentos da Shree Renuka para aumentar a moagem para 12 milhões de toneladas e geração de energia para 295 MW, através de um aporte planejado de R\$ 218 milhões nessa fase de expansão.²⁸²

²⁸⁰ “Bunge adquire 5 usinas do Grupo Moema por US\$ 1,5 bi”. Exame, 24/12/2009.

²⁸¹ Disponível em <http://economia.terra.com.br/noticias/noticia.aspx?idNoticia> Acessado aos 30/08/2011.

²⁸² Disponível em <http://oglobo.globo.com/economia/mat/2010/02/22/shree-renuka-compra-usinas-da-equipav-915905742.asp> Acessado aos 30/08/2011.

V. 3. 12. O GRUPO TEREOS

A Usina Guarani surgiu na década de 60, no município de Severínia, no estado de São Paulo, para processar a cana em álcool, aguardente e outros produtos.

A unidade passou a produzir açúcar cristal, quando foi adquirida pelo Grupo Gafisa, em 1976. Como resultado dessa aquisição, construiu-se uma unidade na Fazenda Cruz Alta (Olimpia/SP), em 1987, e adotou-se um nome para diferenciá-la da outra unidade (Usina Guarani-Severínia). Afirma-se que a planta foi a primeira a substituir a moenda pelo difusor de cana-de-açúcar.²⁸³

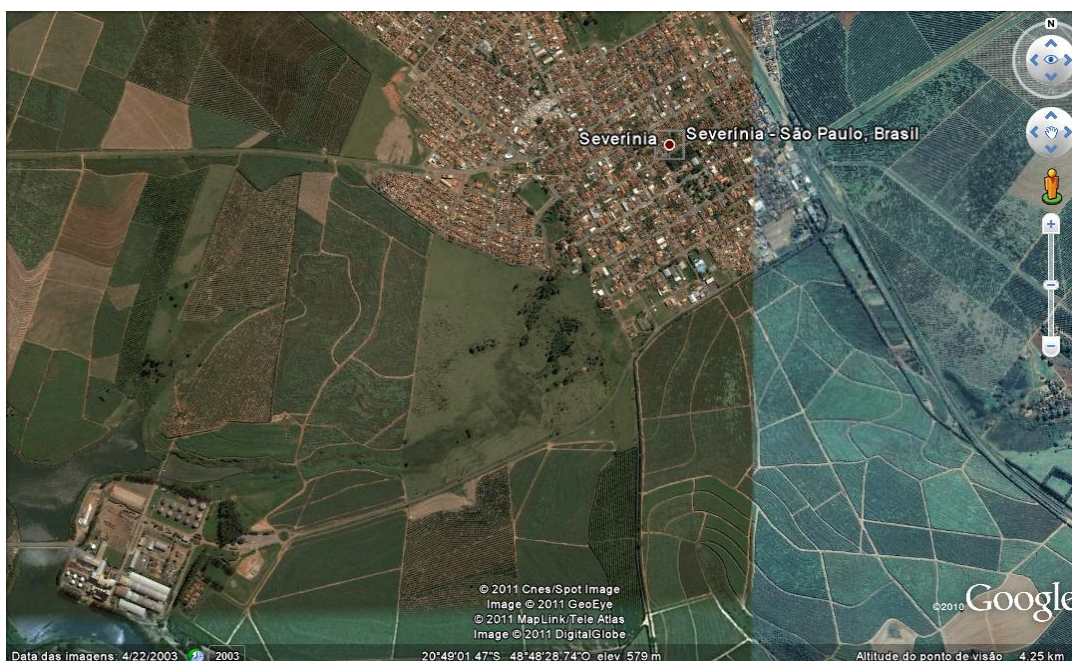


Foto V. 7: Vista aérea da Usina Guarani (canto inferior esquerdo) e a cidade de Severínia (15.500 habitantes)

Fonte: Google Earth, 22/04/2003.

V. 3. 12. 1. Formação do Grupo Tereos

A história do Grupo Tereos inicia-se na França, na década de 30, com o surgimento de uma cooperativa de destilarias que produzia álcool de beterraba. Essa cooperativa cresceu com a construção de novas usinas.

Em 1990, como decorrência da fusão entre as cooperativas de Origny-Sainte-Benoîte e Vic-sur-Aisne, surge a Sucreries et Distilleries de l'Aisne (SDA), uma cooperativa de produção de beterraba francesa. Em 1991, a SDA adquire a usina de

²⁸³ Disponível em <http://www.acucarguarani.com.br/br/institucional/Historico.aspx> Acessado aos 17/01/2008.

açúcar de Berneuil e em 1992 investe na TTD (República Tcheca), dando início ao seu processo de internacionalização. Em 1993, passa a produzir etanol de trigo, em parceria com cooperativas de produção de cereais.

No período 1993-96, a SDA adquire as usinas de açúcar de Maizy e de Bucy, e a destilaria de Brie. Em 1999, as operações da SDA e da Sucrerie-Distillerie d'Artenay são fundidas, resultando na Union SDA.

Em 2000, a Union SDA associa-se com o Grupo Cosan, no Brasil. Em 2001, a Union SDA adquire a divisão de produtos açucareiros do Grupo Bourbon, e torna-se acionista majoritário da Sucrerie de Bois-Rouge (51%) e da Eurocanne (51%), além de adquirir participações na destilaria de Savanna (44%) e na empresa Loiret Haëntjens (39%).

Em 2002, é adquirida a divisão de açúcar da Béghin-Say, e seus fornecedores associam-se à Union SDA e criam cooperativas reunidas na união de cooperativas Union BS, que reuniram-se no grupo de cooperativas Tereos.²⁸⁴

O Grupo incorporou a Açúcar Guarani na Tereos International com os ativos de cereais do Grupo nas empresas europeias Syral, Benp, DVO e subsidiárias, e unidades de cana-de-açúcar no Oceano Índico. A sede da companhia localiza-se em São Paulo e o Grupo pretende a liderança global no setor, pela produção de açúcar, produtos à base de amido, álcool para alimentos, etanol e eletricidade. A receita estimada será de US\$ 2,5 bilhões com lucro operacional de US\$ 366 milhões.²⁸⁵

A Guarani já havia anunciado parceria de R\$ 2,2 bilhões com a Petrobras Biocombustível, participação convertida em 26,3% do capital social da Guarani.²⁸⁶

São as seguintes as marcas do Grupo Tereos:²⁸⁷

- BÉGHIN-SAY : é a marca mais conhecida no mercado francês. Com 44 referências, dispõe da gama de produtos mais vasta do mercado nacional francês. Além disso, está presente também com os produtos Blonvilliers e La Perruche;

²⁸⁴ Disponível em <http://www.tereos.com/pt-pt/groupe/historique.html>

²⁸⁵ “Açúcar Guarani é incorporada ao Grupo Tereos”. Disponível em <http://www.diarioweb.com.br/novoportal/noticias/economia/7302,,Acucar+Guarani+e+incorporada+ao+Grupo+Tereos.aspx> e em “Grupo Tereos une Guarani com ativos na Europa e Oceano Índico”. O Globo, 29/03/2010.

²⁸⁶ “Guarani terá participação de 42% na Tereos Internacional”. Disponível em <http://www.canaldacana.com.br/novo/view/financas> Acessado aos 30/08/2011.

²⁸⁷ Disponível em <http://www.tereos.com/pt-pt/groupe/profil/nossas-marcas.html> Acessado aos 03/08/2011.

- GUARANI: através desta marca são comercializados no Brasil o açúcar para o varejo e o açúcar para uso industrial;
- TTD : marca dos produtos TTD para o público em geral na República Tcheca;
- SUCRERIES DE BOURBON: a marca de varejo dos produtos da fábrica de açúcar de Bois-Rouge na Ilha de Reunião.

Apesar da propaganda referente ao reflorestamento e preservação, a acentuada expansão da atividade canavieira nas regiões norte e noroeste do estado de São Paulo tem ampliado os danos ambientais decorrentes das extensas áreas de desmatamentos, queimadas, poluição de águas, morte de animais, agravamento da umidade relativa do ar nos períodos de seca, etc..

Em 2010, o Grupo Tereos, através da Guarani, adquiriu as usinas Vertente, de Guaraci, e a Usina Mandu, de Guaíra, ambas localizadas na mesma região onde a Guarani atuava (Olimpia e Severinia). A Usina Vertente passa a ter como sócias a CLEEL Empreendimentos (Empresa do Grupo Húmus Agroterra) com 50% de participação e a Guarani, através de sua controladora Cruz Alta Participações S/A, com os outros 50% do capital. A usina iniciou atividades na safra 2004/2005 e moeu 1.002.620 toneladas de cana-de-açúcar, produzindo 65 mil toneladas de açúcar VHP e 45 milhões de litros de álcool, entre Anidro e Hidratado. Na safra 2007/2008 moeu 1.600.000 toneladas de cana-de-açúcar, produzindo 103.000 toneladas de açúcar VHP, 14.000 toneladas de açúcar branco e 72 milhões de litros de álcool, entre anidro e hidratado.²⁸⁸

A Mandu, localizada em Guaíra, foi inaugurada em 1980 por fazendeiros da região, e produziu 3,5 milhões de toneladas nesta safra 2009/2010. Ela produz 60% de etanol e 40% de açúcar, cerca de 200.000 toneladas de açúcar, 175.000 m³ de etanol e 12 MW de cogeração de energia elétrica.²⁸⁹

O Grupo Tereos, estruturado em forma de cooperativa, reúne 14.000 agricultores franceses, em 27 unidades com cerca de 16.000 colaboradores trabalhando no cultivo de 500.000 hectares de beterrabas, cana-de-açúcar e cereais. Atua em três continentes: Europa (França, República Tcheca), América do Sul

²⁸⁸ Disponível em <http://www.usinavertente.com.br/> Acessado aos 25/08/2011.

²⁸⁹ Disponível em <http://www.acucarguarani.com.br/br/institucional/noticias.aspx?ukey=129> Acessado aos 05/08/2011.

(Brasil) e África (Moçambique e Ilhas Réunion). É considerado o terceiro maior produtor de açúcar europeu.²⁹⁰

V. 3. 13. O NOBLE GROUP

O Noble Group mantém 70 escritórios em 42 países e possui três esmagadoras de grãos na Índia, três na China, uma no Egito e uma na Turquia. Nos EUA, mantém dez usinas de etanol. É uma multinacional com sede localizada em Hong Kong, e apesar da imprecisão das informações, atua no Mercosul desde 2003 e no Brasil ao menos desde 2005.

Os investimentos do Grupo no Brasil concentram-se nas áreas de grãos (soja, café), algodão e cana. Também investiu US\$ 18 milhões em cinco armazéns de grãos no Brasil: Sorriso e Nova Maringá (MT); Maringá, Japurá e Jussara (PR), para ampliar a capacidade de estocagem em 180,5 mil toneladas.



Mapa V. 5: Unidades do Noble Group no Brasil

Fonte: <http://www.thisisnoble.com/index>

Em 2006, adquiriu no Brasil 1.000.000 de toneladas de soja, 90.000 toneladas de café e foi responsável por 10% das exportações brasileiras de etanol. Além

²⁹⁰ “Grupo Tereos une Guarani com ativos na Europa e Oceano Índico”. O Globo, 29/03/2010.

desses produtos, também compra açúcar, sendo que a maior parte é embarcada para a China. Em 2007 adquiriu a Usina Petribu por US\$ 70 milhões.²⁹¹

No final de 2010, o Grupo adquiriu as usinas do Grupo Cerradinho, em negócio avaliado em US\$ 950 milhões.²⁹²

Além de ocupar uma área de 125 mil hectares com cana no Brasil, o Grupo também está construindo uma esmagadora de soja no Mato Grosso e concluiu investimentos em terminais portuários no país: no terminal 12-A (Santos/SP), cuja participação é de 75%, recebeu aportes de US\$ 48 milhões para escoamento de açúcar a granel, soja em grão e farelo; e investiu US\$ 45 milhões em Itaquí (MA), um terminal líquido para todos os tipos de combustíveis.²⁹³

V. 3. 14. DAS AQUISIÇÕES NO SETOR AÇÚCAR E ÁLCOOL (2007-2010)

Anteriormente classificado no setor “Produtos químicos e petroquímicos”, a KPMG desagregou os dados do setor sucroalcooleiro e tratou de classificá-los em “açúcar e álcool”, a partir de 2007. A participação estrangeira no setor é visível: as evidências de aumento dessa participação são significativas: são 16 em 2007, 8 em 2008, 9 em 2009 e 12 em apenas três trimestres de 2010, enquanto, no mesmo período, as transações domésticas não passam de 7 em 2007, 6 em 2008, 4 em 2009 e 9 em 2010, conforme representado na tabela V.3, apresentada a seguir.

Considerando os dados da tabela V.3, resulta que o total de empresas estrangeiras adquirindo empresas de capital nacional²⁹⁴ foi maior que o número de transações entre empresas nacionais (D+CB2+CB3), evidenciando o aumento da participação do capital estrangeiro no setor nesse breve período, e pode ser observado também no gráfico V.9.

²⁹¹ Disponível em <http://ethanolbrasil.blogspot.com/2007/02/noble-group-centra-foco-no-merco-sul-e.html> Acessado aos 16/07/2010.

²⁹² “Noble Group paga US\$ 1 bilhão por usinas da Cerradinho em São Paulo”. O Estado de S. Paulo, 15/12/2010.

²⁹³ Disponível em <http://www.biodieselbr.com/noticias/em-foco/noble-group-construir-esmagadora-soja-mt-250510.htm> Acessado aos 28/11/2010.

²⁹⁴ CB1 representa empresa de capital majoritário estrangeiro adquirindo empresa de capital majoritário brasileiro estabelecida no Brasil, e CB4 representa as empresa de capital majoritário estrangeiro adquirindo empresa de capital majoritário estrangeiro estabelecida no Brasil, conforme KPMG.

Tabela V. 3: Açúcar e álcool – transações conforme KPMG

ANO/TRIMESTRE	D	CB1	CB2	CB3	CB4	CB5	CB	TOTAL (D+CB)
2007/2º TRIMESTRE	2	2	1	1	0	0	4	6
2007/3º TRIMESTRE	4	8	0	0	1	0	9	13
2007/4º TRIMESTRE	1	3	0	0	0	0	3	4
2008/1º TRIMESTRE	5	1	0	0	0	0	1	6
2008/3º TRIMESTRE	1	2	0	0	3	0	5	6
2008/4º TRIMESTRE	0	1	0	0	1	0	2	2
2009/1º TRIMESTRE	1	1	0	0	0	0	1	2
2009/2º TRIMESTRE	0	2	0	0	0	0	2	2
2009/3º TRIMESTRE	2	0	0	0	0	0	0	2
2010/1º TRIMESTRE	6	3	0	2	1	0	6	12
2010/2º TRIMESTRE	3	5	0	1	0	0	6	9
2010/4º TRIMESTRE	2	2	0	0	0	0	2	4
TOTAL	27	30	1	4	6	0	41	68

Fonte: KPMG. Elaboração do autor.

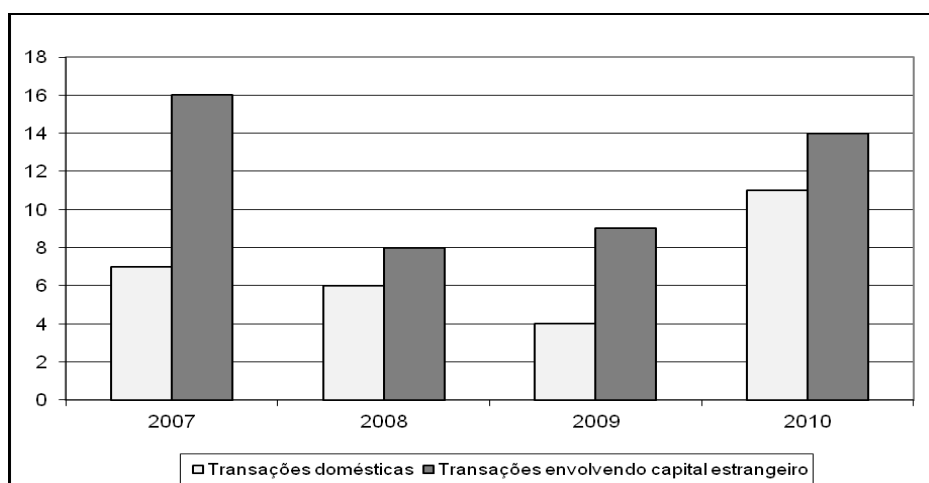


Gráfico V.9: Fusões e aquisições no Brasil - setor sucroalcooleiro

Fonte: KPMG Corporate Finance, *Pesquisa de fusões e aquisições*, 2010. Elaboração do autor.

Assinalando que apenas no estado de São Paulo, aproximadamente 140 usinas independentes processam perto de 250 milhões de toneladas de cana por ano; são unidades pertencentes principalmente a pequenos grupos e famílias, e podem ser adquiridas.²⁹⁵

²⁹⁵ “Tereos vê espaço para fusões e aquisições no Brasil” Disponível em <http://revistagloborural.globo.com/Revista/> Acesso aos 27/09/2011.

Tabela V. 4: Classificação das empresas e usinas do setor sucroalcooleiro

	2008	2007	2006	2005	Empresas/Usinas	Sede/Origem do capital	Marcas/produtos
1	1	2	-	-	Bunge Alimentos	SC/HO	Produção de açúcar e álcool
2	9	13	-	-	ADM	ES/EUA	Produção de açúcar e álcool
3	20	19	11	13	Copersucar	SP/BR	Açúcar cristal, utilizado como adoçante na indústria de alimentos; álcool etílico, como combustível, solvente, desinfetante, etc..
4	53	37	41	45	Cosan	SP/BR	Açúcar cristal e refinado marca <i>Da Barra</i> , demerara, orgânico, etc.. Açocolatados, mistura para bolo, refresco, gelatina, e pudim; álcool (exportação); etc..
5	57	179	-	-	Corona	SP	Açúcar e álcool
6	78	96	148	233	LDC Bioenergia	SP/França	Adquiriu em 2007 as usinas do Grupo Tavares de Melo Açúcar e Alcool, e em 2009 realizou fusão com a Santelisa-Vale.
7	80	99	95	156	Usina S. Terezinha	Maringá, PR/BR	Açúcar e álcool.
8	97	76	42	57	Nova América	SP/BR	Açúcar <i>União</i> , <i>Dolce</i> , <i>Neve</i> e <i>Duçula</i> ; açúcar, álcool, levedura, suco concentrado e subprodutos da laranja para a indústria (Incorporação pela COSAN).
9	100	135	92	132	Guarani (Grupo Tereos)	SP/(França)	Açúcar cristal e refinado <i>Guarani</i> , açúcar cristal especial; etanol (álcool etílico hidratado e álcool etílico anidro); produz energia elétrica para consumo próprio e comercializa excedente no mercado livre de energia.
10	116	-	-	-	Alto Alegre	SP	
11	123	174	144	193	Equipav	SP/ (Índia)	Atua em agroindústria (açúcar cristal, álcool e ingrediente para ração animal), além de: construção civil, concessões, etc..
12	126	139	113	130	Usina São Martinho	Pradópolis, SP/BR	Grupo S. Martinho. Moagem de cana e produção de açúcar.
13	128	172	134	153	Usina Colombo	Airranha, SP/BR	Produz açúcar <i>Caravelas</i> e <i>Colombo</i> , além de álcool anidro, extra-fino e hidratado, levedura seca e energia elétrica, além de açúcar para marcas próprias de clientes (foi a 1ª destiladora do Brasil a produzir álcool combustível).
14	154	118	101	125	Usina da Pedra	Serrana, SP/BR	
15	173	144	193	-	Usina Cerradinho	Catanduva, SP/HK	Açúcar, álcool e energia elétrica (NOBLE GROUP)
16	180	253	183	190	Usina Batatais	Batatais, SP/BR	Associada da Copersucar
17	183	173	143	155	Virgolino de Oliveira	SP/BR	Açúcar e álcool.
18	189	-	-	-	Usina S. João	BR	Açúcar e álcool.
19	193	282	238	296	Usina Santa Adélia	Jaboticabal, SP/BR	Levedura, bagaço, energia elétrica, açúcar e álcool anidro e hidratado.
20	196	222	164	170	Usina Barra Grande	Lençóis Paulista, SP/BR	Grupo Zillo Lorenzetti
21	198	234	161	158	Zillo Lorenzetti	Lençóis Paulista, SP/BR	Açúcar cristal, álcool anidro, álcool hidratado, leveduras, energia elétrica
22	214	219	207	266	Clealco	SP/BR	Açúcar, álcool e derivados
23	226	241	158	181	Usina Bazan	Pontal, SP/BR	Açúcar e álcool
24	234	264	218	254	Usina Itaipuara	SP/BR	
25	241	320	304	303	Usina Barralcool	Barra do Bugres, MT/BR	Alcool, açúcar, biodiesel e energia elétrica.
26	252	379	285	-	Vale do Ivaí	São Pedro do Ivaí, PR/BR	
27	254	287	246	284	Usina Nardini	Vista Alegre do Alto, SP/BR	
28	256	184	214	252	Alta Mogiana	S. Joaquim da Barra, SP/BR	Açúcar, álcool e energia elétrica
29	262	355	254	300	Usina S. José Estiva	Novo Horizonte, SP/BR	Açúcar, álcool e energia (comercializa o excedente)
30	267	308	249	337	Agrícola Colombo	Airranha, SP/BR	Cana-de-Açúcar (Açúcar marcas <i>Caravelas</i> e <i>Colombo</i> , e álcool).
31	271	332	283	-	Aralco	Sto. Antonio do Aracanguá/SP/BR	Grupo produz açúcar, álcool e a cerveja Premium, no município de Frutal-MG (também possui usina em General Salgado, SP)
32	310	478	441	444	Sabarálcool	PR/BR	
33	311	283	252	-	Usina Iracema	Iracemópolis, SP/BR	Grupo S. Martinho. Produção de álcool, açúcar e energia elétrica.
34	312	300	209	256	Usina Bela Vista (Usina Bazan)	Pontal, SP/BR	Açúcar e álcool.
35	317	-	-	-	Usina Pitangueiras	SP/BR	Açúcar e álcool.
36	325	-	-	-	Usina Ruelle	SP/BR	Açúcar e álcool.
37	332	365	302	323	Coprodia	Campo Novo do Parecis, MT/BR	
38	341	306	363	-	Usina S. Manoel	SP/BR	Açúcar e álcool.
39	342	366	323	385	Usina Quatá	Cosmópolis, SP/BR	Grupo Zillo Lorenzetti
40	344	457	442	472	Alcoazul	Araçatuba, SP/BR	
41	349	382	321	368	Usina Ester	Cosmópolis, SP/BR	Açúcar, álcool e energia.
42	352	491	472	459	Usina São José	PE/BR	
43	354	347	296	307	Usina São Luiz	Ourinhos, SP/BR	Açúcar e levedura.
44	368	451	411	408	Usina Roçadinho	AL/BR	
45	370	399	418	409	Usaciga	PR/BR	
46	371	-	-	-	Mandu	SP/BR	Açúcar e álcool.
47	380	396	391	470	USA - Usina Sto. Angelo	MG/BR	Produz álcool hidratado e açúcar; desenvolve novas variedades de cana-de-açúcar.
48	383	483	425	-	Generalco	SP/BR	Produz álcool
49	384	-	-	-	Agrop. Campo Alto	SP/BR	Açúcar e álcool.
50	386	414	396	411	Usina Trapiche	PE/BR	

Fonte: Anuário do Agronegócio, Editora Globo, setembro/2007 e Outubro/2008. Elaboração do autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

1.

O trabalho analisou a dinâmica dos investimentos e algumas empresas nos setores de abate de bovinos, produção de óleo de soja e sucroalcooleiro, procurando estabelecer as relações, observando a participação do capital estrangeiro e a concentração de capital através de fusões e aquisições de empresas. Em virtude de transações cruzadas e fusões recentes, foi necessário realizar uma classificação das empresas, em relação a cada setor estudado.

A respeito da expansão das grandes empresas brasileiras, ou do processo de internacionalização das maiores companhias, esse movimento parece repercutir estratégia do BNDES para a criação de grandes empresas (os chamados “*players globais*”), ou as denominadas “transnacionais brasileiras”. Para tanto, foram destinados financiamentos a algumas empresas dos setores em questão. Ao mesmo tempo, esse movimento de expansão reflete a dinâmica dos setores relacionada ao crescente mercado internacional e suas demandas próprias. Portanto, o aumento da participação desses setores nas exportações e, principalmente, aos incentivos governamentais e privados ao agronegócio, transformou-os no segmento primordial da balança comercial brasileira.

Sobre as estratégias dos frigoríficos de abate de bovinos, assinala-se a expansão para o mercado internacional, principalmente através de aquisições (especialmente das maiores empresas, como é o caso dos Grupos JBS-Friboi + Bertin, Marfrig e Minerva). As estratégias são respostas as restrições e dificuldades impostas no exterior para a exportação da carne *in natura* a partir do Brasil, criadas por questões relacionadas tanto pela rastreabilidade dos rebanhos como pela febre aftosa e questões trabalhistas (o chamado “trabalho escravo”).

A importância relativa das transações do Grupo JBS, em 2009, equipara-se, nesta análise, aquela referente às suas estratégias:

- A fusão com o Grupo Bertin, em 2009, propiciou ao Grupo a sua entrada no mercado chinês, algo que a empresa vinha planejando;
- Permite maior diversificação, pois o Grupo JBS passa a atuar também no setor lácteo, com as marcas Vigor, Leco e Danubio, no setor *pet* e em biodiesel, e se fortalece também no setor de couros;

- A aquisição da norte-americana Pilgrim's Pride é importante para sua diversificação, pois o Grupo entra fortemente no setor aves, onde passa a disputar os mercados de EUA, México e Porto Rico;
- Com tais negócios, além de crescer e expandir-se para diversos mercados, o JBS ainda investe em outros segmentos no setor de alimentos.

Com as transações, o Grupo JBS ultrapassa a gigante norte-americana Tyson Foods, e torna-se a maior empresa mundial no abate, comercialização e exportação de carne bovina.

No Brasil, o JBS ultrapassou a Ambev e alcançou o 5º lugar no *ranking*, atrás das empresas melhor posicionadas, entre elas a Petrobras, Itaúsa, Bradesco e Banco do Brasil.²⁹⁶

Segunda empresa de maior destaque no setor, o Grupo Marfrig destaca-se pelo seu rápido crescimento e expansão internacional. Também diversificou suas operações adquirindo a Seara da Cargill, marca em que investe inclusive no patrocínio de time de futebol (Satnos F.C. e seleção brasileira).

O Frigorífico Minerva, por sua vez, estabeleceu uma *joint venture* com a Dawn Farms (MDF) da Irlanda, o principal país europeu a combater e dificultar a exportação de carne produzida pelo Brasil, recentemente adquiriu o FRIASA, em Assunção (Paraguai) e um frigorífico no Uruguai. No caso, parece seguir os passos dos grupos JBS e Marfrig, iniciando sua internacionalização pela América do Sul. Ao fazer isso, pode evitar o assédio futuro de aquisição por algum concorrente.

A presença do capital estrangeiro no setor não tem sido tão significativa. O predomínio da criação, do abate e do processamento industrial, a exportação de carne *in natura* ou de animais vivos e expansão da atividade ocorre entre os frigoríficos de capital nacional.

A maior empresa do setor, com participação estrangeira, era a Seara²⁹⁷ (30ª posição no *ranking* das 500 maiores empresas do Brasil, conforme o Anuário do Agronegócio 2009), de propriedade da Cargill, mas foi adquirida pelo Marfrig em setembro de 2009.²⁹⁸ Outras empresas que aparecem no mesmo *ranking*, são: Doux

²⁹⁶ Valor Grandes Grupos, Ano 8, nº 8, Dezembro 2009, p. 25, e Valor Grandes Grupos, Ano 9, nº 9, Dezembro 2010, p. 34.

²⁹⁷ Anuário do Agronegócio, Editora Globo, Outubro de 2009.

²⁹⁸ Valor Econômico, "Crise antecipa era dos 'grupos de proteínas'", 16/09/2009, p. B-12.

(Doux Frangosul), de capital francês, que adquiriu a Frangosul em 1998²⁹⁹ (e foi adquirida pelo Marfrig); a espanhola Calvo, uma das maiores indústrias de conservas do mundo, que adquiriu a GDC Alimentos (Gomes da Costa) em 2004³⁰⁰, e aparece em 227º; a Ferreira, de capital norte-americano, em 361º, e a alemã Vossko do Brasil, que processa carne de frango e carne bovina, surge em 464º lugar (2008). Isso entre aquelas empresas elencadas no ranking do Anuário do Agronegócio, referente a 2008.

No setor soja, ao contrário, as empresas transnacionais Bunge, Cargill, Archer Daniels Midland e LDCommodities dominam a cadeia da soja, desde a aquisição de grãos, passando pelo esmagamento e fabricação do óleo de soja. Além disso, a Bunge Fertilizantes surgia em 10º lugar no ranking do Anuário do Agronegócio (2009) e após outra reestruturação o grupo Bunge sinaliza intenção de descartar-se do setor, em negociação com a Vale. Além de liderar o setor de óleo de soja, tenciona deixar o setor fertilizantes e está investindo intensamente no setor sucroalcooleiro.

Da mesma forma, uma simples observação nas prateleiras dos supermercados, pode revelar o domínio dessas empresas no setor óleo, onde invariavelmente as marcas expostas são relacionadas a elas. Seus concorrentes nacionais, e bem menos encontrados ou expostos nas prateleiras das grandes redes atacadistas são da Caramuru e diversas cooperativas, e suas marcas provavelmente disputam mercados locais ou regionais. A Caramuru é a 3ª empresa nacional na classificação apresentada, sendo a primeira a Amaggi, seguida pela Coamo. Não há marcas da Amaggi no varejo doméstico.

As transnacionais do setor soja também passaram a investir no setor sucroalcooleiro, e as aquisições da LDCommodities elevaram a taxa de participação do capital estrangeiro para aproximadamente 20%, pois ela já havia adquirido o conjunto de usinas do Grupo Tavares de Mello, em 2007, mas em outubro de 2009, quando adquiriu 40% da Santelisa-Vale, em um negócio de aproximadamente US\$ 1 bilhão, intensificou a participação estrangeira no setor.³⁰¹

²⁹⁹ Disponível em <http://www.doux.com/-Historia-.html> Acesso aos 06/01/2010.

³⁰⁰ Disponível em <http://www.gomesdacosta.com.br/> Acesso aos 06/01/2010.

³⁰¹ Disponível em http://www.infoenergia.com.br/noticias_etanol.asp?codigo=333 Acesso aos 16/01/2009.

Conforme Maurilio Biaggi, um dos proprietários da Santelisa, previa-se uma participação do capital estrangeiro de 20% apenas para 2012, mas este índice já foi alcançado e deve aumentar: menciona-se algo em torno de 40% até o final da próxima década. Ao mesmo tempo,

a internacionalização parcial do setor ocorre simultaneamente a um movimento de concentração econômica, reflexo também da violenta descapitalização ocorrida a partir do segundo semestre de 2008. Hoje os 30 maiores grupos do setor controlam 91 usinas, processam quase 50% da cana e são responsáveis por 54% da oferta de álcool da região Centro-Sul^{302 303}.

A ADM constituiu uma *joint venture* com o Grupo Cabrera, em 2008, para a produção de etanol a partir da cana-de-açúcar. O acordo previa a construção de usinas nos Estados de Goiás e Minas Gerais.³⁰⁴

A joint-venture irá construir dois complexos de transformação, cada um constituído por uma plantação de cana, uma usina de açúcar, uma destilaria e uma estrutura de cogeração movida a biomassa para fornecer energia elétrica e à vapor. O complexo será localizado em Limeira do Oeste, no Estado de Minas Gerais e em Jataí, Goiás. Após o término, cada usina terá capacidade de esmagar três milhões de toneladas por ano.³⁰⁵

Analisando-se a participação estrangeira no setor sucroalcooleiro, sobressaem as aquisições de usinas realizadas pela Bunge, a partir de 2007, quando adquiriu a Agroindustrial Santa Juliana, em associação com a trading japonesa *Itochu*³⁰⁶. No final de 2009, a Bunge também adquiriu outras cinco usinas do Grupo Moema (Orindiúva, SP), por US\$ 1,5 bilhão.³⁰⁷ Além dessa aquisição, a Bunge também possui outros dois projetos em construção: a Usina Pedro Afonso, no Tocantins, com previsão para início de operação em 2010, e a Usina Monte Verde, localizada no município de Ponta Porã, Mato Grosso do Sul, com capacidade inicial

³⁰² Disponível em <http://www.udop.com.br/index.php?cod=1062669&item=noticias> Acesso aos 02/01/2010.

³⁰³ Dos grupos mencionados por M. Biaggi, ver Tabela V.4, à pg. 206.

³⁰⁴ Disponível em http://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,,MUL849252-9356,00.html Acesso aos 20/01/2010.

³⁰⁵ Disponível em http://ultimosegundo.ig.com.br/economia/safra/2008/11/05/cana_de_acucaradmgrupo_cabrera_forma_m_joint_venture_para_produzir_etanol_2097019.html

³⁰⁶ Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/economia,usina-da-bunge-e-itochu-no-to-comeca-a-operar-em-2010,292497,0.htm> Acesso aos 20/01/2010.

³⁰⁷ Disponível em <http://portalexame.abril.com.br/negocios/bunge-adquire-5-usinas-grupo-moema-us-1-5-bi-522279.html> Acesso aos 20/01/2010.

de moagem de 1,4 milhão de toneladas, e previsão de início de operação para 2012.³⁰⁸

Tais negócios evidenciam a tendência de crescimento da participação estrangeira no setor, e precisa ser analisado com atenção, pois nesses exemplos a Bunge tem estabelecido associações ou comprado participação. Aparentemente, a alternativa imposta ao capital nacional é a da venda de parcela ou total dos negócios ao capital estrangeiro. A alternativa encontrada por grupos como o Aralco e a Usina São Luis foi a da associação com a Coopersucar, uma estratégia para se manter no mercado e não ser comprado.

Outro aspecto importante refere-se às conseqüências da crise de 2008, que atingiu empresas em diversos setores. No caso específico do setor frigorífico, parcela importante encontra-se em recuperação judicial, caso do Independência, que não pode ser considerado um frigorífico “pequeno”. Outros fecharam suas portas ou foram adquiridos. Representantes das empresas reclamam da falta de apoio do BNDES, que teria privilegiado os maiores, JBS à frente. No setor sucroalcooleiro, afirma-se, muitas usinas foram vendidas porque faliram, como alega-se tenha sido o caso da Equipav, adquirida pela Renuka. Como uma parte das usinas são negócios familiares prevê-se o aumento da concentração no setor.

2.

Do ponto de vista das instalações, as unidades produtivas dos setores pesquisados ocupam grandes áreas, necessárias para o recebimento da matéria prima, armazenamento e elaboração dos produtos. Por esse motivo suas proporções parecem superlativas. A mão-de-obra ocupada no controle de portaria, vigilância, segurança patrimonial, produção e administração parece pequena em relação às dimensões das áreas utilizadas.

As instalações, entretanto, parecem simples e os equipamentos e máquinas utilizadas na produção parecem modestos frente ao tamanho dos empreendimentos. Mas, por exemplo, em locais como envase de óleo, tudo é feito de maneira automatizada, e a mão-de-obra ocupada na Caramuru, nove trabalhadores por turno, controla os equipamentos, enquanto na produção de açúcar as linhas são automatizadas e os controles são realizados a distância, por poucos funcionários,

³⁰⁸ Idem.

através de computadores e câmeras de segurança. Não há contato direto, manual, dos funcionários com os produtos na produção de óleo na planta da Caramuru. O contato manual é reduzido também na produção de açúcar da Usina Figueira.

Talvez seja possível, neste espaço, efetuar uma comparação entre os pisos salariais de grandes unidades dos setores:

Piso salarial na produção em agosto de 2011

Caramuru Alimentos (Itumbiara-GO)	R\$ 879,00 *
Usina Figueira (Buritama-SP)	R\$ 814,00 *
Generalco (General Salgado-SP)	R\$ 814,00 *
Frigorífico JBS (Barretos-SP)	R\$ 668,00 **
Frigorífico Minerva (Barretos)	R\$ 655,40 **
Cutrale (Colina-SP)	R\$ 641,00 **

* Informado pela empresa

** Informado pelo Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação de Barretos

Considerando as cifras e os valores inerentes aos negócios, em relação a salários tão baixos, talvez possa ser compreendida a alta rotatividade da mão-de-obra, principalmente no setor frigorífico.

Apesar da pouca diferença entre os pisos salariais, observa-se maior dinamismo nas cidades da soja, caso de Rondonópolis, onde a qualidade de vida e de recursos sobresaem em relação a regiões ou cidades que dependem exclusivamente de uma atividade concentradora como a sucroalcooleira, principalmente em espaços e cidades onde inexistem alternativas à atividade canavieira.

3.

Sobre a divisão do trabalho em três setores, é importante ressaltar as relações entre os mesmos, pois as empresas podem participar em mais de um segmento. Ao mesmo tempo, surge uma distinção entre os setores estudados: a nacionalização do setor frigorífico, onde as três maiores empresas participam do mercado mundial, internacionalizaram-se em pouco tempo, com destaque para o JBS, considerado o maior exportador de carne bovina do mundo.

Por outro lado, o setor óleo de soja apresenta-se concentrado entre empresas estrangeiras e o setor sucroalcooleiro desnacionaliza-se e concentra-se rapidamente.

Ao mesmo tempo, o BNDES atua na formação de grandes empresas nos setores estudados, através de seu braço de investimentos (BNDES-Par) tanto no JBS como no Marfrig e em empresas do setor sucroalcooleiro.

O trabalho demandado pela abertura das três frentes, no caso, frigorífico de carne bovina, óleo de soja e sucroalcooleiro, decorre da opção por tratar os setores pelas empresas e os diversos “rankings”, ainda que esta opção permitisse uma importante aproximação dos setores.

O trabalho reflete uma preocupação com a classificação e o tamanho das empresas, mas também reflete uma preocupação com as dimensões da participação do capital estrangeiro em setores e áreas tão cobiçadas. Tratar os setores apenas pelas empresas pode tornar secundário o aumento da participação estrangeira na geografia econômica do país, com as empresas sobrepondo-se aos interesses de setores sociais e de suas populações, e imprimindo suas marcas no território e na organização espacial e regional.

De resto, quando são divulgadas informações sobre a propriedade da terra por estrangeiros no Brasil, soa muito estranho e não causa espanto constatar que a maior parte dessas propriedades localizam-se no Mato Grosso, o maior produtor de soja brasileiro (vide Mapa 1, na seção Anexos), com quase 20% de propriedades em mãos de não-residentes – *e não na Amazônia!* – seguido por São Paulo e Mato Grosso do Sul.

Soa estranho, acima de tudo, que os interesses estrangeiros pareçam conformar ações no território contrastantes com os interesses e aspirações da sociedade brasileira, dada a permanente ausência de um Projeto Nacional de Desenvolvimento, enquanto bancos, grupos e empresas de distintas nacionalidades disputam e abocanham empresas e setores no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, M. C. de. **Uma Geografia para o século XXI**. Campinas: Papirus, 1994.
- BALSADI, O. V. “Mercado de trabalho assalariado na cultura da cana no Brasil no período 1992-2004.” **Informações econômicas**, v. 37, nº 2, SP, fev. 2007.
- BARROS, B. T. de. **Fusões e Aquisições no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2003.
- BATISTA, P. N. “O Consenso de Washington – a visão neoliberal dos problemas latino-americanos”. **Consulta Popular**, cartilha nº 7, novembro/1999.
- BATISTA JR., P. N. “‘Globalização’ e administração tributária”. **Princípios**, set./1997.
- BENITES, M. G. Brasil Central pecuário: interesses e conflitos. **Tese** (Doutorado). 488 pgs. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1995.
- BERNARDES, J. A. “As estratégias do capital no complexo da soja.” In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. da C. e CORRÊA, R. L. Brasil: questões atuais da reorganização do território. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BIELSLCHOWSKY, R. **Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BIODIESEL BR. **Usinas de Biodiesel do Brasil**. Mapa, 2011. Colorido, sem escala. Disponível em www.biodieselbr.com
- BUKHARIN, N. I. **A Economia mundial e o imperialismo**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- CARNEIRO, R. **Desenvolvimento em crise – a economia brasileira no último quartel do século XX**. São Paulo: Editora Unesp, IE Unicamp – Unicamp, 2002.
- CARVALHO, C. P. de. **Análise da reestruturação produtiva da agroindústria sucroalcooleira alagoana**. Maceió: Edufal, 2009.
- CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

- CHOLLEY, A. "Observações sobre alguns pontos de vista geográficos." **Boletim Geográfico**, ano XXII, nº 179, março-abril 1964, p. 139-145.
- CONCEIÇÃO, Júnia Cristina P. R. da. "Radiografia da Indústria de Alimentos no Brasil: identificação dos principais fatores referentes à exportação, inovação e ao food safety". IPEA, **Texto para Discussão** nº 1303, Brasília, Setembro 2007.
- DREIFUSS, R. A. **Transformações: matrizes do século XXI**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2004.
- FREITAS, C. H. & PENTEADO, M. S. **Biodiesel: energia do futuro**. Monte Alto (SP): Letra Boreal, 2006.
- GONÇALVES, R. **Globalização e desnacionalização**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. "Centralização do capital em escala global e a desnacionalização da economia brasileira". In: VEIGA, Pedro da Motta (org.). **O Brasil e os desafios da globalização**. Rio de Janeiro: SOBEET e Relume Dumará, 2000.
- GRUPO IDEA. **Usinas de açúcar e etanol no Brasil em 2011/2012**. Mapa, 2011. Colorido, escala: 1:2.7000.000.
- HILFERDING, R. **O capital financeiro**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- HIRST, P. & THOMPSON, G. **Globalização em questão**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001.
- HOLLANDA Fº, S. B. de. **Estrutura industrial no Brasil: concentração e diversificação**. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1983.
- IBGE. **Geografia do Brasil**. Vol. 2, Região Nordeste. Rio de Janeiro: SERGRAF/IBGE, 1977.
- IBGE. **Geografia do Brasil**. Vol. 3, Região Sudeste. Rio de Janeiro: SERGRAF/IBGE, 1977.
- IBGE. **Geografia do Brasil**. Vol. 4, Região Centro-Oeste. Rio de Janeiro: SERGRAF/IBGE, 1977.

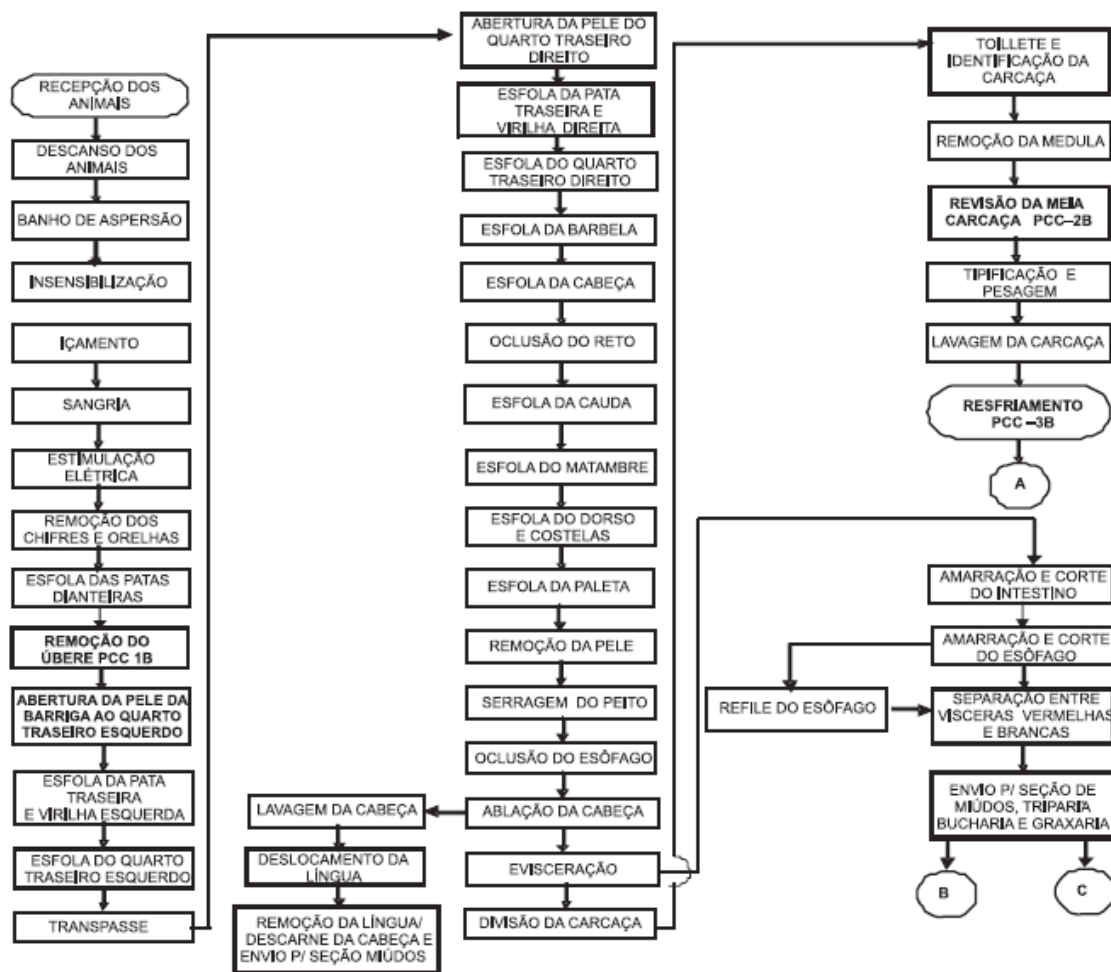
- IEL-SEBRAE. **O novo ciclo da cana: estudo sobre a competitividade do sistema agroindustrial da cana-de-açúcar e prospecção de novos empreendimentos**. Brasília: IEL/NC; SEBRAE, 2005.
- KON, A. **Economia industrial**. S. Paulo: Nobel, 1999.
- LACERDA, A. C. de. **O impacto da globalização na economia brasileira**. São Paulo: Contexto, 1999.
- LÊNIN, V. I. **O imperialismo, fase superior do capitalismo**. São Paulo: Editora Centauro, 2000.
- LIMA, L. C. O. "Sistema produtivo da soja: oligopólio mundial, investimento estratégico e arena competitiva" UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em <http://www.sober.org.br/palestra/13/494.pdf> Acessado aos 03/06/2010.
- MAMIGONIAN, Armen. "Notas sobre os frigoríficos do Brasil Central Pecuário". **Boletim Paulista de Geografia**, S. Paulo, nº 51, p. 7-14, jun. 1976.
- _____. (Org.). **O Pensamento de Ignácio Rangel**. Florianópolis: UFSC, 1997.
- _____. Estudos de geografia econômica e de pensamento geográfico. 264 pgs. **Tese** (Livre docência). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 2004.
- MAMIGONIAN, A. e REGO, J. M. **O pensamento de Ignácio Rangel**. S. Paulo: Editora 34, 1998.
- MARX, K. **O capital**. Livro Primeiro, Vol. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- MCCRAW, T. K. (Org.). **Alfred Chandler: ensaios para uma teoria histórica da grande empresa**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- MIRANDA, J. C. & MARTINS, L. "Fusões e aquisições de empresas no Brasil", **Economia e Sociedade**, Campinas (14): 67-88, jun. 2000.
- MOREIRA, M. M. "Estrangeiros em uma economia aberta: impactos recentes sobre produtividade, concentração e comércio exterior", **Textos para Discussão**, nº 67, BNDES, Rio de Janeiro, março, 1999.

- MÜLLER, G. **Complexo agroindustrial e modernização agrária**. São Paulo: Editora Hucitec / EDUC, 1989.
- OLIVEIRA JR. M. de M. **Multinacionais brasileiras: internacionalização, inovação e estratégia global**. São Paulo: Artmed, 2010.
- PAULILLO, L.F. et al. "Álcool combustível e biodiesel no Brasil: *quo vadis?*" **Rev. Econ. Sociol. Rural**, vol 45, nº 3, Brasília, Jul/set. 2007.
- PIZZO, M. do R. "Rangel e a concessão de serviços públicos à iniciativa privada". In: Mamigonian, A. **O Pensamento de Ignácio Rangel**. Florianópolis: UFSC/PPGG, 1997.
- POCHMANN, M. **A década dos mitos – o novo modelo econômico e a crise do trabalho no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2001.
- QUINTAS, F. (org.). **A civilização do açúcar**. Recife: Sebrae, Fundação Gilberto Freyre, 2007.
- RANGEL, I. **Obras reunidas**. Vols. 1 e 2. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2005.
- _____. **Dualidade básica da economia brasileira**. São Paulo: Bienal, 1999, 2ª edição.
- _____. "A história da dualidade brasileira". In: MAMIGONIAN, A. e REGO, J. M. **O pensamento de Ignácio Rangel**. S. Paulo: Editora 34, 1998, pgs. 139-170.
- _____. **Economia Brasileira Contemporânea**. São Paulo: Bienal, 1987.
- _____. **Economia: milagre e anti-milagre**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____. "Esta crise não se administra". **Revista de Economia Política**, vol. 3, nº 3, julho-setembro/1983.
- _____. **Ciclo, Tecnologia e Crescimento**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2000.

- _____. **A natureza do espaço**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- _____. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1978.
- _____. “Sociedade e Espaço: A Formação Social como Teoria e como Método”, **Boletim Paulista de Geografia**, S. Paulo, nº 54, p. 81-99, jun. 1977.
- SILVA, C. A. F. da. **Grupo André Maggi: corporação e rede em áreas de fronteira**. Cuiabá: Entrelinhas, 2003.
- SILVA, M. A. da (Org.) **10 anos sem Milton Santos**. Salvador: Alba, 2011, pp. 72-73.
- SINGER, P. **Curso de introdução à economia política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975.
- SWEEZY, P. M. **Teoria do desenvolvimento capitalista**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1962.
- SZMRECSANYI, Tamás. **O planejamento da agroindústria canavieira do Brasil (1930-1975)**. São Paulo: Hucitec, 1979.
- VEIGA, J. B. da et. al. **Expansão e trajetórias da pecuária na Amazônia**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004.
- VEIGA, P. da M. (org.). **O Brasil e os desafios da globalização**. Rio de Janeiro: SOBEET e Relume Dumará, 2000.
- VIAN, C. E. de F. **Agroindústria canavieira: estratégias competitivas e modernização**. Campinas, SP: Editora Átomo, 2003.
- VIEGAS, C A. dos S. Fusões e aquisições na indústria de alimentos e bebidas no Brasil: análise dos efeitos nos preços ao consumidor. **Tese** (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 2006.

ANEXOS

Fluxo de abate bovino:

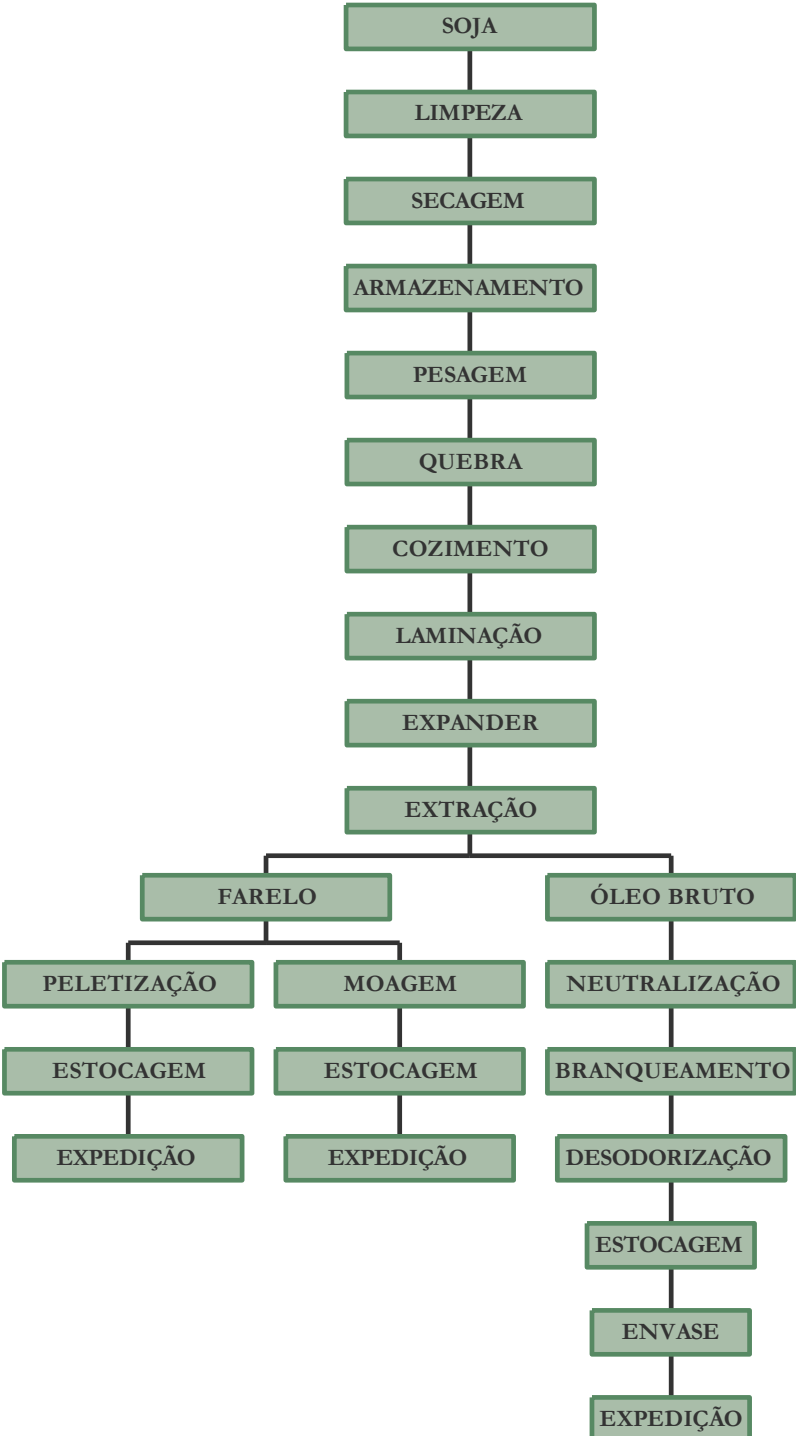


Fonte: BNDES Setorial - Agroindústria, setembro 2008.

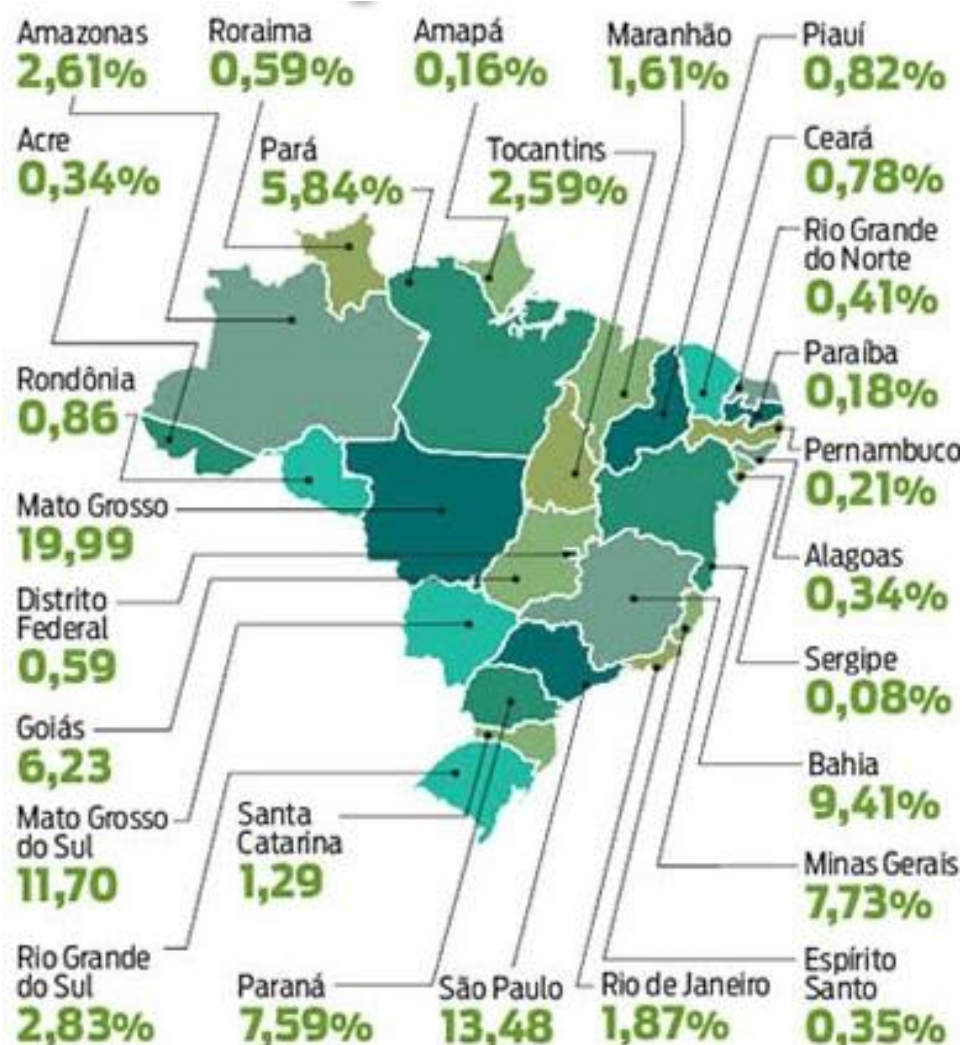
Fluxo de abate:

- Recepção dos animais; descanso dos animais; banho de aspersão; insensibilização; içamento; sangria; estimulação elétrica; remoção dos chifres e orelhas; esfola das patas dianteiras; remoção do úbere; abertura da pele da barriga ao quarto traseiro esquerdo; esfola da pata traseira e virilha esquerda; esfola do quarto traseiro esquerdo; transpasse;
- Abertura da pele do quarto traseiro direito; esfola da pata traseira e virilha direita; esfola da barbel; esfola da cabeça; oclusão do reto; esfola da cauda; esfola do matambre; esfola do dorso e costelas; esfola da paleta; remoção da pele; serragem do peito; oclusão do esôfago; ablação da cabeça [lavagem da cabeça; deslocamento da língua; remoção da língua/descarne da cabeça e envio para seção de miúdos]; evisceração [amarração e corte do intestino; amarração e corte do esôfago (refile do esôfago), separação entre vísceras vermelhas e brancas, envio para seção de miúdos, tripária, bucharia (b) e graxaria (c)]; divisão da carcaça; *toillete* e identificação da carcaça; remoção da medula; revisão da meia carcaça; tipificação e pesagem; lavagem da carcaça; resfriamento (a).

Fluxograma da soja



Elaborado por Frederico Neiva



Mapa 1: Percentagem de propriedades rurais de estrangeiros não residentes

Fonte: Disponível em <http://www.acessenoticias.com.br/noticia/mt-tem-o-maior-percentual-de-terras-nas-maos-de-estrangeiros/> e também em <http://pagina13.org.br/2010/09/11/%E2%80%9Cparecer-que-limita-compra-de-terras-por-estrangeiros-tera-efetividade-reduzida%E2%80%9D/> Acesso aos 01/11/2010.

Anexo 1: Panorama da produção de biodiesel no Brasil – 2011

Situação*	Ranking**	Usina	UF	Município	Produção (mil m³/ano)	Situação	Ranking	Usina	UF	Município	Produção (mil m³/ano)
●	1	CLV	MT	Várzea Grande	518,4	■	50	Biobrax	BA	Una	36,0
■	2	Oleoplan	RS	Veranópolis	378,0	■	51	Araguassu	MT	Porto Alegre do Norte	36,0
●	3	Oleoplan	PR	Ponta Grossa	378,0	■	52	Biocontinente	MT	Lucas do Rio Verde	36,0
■	4	ADM	MT	Rondonópolis	343,8	■	53	Biopar Parecis	MT	Nova Murilândia	36,0
■	5	Granol	RS	Cachoeira do Sul	336,0	■	54	Caibiense	MT	Rondonópolis	36,0
■	6	Biocapital	SP	Charqueada	296,6	■	55	CLV	MT	Colider	36,0
◆	7	Bianchini	RS	Canoas	288,0	◆	56	Tauá Biodiesel	MT	Nova Mutum	36,0
■	8	Agrenco	MT	Alto Araguaia	235,3	■	57	BioBrasil Italian Oil	MT	Barra do Garça	31,8
◆	9	Cargill	MS	Três Lagoas	227,0	■	58	Bionorte	GO	São Miguel Araguaia	29,4
◆	10	Noble	MT	Rondonópolis	227,0	■	59	Agrosoja	MT	Sorriso	28,8
◆	11	Bionasa	GO	Porangatu	226,0	■	60	Biotins	TO	Paraíso do Tocantins	26,2
■	12	Caramuru	GO	São Simão	225,0	■	61	Spbio	SP	Sumaré	25,0
■	13	Caramuru	GO	Ipameri	225,0	■	62	Cesbra	RJ	Volta Redonda	21,6
■	14	Granol	GO	Anápolis	220,7	◆	63	Jataí Agroindústria	GO	Jataí	18,0
■	15	Petrobras	BA	Candeiras	217,2	●	64	Coplacana	SP	Piracicaba	16,2
■	16	Olfar	RS	Erechim	216,0	■	65	Minerva	GO	Palmeiras de Goiás	16,2
■	17	JBS	SP	Lins	201,7	■	66	Bigfrango	PR	Rolândia	14,4
●	18	ADM	SC	Jaçaba	186,0	●	67	Mannabio	MT	Primavera do Leste	14,4
■	19	BSBios	RS	Passo Fundo	159,8	●	68	Nurion B	SP	Capela do Alto	14,4
●	20	Bunge	MT	Nova Mutum	150,0	■	69	Nubras	PA	Tailândia	12,6
■	21	Fiagril	MT	Lucas do Rio Verde	147,6	■	70	Agropalma	PA	Belém	10,8
■	22	Brejeiro	SP	Orlândia	144,0	◆	71	Ambiental Vitare	PR	Sta. Terezinha Itaipu	10,8
■	23	Camera	RS	Ijuí	144,0	■	72	B-100	MG	Araxá	10,8
■	24	Brasil Ecodiesel	BA	Iraquara	129,6	■	73	Biocar	MG	Dourados	10,8
■	25	Brasil Ecodiesel	RS	Rosário do Sul	129,6	■	74	Biolix	PR	Rolândia	10,8
■	26	Brasil Ecodiesel	MA	São Luís	129,6	■	75	Biosepe	MG	Três Pontas	10,8
■	27	Brasil Ecodiesel	TO	Porto Nacional	129,6	●	76	Bom Mart	SP	Pres. Prudente	10,8
■	28	BSBios / Petrobras	PR	Marialva	127,1	■	77	Fusermann	MG	Barbacena	10,8
■	29	Cooperbio	MT	Cuiabá	122,4	■	78	Innovatti	SP	Mairinque	10,8
■	30	Comanche	BA	Simões Filho	120,6	■	79	Bio Bras Diesel	MG	Caxambu	8,6
●	31	Potencial	PR	Lapa	120,0	■	80	Amazonbio	RO	Ji-PParaná	7,2
■	32	Fertibom	MS	Catanduva	120,0	◆	81	Petrobras	RN	Guamaré	7,2
●	33	Petrobras Norte	PE	(indefinida)	115,0	■	82	Usibio	MT	Sinop	7,2
◆	34	Agrenco	MS	Caarapó	113,6	■	83	Bio Vida	MT	Várzea Grande	6,5
■	35	Petrobras	CE	Quixadá	108,6	■	84	Bio Petro	SP	Araraquara	6,0
■	36	Petrobras	MG	Montes Claros	108,6	●	85	Vale Grande	MT	Sinop	5,2
■	37	Binatural	GO	Formosa	108,0	■	86	Beira Rio	MT	Terra Nova do Norte	4,3
■	38	Biocamp	MT	Campo Verde	108,0	■	87	Coomisa	MT	Sapezal	4,3
●	39	Bocchi	RS	Vacaria	108,0	■	88	Tecnodiesel	MS	Sidrolândia	4,0
■	40	Delta	MS	Rio Brilhante	108,0	■	89	Bio Óleo	MT	Cuiabá	3,6
●	41	Fuga Couros	RS	Camargo	108,0	■	90	Rondobio	MT	Rondonópolis	3,6
●	42	Biodiesel Amazonia	RO	Porto Velho	100,0	■	91	Ouro Verde	RO	Rolim de Moura	3,2
■	43	Grand-Valle	RJ	Porto Real	88,9	■	92	Vanguarda Biodiesel	MT	Nova Mutum	2,5
■	44	Bioverde	SP	Taubaté	88,2	■	93	Cooperfeliz	MT	Feliz Natal	2,4
●	45	Biotech	RS	Canoas	72,0	■	94	ABDIESEL	MG	Araguari	2,2
■	46	Barralcool	MT	Barra do Bugres	58,8	●	95	Copel	PR	São Jorge D'Oeste	1,8
●	47	Biodiesel Pantanal	MT	Poconé	43,2	■	96	SSIL	MT	Rondonópolis	1,8
■	48	Biopar Bioenergia	PR	Rolândia	43,2	■	97	Cooperbio Verde	MT	Lucas do Rio Verde	1,4
■	49	Grupal	MT	Sorriso	43,2	■	98	ABDIESEL	MG	Varginha	0,9

Fonte: BiodieselBR, Mapa das Usinas de Biodiesel, 2011.

* Os símbolos indicam: ■ Planta em atividade; ■ Planta construída sem produção; ◆ Planta em construção; ● Planta planejada

Anexo 2: Capacidade nominal e de produção de biodiesel¹ (B100), segundo unidades – 2010

Unidade Produtora ²	Município (UF)	Capacidade Nominal ³ m³/ano	Produção m³
Total		5.837.929	2.397.271,3
Abdiesel	Araguari(MG)	2.160	161,2
Abdiesel	Varginha(MG)	864	-
ADM	Rondonópolis(MT)	343.800	237.535,0
Agreco	AltoAraguaia(MT)	237.600	520,6
Agropalma	Belém(PA)	28.800	2.345,5
Agrosoja	Sorriso(MT)	28.800	13.599,9
Amazonbio	Ji-Paraná(RO)	7.200	6.186,2
Araguassu	PortoAlegreNorte(MT)	36.000	6.296,3
Barralcool	BarradoBugres(MT)	68.566	24.191,2
Beira Rio	TerraNovaNorte(MT)	4.320	845,7
Big Frango	Rolândia(PR)	14.400	58,1
Binatural	Formosa(GO)	162.000	67.098,2
Bio Óleo	Cuiabá(MT)	3.600	810,9
Bio Petro	Araraquara(SP)	6.012	470,6
Bio Vida	VárzeaGrande(MT)	6.480	25,9
Biobrax	Una(BA)	35.280	-
Biocamp	CampoVerde(MT)	108.000	47.697,7
Biocapital	Charqueada(SP)	296.640	119.653,0
Biocar	Dourados(MS)	10.800	7.179,0
BioliX	Rolândia(PR)	10.800	-
B-100	Araxá(MG)	10.800	2.244,7
Bionorte	SãoMigueldoAraguaia(GO)	34.092	-
Biopar	NovaMarilândia(MT)	36.000	12.352,6
Biopar	Rolândia(PR)	43.200	24.346,0
Biosepe	TrêsPontas(MG)	12.960	-
Biotins	ParaisoTocantins(TO)	29.160	10.768,6
Bioverde	Taubaté(SP)	181.177	35.466,1
Brasil Ecodiesel	Iraquara(BA)	129.600	16.486,7
Brasil Ecodiesel	PortoNacional(TO)	129.600	74.576,5
Brasil Ecodiesel	Rosário do Sul(RS)	129.600	63.356,8
Brasil Ecodiesel	SãoLuis(MA)	129.600	18.705,4
Bsbios	Marialva(PR)	127.080	45.265,6
Bsbios	PassoFundo(RS)	159.840	129.395,9
Camera	Ijuí(RS)	144.000	5.835,3
Caramuru	Ipameri(GO)	225.000	44.932,8
Caramuru	SãoSimão(GO)	225.000	153.860,0
Cesbra	VoltaRedonda(RJ)	21.600	20.177,0
CLV	Colider(MT)	36.000	14.398,7
Comanche	SimõesFilho(BA)	120.600	9.865,9
Coomisa	Sapezal(MT)	4.320	-
Cooperbio	Cuiabá(MT)	122.400	82.348,9
Cooperbio	LucasdoRioVerde(MT)	3.600	-
Cooperfelig	FelizNatal(MT)	3.600	235,8
Delta	RioBrilhante(MS)	108.000	620,0
DVH	Tailândia(PA)	12.600	-
Fertibom	Catanduva(SP)	119.988	31.192,7
Fiagrill	LucasdoRioVerde(MT)	147.586	109.430,4
Fusemann	Barbacena(MG)	10.800	-
Granol	Anápolis(GO)	220.680	176.402,3
Granol	CachoeiradoSul(RS)	335.999	158.940,2
Grupal	Sorriso(MT)	43.200	6.847,5
Innovatti	Mairinque(SP)	10.800	1.349,7
JBS	Lins(SP)	201.683	119.974,4
Oleoplan	Veranópolis(RS)	378.000	196.144,5
Olfar	Erechim(RS)	216.000	52.325,2
Ouro Verde	Rolim de Moura(RO)	3.240	4,0
Petrobras	Candeias(BA)	217.231	70.152,9
Petrobras	MontesClaros(MG)	108.616	73.082,6
Petrobras	Quixadá(CE)	108.616	71.086,2
Rondobio	Rondonópolis(MT)	3.600	-
SP Bio	Sumaré(SP)	29.981	19.351,4
SSIL	Rondonópolis(MT)	7.200	795,5
Tauá Biodiesel	NovaMutum(MT)	36.000	-
Tecnodiesel	Sidrolândia(MS)	3.960	28,9
Transportadora Caibiense	Rondonópolis(MT)	36.000	10.248,6
Usibio	Sinop(MT)	7.200	-

Fonte: ANP. Anuário Estatístico, 2011.

¹Biodiesel (B100), conforme Resolução ANP n° 7/2008. ²Unidades produtoras instaladas com autorização da ANP até 31/12/2010. ³Considerados 360 dias de operação, conforme Resolução ANP n° 25/2008.

Anexo 3: Empresas com Selo Combustível Social.

Nº	Empresa	Município	UF
1	Agrosoja - Comércio e Exportação de Cereais Ltda.	Sorriso	MT
2	Araguassá Óleos Vegetais Indústria e Comércio Ltda.	Porto Alegre do Norte	MT
3	Barralcool - Usina Barralcool S.A	Barra dos Bugres	MT
4	Binatural Indústria e Comércio de Óleos Vegetais Ltda.	Formosa	GO
5	Bio Óleo Indústria e Comércio de Biocombustível Ltda	Cuiabá	MT
6	Blocamp Indústria e Comércio Importação e Exportação de Biodiesel Ltda.	Campo Verde	MT
7	Biocapital Consultoria Empresarial e Participações S.A	Charqueada	SP
8	Biopar - Bioenergia do Paraná Ltda	Rolândia	PR
9	Biopar Produção de Biodiesel Parecis Ltda.	Nova Marilândia	MT
10	Bioverde – Indústria e Comércio de Biocombustíveis S/A	Taubaté	SP
11	Brasil Ecodiesel Ind. e Com. de Biocombustíveis e Óleos Vegetais S.A	Iraquara	BA
12	Brasil Ecodiesel Ind. e Com. de Biocombustíveis e Óleos Vegetais S.A	Porto Nacional	TO
13	Brasil Ecodiesel Ind. e Com. de Biocombustíveis e Óleos Vegetais S.A	Rosário do Sul	RS
14	BSBIOS Indústria e Comércio de Biodiesel Sul Brasil S/A	Passo Fundo	RS
15	BSBIOS Marialva Indústria e Comércio de Biodiesel Sul Brasil S/A	Marialva	PR
16	Camera Agroalimentos S.A	Ijuí	RS
17	Caramuru Alimentos S.A	São Simão	GO
18	Caramuru Alimentos S.A	Ipameri	GO
19	Comanche Biocombustíveis da Bahia Ltda	Simões Filho	BA
20	Companhia Produtora de Biodiesel do Tocantins – Biotins	Paraíso do Tocantins	TO
21	Cooperativa Agroindustrial dos Produtores Rurais de Feltz Natal - COOPERFELIZ	Feltz Natal	MT
22	Cooperbio – Cooperativa de Biocombustível	Cuiabá	MT
23	Delta Biocombustíveis, Indústria e Comércio Ltda	Rio Brilhante	MS
24	Fertibom Indústrias Ltda.	Catanduva	SP
25	Flagrit Ltda.	Lucas do Rio Verde	MT
26	Granol Indústria, Comércio e Exportação S.A	Cachoeira do Sul	RS
27	Granol Indústria, Comércio e Exportação S.A	Anápolis	GO
28	Grupal Agroindustrial S.A	Sorriso	MT
29	JBS S.A.	Lins	SP
30	Oleoplan S.A. – Óleos Vegetais Planalto	Veranópolis	RS
31	Olifar Indústria e Comércio de Óleos Vegetais Ltda	Erechim	RS
32	Petrobras Biocombustível S.A.	Candéas	BA
33	Petrobras Biocombustível S.A.	Quixadá	CE
34	Petrobras Biocombustível S.A.	Montes Claros	MG
35	Transportadora Catbiense Ltda.	Rondonópolis	MT

Atualizada em 21/07/2011.

Fonte: Ministério do Desenvolvimento Agrário, (www.mda.gov.br)

Anexo 4: Produção de etanol anidro e hidratado, segundo Regiões e UF- 1991-2010

Regiões e UF	(mil m³)*																			
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Brasil	12.750	11.766	11.315	12.513	12.746	14.133	15.493	14.122	12.982	10.700	11.466	12.589	14.470	14.647	16.040	17.764	22.557	27.133	26.103	28.203
Norte	16	20	20	17	33	27	33	17	20	36	29	30	39	48	48	76	48	56	52	60
AC	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
RO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0	0	0	0	0	0	0	9	11
AM	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	3	4	4	5	6	6	8	8	5	7
PA	8	14	9	1	15	17	16	16	20	32	26	26	35	43	37	59	39	45	36	24
TO	8	6	12	15	18	11	17	1	-	-	-	0	0	0	4	12	0	3	2	17
Nordeste	1.808	1.786	904	1.358	1.841	1.922	2.412	1.667	1.315	1.529	1.402	1.518	1.505	1.675	1.696	1.573	1.902	2.372	2.211	1.823
MA	24	22	10	15	40	34	66	76	55	50	75	84	90	96	49	114	192	182	168	181
PI	31	24	18	25	33	22	25	23	15	17	19	23	22	19	20	66	36	45	41	35
CE	13	11	2	3	15	19	12	18	2	1	1	1	0	0	1	1	1	8	11	4
RN	93	90	68	79	129	123	130	115	95	74	48	133	85	64	99	96	56	87	117	102
PB	317	316	143	201	331	297	341	254	230	201	238	220	268	244	353	256	364	401	395	318
PE	517	456	244	305	479	557	713	417	358	333	285	300	339	397	380	312	395	559	469	396
AL	751	772	364	652	671	717	951	605	454	733	629	639	590	730	620	572	681	893	791	576
SE	28	49	31	36	57	63	75	70	49	56	52	59	61	62	68	63	35	58	101	81
BA	35	47	23	44	86	90	100	89	56	65	55	59	49	63	105	94	141	140	117	130
Sudeste	9.315	8.417	8.856	9.379	8.769	9.721	10.364	9.978	9.372	7.203	7.754	8.552	9.787	9.948	11.154	12.479	15.782	19.212	17.676	18.860
MG	481	402	393	471	464	471	559	720	645	488	522	558	785	758	919	1.271	1.791	2.201	2.284	2.681
ES	101	98	70	94	94	109	146	144	126	151	131	152	152	168	217	159	282	250	238	209
RJ	154	117	98	109	109	103	133	106	118	91	63	107	105	161	164	90	120	126	113	70
SP	8.579	7.801	8.296	8.704	8.102	9.039	9.525	9.008	8.482	6.473	7.038	7.735	8.745	8.861	9.854	10.958	13.589	16.635	15.041	15.901
Sul	736	760	739	890	1.062	1.255	1.315	998	1.050	829	937	975	1.209	1.178	996	1.308	1.923	1.906	1.901	1.746
PR	730	752	730	887	1.060	1.252	1.312	996	1.046	826	932	969	1.203	1.173	992	1.303	1.916	1.900	1.899	1.740
SC	4	4	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
RS	2	3	4	3	2	3	3	2	4	3	5	6	6	5	3	6	7	6	2	6
Centro-Oeste	875	783	795	870	1.040	1.208	1.369	1.462	1.225	1.104	1.344	1.513	1.929	1.798	2.147	2.329	2.902	3.588	4.263	5.715
MS	284	227	241	228	300	287	300	439	369	321	385	423	472	414	620	645	874	945	1.331	1.882
MT	223	239	244	277	377	468	549	575	541	466	580	658	795	793	724	812	864	899	810	854
GO	368	317	310	364	363	453	520	448	314	317	379	433	662	591	803	873	1.165	1.744	2.122	2.980

Fonte: ANP, Anuário Estatístico, 2001; 2010; 2011

* 1 m³ = 1.000 litros

Anexo 5: Exportação de etanol, por regiões geográficas e países - 1998-2010

(m³)*

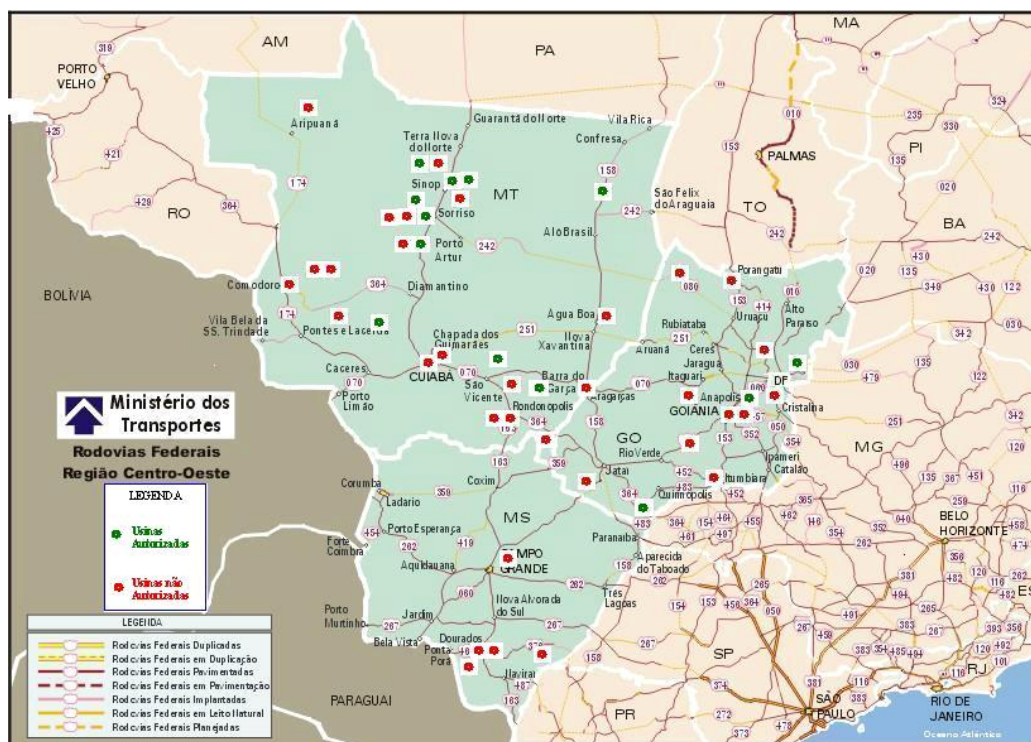
Regiões geográficas e países	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Total	119.117	411.333	229.553	349.167	797.124	765.025	2.432.618	2.592.293	3.428.863	3.532.668	5.123.820	3.323.467	1.900.165
América do Norte	-	4	35.185	35.576	89.568	85.893	545.613	387.652	1.836.156	972.212	1.776.481	358.984	348.494
Canadá	-	-	-	-	-	-	26.334	26.839	18.855	4.250	37.467	-	-
Estados Unidos	-	4	33.291	19.866	35.054	44.958	428.863	260.715	1.767.060	918.752	1.709.084	285.244	313.394
México	-	-	1.894	15.709	54.515	40.935	90.417	100.098	50.241	49.210	29.930	73.740	35.100
Américas Central e do Sul	142	102.121	40.682	95.489	163.962	172.779	305.537	552.374	609.211	898.737	1.160.262	783.144	200.309
Argentina	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5.945
Chile	-	-	-	30	-	5	1.131	1.287	1.324	2.006	2.843	1.677	5.477
Colômbia	-	-	-	-	10.102	1.555	-	-	10.320	5.390	8.187	2.420	-
Costa Rica	121	28.674	15.152	10.638	29.607	32.491	117.893	126.693	91.265	170.367	109.504	100.276	-
El Salvador	-	14.957	-	-	-	15.679	29.154	157.851	181.143	224.397	356.238	71.101	-
Equador	-	-	-	-	-	-	-	-	1.646	7.072	3.965	-	4.903
Jamaica	-	56.185	25.419	69.155	118.695	104.077	135.759	133.288	131.543	308.968	436.503	437.657	138.622
Paraguai	-	-	-	-	1.024	79	977	-	-	-	5.068	7	74
Porto Rico	-	-	-	-	-	-	5.243	10.261	10.371	13.993	10.246	22.150	32.253
Rep. Dominicana	-	-	-	-	-	-	-	13.452	-	5.428	1.617	4.001	2.010
Trinidad e Tobago	-	-	-	-	-	14.965	7.155	36.116	71.579	158.869	224.510	139.951	6.636
Uruguai	-	-	-	-	-	-	-	453	440	658	466	445	3.071
Venezuela	-	-	-	4.520	51	117	2.903	49.478	104.605	-	-	-	965
Outros	21	2.304	111	11.146	4.483	3.810	5.323	23.495	4.975	1.589	1.116	3.459	353
Europa	5.760	38.711	52.149	38.629	126.997	213.938	434.673	569.937	600.167	1.007.913	1.498.807	938.360	477.259
Alemanha	-	-	24	-	-	-	-	-	-	-	4.486	-	-
Bélgica	-	-	-	2.595	2.529	4.818	3.625	1.400	-	1.611	6.277	5.016	4.900
Espanha	-	-	-	437	2.860	568	375	-	173	4.698	4.911	-	-
Finlândia	-	-	-	-	-	5.737	12.429	-	-	19.986	41.477	26.812	14.843
França	-	-	-	0	26	-	7.106	-	8.900	5.064	10.213	-	-
Holanda	2.648	23.875	37.053	25.980	60.416	85.680	168.573	259.403	346.615	808.557	1.332.756	678.466	238.988
Noruega	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6.000
Reino Unido	-	-	-	1.689	72	4	-	13.662	27.008	47.784	81.972	161.637	160.336
Suécia	-	-	-	-	44.917	100.395	195.337	245.891	204.614	116.466	5.142	-	-
Suiça	-	-	10.124	2.047	5.037	10.853	22.401	9.896	-	-	11.572	54.724	52.158
Turquia	3.087	6.874	4.948	4.144	5.087	5.701	23.181	29.313	12.856	3.747	-	-	-
Outros	25	7.963	-	1.736	6.053	184	1.647	10.372	1	1	1	11.705	34
Oriente Médio	-	-	-	-	-	-	-	-	48	43.849	5.191	29.527	-
Emirados Árabes	-	-	-	-	-	-	-	-	-	43.749	5.162	23.814	-
Unidos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Outros	-	-	-	-	-	-	-	-	48	100	29	5.713	-
África	1	8.459	3.311	46.440	82.383	81.652	124.766	131.723	55.531	172.578	137.676	180.723	117.398
África do Sul	-	-	-	9.719	4.447	4.097	-	-	2.008	-	5.563	12.318	3.556
Angola	1	151	0	1	522	413	5.848	6.577	3.178	11.661	9.871	35.118	14.548
Gana	-	442	-	1.794	13.456	28.170	7.849	3.861	6.075	33.172	19.759	14.803	18.874
Nigéria	-	2.273	3.310	34.926	58.425	48.248	109.096	118.441	42.680	122.879	97.888	115.766	80.123
Serra Leoa	-	-	-	-	1.133	328	803	1.566	648	2.355	2.313	1.659	82
Outros	-	5.594	-	-	4.401	397	1.170	1.278	942	2.511	2.281	1.059	215
Ásia-Pacífico	113.214	262.038	98.226	133.033	334.213	210.763	1.022.029	950.607	327.750	437.379	545.403	1.032.729	756.705

Austrália	-	-	-	-	161	-	-	-	-	-	6.374	8.040	19.338
China	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4.050	-	24
Cingapura	-	-	-	-	9.629	15.761	29.595	3.603	-	-	10.706	19.464	6.500
Coreia do Norte	12.126	15.919	-	4.316	5.385	23.295	-	-	-	4.790	1.755	11.181	-
Coreia do Sul	17.166	93.330	35.672	64.403	169.199	56.436	281.230	216.356	92.273	66.693	186.782	313.714	375.309
Filipinas	-	-	5.035	-	5.477	-	2.021	4.499	-	1.564	4.522	32.799	26.679
Índia	-	-	-	-	9.412	23.991	441.050	410.757	10.074	-	66.510	367.570	58.603
Japão	83.922	124.762	57.520	64.314	120.359	91.281	225.437	315.392	225.403	364.003	263.473	279.961	261.672
Nova Zelândia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3.597
Outros	-	28.027	-	-	14.590	-	42.695	-	-	329	1.230	-	4.983

Fonte: ANP, Anuário Estatístico, 2008; 2011.

* m³ = 1.000 litros

Mapas de localização das Usinas de Biodiesel: Ministério dos Transportes - 2008



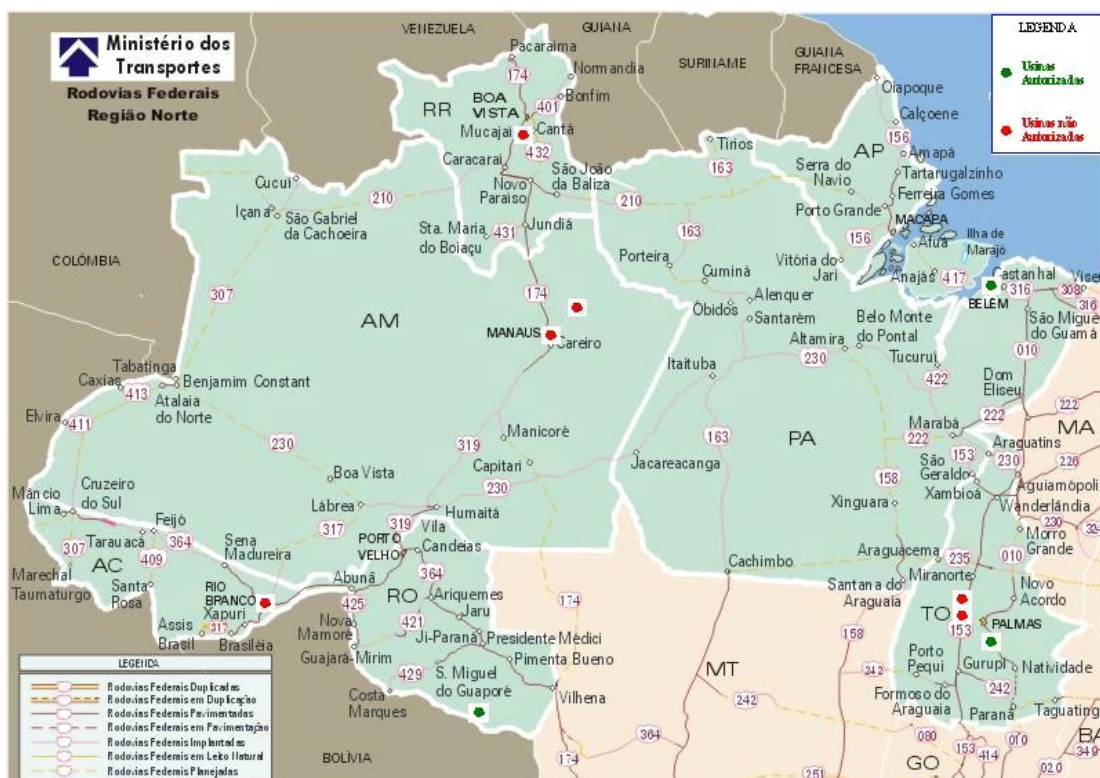
Mapa 2: Plantas de biodiesel – Região Centro-Oeste



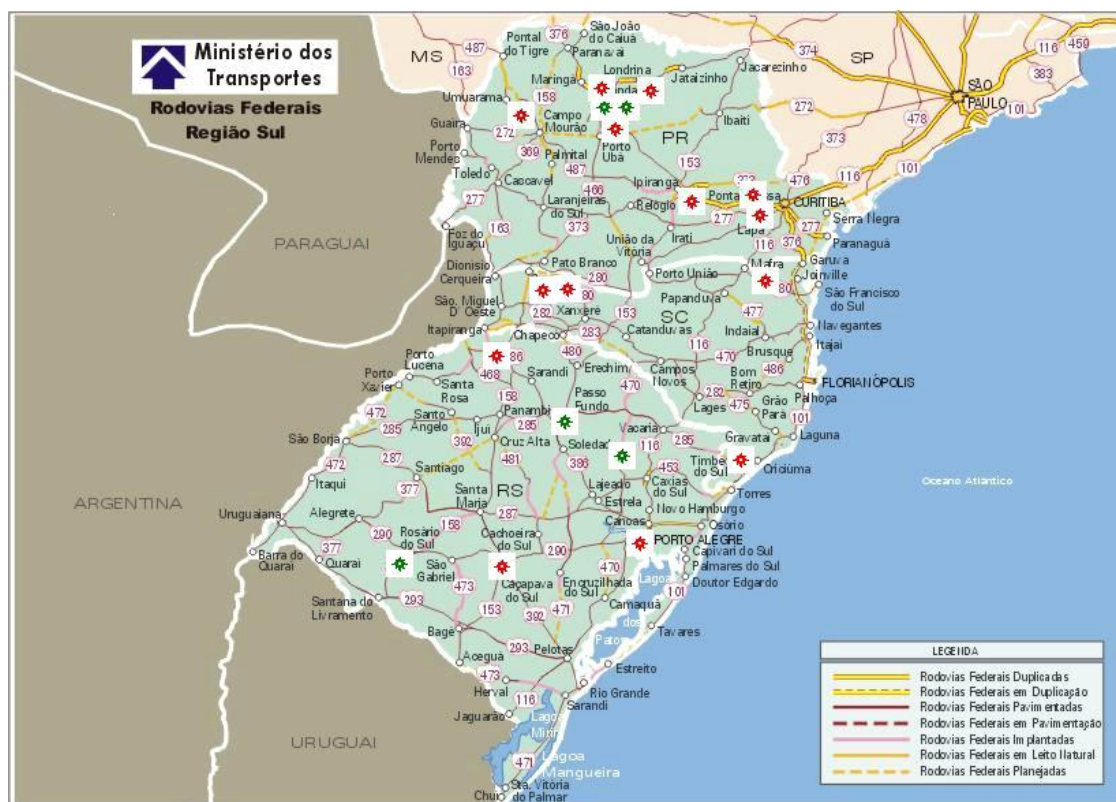
Mapa 3: Plantas de biodiesel – Região Nordeste



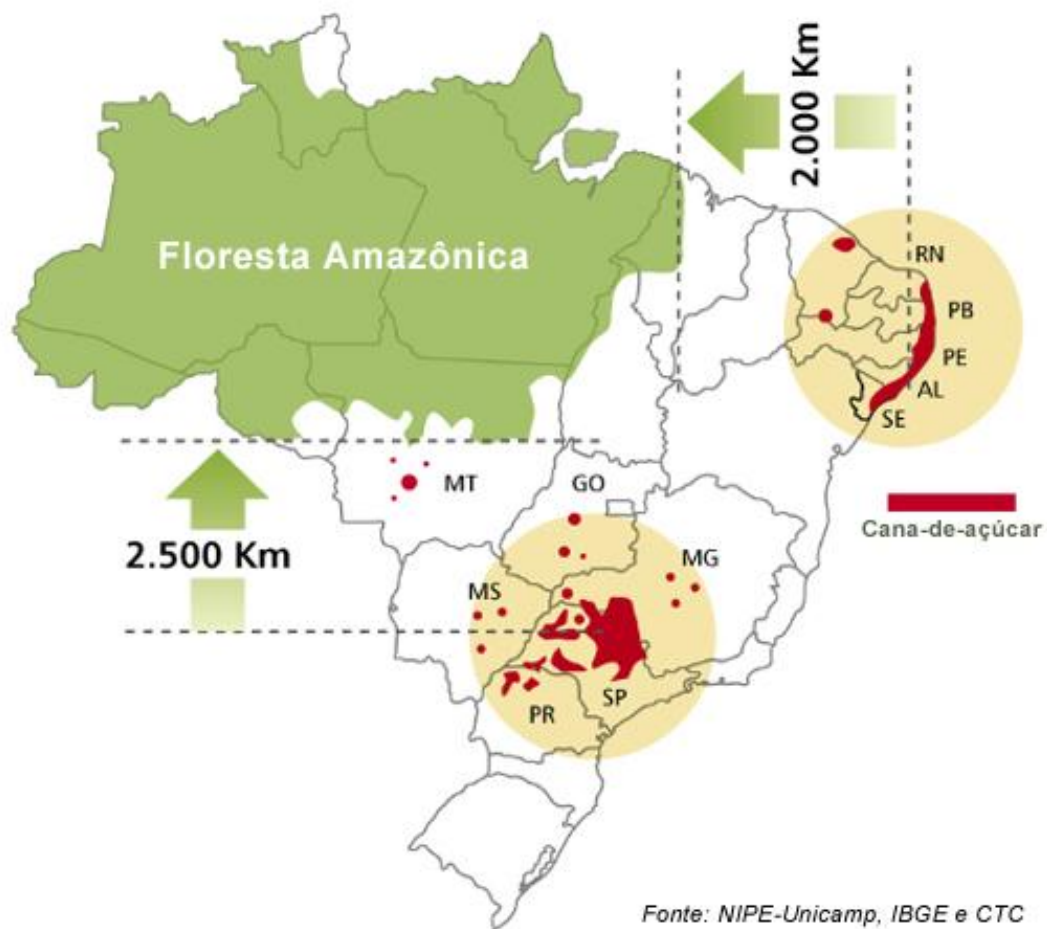
Mapa 4: Plantas de biodiesel – Região Sudeste



Mapa 5: Plantas de biodiesel – Região Norte



Mapa 6: Plantas de biodiesel – Região Sul



Fonte: NIPE-Unicamp, IBGE e CTC

Mapa 7: Localização da cana-de-açúcar no Brasil

Disponível em <http://www.unica.com.br/content/show.asp?cntCode={D6C39D36-69BA-458D-A95C-815C87E4404D}>